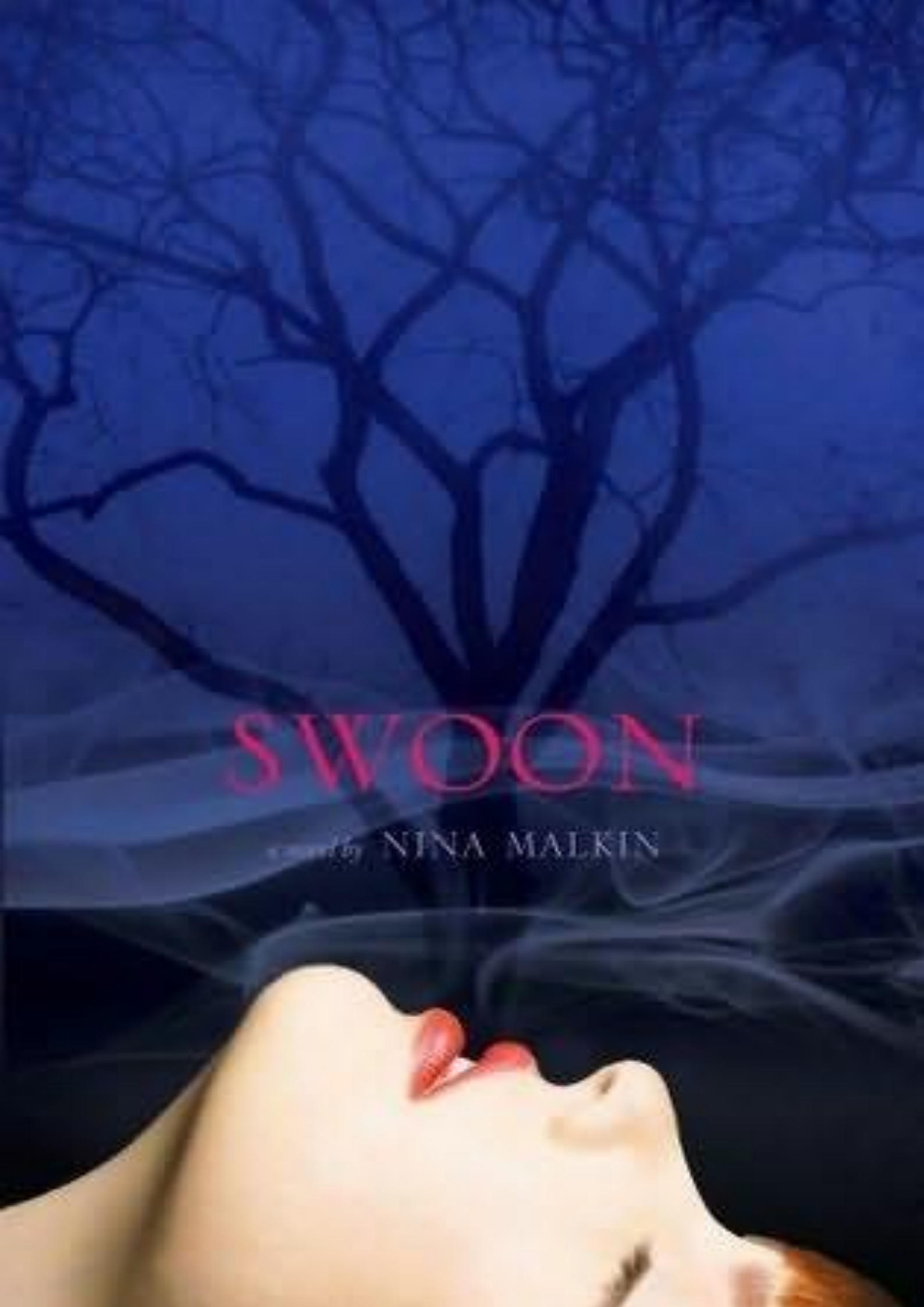


A woman's face is shown in profile, looking upwards with her mouth slightly open. Her skin is fair, and her lips are painted a vibrant red. The background is a deep blue, featuring the dark, intricate silhouette of a bare tree. The overall mood is contemplative and artistic.

SWOON

created by NINA MALKIN



SWOON

Nina Malkin

Este livro é uma obra de ficção. Todas as referências a acontecimentos históricos, pessoas reais, ou localidades reais são utilizados ficticiamente. Outros nomes, personagens, lugares e incidentes são produto da imaginação do autor, e qualquer semelhança com fatos reais ou locais ou pessoas, vivas ou mortas, é mera coincidência.

Sinopse:

Sin está vindo... Prepare-se para desmaiar!

Retirada de sua cidade nativa, Nova York, e jogada na terra dos riquinhos suburbanos, Candice está conformada em aceitar seu destino chato. Nada acontece em Swoon, Connecticut... Até que a prima perfeita e privilegiada de Dice, Penelope, quase morre caindo de uma velha árvore, e seu espírito se entrelaça com o de um fantasma. Seu nome? Sinclair Youngblood Powers. Sua missão? Vingança. E enquanto Pen está alheia a possessão, Dice está muito ciente da presença Sin. Ela está intensamente atraída por ele — mas definitivamente não louca sobre o caos que ele está provocando. Determinada a exorcizar o demônio, Dice acidentalmente solta Sin, dando-lhe um corpo, o deixando formidável. Agora ela deve destruir um adversário ainda mais potente — e irresistível, — antes que a cidade toda sucumba à ira de Sin. O único problema é que ela está apaixonada por ele. O que fazer quando o menino dos seus sonhos é mau demais para ser verdade?

Traduções Fromhell
diabolicamente viciantes!

Capítulo 1

AMOR A PRIMEIRA VISTA DEVE SER ALGO GLORIOSO. Eu não saberia dizer. Primeiro por que não houve vista. Cheiro, sim — algo salgado, como cheiro de cavalos. E outras sensações em abundância também. Mas eu já chego lá. Meu ponto é que desde o momento em que eu coloquei meus olhos em Sinclair Youngblood Powers — em seu corpo, é isso — eu já estava apaixonada por ele. Nada podia mudar isso. Nem mesmo o fato de ele já estar morto.

Sinclair apareceu — nesta dimensão, neste século — no equinócio de outono, mas ele tem estado com a gente desde o final de Julho. Isso mesmo, a gente. Pen esteve envolvida, intimamente envolvida desde o primeiro dia. O que foi, como eu já mencionei, no final de Julho, na segunda metade do Verão como neblina em um campo, e nós até então completamente indolentes, entediadas.

— Dice, eu tenho que fazer alguma coisa. —

Dice — essa seria eu. Todo mundo usa apelidos monossílabos aqui. Tipo Pen — de Penelope — então nessa primavera passada, sendo arrancada da miséria social de NYC¹ e arrastada para a parte rural de Connecticut, eu ganhei o meu. Está bom. Candice nunca pegaria. É muito extravagante. Ou Candy, muito doce. Enquanto isso, Sinclair também ganhou uma abreviatura. Adivinha? Vou dar uma dica: Não foi Clair.

Mas eu estou me adiantando. Deixe eu me focar, sentir — Pen e eu naquela fervorosa tarde de Verão, no Village Green, livre e parada.

— Olhe isso — Ela pulou, apagou o cigarro de maconha que estávamos dividindo na cerca de pedra (as consequências de fumar maconha em terreno plano não devem nunca nem mesmo ter ocorrido a minha prima) e então saiu trotando.

Eu, torrada, só queria descansar, deixar minha mente ir para fora enquanto meu corpo se entregava à inércia. Pen, não — ela tinha o prazer excepcional e idiota de escalar uma árvore.

Fisicamente, a garota podia fazer qualquer coisa. Jogar e apanhar com agilidade e precisão. (Eu podia enganar). Mergulhar, nadar e esquiar na água. (Eu podia... não me afogar). Mesmo usando chinelos ela escalou aquela arvore como um macaco, içando-se para os galhos que saiam do tronco parecendo um brócolis mutante. Pen conhecia a árvore, tinha crescido com ela, e deve ter a escalado incontáveis vezes. Ainda assim, era uma enorme, linda e antiga árvore. Agarrando-se a ramos, com forte aderência e pés firmes, ela estava logo perdida em meio à folhagem serrada, com cachos roxos e pretos. Eu levantei da cerca para ficar embaixo da árvore, admirando sua subida. Pen estava alta, literalmente. E então, com pressa ela mudou sua direção de vertical para horizontal.

— Dice — ela gritou do galho, — você tá me vendo? —

¹ NYC = New York City.

Um pedaço de pele bronzeada, uma amostra de shorts azul. Eu a vi. Mas aparentemente eu não fui a única. Lá, do outro lado do Village Green, descansando suas pernas abertas em um banco com alguns amigos, estava Kurt Libo, suas antenas ligadas. Ele percebeu que Pen Leonard — a Pen Leonard — estava em um galho. Não que Pen precisasse de muito para chamar atenção de qualquer ser humano, especialmente do sexo masculino. Com aqueles seios e o cabelo ondulado como um parafuso, loiro, tudo o que ela precisava fazer era respirar. E ela fica constrangida com garotos ricos e encantados? Não muito. Pen os incentivava, caso precisasse de algum favor depois, ou dava um suspiro que logo se transformava em uma risadinha. Os garotos se comportavam diferente perto de Pen. Ela achava que isso era engraçado.

Mais adiante ela rastejou. Mãos e pés. Dedos da mão e do pé. Então ela virou, e um de seus chinelos caiu. O galho que ela escolheu era firme, mas entortou com seu peso.

— Pen, você é um pássaro cuco, — eu disse mais para mim e para o universo do que para ela.

— O que? Fala mais alto! —

Então — ela notou que Kurt tinha notado ela. Então aquele era minha função. Tá legal. Eu posso brincar de MC,² sem problemas. — Pen! — eu gritei, — Pen, você tá louca! Ai meu deus, você tá tentando se matar? — Pareciam palavras reescritas de algum tipo de novela. Eu não tive que me virar para ver que o radar de Kurt para mulheres começou a apitar como louco. Eu gritei mais um pouco, acenei meus braços. Eu não tive que olhar para ver que Kurt estava vindo, seus amigos vindo atrás dele.

Durante algum ponto em minha encenação, eu senti uma ponta de medo, medo do plano e de que Pen pudesse se machucar. No entanto, antes mesmo que eu pudesse reparar em como injusto isso era — eu supostamente não devia conhecer esse medo, não agora, não tão cedo, não aqui, em Swoon — veio uma familiar sensação de formigação, um pressentimento. Esse tremor antecipatório, como um trovão distante. Não havia nada que eu pudesse fazer. Nunca há. Então eu deixei isso passar por mim, secretamente, não gostando disso.

Na mesma hora, Pen envolveu suas pernas em volta do galho emituiu um grito e se soltou. Mergulhou no ramo, balançando como um farol, tornozelos travados, cascata de cabelos, sutiã ameaçando voar pra fora de sua camiseta.

— Puta merda! — , disse alguém.

— Legal — gritou outro alguém.

Gritos, assovios, aplausos de Kurt e seus amigos.

Pen provavelmente estava rindo também, mas soou um pouco estrangulado — deve ser difícil rir de cabeça para baixo. Mas oh, a graça e facilidade de seu balanço, como se pudesse fazer isso comendo um sanduíche; eu fiquei impressionada. Então o pavor foi posto de lado, substituído por um segundo tremor, mais forte, que não parecia ter nada a ver com a Pen.

² MC, mestre de cerimônia.

Não até ela cair.

Conversas e zumbidos pararam. Energia versus gravidade. Braços e pernas balançando em direção das folhas, e em seguida a falta absoluta de ar. Torceu o tronco como um gato faz após queda. Só que Pen não era um gato. Ela bateu o corpo no chão duro. O impacto atingiu o solo sobre meus pés, e então um coral mental começou a cantar, — Burra! Burra! Burra! — Eu cai de joelhos ao lado dela. Pen estava de costas, com os olhos fechados. Pen estava muito, muito imóvel. Minha boca estava aberta, mas seu nome preso em minha garganta. Kurt e seus amigos pairaram silenciosamente, se perguntando se de algum modo eles podiam ser responsáveis por isso. Eles. É, certo.

Então senti o terceiro tremor — um rolo compressor com espinhos dessa vez — e com isso, o cheiro de cavalos. O mundo se dobrou para dentro e para fora como um fole de acordeão, e de repente nada disso estava aqui. Não, estava — mas não era a mesma coisa. A árvore não era nem de perto tão forte. O dia estava diferente também. Chuvoso, o sol estava de folga. Pen, Kurt estavam ausentes, mas havia uma multidão. Era como... um evento. Isso era um espetáculo. A atmosfera estava pesada com isso. Todas essas pessoas tinha algo para sentir, e nada disso era bom.

Então, como um torcer de tempo eu estava de volta, ajoelhada ao lado de Pen, e ela estava com os olhos abertos. Mas não eram os olhos de Pen. Os olhos de Pen são azuis, quase anil, da mesma cor dos meus — os olhos da mãe dela, assim como os da minha mãe. Esses olhos eram cacos de ônix, encorpados e pretos.

— Você matou hoje um homem inocente! — chorou a Pen, que não era Pen.

— Mas o que... — perguntou Kurt, ou outra pessoa, um distante inseto.

— Você me acusa de assassinato — que covarde mentirosa! Na verdade, você me condena por fazer na vida o que todos vocês ousam fazer em sonhos! Acumula ali no suor de suas camas, expurgados agora como esta justiça venenosa. —

A voz saindo da boca de Pen era a dela mesma, mas enquanto eu começava a perceber que a cadência, a eloquência, a ira adulterada nunca poderiam ser dela, o cosmos convulsionado novamente, e eu era mais uma vez, parte da multidão irritada.

— Marque-me, ó cidade de Swoon, ó grande colônia de Connecticut, eu devo ser vingado.

—

Eu não podia vê-lo por causa de todas as pessoas na minha frente, que empurravam a frente e gritavam para trás. Porém, eu podia senti-lo, sua raiva e seu terror. A ofensiva do seu juramento agarrou-me por dentro, prendi meu coração como uma vítima do naufrágio agarra destroços. A investida do seu juramento agarrou-me por dentro, agarrei meu coração como uma vítima do naufrágio agarra destroços.

— Então avise os filhos de seus filhos, de seus filhos e além — avise todos eles —

A reunião urgiu com desdém, e reforçou bem como as fibras em um tear. Eles vão fazer isso, eu pensei, tudo de uma vez eu compreendi. Vão amarrá-lo sobre esta árvore.

Demora um tempo para pendurar um homem. Ele deve ter sido forte, ele deve ter lutado. Mas pelo menos ele foi bem e realmente morto, para nós e os coágulos da multidão que começaram a desemaranhar e dispersar.

Para mim, o mundo entrou em flexão e saiu do outro lado. Havia sol. E lá estava Pen.

— Dice... — disse ela fracamente, e seus olhos — eram os dela — sobre os meus. — Eu fiz alguma coisa idiota? —

Alívio, tinha oxigênio, alegre e abençoado. — Sim... não, — eu disse a ela. — Você caiu. Você provavelmente não deve tentar mover agora. Eu acho que você perdeu a consciência ou algo assim. —

— Uau... Sério? — Piscou. Algumas mechas do cabelo cobriram sua cara. Eu alisei algumas afastando com um dedo. — Eu acho que estou bem, — disse. — Nada... realmente dói. —

Eu? Eu estava queimando, mas isso iria passar. Estudei Pen. A posição do corpo dela estava normal, nada fora do lugar, preso em ângulos estranhos. Minha prima é uma daquelas pessoas indestrutíveis. Uma dessas pessoas sortudas que nada como má sorte ou estranho acontece. Uma bola de borracha que pula em uma menina. Exceto pelo modo que Pen olhou para Kurt — o jeito que ela parecia suspender ele por um segundo com um sorriso quase sexy — me fez me perguntar se esse tipo de pessoa realmente existe, ou se é só uma lenda para que possamos nos sentir seguros.

Capítulo 2

O DIAGNÓSTICO, ENTREGADO QUANDO EU TINHA TREZE ANOS falava que eu tinha epilepsia. De uma forma rara (eu não era especial?), que pode ou não responder aos medicamentos.

— Ao menos sabemos, — disse minha momster³ minha mãe tinha dito, drenando a tensão do seu quadro espigado. Ela perdeu dez quilos com a dieta da filha doente — chame isso de bônus.

— Ao menos sabemos — meu pai ecoou, rindo o sorriso tranquilizador de advogado. Papai não é advogado, ele apenas faz isso na TV. Peter Moskow, dificilmente um ator famoso, mas um trabalhador; ele ficou com todo o elenco drama-policial. Ele tem estado em todos os lados — procurador, juiz, mafioso, vigilante (ainda nunca um policial; papai diz que ele parece muito judio

³ Momster — que é uma mistura de mãe e monstro, e ela fala assim na maioria das vezes que fala sobre ela.

para fazer um policial). Mamãe está nessa área também, mais ou menos: Lesley Reagan editora-executiva da In Star, um número em tablóide trash.⁴

— Ao menos sabemos — eles disseram, e seguraram minhas mãos úmidas enquanto eu assentia bravamente e o médico entrou e disse sobre como os meus sintomas muito provavelmente continuaram a ser suaves. Nada de engolir a língua, nada de espasmos em momentos inoportunos. Apenas pequenos lapsos. — Para o resto do mundo vai parecer que você está drogada por um segundo, — ele disse enrugando a pele ao redor do seu sorriso de médico.

Ao menos eles sabiam. O problema era que eu sabia outra coisa. Epilepsia o caralho. As convulsões, ataques, transes — episódios — na palavra favorita de meus pais — era algo completamente diferente. Manifestações físicas do simples fato que eu, Candice Reagan Moskow, sou um pouco psíquica. Oh Deus! Eu disse isso! O que os vizinhos vão pensar?

De fato, eu sempre fui assim. Não que eu pudesse dar as respostas do teste de matemática, ou saber os números da loteria. Não está ao meu controle ou comando. Na maior parte é uma questão de conhecimento espontâneo — que pode sugar quando você está lendo um livro muito bom e no meio sabe como ele termina. Outras vezes meus sonhos se realizaram — coisas aleatórias, como eu sonho com uma vaca tremendo, e na manhã seguinte, no café da manhã, o leite vai estar estragado. E então, a reincidência disso, assustou o suficiente para os meus pais para me arrastarem até a cada um dos neurologistas da Park Avenue.

As visões.

Elas vieram com a puberdade. Algumas garotas ganham peitos grandes; eu ganhei visões de próximas atrações e reboques de mofo antigo. Visões não é a melhor palavra, desde que eu comecei a fazer mais do que ver; eu ouvia coisas, cheirava, provava e podia tocar também; eu vou a lugares e, às vezes, volto diferente (aquela marca de nascença rosada com a qual eu não nasci, a pequena cicatriz em forma de metade de um coração no meu ombro esquerdo). No entanto, evidentemente, estes vamos-chamar-de-visões imita os padrões cerebrais de um ataque epilético leve. Logo, eu tenho epilepsia. Ressonâncias magnéticas não mentem. Ótimo. Então, o que uma garota vai fazer?

Negociar, é o que vai fazer. Ficar quieta sobre isso. Meus pais são uma frente unida no problema da epilepsia. Para um ator, papai é severamente lógico sobre a vida — real — e mamãe, bem, é robusta, são resistentes, os resistentes-a-choro Reagans simplesmente não são paranormais. Minha Nana Lena, mãe do meu pai, diz saber tudo sobre isso, desde que, aparentemente sua mãe (referida na tradição familiar como aquela romana louca) tinha a mesma coisa. Mas não é um tópico de conversa. É mais como um acordo entre nós — ela sabe, e eu sei que ela sabe. Para estranhos, eu aprovei um programa de prevenção a clarividência, o manti por baixo, em geral. Deixe outras crianças como um alvo ambulante ou de lona humanos; não há constelações de piercings ou de tinta em mim. Visto-me sobriamente. Falo baixinho. Ignoro o drama. Eu sei, eu sei — eu sou um clichê, a psíquica relutante, mas se você der essa bandeira freak você está pedindo problema. Vamos apenas dizer que tenho um pressentimento sobre isso. Apenas Ruby suspeitou que eu tinha algo de extra-sensorial. Pobre louca, linda Ruby. Não precisa se preocupar com ela me dedurando. Não mais.

⁴ Lixo.

Felizmente, as visões diminuíram um pouco. Primeiro elas eram frequentes, violentas, e, às vezes, eu vomitei ou corri com uma temperatura alta depois. Depois eu me acostumei a elas, aprendi a mastigar pedras de gelo depois, para dominar a náusea e a febre. Elas não são nem mesmo frequentes — meses podem passar. Minha teoria é que elas são lançadas como um foguete — lançado por hormônios femininos, TPM como PES.⁵ Quatro anos depois eles estão muito mais esporádicos, e eu ainda espero que a coisa toda telepatia irá queimar gordura como beber — eu não tenho a ambição de competir na última posição de psíquica. Até lá, eu tenho técnicas de gestão.

Tais como a política do retorno da visão. Isso mesmo, como um sweater que você comprou em uma loja por impulso e decidiu que parece estúpido. Eu fecho meus olhos e me imagino na Macy's Herald Square. Eu tenho um saco de compras com as visões dentro, ainda com etiquetas e meu recibo, e uma mulher matrona com inchados cabelos e óculos bifocais, que tem trabalhado no balcão de troca na Macy's por meio século ou mais, e eu digo obrigada. Isso me ajuda a seguir em frente.

Exceto aquela vez com Pen na árvore, que não funcionou. A mulher olhou no saco, inspecionando meu recibo, ela olhou para mim. — Querida, Desculpe. — Tinha uma voz rouca, como se ela precisasse de uma pastilha. — Você não pode trocar isso. —

Eu não queria criar problemas, mas eu tinha que perguntar. — Por que não? — Atrás de mim, pessoas deslocadas e baralhadas, com pacotes fazendo barulho. — Eu nunca tive um problema antes. —

A moça do balcão de troca me olhou por cima dos óculos. Ela não era insensível quando disse: — Bem, querida, agora você tem. —

Capítulo 3

SWOON É SEGREGADA — MAS NÃO COMO VOCÊ PENSA.

Lá estavam, talvez, uma dúzia das famílias de minorias da cidade e, enquanto eu não sei a contagem total de cabeças, eu conheço a mulher latina que tem seu próprio programa de culinária na internet e o pai de uma das crianças negras da escola que dirige um banco multinacional. Desde que Swoon é uma cidade de sorrisos simpáticos, essas pessoas de cor (da cor do dinheiro) fazem o que elas querem. A segregação de que estou falando é imposta por eles mesmos e se aplica a preferência de lazer — você pode ver isso em ação no lago. Lá estão pessoas velejando, pessoas pescando e pessoas fazendo esqui aquático, cada um dos aspectos do local de quinhentos hectares⁶ ou mais de água perfeita e plácida. E, se tudo o que você quer é

⁵ Percepção extra-sensorial.

⁶ Um hectare corresponde a 10.000 metros². No caso o lugar tem 5.000.000 m²

não fazer nada, tão longe dos olhares curiosos quanto for possível, existe um local para isso também. Ele é chamado de The Spot.

Pen dirigia. Ela tinha ganhado o carro como um presente pelos seus doces dezesseis anos, a última palavra em luxo encorpado, a restrição de idade para a licença que se dane. Ninguém se preocupa com a Pen atrás do seu carro.

— Oh, droga — ela disse suavemente, freiou e fez a volta. — Eu sempre perco essa curva.

—

Ela era fácil de se perder — não está sinalizada e não faz realmente parte da estrada. Esse é o ponto. Nós batemos ao longo do caminho, os arbustos tão perto e os galhos de árvore pequenos tocando nas laterais do carro. Eu fiz um jogo interno de exploradora de floresta — eu estou bem para suspender a minha descrença. Pen cantou junto com o rapper do rádio, ameaças assassinas em sua voz soprano estridente, vagamente fora de ritmo.

The Spot é isolado, mas tem nome; os carros ficam entre as árvores como animais adormecidos. Alguns chamativos e importados como o de Pen. Um par de coisas amontoadas. Muitos caminhões. Caminhões novos. Caminhões clássicos cuidadosamente restaurados.

— Dice, pegue o refrigerador, tá? — Pen pendurou algumas toalhas em seu pescoço e recolheu sua enorme bolsa, enquanto eu erguia os lanches e as bebidas. Seguindo minha prima de biquíni pela trilha estreita, eu não pude deixar de notar que ela não tinha nenhuma marca. Dois dias depois de seu tombo da árvore a garota estava ilesa, seu andar dançante e animado como sempre. Se tivesse acontecido comigo, eu estaria com fraturas.

Não tinha acontecido comigo — mas eu ainda sentia os efeitos do dia na grama. Tentei visualizar a Macy's Herald Square,⁷ mas falhei. A lembrança parecia uma ressaca teimosa, deixando minha cabeça confusa e minha boca cheia de poeira. Ah, e os meus sonhos. Tão espetaculares, tão perturbados, como meus sonhos estavam bagunçados, desde que eu acordei uma vez chorando e outra rindo; quando fui para o meu diário para registrá-los, como eu faço sempre, eu não conseguia me lembrar deles como mais do que um flash. Isso nunca acontece. Eu tenho lembrança total dos meus sonhos, posso revivê-los instantaneamente. Ainda essa semana os sonhos tinham me dado insônia, eu podia recitá-los como rimas para crianças. Entretanto, os dois últimos tinham desaparecido da minha cabeça como que por alguma intervenção cósmica. Meditando sobre isso, eu tropecei numa raiz e cai encima de Pen, então nós duas fizemos nossa entrada indigna para a margem do lago.

As pessoas acenaram. Nós acenamos de volta. Ninguém removeu os óculos escuros. Tenho um total de oitenta amigos em Nova York. Na cidade, nos beijamos. Garotas, garotos, bissexuais, gays, heterossexuais e indecisos. Nós nos beijamos para nos cumprimentar e para nos despedir; nós beijamos como se tivéssemos acabado de nos ver no almoço. Isso é muito para Connecticut, onde o beijo só é usado entre os membros da família, se for usado. E, claro, é usado em alguém por quem você esteja afim. Pen estava afim, do seu modo, de Burr Addams. Então, claro, nós o ignoramos, colocando nossas toalhas perto de Kristin Marshall e Caroline Chadwick. Elas eram amigas da Pen, e agora, por associação, eram minhas amigas. Eu não

⁷ Cadeia de lojas de departamento americana, fica na Herald Square, Nova Iorque.

tenho certeza se teria escolhido Wick, que pode ser um pouco insensível e vaidosa, mas Marsh, sim.

Eu realmente gosto de Marsh.

— Eu não sei porque estou usando toda essa loção, — Pen disse, — Quando eu terminar eu vou entrar no lago. —

Foi uma tarde maravilhosa. O lago brilhava. A compensação pela comida foi imaculada — Dar aos animais de Swoon adereços para os carrinhos de latas cerveja antes das festas. Eu invejava os zangões sugando cada flor. Impulsos urbanos desse país nos fazem reagir de duas maneiras, com medo e ódio ou com prazer vertiginoso.

— Vocês já estiveram no lago? — Pen perguntou para as meninas enquanto limpava as mãos com a toalha. A cor forte de seu rosto, o brilho nos seus olhos pequenos — independente de qualquer coisa, ela parecia melhor do que o normal. Aparentemente um encontro com a morte faz isso.

— Eu não quero molhar meu cabelo — , reclamou Wick, que tem o cabelo, como Pen, loiro, espesso, naturalmente e perfeitamente liso. — Eu o lavei depois de ter montado esta manhã, e eu me recuso a lavá-lo novamente. — Wick jogou os cabelos para mostrar quem mandava.

Marsh tem os cabelos longos, lisos, e loiro também, mas o dela é mais fino, um pouco oleoso, colocado para trás com uma faixa xadrez. Ah, a vida na terra dos loiros. Meus cachos escuros, nunca são obedientes, ficam rebeldes ao menor indício de umidade com um boing audível! Com os cachos rebeldes e minha palidez de lua, sem mencionar uma desaprovação com a área cultivada em Wyoming, eu era uma ferida no polegar⁸ em Swoon. Não era só a proeminência que irritava, mas a ausência de variedade humana. Eu sai de Upper West Side,⁹ onde as coisas, as comemorações e as exigências são diferentes. Aqui, mesmo a Angela — Gel — Burton, o pintinho negro, cujo pai dirige o banco, usa o cabelo abaixo dos seios, alisado por processos químicos e levemente pintado de loiro.

— Eu vou — disse Marsh. — Embora eu tenha certeza de que a água vai estar como gelo. — Essa é uma das coisas que eu gosto na Marsh — ela é pessimista. Chame de sua maneira de cair fora, aqui no país das líderes de torcida. Então, novamente, Marsh tinha uma razão para esperar o pior. Seu pai era... ela o definiu com a palavra — estrito — Mas eu conheci Douglas Marshall, olhei nos olhos dele, e acho que ela quis dizer — psicótico —

— Eu também — , eu disse.

Pen se levantou. — Bom. — Ela agarrou meu pulso, me levantando sob meus pés. Eu derrubei a camisa que eu usava para me cobrir.

— Ai, tudo bem — disse Wick irritada e prendeu seus cabelos em um nó em cima da cabeça. — Mas eu não vou mergulhar na água. —

⁸ Expressão que indica que alguém é uma vergonha, um saco.

⁹ Bairro de Manhattan, em Nova Iorque, basicamente residencial e comercial.

Não era como se uma de nós tivesse que ficar para trás para cuidar das coisas. Dinheiro, cartões de crédito, chaves do carro e aparelho eletrônicos estavam seguros em bolsas abertas. Nós fomos para o lago. Não tinha como experimentar a água com pé, para se acostumar a ela. A água do lago é muito fria, a única solução é entrar.

Além disso, estava acontecendo, com os guinchos e espirros de água necessários, o que é chamado de acasalamento em Western Connecticut. Logo, Pen e Burr Addams estavam competindo entre si, com golpes longos e limpos.

Burr foi um pretendente exemplar, um verdadeiro Yankee de Connecticut. A linhagem da família Addams remonta à colônia original. Seu pai, um juiz da Suprema Corte estadual, tinha aspirações políticas maiores. Burr tinha sido capitão do time de lacrosse vitorioso da escola, ele seria um calouro na Universidade de Yale logo. Passou a primeira metade do verão, perambulando pela Europa, e agora estava em casa para passar o resto do tempo de forma preguiçosa. Como eu sei disso? Pen é uma enciclopédia sobre Burr Addams. Ela me contou tudo isso, e também contou que está se guardando para ele, ela tinha usado essas palavras muito, — salvar a si mesma — , desde que ela se acha destinada, com uma certeza que beira ao desagradável, a casar com ele um dia. Hoje, ela estava trabalhando em direção à sua meta.

Um cara que eu não conhecia tinha nadado até nós para falar com Wick. Ninguém com um pênis já tinha abordado eu ou a Marsh. Nós nadamos, para manter o nosso fluxo de sangue circulando, no lago brutalmente glacial.

— Ainda bem que nós não somos homens — , disse Marsh. — Ou, agora, nossos testículos teriam encolhido para um minúsculo grão. —

Outra coisa que eu gosto na Marsh: Ela é engraçada.

— Venha, Dice, eu vou te ensinar a nadar de costas — , disse ela.

— É? — Eu disse, um pouco ofegante. — Você acha? Isso vai exigir que eu me deite de costas. — Eu não poderia imaginar uma posição mais vulnerável no meio de um lago congelado.

— Ah, vamos lá. É fácil, eu prometo. — Para me convencer, Marsh arqueou a barriga e em seguida, deixou os braços e os pés flutuarem. Uma coroa de algas finas e loiras mexeu sobre a cabeça. Então ela virou nadou até mim. — Confie em mim, — disse ela.

Que inferno — ficar na água estava se tornando cansativo. Marsh colocou uma mão nas minhas costas, outra no meu ombro. — É isso — , disse ela, suave, não com esforço, ela sabia o que estava fazendo. — Apenas relaxe; estique o pescoço desse jeito. —

A mão passou do meu ombro para a base do meu crânio. Eu deixei meus olhos se fecharem e ouvi o murmúrio suave de Marsh, tão perto de mim, um som hipnótico.

— Lá vai você — , disse ela. — Você está fazendo isso. —

Por um segundo, fui golpeada pelo pânico — uma ondulação, por um instante, ameaçou entrar pelo meu nariz, eu ouvi Pen rindo próxima a mim. Pelo menos parecia com a risada da Pen. E eu não a ouvia muito bem, mas podia senti-la, uma sensação interna de cócegas. Então, o momento passou. A rigidez foi embora. Eu atendi Marsh, segura e tranquila. Minhas pernas se

separaram naturalmente. Minha respiração se estabilizou e se acalmou. Marsh manteve as mãos em mim. Eu confiava nela. Eu senti o sol brilhando glorioso no meu rosto.

— Viu? — Ela disse. — É como tomar um banho... —

Eu ia dizer: — Sim, se a sua banheira for um iglu. — Mas o sarcasmo não faria sentido uma vez que a água já não parecia tão fria. Apenas refrescante e fresca, como sentir, com os pés descalços, o orvalho na relva no início da manhã. Eu poderia ter deitado lá para sempre.

— Ok, Dice, eu vou a flutuar ao seu lado — , disse Marsh. — Eu estou te deixando fazer sozinha, tudo bem? —

Ao invés de me liberar totalmente, Marsh pegou minha mão. E enquanto nós flutuamos juntas, de mãos dadas um sublime sentimento passou por mim, eu comecei a ter pensamentos... um tipo particular de pensamentos... fantasias. Eu fantasiei sobre beijar e ser beijada. Não fazer isso com Marsh — eu não era bizarra desse jeito. Apenas a idéia de virar minha bochecha na superfície do lago e ter meus lábios se encontrando com outros lábios. Meu sorriso se espalhou como mel. Outras sensações vieram pelo meu corpo, outras fantasias, sem forma e intensas, e eu me encontrei respondendo em todos os locais normais e zonas desconhecidas também. Meus seios, banhados pelas águas.

A parte carnuda da palma da minha mão se apertou contra a da minha amiga.

Isso era só... assim... agradável. Talvez agradável demais. Prazer prolongado costuma a parecer com algo que eu não mereço, então por instinto eu parei de boiar. Só que ainda estava tudo bem. Na verdade, eu não era a única em êxtase. As cores me surpreenderam, porém indo para águas mais profundas, Pen e Burr estavam abraçados bronzeados, molhados, como dois animais. Vai, Pen, eu pensei, quase caprichosamente. Num tempo maravilhoso. Pen e eu conversávamos sobre sexo, era um dos meus assuntos favoritos.

É verdade que eu nunca tinha tido um — namorado — de verdade, mas eu tinha andando por aí..., não — experimentado — é a melhor palavra, pois as minhas experiências com garotos tinham sido assim: Ei, posso fazer isso? Venha, deixe-me tocá-la lá. O que isso faz você sentir? Sim? Você gosta disso? Legal. Ok, agora você me... vamos lá, por favor? Reações químicas provocando uma das sensações mais próximas — sim, do maravilhoso para os seres humanos.

Entretanto, muitas vezes eu me pergunto, depois de uma sessão com um rapaz, como seria colocar amor de verdade na mistura. Combustão espontânea? Avalanche de orgasmo? Quando eu falo sobre isso, Pen faz uma careta e me chama de aberração. É uma pena, realmente. Na superfície, é importante, mas por dentro uma garota não tem isso.

Bem, ela estava começando a fazer agora. Não, espere um segundo. Meu sorriso se iluminou. Ela não estava apenas começando.

Ela estava liderando aquilo. Todos no lago pareciam igualmente... estimulados. Isso era louco — Swoon dificilmente poderia ser confundida com a capital mundial de demonstração pública de afeto, mas era isso.

No lago, com aquele rapaz que ela tinha acabado de conhecer, Wick estava ficando com o cabelo sujo sem nem perceber. Na água, na margem e nos bosques, um coro de suspiros e

murmúrios se harmonizavam com os sons de — não, realmente, pássaros e abelhas. Pen era o epicentro, o foco de um surto erótico coletivo. Eu sabia que isto era tão certo como eu sabia meu próprio nome, do jeito que às vezes eu simplesmente sei as coisas. Estranho, eu pensei. Isso não parece coisa da Pen.

— Ei, onde você está indo? — Marsh ficou de pé e apertou minha mão.

— Oh, Marsh, eu sou uma voyeur!¹⁰ — Dei-lhe um olhar brilhante.

— Sério? O que você está olhando? —

— Confira o casal maravilha. — Eles estavam a poucos metros de distância. Neste ponto, só podíamos ver Burr. Ele tinha o top do biquíni da Pen em seu queixo, tolamente, ele tentou nadar na água em estado de puro êxtase. O que colocou Pen debaixo da água, a fonte do estado dele.

De repente, ela ressurgiu, brilhante como uma Náíade,¹¹ e atirou os braços em torno de Burr. Em seguida, apertou seus ombros com as palmas das mãos. Aparentemente, Pen acreditava em dar e receber. Foi a vez de Burr. Ele mergulhou. Pen emergiu um pouco, a cabeça para trás, os seios à tona.

— Oh, meu Deus — disse Marsh. — Burr Addams é um menino muito, muito mau. —

— Uh, eu não sei. Eu vou dar-lhe pelo menos um A pelo esforço. — Nós rimos conspiratoriamente.

Então eu disse: — Eu não sei sobre o Burr, mas isso não parece muito com a Pen. — Não parece.

Pen... não parece

Pen... não... Pen...

Rápido como um clique de controle remoto da TV, uma trovoada veio do norte, manchando o céu de cinza escuro perigoso. Houve o estalo de um relâmpago, que fez a Marsh saltar.

— Dice, vamos lá, devemos sair do lago — Ela não queria que nenhuma de nós fosse eletrocutada. Outras pessoas estavam indo para a margem, o feitiço inebriante tinha sido quebrado. Aos poucos pingos de chuva começaram a cair.

— Dice... — disse Marsh. Mas eu estava paralisada. Eu estava assistindo Pen. Ela estava agora na posição vertical, fazendo algo... Algo estranho.

Algo forte. Algo errado. Eu senti isso como um soco. Pen não deixaria Burr... ela estava segurando ele debaixo da água de alguma forma... ela estava...

Comecei a nadar em direção a eles. — Pen! — Eu tentei gritar, mas minha boca se encheu de água. Eu sufoquei, eu lutei. Ainda assim eu tentava ir adiante. Então Marsh estava comigo. Ela

¹⁰ *Que sente prazer em observar outras pessoas.*

¹¹ *Ninfas da água doce que parecem sereias.*

foi à minha frente, cortando o contato de Pen e Burr. Ela estava sobre aquilo, sobre eles. Burr saiu para fora da água ofegante. Houve alguns gritos — os trovões obscureceram as palavras. Então, todos nós fomos para fora. Temia que meus pés, no fundo do lago liso, perdessem a sua influência sobre mim. Ofegante, cheguei à margem. E a chuva veio abaixo.

Capítulo 4

HAVIA PEGADAS NA ESCADA. ESTA É UMA CASA ANTIGA, está entre uma das mais antigas na área, uma casa de fazenda de madeira branca construída em 1748. Havia vento na varanda e uma tábua no sótão rangia. Eu podia ouvir uma aranha subindo as escadas. Sozinha na casa — ou era o que eu pensava — me sentei imóvel. Isso me fez pensar, inicialmente, como ninguém em Swoon tranca as portas, eu, que tinha um conjunto de chaves salientes no bolso desde a terceira série. Esta, era uma questão de orgulho.

Aqui é seguro. E como nossa casa está diretamente do outro lado da Daisy Lane de meu tio e minha tia, eu percebi que tinha que ser a Pen. Isso normalmente não deveria ter me perturbado.

— É melhor estar decente, estou com o Jordan — , ela gritou, dando uma batida obrigatória na porta do meu quarto antes de entrar, o irmão loiro mais novo a reboque.

Eu, de fato, estava decente, com as pernas cruzadas, na minha cama, lendo o tarô — ou pelo menos tentando ler. Poderia muito bem ter sido uma lituana. A propagação de antes me propôs uma dúzia de interpretações. Cada resposta gerava uma pergunta. Quanto mais eu pensava, mais confusa eu ficava. Como eu não tenho o melhor relacionamento com o meu lado psíquico, para começar, eu sabia que meu cérebro tinha um grande espaço para canalizar os pensamentos, e aqui o que eu consegui foi um zero grande e gordo. Eu apertei os cartões em uma pilha.

— Por que você está fazendo isso? — Perguntou Pen.

— A vibração de alguém de seis anos de idade não é boa para a comunhão com o plano astral. Sem ofensas, Jordan. —

— Posso brincar com os insetos, posso... Dice? — Jordan era fascinado pela minha coleção de insetos, um presente que ganhei do papai quando eu tinha dez anos ou mais e então passou por uma fase espiritual-mítica. Momster não aprovou, mas também não se opôs. Ambos são agnósticos,¹² eles me criaram sem religião.

— Você pode olhar para eles, Jor, — eu disse. — Você não pode brincar com eles. —

— Isso foi o que eu quis dizer. — Cuidadosamente o garoto loiro pegou o aquário de vidro da minha mesa e sentou-se no chão com ele.

¹² Agnóstico é alguém que acha que a questão — Deus existe ou não? — nunca será resolvida.

Pen sentou na beirada da minha cama. — Faça para mim. —

O que ela não sabia — e que eu não ia dizer para ela — é que eu já estava lendo tarô sobre ela. Eu não a tinha visto muito desde que ela tentou se afogar com o solteiro mais cobiçado de Swoon. O incidente no lago foi na sexta-feira, meus pais tinham saído de Swoon para o fim de semana e, desde que papai não estava em um show e mamãe se permitiu ter uns dias de férias, na segunda-feira fomos para Newport e ficamos em uma estalagem no litoral. O que foi agradável. — Não vi muito meus pais recentemente.

Toda a mudança para Connecticut foi uma loucura, mas é claro que eles tinham feito isso acreditando que era a solução para todos os nossos (leia-se: meu) problemas. Este lugar idílico, tão perto da irmã da minha mãe e de seus filhos impecavelmente ajustados — com o melhor tônico de ar fresco, sol e muffins caseiros da tia Lainie. Eles só não tinham pensado sobre isso. Não tinham considerado como mamãe raramente deixa o trabalho antes das oito horas, e não há trem direto ou serviço de ônibus para Swoon. Ou como papai precisa estar junto com o set às seis da manhã, quando ele começa. Sem mencionar o fato de que ele é alérgico a praticamente a todo o pólen e tem que passar seus momentos livres no lugar dopado de anti-histamínicos. Ah, mas eles tinham conseguido comprar uma casa antiga e pitoresca a preço de banana, e eles tinham a nobre noção de como isso seria bom para mim. A próxima coisa que eles sabiam que eram os proprietários orgulhosos de uma fazenda do século XVIII, em que eles têm gastado quase todo o tempo deles. Oh, claro, no primeiro mês mamãe bravamente pegou o trem para Brewster todas as noites, depois levava uma hora até Swoon, mas isso começou a deixá-la mal-humorada. Assim, ela começou a trabalhar nos finais de semana, e papai, com sua programação insana e relacionamento ruim com vegetação, trabalhou mais ainda.

Bom para mim. Eu não queria fazer nada. Aos dezessete anos eu era capaz de afastar a mim mesma.

E quando eu não sinto bem sozinha, eu era bem-vinda na casa dos Leonards — a mãe de Pen faz um lombo de porco no forno como uma provocação. Na verdade, isso é o que provavelmente trouxe Pen aqui, a premissa de um convite para o jantar. Eu guiei a conversa de maneira a fugir do seu pedido para uma leitura. — O que é que Lainie tem para o jantar? —

Pen pegou o monte de cartas. Ela as mexeu casualmente. Não é preciso dizer, mas você não quer que a energia de outra pessoa contamine o seu baralho.

Especialmente a presente energia da Pen.

— Nós estamos grelhando — disse ela. — Algum tipo de peixe, mahimahi,¹³ eu acho. Mas também temos bife, se você preferir — .

— Parece bom, o quer que seja. — Olhei para ela, tentando fazer parecer que eu não estava olhando. Ela parecia bem. Nem um pouco como uma assassina principiante.

— Como foi em Newport? — , ela perguntou.

— Tudo bem... agradável. Papai não espirrou na praia. —

¹³ Peixe dourado, recebe o nome mahi-mahi no Havaí.

— Ah. Isso é bom. —

— Sim. — Evitando a conversa, eu mordi uma cutícula. — Então... o que está acontecendo por aqui? —

— Nada, absolutamente nada. — A postura de Pen endureceu, e ela projetou o queixo. Desta vez, quando eu olhei para ela, ela sabia que eu estava encarando. — Você não está louca por minha causa, está, Dice? — Perguntou ela.

Louca? Eu? Por quê? Não — ela não tinha tentado me matar. Eu estava... perturbada. Exceto que talvez Pen estivesse louca, para não saber que ela tinha levantado um alarme. Pen era responsável. Pen era confiável. Pen tinha uma cabeça boa e firme fixada em bons ombros. Pen partilhava a crença da mãe que não importava o que ela fizesse, ela iria sair bem. Agora, talvez ela tenha dúvidas. E não gostaria de enfrentá-las. Tinha a maldita certeza que ela não queria que essas dúvidas refletissem de volta para ela através dos meus olhos.

— Não, claro que não — , eu respondi. Eu coloquei meu baralho de tarô no criado mudo, e engoli o nó na minha garganta. Este foi o pai dos momentos complicados, nosso primeiro encontro desde aquele dia no lago.

Naquele dia, no lago, a chuva tinha se tornado granizo. Nós tínhamos corrido de volta para o carro de Pen, arremessando as nossas coisas e nós mesmas para dentro, e ela fugiu como uma maníaca. O que já era estranho por si só — Pen não era uma condutora agressiva. Ela só dirigia e dirigia, à toa, rasgando as estradas curvas, enquanto o céu jogava pedras. Quando eu a chamei pelo nome, ela não respondeu.

Lá estava eu, uma pessoa sensível, uma pessoa extra-sensível, ainda que eu não pudesse começar a entender como ela estava sentindo. Ela não estava chorando. Ela não estava amaldiçoando. Ela não disse uma palavra sobre Burr. Apenas olhava para fora do pára-brisa e acelerava pela tempestade, ao redor como se agitando ainda mais em frenesi. Por fim, eu estendi a mão e a toquei no cotovelo. Ela não podia ignorar isso. Ela virou para mim, e vi que os olhos dela iam do preto ao azul. Isso aconteceu por cerca de vinte segundos, durante os quais Pen (ou quem quer que fosse) por pouco não bateu em uma fila de caixas de correio. Como tínhamos sorte, de ter chegado a Daisy Lane. Pen foi a minha casa. Oh, então ela parecia com a Pen de novo — doce, bonita e composta — quando ela sorriu e disse: — Eu acho que eu gostaria de entrar por um tempo. —

Talvez ela quisesse falar sobre as coisas, tentando me explicar tudo o que aconteceu. Que eu tinha, provavelmente, entendido tudo de forma completamente errada e que ela era totalmente inocente, que tinha sido uma brincadeira um pouco excitada no lago, a maneira como uma vara parece estar dobrada dentro de um copo de água.

Isso era tudo.

Que estúpida eu sou.

No entanto, na minha cabeça eu gritei com ela, só com um exército de ninjas atrás de mim vou deixar você na minha casa. Em voz alta eu consegui: — Ah... desculpe... não dá. Meus pais

estão chegando, e o lugar está uma bagunça — lançando para o carro pela porta da frente, do número 12 de Daisy Lane. Que eu tranquei.

Impressionante.

E agora Pen estava perguntando se eu estava brava com ela.

— Olha... — comecei. Eu estava lutando com meus pensamentos por quase uma semana, e eu não era fã de brigas. — Eu me sinto como se você soubesse os meus segredos... —

Isso não era mentira total. Verdade, Pen não sabia das minhas tendências telepáticas, mas eu estava me referindo à epilepsia, que ela sabia que eu tinha e, certamente, não era de conhecimento público. Estava falando, também, das dificuldades que eu tinha aqui em Swoon — eu dava a ela alguns recados de minha confusão miserável. E Pen tinha sido mais do que legal, nunca tinha sido curiosa, nunca tinha me tratado como uma leprosa ou uma doente mental. Me fez sentir um pouco culpada pela forma como eu tinha deixado ela no carro, sozinha com o granizo batendo no capô.

— Mas você não confia em mim com sua amiga — , eu continuei. — E tudo bem, quero dizer, eu sei que fui forçada a você, como sua prima. —

Com isso, suas sobrancelhas levantaram e ela inclinou a cabeça em direção a seu irmão — com seus pequenos lábios e grandes ouvidos. — Dice, isso não é... —

Olhei para a Jordan, ainda profundamente absorvido nos insetos. — Espere, me deixe terminar, — Eu insisti, mas abaixei minha voz, puxando um travesseiro no meu colo e o amassando uma vez para dar ênfase. — Eu não sou como você — eu não ajo como você ou me visto como você. Ou seus amigos. Mesmo assim, você foi ótima comigo, Pen, você foi. Acima e além do seu dever de prima. E eu não sei, eu sou filha única, e você tem irmãos... eu tinha imaginado nós como duas irmãs, mais ou menos. Próximas, você sabe, como nossas mães. Então, eu quero que você saiba que eu nunca vou julgá-la, Pen. Se tem alguma... se tem algo que você queira me contar, eu estou aqui. E eu sinto muito... durante a chuva de granizo... quando eu só caí fora. Isso foi errado. Eu nunca vou fazer isso de novo. Abandoná-la. Quero dizer. —

Pen me olhou abertamente. — Sério? —

— Sim — , eu disse. — De verdade. — O que me impediu de abraçá-la? Basta que Pen não seja do tipo que se abraça?

Contente com a minha promessa, Pen sorriu e subiu para a cama e se sentou ao meu lado, suas costas contra a cabeceira. — Obrigado... Irmã — , ela disse.

— Não seja idiota, eu disse. — Irmã. —

Então ela ficou quieta novamente.

— Eu não estou dizendo que você tem que me dizer qualquer coisa. — Enquanto nós estávamos sentadas lado a lado, a minha voz abaixou ainda mais, como uma voz para contar segredos. — Quero dizer, eu sei como você é amiga da Wick... —

— Oh, por favor, — Pen falou. — Wick. Eu não poderia contar a Wick que lasquei minha unha pintada. —

Nós rimos sobre isso. Ela puxou os joelhos até o queixo, virando-se para mim, com rosto em cima deles. — Se alguém pudesse compreender o que aconteceu com Burr, você poderia — você que está sendo super louca e tudo. — Ela disse gentilmente, então endireitou a cabeça e olhou novamente para longe. — Mas isso é um monte de pedaços, como um quebra-cabeça, e mesmo que eu viva o quebra-cabeça, eu não consigo encaixar bem... — Ainda com o olhar distante, ela começou a se distrair com o osso do tornozelo. — Sabe aquela expressão: Deve ser algo na água? —

Eu concordei. Ela parou novamente, e continuou. — Quero dizer, tudo bem, quando Burr nadou até mim, eu queria ficar com ele. E isso era estranho. Normalmente, eu quero que os meninos me queiram, mas, dessa vez, eu queria ele. Queria ele... em todos os lugares. —

Eu devia ter interrompido, eu percebi que tudo estava indo abaixo — com todos naquele lago — Eu não sabia que ela era o epicentro? Esse algo que estava na água era Penélope Amber Leonard? Abri a boca e então fechei. Pen ergueu o queixo e continuou.

— Quando nós estávamos nadando, eu me perguntava como não afundar — Eu estava tão sobrecarregada com o desejo. E então estávamos entrando a água, apenas falando, você sabe, dessa forma quando você flerta com alguém sendo um pouco insultante... —

— Provocando, eu disse. — É chamado de provocação. —

Pen sorriu. — Sim, estávamos nos provocando, e eu me perguntava como eu consegui fazer esse tipo de comentários quando eu realmente quis dizer coisas... coisas que eu não poderia dizer. Coisas de atrizes de filme pornô. —

Ela corou, lembrando a cena. Essas peças de quebra-cabeça se juntando em grande velocidade.

Então, de repente, ela empalideceu.

— E então as cobras saíram — , ela disse, sua voz plana. Ela se virou e me olhou novamente, com os olhos cheios de um tipo de choque de lembrança. — Eu senti uma, e depois a outra, deslizando envolta do meu tornozelo. E eu não me assustei. Dice, eram cobras, e elas não me incomodam nem um pouco. E depois apareceram mais, dezenas de cobras, centenas de cobras, nadando nas minhas pernas e entre elas. Eu isso não me importava em nada. Eu... eu gostava delas. Eles estavam, eu não sei, me inspirando. Então eu disse, ‘Burr Addams, você quer me beijar?’ —

Fale sobre uma oferta que nenhum garoto poderia recusar.

— Deus, Dice, foi incrível. Quero dizer, você beija com a boca, mas você sente isso entre seus dedos. Eu me lembro... eu tirei o meu top do biquíni — Eu tirei, não ele. E eu me senti tão livre, e o fato de outras pessoas estarem ao redor... aumentou a sensação. Eu acenei meu top acima da minha cabeça como uma bandeira, e então o amarrei sobre a cabeça de Burr, e nós rimos e nos beijamos... e depois, quando cheguei perto dele, eu o senti grande e inchado e pensei: eu fiz isso, eu fiz ele ficar assim, e isso me encheu de poder. Eu queria liderar... você

sabe, não bastava segui-lo... Ah, e Dice, você sabe o que é ser lambida debaixo da água? Você já está molhada, então a língua não parece assim, parece um pouco áspera, e oh meu Deus, ele estava me lambendo, do mesmo jeito que eu estava lambendo ele... A diferença era que, quando eu estava debaixo da água, parecia que eu podia respirar... ou não, era como se eu não tivesse que respirar... mas quando ele foi para dentro de mim, isso foi tão bom, e eu ... eu só não queria que ele parasse. Só que ele queria parar... ele queria respirar... mas eu acho que... de alguma forma... eu não ia deixar ele fazer isso. —

Pen estendeu uma perna, e depois a outra. E então ela deu de ombros. — Isso é tudo — ela disse. Seu rosto não estava mais vermelho ou pálido, parecia uma cor perfeita fruto de uma mistura de raios UVA/UVB e um pouco de bronzeado. — Deus — , ela disse brilhando — Quando estava tudo preso dentro de mim, eu me senti simplesmente terrível, mas agora que eu coloquei tudo para fora, eu me sinto muito melhor. —

— Oh, eu disse. — Que bom. — Fiquei feliz que ela se sentisse melhor, aliviada pela revelação. A exceção que existiam algumas coisas que eu tinha para contar a ela, não estávamos lá?

— Obrigada por tudo — ela disse. E então, — Jordan, pára com isso. — Sua bronca foi calma, sem um pinga de dureza.

Eu olhei. Jordan estava agitando o aquário que guardava meus insetos, o que, por sinal, são réplicas, no caso de você ter pensado que eu estava guardando peças de museu genuínas.

— Venha aqui — , disse Pen.

Com os dedos desajeitados, Jordan devolveu o aquário para a minha mesa e foi obediente até a sua irmã. Pen o pegou no colo. Jordan se inclinou contra ela. O polegar vagueou em sua boca, e fechou os olhos como se fosse sugado. Ela beijou a coroa de ouro que eram seus cabelos. Que coisa natural, eu pensei, tudo bem com ela e as crianças. Ela tinha rido quando falou sobre sua atuação em — O Centro senil — , mas ela era como uma benção para o jogo duro. Uhum, isso era Pen: alta, loira, totalmente linda, um pouco boba e uma pessoa muito boa, sem um único osso mau em seu corpo.

Capítulo 5

PORCARIAS ESTRANHAS ACONTECEM. O TEMPO TODO. Aqui está por exemplo: Dirigindo com os Leonards para Torrington (cidade pequena, cheia de shoppings), e um lado da rodovia tem uma chuva torrencial e do outro lado tem sol. Ou essa: Papai no telefone, relatando como ele conseguiu um papel de assassino neste thriller policial de Mark Wahlberg, porque o diretor de elenco lembrava dele do ensino fundamental. E o dia em que a Ms. Brinker, bibliotecária de Swoon, apareceu pra trabalhar vestida nesse... vestido rosa pastel, com um padrão de pequenos corações entrelaçados. Você tinha que conhecer Ms. Brinker, rainha do

khaki¹⁴ — conhecê-la e ver ela quase diariamente quanto eu, sua assistente dedicada não paga, fazia — para entender que isso não era meramente monstruoso, mas muito, muito estranho.

— Você se sente bem, querida? — Ela me pegou boquiaberta

— Huh? Não! Eu digo, claro, Ms. Brinker. Eu estou ótima. —

— Eu espero que sim. — Seu rosto se comprimiu. A misófoba¹⁵ Ms. Brinker sempre estava esfregando suas mãos com gel antibacteriano. Ela tinha uma bisnaga na mão direita, então claramente minha afirmação de — ótima — foi pouco convincente. — Eu preciso que você arrume a seção infantil, Candice. Nós temos a hora da historia essa manhã. —

Eu fiz o que fui mandada, meditando sobre a forma no curso de um dia, média normal, muito estranha merda pode ocorrer fenômenos meteorológicos, coincidência improvável, indicações de forma incompreensível, que pode ser difícil para eliminar o estranho do normal. Então, a minha prima caiu de uma árvore e começou a tagarelar sobre a injustiça e vingança. Então, alguns dias depois, ela decidiu que ela podia respirar debaixo d'água ... não, o que ela disse? Ela não teve de respirar. O que há de tão errado nisso?

E que depois dos acontecimentos na mesma tarde? Eu tinha uma mensagem da Marsh, dizendo que uma das suas éguas tinha dado á luz naquela manhã, e se eu quero ver o bebê. Por mensagem, quero dizer, ela ligou na biblioteca e falou com a Sra. Brinker, que escreveu uma nota sobre um pedaço de papel. Torres de telefonia celular são incompatíveis com a paisagem de Swoon, assim que o serviço está irregular, e mensagens de texto, pode esquecer. Ainda assim, recebi a mensagem. Eu quero ver o cavalo recém-nascido, para mim tão exótico como um dragão recém-nascido? Droga estranha, eu queria.

— Marsh tem um novo cavalo — , eu contei a Pen quando ela passou pela biblioteca.

— Sim. E? — ela falhou em compartilhar meu entusiasmo.

— Pen, qual é — eu pedi. — Um cavalinho. Eu nunca vi um cavalinho. Nós temos que ir lá.

—

Ela me olhou como se eu tivesse pedido uma carona para Bhopal¹⁶ para testemunhar a inauguração de um grão de poeira. — Eu não sabia que eu era uma voluntária no Fresh Air Fund¹⁷ — , disse ela. Que foi bastante sarcástico para Pen. — Qual é o próximo, Dice? O zoológico? —

— Pen, eu gastei ou não gastei duas horas com você em uma loja em Torrington Commons enquanto você experimentava cinquenta pares de calça jeans? — Eu rebati. — Duas horas, uma loja, cinquenta pares de jeans — faz a matemática. —

Ela brincava com o dial do rádio. — Você fez, você fez — , ela admitiu. — Eu só ... Eu realmente odeio ir na Marsh. —

¹⁴ É uma cor, vulgarmente usada em uniformes militares.

¹⁵ Misofobia é fobia (medo) de germes.

¹⁶ http://www.greenpeace.org.br/toxicos/pdf/bhopal_desastrecont.pdf.

¹⁷ É uma ong de doações para crianças carentes, tipo criança esperança <http://www.freshair.org/>

Eu tomei isso como um sintoma da síndrome de criança mimada. Marsh não tinha muito dinheiro, e sua casa não era o tipo de castelo luxuoso que a maioria dos Swoonianos tinha. Sua mãe trabalhava todo dia em algum escritório em Torrington, enquanto seu pai estava — impossibilitado. — O que seja que esse — impossibilitado — significasse, isso não impedia ele de correr em um cavalo na propriedade deles até o fim da rodovia Stag Flank, que ninguém chama de favela de Swoon. — Ah, vai — eu pedi. — Nós não vamos demorar muito. Apenas um pequeno olá para o cavalinho e nós estamos fora de lá. Por favor? —

Uma pessoa generosa, Pen cedeu. Marsh cumprimentou-nos com uma escova.

— Façam-me um favor e esperem no meu quarto — disse ela. — Vou estar pronta em um minuto. —

O cheiro de amoníaco perseguiu Pen e eu através do corredor. Tínhamos um serviço de limpeza em Daisy Lane duas vezes por mês, mas eu mantinha as aparências no meio tempo, assim sabia que havia avanços nas tarefas domésticas desde a invenção do pano de limpeza. Mas talvez Marsh gostava de se agachar nesse chão gasto. De fato, seu quarto estava espetacularmente ordenado, não havia muita bagunça além das faixas de show de cavalos. Suas duas irmãs menores, Charlotte e Willa, dividiam o quarto de frente como o de Marsh — elas espiaram, acenaram um Olá, e voltaram a seus assuntos de garotas mais novas. Pen estava sentada na cama de Marsh, organizando impacientemente sua bolsa, quando Marsh entrou, círculos crescentes de fadiga sob seus olhos.

— Você está bem? — perguntei.

Pen levantou o olhar de seus pertences portáteis. — Sério, Marsh, está parecendo a morte. — Era uma expressão que usava Tia Lainie. Dirigida a mim, em ocasiões.

— Eu também te amo, Pen, — disse Marsh com um sorriso forçado malicioso. Depois suspirou. — Estou frita. A égua demorou uma eternidade para dar a luz, e depois, já sabe, com minhas tarefas e meu trabalho e tudo mais. —

Eu estava incrédula. — Espera — você esteve lá? Quando ela deu a luz? —

— Ah, eu fiz isso várias vezes. — Marsh tentou disfarçar, mas não conseguiu esconder por completo seu orgulho. — Vamos vê-lo, garotas. É absolutamente lindo. — Ela chamou suas irmãs, — Vou aos estábulos por alguns minutos, Char, você está no comando. —

— Eu queria ter sabido que faríamos isso, — Pen brigou. — Eu teria mudado os sapatos. Depois de novo não acho que tenho um par de sapatos que queira cobrir com cocô de cavalo. —

Pen calçava uma dessas sandálias para pernas intermináveis, estampadas Lily Pulitzer vinculadas para garotas e suas mães aqui na Constituição do Estado. Caminhando pelo jardim, seus quadris não podiam se deter de mudar da direita para a esquerda. A blusa que usava era de um fino algodão branco, simples, mas feminina. Eu não me preocupava em sujar meus sapatos e meu jeans, empolgada em ver o potro.

Primeiro tínhamos que passar por Douglas Marshall.

— Pai? Estou aqui com algumas amigas ... Ok? — anunciou Marsh. A essência dos estábulos era forte — suor, sal, couro e palha, e esterco de cavalo, claro, no qual parecia mais limpo que a variante humana, acho que é porque os cavalos não comem Doritos. Mesmo assim, esperava que Pen enrugasse seu nariz e berrasse um pouco mais, mas de fato pareceu gostar disso. Parou com as pernas ligeiramente separadas, mãos na cintura. E depois girou sua cabeça ao redor, e como ela alguns dos cavalos fizeram o mesmo.

Douglas Marshall saiu de uma cocheira. Era um homem magro, musculoso, mas a fivela de latão de seu cinturão estava escondida debaixo de uma barriga saliente. Um batedor de mulher, pensei. Assim é como chamam aquelas camisetas por dentro, sem mangas como a que ele estava, mas tomei esse ressentimento desagradável no termo, o que parecia indicar realmente em seu caso. Tirou seu boné dos Patriotas¹⁸ para expor umas entradas, enxugando sua testa com seu braço, e recolocando seu boné. Não podia fazer mais que me perguntar o que a mãe de Marsh viu nele — ela estava tão arrumada e cuidadosa em seus trajes de secretária e blusas bordadas. — Você terminou na cozinha? — ele perguntou.

— Claro, papai, — disse Marsh, encontrando-se com seus olhos, depois desviando. — A lavanderia está toda feita também. —

— E as garotas? —

— Elas limparam o banheiro e agora estão brincando com suas bonecas de papel. —

Mr. Marshall grunhiu. — É melhor não fazerem bagunça. —

O que esse homem tem, filhas ou mucamas?

Finalmente se dignou a afastar-se de Pen e de mim, sua boca curvando-se como um fio de arame — que assumi que isso era um sorriso. — Então acho que vocês poldras (égua nova) querem ver o potro. —

Poldras, pensei. Eu poderia bufar.

— Oi, Mr. Marshall, — disse Pen.

Eu disse olá também, silenciosamente, examinando meus sapatos.

— Bem, Penny Leonard. — A boca de arame do Mr. Marshall se retorceu em algo mais retorcido. — Oh, mas é Pen, hoje em dia. Não é uma visão. — Ele olhou Pen — por muito tempo, pensei — e depois me olhou, seus olhos crescendo com desconfiança. — Quem é você? —

— Ela é Candice, — disse Marsh.

— Ela é minha prima, — disse Pen, ao mesmo tempo.

O que se supunha que deveria dizer... — Nós nos conhecemos? —

— Candice, huh? Nunca havia escutado um nome como esse. —

¹⁸ É um time de futebol americano da cidade de Foxborough, Massachusetts que disputa a NFL

Bom saber que estava expandindo seus horizontes.

— Bem, você tem um apelido como o resto das garotas? —

— Sim...senhor. — me senti diminuída. — Sou Dice. —

— É mesmo? Espera, agora, você já esteve aqui antes, não esteve? Ele piscou pra mim. — Você é de Nova York. —

— Sim, senhor, eu... eu moro aqui agora. — Por que eu estava dando a este cretino meus dados pessoais? O próximo seria providenciar um convite para um chá?

O Sr. Marshall cruzou seus braços. — Tenho uns dados de pelúcia¹⁹ no retrovisor da minha camionete. — A curva do arame se contorceu mais. Claramente achou isso genuíno. Pude sentir meu cabelo enrijecer neste instante. — Vá em frente e olhe então, — ele disse, mas pegou rapidamente o braço de Marsh e a parou.

— Só seja rápida, garota. Sua mãe está chegando mais tarde desde que esse estúpido imbecil com quem ela trabalha não pode limpar seu próprio rabo, como sempre. Isso quer dizer que o jantar é por sua conta, e me refiro a que quero um jantar de homem, não mais Rice-a-Roni (uma espécie de arroz em caixa). —

O estranho estava rogando por um ataque cardíaco, mas Marsh só respondeu com um aceno tenso, e seu pai a deixou. Calmamente, então, nos aproximamos onde a égua amamentava seu bebê. Era impressionante. Nem doze horas de idade e já estava de pé, com uma cabeleira cheira, e rabo e tudo. Mãe e filho combinavam, ambos com marrom brilhante de uma casca de castanha.

— Oi, Brandy... oi, mamãe, — Marsh cantarolou sua confortante canção. Ela alcançou para acariciar o nariz do cavalo, e o animal relinchou gentilmente. Depois o bebê deu uma olhada como se estivesse dizendo, — Ei, olhe pra mim! — e um espontâneo — uauuuu! — emanou de mim. Ele tinha os olhos úmidos como ameixas pretas, cílios que uma supermodelo invejaria, e uma mancha branca em forma de diamante em seu focinho. Moveu seus lábios de goma até nós, depois virou de volta para sua mãe.

Estava morrendo para me aproximar, para tocá-lo, mas me faziam sentir estranhamente tímida. Pen, no entanto, que a pouco retia sua irritação anterior, se aproximou para ficar ao lado da grande besta. Colocou sua bochecha contra a curva musculosa do pescoço da égua. Olhos meio fechados, ela começou a sussurrar, o que me fez sorrir — Pen se converteu em sussurradora de cavalos. Era um lado de minha prima que não tinha visto antes. Nunca pensei nela como uma pessoa de animais; fazia pouco com Peanut e Popcorn, os dois cães dos Leonard. Pen ainda estava sussurrando no estábulo. Ela até chegou a colocar seus lábios nas costas da égua.

— Vamos, Dice, — Marsh fez sinal. — Brandy está totalmente melosa agora. Você pode acariciá-la. —

¹⁹ Fuzzy Dice em inglês

Eu queria; realmente queria. Embora me sentia... não posso explicar, indigna de alguma forma.

— Talvez Fuzzy Dice tenha medo de cavalos. —

A áspera, irritante voz atrás de mim acabou com o milagre do momento.

— As pessoas da cidade tem medo de cavalos — disse o Sr. Mashall. — Judeus, especialmente. Nunca vi um Judeu em um cavalo. — Ele cuspiu as palavras como se fossem apodrecer em sua boca, depois colocou uma mão em meu ombro. — Você é um Judeu, certo, Fuzzy Dice? —

Senti como se tivesse levado um soco. Tinha que enfrentar este ignorante, mas estava presa no lugar, horrorizada. Levou toda a minha vontade para me virar, tirar essa gosmenta pata, e enquanto pretendia declarar isso, Pen se afastou lentamente da égua.

Ela levantou sua cabeça. Sorriu abertamente. — Você é tão Inteligente, Sr. Marshall, — ela disse, caminhando em direção a ele, esse balanço de cadeiras caminhando nessas intermináveis pernas. — Você realmente conhece as pessoas. —

Sua mão saiu do meu ombro, e enquanto Pen passava por mim, finalmente pude me endireitar. Brevemente nossos olhos se encontraram. Os seus olhos negros como os do potro, mantendo uma espécie diferente de brilho.

— Você os chama como você os vê, — disse Pen corrosivamente doce. — Essa é uma das coisas que admiro em você. —

Enquanto Pen continuava vindo, só podia imaginar a ameaça em seu rosto que fazia o arame do Sr. Marshall tencionar, e se afrouxar. Ela colocou uma mão no peito do homem. Ele deu um passo para trás tropeçando. Ela o manteve a distância de um braço por um momento, sua cabeça nesse ângulo divertido. O Sr. Marshall fez um som, a mistura de confusão, reclamação, e submissão. Uma espécie de gemido. Uma espécie de alegação. E Pen deu outro passo para frente. E outro. Durante todo o tempo ela continuava como as bajulações tóxicas, apunhalando-o como alfinetadas, até que o grotesco tango os levou a cocheira da frente da égua parida.

Um ruidoso, agitado som veio de lá, e o pisotear dos cascos. Marsh estava ao meu lado; ela exalou um nome, — Black Jack! — juntas nos aproximamos para ver o grande garanhão bufar e trotar. O Sr. Marshall mostrava frustração e medo. Estava preso — entre paredes de tabuas de madeira, um cavalo trotando a sua direita e algo talvez mais perigoso vindo em sua direção.

— Me parece como pensei que você é tão bom com os cavalos como é com as pessoas, Douglas Marshall, — declarou Pen. E tudo veio a mim ao mesmo tempo quando por fim cheirei os cavalos.

Como um dedo cuidadosamente cuidado, ela empurrou ao respectivo intolerante, e ele tropeçou para trás contra a cocheira, mãos diante de seu rosto. O boné dos Patriotas foi derrubado.

— Eu mesma sei um pouco de bestas, — a pessoa dentro de Pen fervilhava alegremente. — Mas me deu a impressão que este aí está mais agitado. Ele deverá ficar melhor se você ficar quieto, e muito silencioso, até que ele se acalme. —

Depois ela girou em seus calcanhares e saiu da cocheira. — Obrigada por nos receber, Marsh, — disse serenamente, batendo seus cílios sobre os olhos azuis. — Mas vamos, Dice, temos que ir. Minha mãe está fazendo um genuíno pavê para a sobremesa está noite. E não queremos perder isso. —

Enquanto a cocheira Black Jack golpeava com uma fúria desenfreada.

Capítulo 6

MARSH FOI A PRIMEIRA A PRONUNCIAR A PALAVRA P. Quando liguei pra ela naquela noite, sua mãe atendeu, aflita, apressada e não pode colocar minha garota no telefone. Na manhã seguinte, antes do dever de ir a biblioteca, peguei minha bicicleta e fui com ela até Kustard Kup. Marsh usava suave fita.

— Ei, Dice! — seu cabelo preso borbilhava atrás da bancada. — Me dê um segundo, certo? Ela pôs um líquido perolado na máquina e pressionou um botão. O dispositivo chegou a vida zumbindo e Marsh festejou.

— Sua mãe disse que eu liguei? — Perguntei.

— Você ligou? Oh... não. Ela estava... distraída. —

— E quanto a você? — os meio-círculos em seus olhos haviam ido.

— Nunca estive melhor — disse. — Então não é um pouco cedo para um sorvete? —

Dei-lhe um olhar vago. — O acha? Porque eu vim para um duplo mergulho na realidade. Então por que você não consegue isso, huh? —

Marsh fez uma varredura em seus colegas de trabalho curiosos, depois se inclinou sobre seu antebraço e estava muito verdadeira. — Você sabe quantas visitas tivemos dos assistentes sociais do condado e todos aqueles departamentos burocráticos de merda que são pagos para se intrometerem? Bem, meu pai tem sido uma bola de algodão desde que eles se foram. Mamãe está com medo que ele esteja usando O OxyContin²⁰ de novo — toda vez que ele se torna agradável, ela fica paranóica — mas nós soubemos o placar, não sabemos? — Marsh estava evidentemente alegre — O que quer que tenha possuído Pen, lhe devo um enorme Obrigado. —

Possuído! A palavra ressoava enquanto Marsh divagava. — Tenho a intenção de desfrutar enquanto isso dure. Há uma festa hoje a noite dos garotos Williams, e eu nem mesmo pedi

²⁰ Analgésico.

permissão. Crane Williams é adorável, ele e seu irmão, Duck, têm uma banda. Not From Connecticut. Pen os conhece. Será divertido e... e Dice? —

— E? O quê? —

Ela demonstrou irritação. — Você veio me ver, e depois me ignora. —

— Eu ouvi. Uma festa... um pato... alguma banda. — Minha mente tem multitarefa. — Certo.

—

Pedalei como uma pessoa louca. A Sra. Brinker (de volta a familiar monotonia) tinha pouco para eu fazer, assim tirei vantagem na seção de referências. No qual foi inútil — manuais de jardinagem em abundância, mas a seção não tinha muita coleção de ocultismo. Então eu fui para a internet, colocando — espírito de possessão — na caixa de busca. Toneladas de besteiras, alguns dados misteriosamente no alvo, mas de algum modo distante. No site onde vi que a possessão é geralmente parcial, ao menos inicialmente — uma possessão sem regularidade incomodada por um fantasma / demônio. Que se encaixava ao comportamento de Pen. Em outros sites li que os mais psicologicamente sensíveis são, os mais propensos. Se for assim, o espírito deveria ter me escolhido ao invés de Pen? Quero dizer, eu amo a garota, mas ela é tão profunda quanto um pires.

Então novamente, isso tinha sido uma invasão arbitrária. Se Pen se tornou uma hospedeira para o fantasma, o ponto de entrada deve ter sido sua queda do Freixo (O freixo (*Fraxinus excelsior*) é uma árvore da família das Oleáceas, a mesma família a que pertence a oliveira). Quando sua alma foi saiu, ele — o cara da minha visão — entrou. Ele esteve vivendo ali, esperando, observando as estações mudarem. Isso era possível? Uma árvore podia dar refugio aos mortos inquietos?

No impulso adicionei aos favoritos o site de possessões, — o freixo — e... uh-oh... mm-hmm... Isso era tudo sobre mitologia Grega e Nórdica... sagrado para Wiccans, Druidas e Celtas... Uma árvore de profecia e pressentimento... E sua madeira para o tradicional material para alça de uma vassoura de bruxa.

Espera, espera... Fascinante, mas eu divago. Determinando se Pen estava realmente experimentando — a inoportuna intrusão ou interferência de um espírito dentro dos pensamentos, vontade e/ou corpo. — foi o assunto em pauta, mas quando voltei para ele, eu bati em uma parede. Havia sintomas de possessão em abundância, mas nada como comprová-lo. E se Pen estava realmente possuída... Então o quê?

— Candice? —

Eu cliquei saindo da página web de maneira rápida e a Sra. Brinker pensou que eu estava vendo pornô. — Sim? —

Ela se afastou de sua bibliotecária amarrada. — Você vai sentar-se a mesa de retirada enquanto Miranda vai almoçar, por favor? E então eu tenho uma pilha de livros que precisa ser devolvido para as prateleiras. —

Eu rebati com o sorriso inútil. — Claro, Sra. Brinker. É para isso que estou aqui. —

Resmungando, ela desistiu, e eu estava feliz pelo trabalho mecânico. Isso preencheu o dia e quando isso estava feito, eu pedalei forte até Daisy Lane e atirei minha bicicleta do gramado dos Leonard. Peanut, o golden retriever e Popcorn, algum tipo de enfeite, terrível nervosismo, latindo histericamente.

— Não deixe esses cães entrar, Candy! — me advertiu tia Lainie igualmente estridente.

Eu empurrei Peanut da porta, evitando seus olhos tristes. Minha tia apareceu no hall para assegurar de que eu não havia permitido um só pêlo de animal de estimação infiltrar-se em sua casa.

— Você gostaria de algo para beber? — perguntou, mal revelando os dentes. Durante um breve período em 1980, Lainie havia sido uma modelo/ atriz — uma carreira que deixou a família de cara amarrada, mas secretamente festejando. Sua maior afirmação para a fama foi um comercial de TV, de um protótipo de branqueador dental chamado Dazzel Drop, durante o qual ela deveria lambar sua linha de dentes para a câmera e a prometer. — Você vai ser deslumbrante só com uma gota de Dazzle Drops! — o sorriso de Lainie mantinha o orgulho, ela tinha passado isso, juntamente com outros atributos, a sua nova e melhorada versão, também conhecida como Pen. — Tem limonada, chá gelado, néctar de damasco, embora você saiba que deve tomar água pura... — Lainie tem o dever de observar o peso do mundo. — Oh, e eu fiz alguma fornada, três tipos de bolinhos. —

Só que ela não observava muito bem — a pobre, mulher em conflito, choradeiras entre Betty Crocker e Jenny Craig.

— E acho que ainda restou uma quantidade ínfima de pavê da noite passada... —

Lainie freqüentemente usava palavras como — quantidade ínfima — . Swoonismo.

— Nada, obrigada. — eu disse a minha tia. — Então, onde minha garota está. — A gramática popular deixava Lainie com urticárias. Portanto, meu uso dela.

— Na piscina, deitada. — disse, como se tomar sol fosse comparado com um injetando heroína. — Candy, convença ela de se cobrir, você vai conseguir, a forma como ela corteja o envelhecimento prematuro é trágico. O sol ainda é ilusoriamente forte depois das quatro. —

Então Pen não era completamente perfeita na opinião de sua mãe? As maravilhas alguma vez cessavam? Eu a encontrei em uma cadeira, de óculos escuros, seu iPod, e uns pedaços de tecido. Eu puxei um dos fones.

— Oi. — Ela tirou seus óculos de sol, espreguiçou-se e sorriu.

Me sentei em uma cadeira, casualmente. — Vamos a festa de Crane e Duck Williams? —

Pen levantou uma sobrancelha. — Como você os conhece? —

— Não conheço? — lhe disse. — Marsh sim. Oh, ela disse para lhe agradecer. — Ela não tinha dito, realmente, mas eu precisava avaliar a reação de Pen. No qual estava inquisitiva — ou possivelmente cautelosa.

— Agradecer a mim por quê? — ela era toda inocente.

Eu não estava comprando. — Por aquela façanha nos estábulos ontem. De acordo com Marsh, papai estúpido está sendo muito menos de um imbecil. — Tendo em mente de como começou tudo, acrescento. — Devo te agradecer também, por ter me dado cobertura quando o racismo apareceu na cabeça feia. Então, obrigada. —

Desgosto marcou seu rosto. — Ah, vamos lá, eu não fiz nada, verdade. — Pen olhou para o céu, como se para um oráculo. Havia apenas um jato. Estava empurrando seu lábio. — Exceto talvez provocá-lo um pouco. Ele é tão grosso. —

Provocar? Se aquilo era provocação, a Esfinge era feita de massinha de modelar.

.

Pen tirou o outro fone e ficou de pé. — É este calor, — ela disse. — Isso está me fazendo ansiosa, e faz com que sua imaginação trabalhe mais. — Com isso, ela se dirigiu para o trampolim, realizou um salto impecável e nadou o comprimento da piscina em uma respiração. Pen chutou a parede, girou e acariciou levemente o centro.

Talvez ela estivesse certa. Ou talvez só porque eu tenho uma imaginação hiperativa não significa que forças estranhas não estão acontecendo. Me levantei, saindo.

— Aonde você vai? — A cabeça de Pen surgia no azul.

— Casa. —

— Você quer pegar emprestado uma roupa para está noite? —

Eu já me virei afastando.

— Insisto em que você pareça arrebatadora! — ela gritou para mim.

Como se qualquer coisa no guarda-roupa Pen daria abordagem a minha definição de arrebatadora. No qual é: sutiã vermelho brilhante, top preto, calça baixa, grandes botas. Eu gosto de um decote para mostrar todo meu pescoço. Calças que passeiam pelos meus quadris para mostrar minha barriga, que é redonda e não plana, e não irá me levar a MTV tão cedo, mas gosto disso. Meu cabelo fez o que ele faz, formou um monte de cachos em minhas costas. Temos um pacto, meu cabelo e eu — ele não me incomoda e eu não o incomodo. Mas me dignei a aplicar alguma maquiagem, um passar de Kohl,²¹ uma corte de escarlata. Eu vi o resultado. Not from Connecticut, eh?

Os garotos Williams não são, se fato, de Conecticut. São britânicos. Swoon é um lugar de boêmios transitórios, os Williams são tolerados ou adorados, dependendo de quem você fala. O pai inventou algo, o investiu em algo, eu não sei, mas ele fez uma mina de ouro. A mãe é uma mulher renascentista: artista, ativista e — salvadora benevolente tanto quanto Swoon concede — aristocrata, uma genuína duquesa.

²¹ Lápis preto muito macio.

Desde que as residências dos Williams espalham-se pelo globo, a família só mora aqui quando estão de péssimo ânimo, é por isso que eu não os tinha encontrado ainda. Crane e Duck (nome real: Simon) era uma novidade. A festa, quando Pen e eu chegamos, estava cheia, transbordando da casa para a área ou vice-versa.

— Oi, oi, um prazer! — Duck veio nos receber. Robusto, corado e loiro, que se encaixa com o resto da multidão, embora tivesse um sotaque britânico e uma serpente roxa enrolada no pescoço. — Você é Pen, sim? Encantado em conhecê-la, e você é? —

— Sou Dice. —

— Oh, muito bem! — Duck nos fez cócegas com sua plumagem. — Olha, sou um terrível anfitrião, então peguem alguma coisa vocês mesmo. — Ele acenou um braço para indicar uma mesa cheia de comida. — Diga-me, vocês viram meu irmão? Provavelmente está na dispensa. Estávamos supostamente jogando... — ficou zangado e foi a procura de Crane, eu acho.

Pen e eu nos misturamos. Álcool em abundância. Os pais dos Williams devem ser calmos com bebidas para menores, muito continental da parte deles. Mm, champanhe — muito prazer. Bebemos a goles, mordiscamos; e rimos dos pavões no gramado, tocando e perturbando os convidados. Falamos com as pessoas. Kurt Lito, que limpa bem, queria saber se Pen havia subido em alguma árvore recentemente. Ele tinha um amigo com ele que estava sendo paquerador. Eu o apaziguei — algo para fazer.

Outras pessoas nós não falamos. Anderly Addams, por exemplo, a irmã menor de Burr e alta sacerdotisa do culto de abstinência local. Não era grande fã de Pen, ela entrou em convulsão boba recuando ao nos ver, o trio de robôs coladas atrás. Pen e eu sacudimos nossas cabeças, mas logo ela espiou Burr. — Bem, — ela disse alegremente, — melhor que vá checar meu futuro noivo. — Ela bebeu todo o champanhe. — já vou. —

Eu a deixei ir. Vagando em volta, encontrei Marsh, que estava bebendo constantemente. Isso significa que eu ia ser babá. Ok, tudo certo — Marsh merecia se soltar. Um baseado chegou até nós; eu me assegurei que ela só desse uma tragada. Eu não me importava de ser babá, mas também não apreciei o pensamento de segurar seu cabelo mais tarde.

— Vamos dançar ou alguma coisa, — Eu disse.

— Oh, sim! Vamos dançar! —

A música era palpitante e eu sou uma dançarina muito descente. Uma habilidade que havia aprimorado com Ruby.

— Você só tem que entender o ritmo em dois lugares: sua mente e seu coração. — Ela aconselhou. E ela tinha razão. Eu verifiquei meu cérebro, esqueci meus pés e mostrei como fazemos, ao estilo West Side. Marsh era como um louco moinho de vento, no qual a mantinha bebendo mais cerveja. Isso era divertido, mas depois, quando o aparelho de som tinha concorrência. Do lado de fora no pátio, Not From Connecticut tocavam.

— Quero ver a banda! — gritou Marsh, arrotou, e puxou meu braço. — Vamos Dice. É rock! — Primeiro fomos ao banheiro, Marsh fez muitos ajustes em sua bandana, no qual me pareceu

bastante minuciosa para alguém bêbada. Satisfeita, ela levantou seu punho e gritou N! F! C! Whoo! — andando pesadamente em direção a música.

O som agudo e estrondo da guitarra, a agressão selvagem na bateria, e o que era isso? Um violino? Sim, uh-huh, alguém estava definitivamente interferindo com um violino.

Nos movemos entre a multidão e vi que esse alguém era Pen.

Ela estava em pé na mesa, seus sapatos do lado. Batendo os pés descalços. Chicoteando o rabo de cavalo. Dedos um borrão. Pessoas lançando seus corpos ao redor. Os garotos Williams — Duck com o baixo e Crane com a guitarra — tomaram uma posição de adoração abaixo de Pen, não importando nenhum pouco que uma mulher sexy roubava sua celebridade. Especialmente desde que ela estava gemendo, realmente rasgando-se. Os garotos tinham dificuldade de manter o ritmo das notas jorradas de seu arco.

Exceto que Pen não podia tocar o violino.

Pen nem mesmo toca um triângulo.

Estranho? Decida por você mesmo. Eu fazia isso com minha mente. Então quando Pen saltou da mesa, ainda serrando para trás e adiante, eu peguei seu rosto, agarrei ela pelo braço e sussurrei. — Que é você? —

Que a fez parar. E quando ela parou, os tambores e guitarras também pararam. Os corpos pararam, membros e torsos e cabeças. Pararam de beber e fumar. No bosque e campos que nos rodeavam, um consórcio de criaturas pararam. Acima de nós, a lua e as estrelas paradas, assim como a terra embaixo de nossos pés.

Olhei dentro daqueles olhos ônix. — Quem... diabos... é você? —

Pen sorriu. Não era o sorriso de Dazzle Drops, de sua mãe, mas era um amplo, selvagem, daqueles curvos. Com um cuidado exagerado, colocou o violino e o arco na cadeira. Então minha prima que não tinha jeito de ser minha prima se aproximou com um sussurro rouco e quente o suficiente para derreter o meu interior: — Oh, minha senhora, pensei que nunca perguntaria. —

E, num piscar de olhos, estávamos correndo.

O mundo respondeu, atividade nos percorreu novamente. As nuvens nos perseguiram, disfarçando a lua três-quartos e então ambientou gratuitamente. Com coro de grilos era uma trilha sonora. Onde íamos? Eu não tinha idéia. Eu só sabia que nós tínhamos que estar sozinhos. Ultimamente, o caso se fez óbvio. A casa do Williams, um marco histórico, está — na cidade — um escasso quarto de milhas do Village Green. Que estava deserta e debilmente iluminada por lâmpadas de gás quando chegamos ali. Pelas árvores altas e antigos freixos, isso estava mais escuro. As nuvens encobriram a lua mais uma vez, e a escuridão estava completa.

— Vamos, então! — A ordem não foi nem um pouco sem fôlego.

Mas eu não podia ir.

— Você quer me conhecer, então vamos. — Era meio sarcástico, meio suplicante, e completo e objetivo. — Em toda esta cidade, em todo este mundo, é você quem irá entender. —

Queria entender, eu queria. Só tinha um problema. Medo. Você aprender sobre lutar ou fugir, mas ninguém menciona a terceira opção, congelar.

— Tudo o que precisa fazer é me tocar. Segure minhas mãos... olhe em meus olhos e... me... conheça... —

O ar estava calmo agora. Um leve toque que infiltrou a noite, mas não era o frio que agitou minha pele. Medo do conhecimento me mantinha presa. Qual são os clichês? A ignorância é uma benção? A curiosidade matou o gato? Não pergunte, não diga? Eu levantei meus olhos para a copa das folhas, todo o movimento que eu podia reunir. Não podia fazer força para ir adiante; eu só podia deixar cair minha cabeça e fechar meus olhos.

Aqui era a quietude do impasse, e então estas palavras, em uma voz desafiante e definitivamente masculina: — Não me deixa outra alternativa do que levar. —

Levada eu fui. Agarrada, levantada, pressionada contra o tronco da árvore, então minhas mãos, abraçaram e exigiram.

— Olhe para mim. — Disse com voz suave. — Por favor. —

Eu gostaria, eu gostaria, eu gostaria.

— Olhe... para... mim. —

Eu gostaria. Eu poderia. Eu faria. Dividi a luz da lua e as nuvens uma vez por todas quando abri meus olhos. E lá estava ele. Segurando minhas mãos, levantando como uma ponte entre nossos corações, o garoto mais lindo que eu já tinha visto.

Capítulo 7

TUDO O QUE VOCÊ ACHA QUE SABE SOBRE FANTASMAS ESTÁ ERRADO. Mortalmente errado. Não há transparência ectoplásmica,²² nada de fogo-fátuo²³ em um lençol de algodão. Ele parecia... substancial. Mas, vendo é inacreditável. A sensação é. E oh, eu o senti. Uma mão dura, com calos, de dedos longos, com sua potência só insinuada segurava a minha, como se sua vida, ou algo assim, dependesse disso. A energia do seu toque era como um tiro certo no meu sangue.

— Meu nome — ele falou, — é Sinclair Youngblood Powers, fui condenado à morte, neste mesmo lugar, no ano 1769 depois de Cristo. —

²² De ectoplasma, vapor branco que sai de pessoas médiuns para materializar espíritos, sem existência comprovada.

²³ Luz azulada que pode ser encontrada em pântanos e cemitérios devido à combustão de gás metano. Como lenda refere-se a espíritos diabólicos que fazem os viajantes se perderem e os machucam, são considerados presságios de morte ou desgraça.

O que podia explicar a roupa. Fraque longo e uma camisa de colarinho feita de linho grosso, nada fabricado na China para a Abercrombie & Fitch.²⁴ Eu podia apreciar um risco de moda, mas eu ainda estava, literalmente, assustada. Tudo bem, eu disse a mim mesma, ele é um fantasma... mas ele também é um cara. Eu sabia como falar com rapazes, casual, flertando ou sem emoção.

— Eu sei, — eu disse, o mais uniforme o possível, ele é um assassino condenado e tudo. — Eu estive lá... recentemente. —

Isso o chocou — a maneira como sua cabeça se inclinou, os olhos escurecendo mais, — mas ele escondeu isso. — Sério? — Seu tom formal, a civilidade aparentemente para a guerra com movimentos selvagens e assustados, que também mexeu comigo. — Extraordinário. Você é quase uma bruxa, minha senhorita.²⁵ —

A palavra — bruxa, não senhorita — me fez estremecer. Deixando a aflição psíquica de lado, eu nunca me interessei por nada mais formidável que crochê. — Não... — eu disse com pouca convicção, não havia como negar.

Eu tinha acabado de conjurá-lo, firme e inabalável em sua própria altura de seis pés — talvez seis e um.²⁶ Como eu sou um pouco alta, eu só tinha o ângulo do meu queixo para estudar aqueles olhos, finalmente, no rosto daquele garoto, grande, pálpebras pesadas, com uma profundidade desconhecida.

— Ah, mas sim — ele refutou, o canto esquerdo de sua boca se elevou e então o canto direito como se ele revelasse um branco e largo sorriso — adequando, finalmente, na boca do garoto, cheia no lábio inferior e esculpida em cima. Seus dentes ligeiramente inclinados para longe um do outro — a ortodontia que começava há alguns séculos — que o deixava com a aparência de um lobo. — Ouvi dizer que eles esperam uma grande colheita no olho de salamandra²⁷ esse ano — .

O que...? Ótimo — um comediante levantado do túmulo. — Você é tão engraçado — , eu brinquei. Isso era o meu terror falando.

— E você, senhorita Dice, é arrebatadora. —

Depois de tudo, eu tinha minhas dúvidas, mas eu sei como aceitar um elogio.

— Obrigado — eu disse, não surpreendida por ele saber o meu nome; ele deve ter pego algumas coisas estando com Pen durante um mês. — Mas só Dice irá fazer. — Então eu estreitei meu olhar. — Então, qual é o seu negócio? Você tem o hábito de ficar dentro de garotas e rapazes inocentes? — Ele me olhou como se eu falasse a língua de Marte, ele não tinha pegado. — Deixe-me reformular: É uma prática comum sua, enviar a sua alma para as moças de Western Connecticut? —

²⁴ Loja de roupas e acessórios norte-americana para homens, mulheres e crianças.

²⁵ Ele a chama de *my lady* todo o tempo.

²⁶ 6 pés equivalem a 1,82 metros; 6,1 pés = 1,86 m.

²⁷ Do original: *eye of newt*, que vem da expressão: *eye of newt, and toe of frog*, se referindo a ingredientes para poções de bruxas, já que Sin chamou a Dice assim.

— Não, não realmente, — ele disse uma vez, ríspido como uma flecha, agora. — Esta tem sido a minha única oportunidade em... Diga-me, minha senhorita, exatamente em que ano estamos?

Como ele poderia saber? Pen não era uma leitora ávida de jornal. Eu dei a Sinclair o dia, o mês, o ano, e deixei ele assimilar isso

— Uau ah..., é essa a expressão? —

— Um-uhum, — eu disse. — 'Uau' pode resumir tudo. — O garoto fantasma aprendia rápido.

— Eu sabia que tinha chegado longe, mas, novamente, uau. Seus hábitos nesta época... a maneira que vocês comportam... a maneira que vocês se vestem. — Ele me olhou apreciativamente. — Eu vou aproveitar isso aqui... agora. —

Havia um sentimento de poder em seu tom. — Bem vindo ao século XXI, Sinclair Youngblood Powers — , eu disse a ele maliciosamente.

— Perdoe-me, minha senhorita. — De repente ele estava humilde. — Você não deve pensar que eu vou aproveitar da sua boa vontade... —

— Ei, não foi para o meu corpo que você se mudou. Foi o da Pen. —

— Sim — ele disse ele calmamente. — Pen — Eu chequei para verificar se ele tinha começado a parecer um pote de luxúria ou a se comportar como um cachorrinho — as duas maneiras que os caras geralmente respondem quando Pen é mencionada. Ao contrário, ele parecia sombrio. Eu acho que ele conhecia a garota de forma diferente; sua situação quando ele a conheceu era, para dizer o mínimo, original. Ele pressionou seus lábios, pensativo, e suas sobrancelhas, que eram cheias, mas não tão grossas, se juntaram. Uma mexa de seu cabelo preto caiu na frente de sua testa. Então ele se parecia apenas com um homem, quase vulnerável.

— Ei... — , eu disse. — Sinclair? Eu não quero ser rude. Quando você disse que eu deveria entender você... Eu quero, eu tento. —

Só então fomos abatidos pelo silêncio, me virei para assistir uma coruja partindo de uma árvore e pegar na grama aberta algum pedaço de caça — um rato, uma toupeira cega, um esquilo. Isso foi tão rápido, tão superficial, tão feroz, tão puro e natural, que me fez dar um suspiro, como se as entradas de ar dos meus pulmões tivessem se fechado, Sinclair me puxou para perto. Ele também viu o caçador da noite lutando com o jantar entre as suas garras. Eu me virei para ele. Seus olhos eram ilegíveis. Eu me perguntava o que ele viu nos meus.

Após um tempo, ele disse: — Isso é como uma saga. Minha história, é isso. —

Um dos benefícios dos pais sempre estarem ausentes: eles não impõem um toque de recolher. Embora o que tia Lainie e o tio Gordon iriam dizer quando Pen não aparecesse na hora marcada, eu só podia imaginar. Se eu quisesse. O que eu não fiz. — Eu tenho a noite toda. —

— Sim, mas não podemos ficar muito bem a noite toda — , Sinclair disse razoável. — Eu gostaria de remover meu casaco, colocar ele no chão, então você poderia sentar nele. O que exigiria que nós... você vê, eu acredito que seja vital nos tocarmos, se eu estou para... —

— Sem problemas — eu disse com uma certeza súbita. — Nós podemos deixar ir por um lado, se nos segurarmos firme com as nossas mentes. —

E assim começou este minueto²⁸ louco. Nós nos desenlaçamos (a minha mão esquerda da sua direita), eu o ajudei a tirar o casaco de um lado, notei a largura de seus ombros e costas. Em seguida, voltamos a dar as mãos (a minha esquerda, a sua direita) e nos soltamos (minha direita, sua esquerda) para libertá-lo totalmente, rindo o tempo todo.

— Muito bem, vamos arrumar o casaco aqui na grama... —

Nós quase batemos as cabeças com essa manobra, mas tínhamos que fazer, seguramos as mãos novamente e nos ajoelhamos.

— Você está confortável? — Perguntou Sinclair.

— Razoavelmente — , eu disse.

— Eu poderia mover isso... —

— Ou eu poderia... —

Rimos novamente. E, então, ficaram quietos. Até que eu disse, — Tudo bem. —

E Sinclar Youngblood Powers começou a me contar tudo.

Capítulo 8

NÃO UM FILHO NATIVO DE SWOON, SINCLAIR YOUNGBLOOD POWERS tinha nascido no ano de 1751 DC, algumas centenas de quilômetros a leste, perto da cidade de Talverne. Referências são escassas, documentos não existem, assumindo a sábia suposição de que ele veio a esse mundo em uma tenda. São poucos os fatos, mas existe uma legião de comentários sobre um romance entre o fazendeiro Q. Thomas Talverne e uma moça da tribo Mohegan²⁹ chamada Kisoma. Ambos foram ousados, mas nunca faz bem para uma mulher ser ousada, especialmente se ela tem a pele vermelha e despertou alguém com o mesmo nome do homem branco da vila. Se alguém chorou pela moça quando ela desapareceu, foi com lágrimas silenciosas. A criança que ela teve pode ter desaparecido com ela, mas Kisoma planejou para contornar esse fato.

²⁸ Dança com passos curtos e rápidos.

²⁹ Mohegan é uma tribo indígena de Connecticut.

— John! John! Venha depressa! — Gritou Amelia Youngblood Powers naquele dia glorioso de verão. Tão glorioso, que ela tirou suas botas e puxou as saias para percorrer o rio de cristal. Mas o que ela descobriu a fez chamar seu marido em alarme.

John saiu de seu piquenique junto ao banco para atender sua esposa. Amelia era teimosa — que tipo de mulher deixa o homem fazer a refeição, enquanto caminha para molhar seus pés? Mas John amava Amélia, de sua cabeça dura aos seus pés molhados, e, quando ela gritou novamente, ele duplicou seu ritmo.

Lá estava ela, agachada em caules de palha, a saia inflando, mais do que com os pés molhados agora. — John! Venha aqui e me ajude... —

John Powers trabalhou com sua esposa, através do alargamento do rio, onde estava presa uma pequena canoa e, envolto dentro dela, uma criança completamente acordada com olhos curiosos, profundos e negros. O casal soltou a canoa e, a partir dela, a criança, a quem Amelia embalou nos braços. — Como Moisés... — , ela sussurrou.

Sua mente se clareou — John não iria procurar mudar isso. Em seus cinco anos de casamento eles tinham tido abortos e natimortos, partos de agonia com suor e roupa de cama ensanguentada. John estava atrás de sua esposa e a abraçou, olhando por cima do seu ombro para os olhos do bebê na manta colorida, o garoto que seria seu filho.

— Moisés, é? — Eu tive que interromper. Sua história e a maneira como ele a contou — sonoramente, com brasas em seus olhos e mais do que um toque de ego — já estavam trabalhando em mim como um feitiço. Provocá-lo parecia ser minha única defesa.

— Eu não disse que eu era como Moisés, ela disse — , falou Sinclair. — E ela não quis dizer isso no sentido profético, ela simplesmente... —

— Eu peguei isso, Eu peguei. Cesto-nas-folhagens, sim, aham. — Dobrei a minha pressão em sua mão. — Eu estava apenas te dando um tempo. Continue... —

Onde há cavalos, deve haver um ferreiro. Assim, John Powers se mudou para Talverne. Não importa como as pessoas piedosas poderiam ter murmurado com olhares de soslaio.

— Poderíamos pensar que os corações dos nossos vizinhos seriam acesos pela nossa caridade, — ponderou Amelia Poderes depois de serem esnobados.

— Seria de se pensar, — John Powers concordou, embora estivesse desconfiado.

— Talvez eles venham por aí, — disse Amélia.

— Talvez, — disse John, mais desconfiado.

Os traços herdados do enfeitado Talverne — testa larga distintiva, magreza, nariz reto — não lhe fizeram bem, nem a sua face proeminente e a pele de cor alaranjada herdadas dos Mohegan. Porém ele tinha um jeito com o mundo — uma compaixão inerente para com os seus semelhantes e para com os animais, um conhecimento incrível do que era desejado, necessário e ansiado. Sinclair era uma comunhão, e as pessoas eram atraídas com o seu fulgor.

Ao mesmo tempo e em contraponto definitivo estava a atitude do menino. Metade Mohegan que ele era. Educado por um ferreiro humilde como ele foi. Contudo, era um Talverne. Cresceu, com uma mulher educada também — Amelia Youngblood Powers, filha de um professor de Hartford. Assim Sinclair tornou-se dono das atitudes de um cavalheiro. Ele leu tudo em que ele poderia colocar os olhos. Ele aprendeu a tocar e apreciar a música. Sua inteligência e opinião eram solicitadas. E ele não sofreu com enganos.

— Aii... aii... — Ficamos cara-a-cara, ainda de mãos dadas, com as pernas dobradas — e eu precisava desesperadamente mudar minha posição. — Desculpe, meu pé está dormente. —

— Seu pé...? —

— Você sabe, alfinetadas e agulhadas. — Isso era como conversar com um estudante de intercâmbio.

— Alfinetes e agulhas... —

Eu fui literal. — Isto é apenas o que você diz quando você corta a circulação e tudo fica formigando. —

— E você está... toda formigando? —

Eu poderia ter dito: — Só o meu pé, cara. — Ao invés disso eu imitei seu modo de se expressar: — Pardon, senhor, mas eu realmente preciso — Uhh! — parar isso. — Eu estendi minha perna, libertando uma mão para segurar o despertar da minha canela, senti Sinclair intensificar seu poder sobre minha outra mão. Na minha mente também. Ele não queria ir embora, esse menino.

Aquele menino! Q. Thomas Talverne tinha uma urtiga ao seu lado, uma pedra em seu sapato, uma coceira que se recusava a diminuir, não importa como ele coçasse. A cada ano que passava o incomodo piorava. E se o menino descobrisse a verdade, na procura de seus verdadeiros progenitores? A esposa de Talverne tinha sido amável o suficiente, esperta o suficiente, para não dar ouvidos as fofoca. O filho e herdeiro de Talverne tinha uma governanta — não tinha havido nenhum risco de insulto pelos jovens locais. Porém... que menino. Essa meia-raça bastarda. Tão atraente de se ver. Tão popular na cidade. Sinclair Youngblood Poderes estava se tornando homem. Algo precisava ser feito.

Talverne tinha maneiras. Ele tinha meios. Um incêndio. Com evidências produzidas, Talverne poderia fazer o rapaz ir embora. Finalmente, o momento certo se apresentou, quando a mãe de Amelia Powers adoeceu, e John Powers viajou com sua esposa para Hartford. O jovem foi deixado a cargo do ferreiro — aos quinze anos ele era adepto a forja, formões e pinças. E assim ficou definido — indícios de incêndio criminoso incriminaram Sinclair. Um vento nordeste alimentou o fogo na loja do ferreiro e alastrou-o para casa dos Powers, Sinclair combateu as chamas em ambos os lugares. Sete cavalos gritaram no meio da noite, três sobreviveram. Quanto à propriedade, mais nada restou nas cinzas.

— Você treme, Dice. No entanto, não pelo frio. —

Verdade, isso. Calafrios, mm-hmm. Frio, uh-uh.

— E você não está... não deve estar... por favor, diga que você não está com medo de mim.

— Não seja bobo, Sinclair. Eu não tenho medo de você. — Uma grande mentira, claro.

Ainda assim, não foi o medo que me fazia tremer.

— Talvez seja febre, — ele conjecturou. — Você é propensa a febres? —

Na verdade, eu era, mas apenas pós-visões. Caso contrário, era forte como um boi. Essa não era um tremor pré-visão, que acontece de fora de mim para o interior. Este tremor vinha de dentro. Como é que ele não sabia a causa — ele que era tão sensível, ele que tinha união? Talvez ele soubesse, talvez ele estivesse simplesmente apontando meu estado para mim. Eu dei de ombros, mas não pude encolher os ombros. — Não... não realmente, — eu disse.

Eu não estava sendo tímida. Eu não sou tímida. Eu realmente não tinha idéia do que estava acontecendo. Isso nunca tinha me acontecido antes — esse tremor no meu interior me fazia sentir dançando e sonhando, derretendo e flutuando, vivendo e morrendo, tudo de uma vez.

Com casa e o trabalho nas cinzas, e a mãe, Amélia, ainda não curada, os Powers decidiram permanecer em Hartford. Nenhuma acusação foi feita, assim a trapaça do proprietário do terreno artifício não entrou em cena. Sinclair tinha suspeitas, mas o que está feito, está feito. Ele saiu de Talverne. Ele foi descansar — primeiro, em Hartford.

— Você vai ficar aqui — , disse sua mãe. Amélia tinha pensado sempre que Talverne era uma cidade provinciana. Aqui seu menino poderia completar sua educação, viver de acordo com seu potencial.

— Não, mãe, eu não vou. —

Seu pai ficou seguro. John Powers tinha dado para seu filho as habilidades, honra e tudo o que tinha para dar. Agora era com Sinclair.

Para oeste, ha! A fronteira era vasta, e Sinclair ansioso partiu com sonhos de triunfo. A realidade, porém, prevaleceu. Ele não tinha dinheiro. Ele não tinha amigos. Ele teve que dobrar seu trabalho. E assim sua exploração levou-o apenas para Swoon — um lugar com arados, carruagens e carroças, com os pilotos e passageiros, mas nenhum ferreiro.

Mas quem era esse jovem com a pele bronzeada e olhos implacáveis? Swoon era cautelosa com estranhos, Sinclair encontrou boas-vindas inquietas. Ele era necessário, mas o não queriam. E uma vez que ele se instalou, ele percebeu que ele era desprezado... mas também desejado. As boas esposas e filhas de Swoon ficaram intrigadas com ele. Seduzidas por ele. Alguns diriam que, até, enfeitiçadas.

— Devo deliciar você agora contando como eu perdi minha virgindade? — Sinclair disse debilmente enquanto subiu em seus joelhos para se esticar. Debrucei-me para trás enquanto ele agarrava meus pulsos, então temos que inverter isso, yoga à deux.³⁰

— Oh Deus, deixe-me adivinhar, — eu disse enquanto ele se arqueava. — Foi no palheiro com a leiteira gorducha? Ou talvez com a amante robusta da mais grandiosa casa de Swoon? —

Sinclair riu enquanto nós levantávamos nossos braços, esticando-os em conjunto para o céu iluminado. — Houve de fato uma leiteira, mas ela não estava me ensinando. Minha honra caiu quando... —

— Poupe-me dos detalhes. — Isso incomodou, a idéia dele na cama de outra menina ou no celeiro. O que era louco. Imagine estar com ciúmes de eventos de quase duzentos e cinquenta anos atrás, envolvendo um rapaz que eu mal conhecia, cuja existência estava além do reino da possibilidade. — Só pinte o quadro com traços largos — .

Nenhum meio-índio poderia fazer um jogo adequado para qualquer boa filha de Swoon. Então, Sinclair foi deixado para cortejar e ser cortejado nas sombras. No entanto, as sombras correram galopantes do crepúsculo ao amanhecer. Sombras, sim, em palheiros e estábulos. Sombras, sim, nos aposentos de senhoras refinadas. Sombras, sombras abundantes, nas profundezas da floresta. Foi tudo um jogo para o vivo ferreiro, uma cambalhota, uma traquinagem. Se com o ato sentia-se certo e muito, muito bem, não poderia haver mal nenhum nisso. Isso também afirmou claramente que ele era o filho de seu pai, e Q. Thomas Talverne não era de negar a si mesmo. Tal pai, tal filho, Sinclair alimentou sua fome de desejo como qualquer outro, alimentou-se plenamente, sem desculpas, e, saciado, dormia bem.

Até que ele se apaixonou.

— Você tinha se apaixonado? —

— Eu tinha — .

Um monte de perguntas ocorreram-me. Como, com quem? e, Como ela era? e, Como você ficou? Todas elas ficaram presas entre a minha laringe e o ar. Eu não tive que perguntar, no entanto. Sinclair começou...

O nome dela era Hannah Miles. Cabelo como o cobre, o riso como prata, o coração de ouro e a vontade de ferro.

— Oh, para ouvi-lo, Sinclair Youngblood Powers! — Hannah diria. — Você é como uma forja, você tem um metal para cada parte de mim. —

— Não é assim, minha querida Hannah. Não há metal para este local, — Sinclair diria, e a acariciaria.

— Não aqui... — Aplicou-lhe um beijo. — Não aqui... — E completamente. Hannah iria suspirar. E lá eles iriam ficar junto, não nas sombras, mas à luz do dia, em uma pastagem aberta, com espartilhos e coletes afrouxados e o mundo rolando diante deles.

³⁰ A palavra *deux* é usada quando se fala em movimentos realizados em dupla, no caso, yoga.

Embora às vezes Sinclair meditaria. — Eles não nos deixaram ficar juntos. —

— Eles não têm escolha, — Hannah se oporia. — Nós já estamos. —

No entanto, a resistência à união deles os deixou em um nevoeiro obstinado. Quando os pais de Hannah não deram permissão ao casamento, ela se rebelou por instinto. Falando insolentemente. Ignorando a igreja. Passeando pela cidade sem o seu chapéu, ondas cor cáqui rivalizando com o sol. Os fazendeiros e cidadãos de Swoon não disseram uma palavra, mas cortaram relações com os Miles como se fossem frutos podres. Até mesmo o ministro afastou-se da mãe de Hannah quando ela veio em busca de conselhos — o seu assistente sorriu fracamente, disse que o homem de Deus estava ocupado, e fechou a porta. A Mãe de Hannah ficou em silêncio. Seu pai se embebedou.

Hannah, porém, tinha seu Sinclair. E quando a prova de seu amor começou a aparecer em sua barriga, Ana a mostrou orgulhosa. Sinclair adquiriu um pouco de ouro e forjou uma aliança para o dedo dela — ela não precisava de um casamento.

Sinclair tinha feito nela seu filho — eles iriam começar sua própria família. Entretanto, o orgulho dela se mostraria fatal.

Hannah foi encontrada, seu vestido em farrapos e a vida tirada dela, uma manhã comum perto da rua principal de Swoon.

— Assassino! — Clamou o amante histérico, que nunca seria pai.

— Assassino! — Repetiu as boas pessoas de Swoon.

Porém, quando disseram eles isso, apontaram para Sinclar Youngblood Powers.

— Você sabe o resto. —

— Espere... não! Não houve um julgamento? —

Ele me zombou com a palavra. — Na decente comunidade de Swoon? Na grande colônia de Connecticut de Sua Majestade? Sim, certamente. Um julgamento. Uma sentença. Uma farsa! Eles não podiam esperar para me ver balançando. — Segui seus olhos para as árvores. — Eles nem sequer construíram uma força adequada. — Sua voz tinha caído para um murmúrio. — O carpinteiro, aparentemente, caiu de uma garupa. —

Que idiota eu era. Lá ainda não existiam unidades da CSI, nenhum teste de DNA. Não que a forense possa garantir a verdade quando os poderosos preferem a mentira. Ainda assim, tive que perguntar mais uma coisa. — Então... você nunca descobriu quem a matou? —

— Não — , foi tudo o que ele disse.

Capítulo 9

— MÃE, POR FAVOR... —

Era o momento de encarar a música, e Pen estava na primeira fila central.

— Juro, que não posso sequer recordar o que aconteceu. — Era um pouco depois do nascer do sol no café da manhã dos Leonard — ela me fez comer com ela, claro — e sua desculpa soava cansativa, como se ela estivesse falando a noite toda. — Mas duvido que você iria ter me procurado para dirigir se eu estivesse... se não me sentisse bem para isso. — Lá fora, a agitada tagarelice oito milhões de pintassilgos, aves e pardais reunidos. Pen tirou um pedaço do bolo e colocou na boca. Alguns pais marcham em modo de preocupação; minha tia cozinhava.

— Isso não é desculpa, Penny. Você podia ter ligado! — Lainie estava literalmente espremendo suas mãos. — Teríamos ido por você. Isso é muito... —

Bem alinhado e impecável em seu traje, o pai de Pen se moveu. — Enquanto vocês garotas estiverem bem, — ele disse, dando a Pen um rápido abraço como artimanha para farejar nela qualquer restígio de fumo, ou a colônia de algum cara mesclada com o cheiro de sexo. Tudo o que ele pode perceber era grama e orvalho. — Você nos deu um tremendo susto. — Satisfeito, ele se virou para sua esposa. — Mas estamos seguros de que você fez a coisa certa. — Havia uma maleta para recolher, assuntos para atender — o tio Gordon é um proeminente advogado estatal, sócio de uma firma em Hartford. Administrando um beijo para Pen, depois Lainie — ele inclusive tinha um tapinha pra mim — e saiu pela porta.

Pen começou a subir as escadas. O aroma do agradável purificador de Lainie permanecia no olfato. — Aonde você pensa que vai? — minha tia exigiu.

— Por favor, mãe, só quero desabar. —

Claramente, Lainie estava sem idéias — ela nunca havia castigado Pen antes. — Sim, correto, vá para seu quarto. E fique lá! — Pen piscou pra mim, apesar de cansada, por trás das costas de sua mãe, depois ela, também, se foi. Eu, de todo o modo, não havia sido explusa. — Bem, Candice. Não tem nada a dizer? — Lainie me olhou, totalmente convencida de que a pernoitada de Pen era minha culpa. Que, de fato, era.

— Eu não sei, — odeio mentir e não estava disposta a deixar Lainie me ligar a isso. — Foi uma boa festa, com muita gente. — Isso era verdade. — Não estive com Pen o tempo todo — nós não somos algemadas nos tornozelos, você sabe. — Também é verdade, embora isso era provavelmente meu interesse de deter o presunçoso. — Desculpe, Lainie, não posso dizer o que se passou na cabeça de Pen, mas eu estava me divertindo e não pensei em ligar p/ você. — Verdade, verdade e verdade.

Maldita seja, eu tinha que beliscar um pedaço desse bolo! Sentindo isso, Lainie deslizou o prato para o canto e marchou para a bancada da cozinha. Era este seu plano — matar-me de fome para eu confessar que havia corrompido sua preciosa cria? Ela se virou para mim novamente.

— Escute-me, Candice, — ela disse. — Eu quero ajudar a sua mãe. Ela é minha irmã, e eu a amo. Quero ajudar você também. Eu concordei de que ter você aqui seria benéfico. Eu concordei em cuidar de você quando seus pais não pudessem. Acreditei que podíamos conviver com você, que Penny seria uma influência positiva... não o contrário. Você sabia que ela nunca quebrou o toque de recolher antes? —

Deixei cair minha cabeça, assumindo que a pergunta era retórica.

— Ainda não telefonei para seus pais, — prosseguiu Lainie. — Eu não queria que eles dirigissem até aqui agitados no meio da noite. Mas farei, e quando eles chegarem aqui na sexta, deixarei claro que não permitirei que você... quando eu penso sobre... —

Lainie secou suas lágrimas com um pano de cozinha bordado. O que deve tê-la acalmado; ela o lavou com essência de canela. — Enquanto isso, quero que vá para o outro lado da estrada e pense, realmente pense, sobre seu comportamento e seu futuro e... e eu acho que é melhor se você e Penny não se falarem por alguns dias. — Ela enfiou o pano no bolso de seu avental. — Para ela fez isso, eu só... ela não tem sido a mesma ultimamente. —

Isto foi um eufemismo. — Muito bem, Tia Lainie, — me controlei, acrescentando o 'Tia' como boa medida de arrependimento. Não discuti. Estava apagada.

Então eu fui para casa, e para o chuveiro, enquanto eu me espumava e demorava, enxaguava e repetia, Sinclair Youngblood Power governava meus pensamentos. Sua história. Sua voz. Seu rosto. Seu toque. Quanto mais tempo eu passava com ele, paralizada pela sua narrativa, mais o meu medo esvaía. Ao final eu queria envolver-me ao redor dele como uma colcha. Mas agora... eu estava louca? Ele estava tornando a Pen selvagem, perigosamente selvagem. Mesmo assim, o pobre rapaz: amaldiçoado desde o nascimento, amor proibido, e finalmente executado por um crime que não cometeu. Quem não teria compaixão por ele? Só que não era simpatia luzindo em minha mente e em outros aspectos anatômicos. Esses pequenos tremores internos que havia sentido com ele continuavam golpeando como ondas. Eu me enxugo e visto uma camisa de tamanho grande, então fecho as persianas do quarto. Batendo no colchão, segura de está muito agitada para dormir, me desconectei como se alguém tivesse puxado o plugue.

E despertei com um cheiro de doce.

— Ca-dee-da! Ca-dee-da! Eu, Srta. Moskow, yummy-yummy para a barriga. —

Ruby Ramírez sentada na borda de minha cama. Seu cabelo estava penteado para trás — está devia ser uma ocasião especial — sua franja de lado tingida de um verde ácido. Em seu colo uma caixa de doces, do tipo de corações. Me ajeitei contra a cabeceira.

— Ruby, — eu disse.

— Hey, Candy. —

— Me chame de Dice, ok. Todo chamam... aqui. —

Ruby pegou um chocolate da caixa, o mordeu. — Creme de manteiga. — Ela me mostrou o recheio. — Você gosta de creme de manteiga, não é, Dice? —

— Claro, — eu disse sem hesitar, embora a última vez que Ruby e eu compartilhamos uma mordida acelerou através do meu cérebro como um metrô. Aquela improvisada, infame festa acontecido no dia 13 de fevereiro. Eu abri minha boca. No qual foi corajoso de minha parte. Ou se não corajoso, estúpido, ou possivelmente insano. Foi para baixo a isca, como setin doce, quente.

— Onde você conseguiu essas coisas dos Dias dos Namorados? — perguntei. — É praticamente o Dia do Trabalho. —

Ela mordeu outro, fez uma careta, e voltou com ele para a caixa. Devia ser de geléia. Nenhuma de nós duas gostamos de geléia. — Onde estou, querida, posso conseguir tudo o que eu quiser, quando eu quiser. Chocolate em cada refeição, e olhe-me, não estou gorda nem nada.

—

Ruby se levantou, fez um rodopio. Vestido ajustado com abertura, sapatos de saltos muito alto. Sempre o mais importante; Mesmo assim ela andava comigo, eu de Adidas ou Cons, enquanto descíamos as escadas da estação para pegar o metrô ou procurar garotos bonitos em Columbus Avenue. Agora, dançando no piso de pinho de meu quarto, ela parecia incrível. Quando ela se sentou de novo, sua franja mudou de gris para fosca.

— Sinto sua falta, Ruby, — lhe disse.

— Eu sei baby. — Ruby não era mais velha do que eu, mas me chamada de baby. Ela não chamada todo mundo de — baby — em nosso grupo de amigos, gentilmente arrastando toda a tristeza que ela tinha conhecido em seus dezessete anos. — Eu também sinto sua falta. —

Shinto sua falta, Ruby tinha uma pequena dificuldade de pronúncia, uma brecha em sua armadura. Ouvindo-a, sentia mais a sua falta. Também supliquei mais chocolate, mas não conseguia me aproximar da caixa. — Aqui, — ela disse, e me alimentou. Só que o bombom tinha mudado de chocolate para algo que não era completamente um bombom. Era doce, ainda, muito doce, e muito... pegajoso. Mastiguei. Engoli. Foi preciso esforço. O pedaço era grande.

— Esse foi estranho. — Eu disse.

— Eu sei. — Disse Ruby, — A franja agora branca, — É engraçado, certo, você pensa que algo é tão bom, e logo descobre, unh-uh, não tão bom, e então resulta que você estava certa em primeiro lugar. E desejaria ter saboreado um pouco mais.

Eu não tinha certeza do que ela queria dizer. Procurei seus olhos, amendoados, de cor âmbar. — Ruby...? — comecei.

— Tenho outro pedaço, baby-girl. —

Eu abri. Ela me alimentou. Este ainda estava vivo quando fechei a boca. Ainda estava vivo, vivo e lutando, enquanto se deslizava por minha garganta.

Ruby cruzou suas pernas. — Olhe, só quero que saiba que estou aqui para você. — Disse ela abruptamente e eu tentei empurrar para fora um 'sei', tão logo quanto o ocorrido. — Tudo o que você tem que fazer é me chamar, ok? —

Chamá-la. Mm-hmm. Muito mal eu não tinha seu novo código postal. — Ok, Ruby. —

— Ok. Ooh, este vai ser de cereja. — Ela o sustentou entre suas brilhantes unhas. — Quer dividir? —

Cereja era seu favorito. — Não, é seu. — De repente não me sentia tão bem.

Uma gota de fluido sangrento escapou do canto de sua boca. — Oh... Dice? — disse, lambendo-o. — No caso de que esteja se perguntando, é melhor assim, sério. Estou bem, você sabe? Nada mais me machuca. —

E de repente meu rosto estava úmido. — Me alegre, Ruby. Me alegre que você tenha me dito. —

Quando acordei de novo, o quarto estava abafado, me levantei, separei as persianas. O sol se inclinava sobre as colinas como uma ponte para o céu. Saqueei o guarda-roupa procurando uma calça — fazia bastante frio — e desci sigilosamente as escadas, até a varanda. Embora sob prisão domiciliar, eu considere a varanda como parte da casa. Balançando na cadeira de balanço, avistei algo peludo correr através do gramado. Antes que eu pudesse pronunciar um — aqui gatinho, gatinho, — ela estava em meu colo.

— Miau! — miou o gatinho, as patas dianteiras plantadas em meu peito. — Miau! Miau! —

Entendi isso como um — Ei! Você! Me acaricie, espere, me alimente primeiro — estou faminta. Sedenta também. Depois me acaricie. Vamos, vamos, qual é a demora? Vamos!

— Sim, madame, — disse em voz alta, colocando o gato em meu ombro. Uma mistura de branco, laranja e negro, com um toque de café e um quase lilás — ela pesava tanto quanto um par de meias. A soltei no piso da cozinha; ela brincou entre minhas pernas. — Ok, ouch! Cuidado com as garras. — Abri uma lata de atum. Seu corpo inteiro tremeu com o rosnado enquanto ela comia, o rabo como a antena de um velho carro.

Hora perfeita. Agora tinha companhia enquanto cumpria a sentença da tia Lainie. Quando a gatinha terminou — nem sequer pode esperar por um prato, só lambeu a lata, depois bebeu um pouco de água que coloquei em uma tigela — me olhou e miou. O qual entendi como, isso foi muito bom: e agora gostaria de ser abraçada.

A levei para o sofá. Não sabia muito sobre gatos, mas o instinto me instruiu, e o pequeno saco de pêlos ficou em meu braço. — RubyCat, — murmurei, atingindo o suave espaço debaixo de se queixo. — Ruby, Ruby, RubyCat. —

O felino, por um momento, não tinha mais nada a dizer.

Capítulo 10

ERA APENAS UM CHURRASCO. OS LERONARD FAZIAM UM POR ANO. BEM antes da minha abrupta mudança para Swoon, meus pais me enfiavam no carro, junto com vários presentes para a anfitriã, filtros solares e remédios, para ir à festa anual.

— É apenas um churrasco! — papai gritou jovialmente do pé da escada. — Vamos, querida, você sabe como mamãe vai ficar irritada se ela perder uma rodada de drinques.

Em resposta, ouvi minha mãe dizer ao longe:

— Oh, Peter, cale a boca.

Eu sorri. Eles não eram como personagens de TV; eles se entendiam. Eu estava mais apegada a eles do que o habitual, já que os dois não tinham me enchido o saco por ficar fora a noite toda. Nós conversamos sobre isso, claro, numa 'reunião familiar'. E de acordo com eles, eu fui 'sociável e extrovertida' por ir à festa, e mostrei ter 'bom juízo' por não entrar no carro como uma pessoa totalmente embriagada. No entanto, teria sido 'mais prudente' se eu tivesse ligado para minha tia. Mas eles entendiam que Pen provavelmente não era o 'anjo perfeito' que a mãe dela gostava de acreditar que ela era, e eles estavam felizes de eu não ser do tipo que 'dedura uma amiga', mesmo se a tal amiga estava 'caindo de bêbada'.

— Desço em um minuto.

Era apenas um churrasco, então, por que eu estava estressada? Porque não tinha visto Sinclair (quero dizer, Pen, ou nenhum dos dois, ambos, sei lá) nos últimos cinco dias. Agora a campanha de Laine para nos manter separadas tinha chegado à data de vencimento, a festa de gala dos Leonard no Dia do Trabalho, e eu precisava ficar... não deslumbrante, pois isso era só para eventos depois do pôr do sol, mas bonita. Porque eu chegara a uma conclusão: estava a fim do cara morto. Eu, que debochei da futilidade das paixonites de amigas por celebridades, estava louca por um fantasma.

Então lá estava eu, cercada de praticamente todas as peças de roupa que tinha. As de sempre, mais algumas novas trazidas pelos meus pais. Mais uma razão para minha benevolência. A julgar pelas sacolas de lojas, mamãe comprou metade de Manhattan. Era engraçado, ao mesmo tempo em que ela tomara a decisão da mudança para Swoon, ela não queria que eu perdesse a identidade.

— Candice, agora! — Era a vez de mamãe. R.C. escolheu aquele momento para dar um golpe em uma pilha de roupas, plásticos e papel de seda.

— Você está doida? — Eu a peguei no colo e tirei uma coisa sedosa da pata da frente. — Metade dessas coisas vai voltar para a loja, sem estrago nenhum, se você não se importa. — Levei-a até o espelho. — Quer ver a gatinha linda? Vamos ver a gatinha linda! — Segurei-a no alto em frente ao próprio reflexo; ela não deu a menor bola. Então eu avaliei a mim mesma. Cabelo cheio preso em coque desajeitado; uma camisa de papai, amarrada na cintura e com um

lenço estampado; Jeans skinny que tinham sido pretos mas estavam desbotados, da cor de carvão. Teria que ver isso.

A propriedade dos Leonard não é de frente para o lago (ninguém de arriscaria a sair de Jet-sky de um píer particular), mas eles tinham convidados importantes nessa despedida oficial do verão. Os Chadwick, os Emerson, os Turner, os Clifford. Todos esses adultos de xadrez e cores pastéis, falando sobre taxas de juros enquanto tomavam coquetéis em copos longos.

Eles eram tão sociáveis, tão simpáticos, e me ocorreu que mais da metade deles eram descendentes da classe governante de Swoon na época de Sinclair. Tomando uma limonada, refleti sobre o tatara-tatara-sei-lá-quantos-tataravô de Pen teria um ataque ao saber que o odiado e praticamente linchado mestiço estava compartilhando o corpo da moça que era o troféu da família.

— Dice, o que você está vestindo? — Wick disse quando me aproximei do grupinho de Pen, composto também de Marsh e Doll (também conhecida como Kendall Turner), que tinha acabado de chegar de férias da Califórnia. — Parece uma camisa do seu pai.

— Acertou em cheio! É uma camisa do meu pai. — Não dou bola para nenhuma crítica de moda feita por alguém que não mora em Nova York.

— Dice, Doll conheceu um cara em Marin. — Marsh me atualizou na conversa. — Um surfista.

A tagarelice era superficial e incessante, como gerada por uma fonte a pilhas. Enquanto as garotas falavam, observei Pen. Num minuto ela participava no mesmo ritmo das outras; no minuto seguinte, parecia desinteressada, apesar de ser difícil de saber devido os óculos de sol Oakley. Só consegui ter certeza de que ela estava fora do ar completamente e que Sinclair estava lá quando as coisas começaram a acontecer. Pequenas coisas. Aqui e ali. A bebida de uma pessoa caiu da mesa sozinha. A bolsa de outra pessoa foi nadar na piscina. A mostarda e o ketchup foram trocados. Um frisbee voou para o alto sem parar até ser perdido de vista, como um disco voador em um filme de ficção científica de baixo orçamento de antigamente. Nada como um pouco de telecinesia para agitar uma festa chata. O olhar no rosto de Pen, o sorriso com o canto superior esquerdo da boca mais alto que o direito, dizia tudo. Nós duas rimos muito, fazendo Doll Turner se sentir insultada.

— Não vejo qual é a graça — Doll falou — Eu talvez nunca mais o veja.

— É mesmo. Complicado. — disse Marsh, prendendo o riso, com o olhar baixo, o que me fez pensar que ela já estava cansada do drama de Doll.

— Vocês são terríveis! — gritou Doll, saindo de repente para procurar abrigo entre os pais.

Nesse momento, todas nós saímos em busca de hambúrgueres e da salada de batata premiada da tia Lainie. Enquanto nos acomodávamos com nossos pratos descartáveis de marca, Pen tirou os óculos e não vi sinal algum de Sinclair. Melhor assim. Marsh não estava totalmente convencida pela péssima história que inventei depois da exibição de violino de minha prima na festa dos Williams. Se Sinclair ia ficar aparecendo, eu precisava melhorar a qualidade das minhas mentiras.

Os pais de Wick a chamaram nessa hora, e ela e Marsh foram embora. Os Chadwick iam para outro churrasco, e Marsh os estava acompanhado, já que os pais dela não faziam parte exatamente dos círculos sociais de Swoon. Quando ficamos sozinhos, perguntei para Pen sobre Burr. Ele não estava entre os convidados, pois todos sabiam que os Addams passavam o dia todo no trabalho em Nantucket, e ela não falara dele desde que tentara consertar as coisas na festa dos Williams.

— Ah, estamos bem — respondeu. — Nada que um fellatio³¹ ao ar livre não resolve.

— Pen! — Muito bem, ela me chocou.

Ela examinou as unhas.

— Não sei. Acho que já esqueci Burr, de qualquer modo.

Choque ao quadrado. Pen estava planejando a Operação Burr desde a primeira vez que ele puxou as maria-chiquinhas dela. Mas por que me importaria, eu que tinha Sinclair na cabeça?

— Meus pais trouxeram uma tonelada de roupas novas de Nova York. Quer ir lá em casa e me ajudar a separar o joio do trigo?

Pen recolocou os óculos, ficando misteriosa de novo.

Não dissemos nada para ninguém. Apenas atravessamos a rua. Entramos na minha casa. Subimos para meu quarto. Pen tirou os óculos e avaliou os candidatos para ir para o armário, passando os dedos por uma coisa e outra. Mamãe fez um bom trabalho: saias assimétricas, camisetas politizadas, tecidos macios ao toque, muitas coisas em preto, cinza e magenta. Cores que eu gosto e ficam bem em mim. Pen me entregou uma blusa trespassada de mangas longas e punhos largos.

— Experimente isso.

— Tá. — Dessamarrei o braço. Desabotoei a camisa de papai. Deixei-a cair. E quando a blusa trespassada caiu sobre a cama e eu vi aqueles olhos escurecerem, eu estiquei a mão.

Dessa vez vi a metamorfose. Sutil e ao mesmo tempo enlouquecida, era como dois artistas invisíveis trabalhando na mesma peça, um destruindo e outro criando. Planícies rígidas substituíram montes macios, cabelo liso e claro se rendeu a cachos escuros. A transformação tinha vida, altura, largura e profundidade... Carne, sangue e osso. Enquanto apertava meus dedos e meu pulso acelerava, ele tomou forma com maior urgência. Foi quando percebi que eu não estava mera observadora, mas participante. Eu fiz o homem se manifestar, um peso terrível, emocionante, do qual não podia escapar. Quanto mais o queria, mais ele seria real. E de repente, lá estava ele.

— Olá, Sinclair.

— Olá, Dice.

Sorrimos um para o outro, não sei por quanto tempo. Por um tempo.

³¹ Sexo oral.

Então eu disse:

— Podemos conversar? — Como se conversar fosse o que eu desejava.

— Não vejo o por que não. — ele disse. — Posso admirá-la e conversar simultaneamente.

Talvez ele pudesse. Para mim, estar seminua e em total posse das minhas faculdades mentais eram coisas diametralmente opostas.

— Na verdade, prefiro vestir alguma coisa.

— É claro. Não é apenas seu corpo que admiro.

Passamos pelo procedimento esquisito de eu me vestir enquanto mantínha-mos contato, depois sentamos no tapete com as costas apoiadas na cama. Vozes da festa do outro lado da rua chegavam a nós pela janela aberta. Lá, meus pais estavam se controlando; não podiam ficar embriagados, pois precisariam dirigir. Papai ia pegar um avião aquela noite para começar no filme de Wahlberg em Toronto. Mamãe o levaria ao aeroporto antes de ir para cidade. O lorde e a dama logo iriam embora, deixando esta cordeirinha novamente. Senti meu sorriso ficar malicioso, mas eu tinha que organizar minhas prioridades.

— Sinclair, preciso saber: você quer machucar Pen?

Pergunta difícil. Ele não entrava e saía de pessoas diariamente. Precisou pensar, e eu conseguia senti-lo tentando entender tudo. Então, ajoelhando-se na minha frente, ele pressionou minhas mãos sobre o coração dele.

— Tente entender, minha dama. Isso tudo é novo para mim — ele disse. — Lá estava eu, um homem comum. Trabalhando numa ferraria, pagava impostos ao bom rei George, estava prestes a me tornar pai. De repente, num assassinato vil, minha amada foi arrancada de mim, e no meio do meu luto, fui acusado, executado.

Eu sabia disso. Sabia. Sim, sim, sim. Eu balançava a cabeça enquanto ele falava.

— Você se surpreenderia se meu espírito não encontrasse descanso? Que, ao ter oportunidade, ele tenha saltado na primeira forma desavisada que apareceu?

Agora eu estava balançando a cabeça de um lado para outro. Não, não, não, não era culpa dele, nada daquilo.

— Então aqui estou eu. — Ele me puxou bruscamente para ficarmos de pé. — Não é malevolência que sinto, nem em relação a Pen e nem a ninguém, mas... Vivo, eu era um homem verdadeiro. Agora sou um espírito verdadeiro. Faço o que faço porque... É o que faço. — Eram lágrimas aquilo que surgia nos olhos dele? Tinham a cor de café. Lágrimas de fantasma.

— Oh, Sinclair. — Eu sentia pena dele, estava apaixonada por ele, completamente envolvida.

— Por favor. Oh, minha dama, por favor, me envolva.

O equivalente do século XVIII para 'preciso de um abraço'. E eu fiz o que ele pediu. Acariciei os cachos em sua nuca. Pressionei a bochecha dele contra a minha. Entreguei minha maciez, me

fiz travesseiro e cama para ele. Eu ainda tinha medo dele, de quem era, do que era, mas o medo era equilibrado pela pura empolgação de estar em seus braços. E no meio disso tudo, outro estado de medo e emoção: o dia seguinte seria o primeiro dia de aula.

Capítulo 11

TÁ, EU EXAGEREI. COLEGIAL É COLEGIAL. Os papéis em Swoon eram bem mais definidos do que na escola que eu tinha estudado no Upper West Side com milhares de estudantes e atmosfera global. Se o garoto perto de você tocava didjeridu³² ou tinha baba ganoush³³ na lancheira, não era nada de mais. E mais, o intelligentsia³⁴ que eu saía era particularmente compreensivo. Um dia você estava com um humor emo, no próximo você se sentia hip-hop, o boho,³⁵ ou transsexual — estava tudo bem.

A única coisa exótica sobre a escola da minha cidade era o nome: Swonowa. Parece nativo americano, não? É, bem combine o nome das três cidades do distrito — Swoon, Washington e Norris — e é isso o que você tem. Eu entrei nela na metade do último semestre; agora eu era apenas um membro levemente excêntrico do rebanho. Eu não podia nem mesmo escolher um status pela proximidade com Pen. Três manhãs por semana ela levantava cedo, entregando pão aos idosos — uma campanha da mãe dela que eu chamei de — A Crust for the Crutys³⁶ — Eu ia de bicicleta em vez de andar no carrão de Pen. E mais, não tínhamos exatamente zero aulas juntas. Coincidência, ou apelo de Lainie ao escritório de programação? O único remotamente assustador aspecto acabou por ser minha parceira de laboratório de bioquímica, Anderly Addams, irmã de Burr.

Considerando sua cara quando o professor anunciou quem era sua parceira, ela me achava assustadora também. Eu tinha usado um sutiã de couro com prendedores de mamilos para a aula do Sr. Winchell no quinto período?

— Oiiiiiiiiiii — a sílaba ecoou através de sua parede de dentes fechados. E oh, aquele sorriso. O tipo de sorriso comum em garotas que não são anoréxicas, apenas muito, muito, muito, muito cuidadosas com o que comem. Seu rosto de cavalo contribuiu para o efeito esquelético.

— Hey. — Nós nunca tínhamos sido apresentadas, tecnicamente antes, então eu adicionei, — Eu já te vi por aí. —

³² * <http://pt.wikipedia.org/wiki/Didjeridu>

³³ O Baba ganoush (ou Babaghanoush, do árabe بابا غنوش) é um prato típico do Oriente Médio, sendo uma pasta feita de beringela assada ou grelhada e tahine, uma pasta feita com sementes de gergelim.

³⁴ <http://pt.wikipedia.org/wiki/Intelligentsia>

³⁵ <http://mi-cajon.blogspot.com/2007/06/o-que-boho-chic.html>

³⁶ Crosta de Crutys.

Isso era assim, embora nós viajamos em círculos separados. Preeminência da menina no Capítulo local da Aliança Amor Puro era lendária. Só que eu não podia ver por que ela estava incomodada, ninguém iria tentar deflorar a magra e frágil Addams Anderly, com medo de quebrá-la ao meio.

— Eu sou prima da Pen Leonard — eu adicionei sem razão.

— Serio? Você é? — . Como se ela não soubesse. — É um prazer te conhecer. — Anderly disse falsa e superficialmente, e então ficou ocupada fazendo anotações. Eu fiz o mesmo. Nós tínhamos que determinar as moléculas e identificar atividades químicas, e nada mais. Mascara mortuária a parte, ela parecia inofensiva.

Mesmo assim, eu estava ansiosa para divertir Pen com notícias de minha companheira de bico de Bunsen. Ela tinha treinado com as líderes de torcida depois da escola, e eu observei por um momento — eu não podia estar com as irmãs-boom-blech, mas a equipe era quente, com coreografias razoavelmente vibrantes e saltos tirados direto do Cirque du Soleil. Então eu entrei nas audições do coral, no qual eu esperava arrasar com meu amentegado e melancólico contralto. Quando chamaram meu nome, senti uma pontada de medo do palco e não olhei para frente até que soube que havia chegado. Na última fila sentou uma figura familiar. Que doce de Pen vir me apoiar. Me apressei até ela.

— Ei, você não tinha que... — O quê... ela estava dormindo? Seu queixo caiu, uma mecha loira atravessando seu rosto. — Pen? —

— Oh... ei, Dice. — Ela despertou, piscando para se orientar, e quando entendeu onde estava, claramente não tinha idéia do por que. Ela pressionou as pontas dos seus dedos contra sua bochecha. — Devo ter cochilado por um segundo. Deus, odeio acordar cedo. — Depois sacudiu sua cabeça, e enquanto os sedosos fios de seu cabelo se fixavam, ela se recompôs.

Deixamos o edifício, e eu contei a ela sobre a minha companheira de laboratório que eu tive a sorte de tirar.

— Isso quer dizer que você terá que trabalhar, então. As crianças Anderly são um pouco tontas, — disse Pen enquanto eu metia minha bicicleta na mala.

— Prova de que a castidade prolongada apodrece o cérebro, — Opinei, e gargalhamos, embora ambas éramos tecnicamente virgens.

Pen não ligou o carro. De fato, ela me olhou como um gato que comeu o creme. — Dice, posso te dizer algo? A noite passada eu descobri como. .. fazer por mim mesmo. —

Fazer por...? eu sorri. — Felicidade. Uma habilidade crucial para a vida. Estou orgulhosa de você. —

Nos batemos, todas sorrisos e gargalhadas, e ela saiu do estacionamento. — Eu juro, estava convencida de que era estritamente uma coisa de garotos. Só agora... —

— Agora você sabe melhor. —

— Certamente que sei. — Ela colocou a cabeça para fora da janela. — Sim! Sim! Simmmmm! —

— Rindo, eu coloquei minha cabeça para fora do lado do passageiro. — Oh! Meu! Deus! — eu gritei.

.

Continuamos assim, ela apertando a buzina e eu batendo no painel como se fosse uma percussão, todo o caminho de casa. Então Pen estacionou no número 12 de Daisy Lane. — A verdade é, Dice, eu nunca sequer fui alí antes. —

Podia adivinhar que apossou-se dela.

— Mal posso esperar para ter um com outra pessoa no quarto. — Seu sorriso era travesso.

— Whoa, gafanhoto. Uma passo de cada vez, huh? —

Ela não respondeu. — Ei, o que você acha de Trap? —

Quem? Oh, o amigo de Kurt Limbo, da festa dos Williamses. Loiro (como os outros) olhos de dia chuvoso, uma espécie de cara de bebê. legal, embora, não um idiota. — Uma pequena margem, — disse sem compromisso. — Por que? —

— Vou ver Kurt amanhã a noite. Ele me disse para levá-la para Trap. —

— O que eu sou, um porta-garrafas? —

Entediada, sem enfadar-se, Pen disse, — Tudo bem. Você não tem que ir. —

— Não, não, tudo bem. — Bem? A coisa toda soava suspeita. Um mecânico plébeu parecia ser uma substituição improvável de Burr, que mal teve a chance de quebrar seu primeiro barril de cerveja da Yale. No entanto, aqui estava Pen, ansiosa por sair com Kurt e seu amigo. — Presumo que não irão nos pegar em sua casa. —

— Você presume corretamente. Nós encontraremos com eles no gramado, e depois, não sei. De qualquer forma, tenho que ajudar Silas com seu dever de casa agora. Jordan também. Você pode acreditar que ele já está na escola de verdade? — Se maravilhou Pen.

Me maravilhei que ela não tivesse mencionado minha audição. No dia seguinte entendi o por que. Ela não tinha estado alí. O bilhete em meu armário dizia:

Minha queridíssima Dama, Que prazer ouvi-la cantar. Espirituosa, glamurosa, amabilidade, e agora, encontro, a voz de um rouxinol sonoletto. Parece não haver fim para suas amáveis qualidades, e como espero continuar descobrindo-as. Talvez uma apresentação privada em breve?

Seu, S

Não poderia apagar o sorriso de meu rosto com uma palha de aço. Eu flutuei de classe em classe em um alegre delírio e não deixei que uma pitada de pessimismo ou senso comum me tirasse daí. — Rouxinou sonolento. — Que poético! E a maneira como assinou, a simples

intimidade de — Seu. — Se, apenas! Depois na escola li e reli a carta em voz alta para R.C, mas o gato só se labeu.

— Eu também amo você, Ru-Fera, — eu disse, e continuei a fazer coisas que nunca tinha feito. Como tomar um banho de espuma (o detergente de louças estava em apuros). Colocar perfume (mãe monstro conservava D&G em seu banheiro). Trançei meu cabelo em uma verdadeira trança francesa, deixando cuidadosamente brechas em minhas têmporas e na nuca. Tão imersa nessas ocupações femininas, quase bato no teto quando Pen entrou.

Me virei do espelho. — Você me deu um susto! —

Com as mãos nos quadris e um pequeno sorriso retorcido, ela disse. — Isso é muito enfeite para um anão. —

Oh, merda. Kurt e Trap. — Não seja estúpida. Nem sequer coloquei maquiagem. —

— Bem, e quanto a algumas roupas, então. E apresse-se. Ligeira mudança de planos. —

Inclinei minha cabeça.

— Disse a eles para virem aqui. É hora de começarmos a tomar vantagem de que teus pais nunca estão. —

Uma onda de calor passou por mim. — Pen, você não tinha o direito de fazer isso! —

— Qual é o problema? Se fizermos uma bagunça, eu te ajudo a limpar. —

— Esse não é o ponto, — respondi. Qual era o ponto? O que mais podia pontencialmente — sair — aqui em Village Green? — Você só devia ter perguntado. —

— Tem razão, desculpe. Só estou um pouco agitada ultimamente, e é como se eu não estivesse pensando direito. Mas Kurt tem alguma erva... —

Coloquei uns jeans. — Como isso vai melhorar sua cabeça? — Uma camisa de manga comprida com um desenho de uma rosa derramando suas pétalas.

.

A batida na porta da frente me assustou; não ouvi o carro chegar. Pen não teve dúvida em dizer-lhes que estacionasse em outro lugar. Se Lainie decidisse espiar, não veria o estimado velho chevy de Kurt Libo em minha entrada.

— Eles estão aqui. — Pen assinalou o óbvio.

Assim começou mais uma longa noite de estranhezas. O que estava bem. Eu estava bem com as estranhezas. Atividade criminal eu poderia ter ficado sem.

Capítulo 12

OLÁ, BASEADO. Kurt Libo trouxe não um, mas dois tipos de erva — o tipo que deixa você legal, confortável estupor e o tipo que te transforma em um gênio louco. Fumamos o primeiro para nos deixar amistosos. Kurt, Trap e Pen estavam sem dúvida mais imersos na neblina que eu, já que cada um deles tinha uma cerveja (os garotos trouxeram seu próprio pacote com seis), e eu não suporto essa besteira. Basicamente, só sentamos ao redor da sala, conversando. R.C andava em círculos, miando para cada um de nós por vez, depois ficou empoleirado no braço do sofá como um grifo de pedra.

— Isso é hilário, — Pen disse. — Eu não sabia que vocês eram primos. —

Tinham uma pequena semelhança, já que Trap é branco e Kurt é moreno, com um rosto largo e traços muito toscos para ser chamado de bonito. — Primos de segundo grau, — esclareceu Kurt. Ele usava uma camisa com o nome de alguma banda que eu não conhecia, e botas de trabalho que faziam meu Adidas parecerem delicados.

— Dice e eu somos de primeiro grau — nossas mães são irmãs, — Pen disse. — Mas, vamos lá, isso não é louco? Primos saindo com primos? —

Trap sorriu, — Isso não é um tipo de incesto? —

No qual foi a coisa mais engraçada que alguém já disse na história da humanidade.

— Só se Dice e eu nos beijarmos — Pen disse, — se você quiser o termo técnico. —

— Ou se vocês dois se beijarem, — acrescentei.

Os garotos sorriram e fizeram caretas entre si.

— Ou, — disse Pen. — Se tivermos uma orgia. Isso provavelmente conta. —

Cale-se Pen, pensei.

— Agora, isso é uma idéia. — Kurt lançou um olhar malandro.

Eu bati na minha coxa. — Quem está com fome? — me levantei da poltrona. Que demônios tinha na dispensa? No refrigerador? Geralmente mamãe-monstro faz as compras antes de vir na sexta-feira; era quarta-feira, assim os suprimentos tinham diminuído. Fiz um inventário mental. Cereal. Manteiga de amendoim. Molho Marinara.

— Precisa de ajuda? — Pen estava sentada muito próxima de Kurt no sofá, sua oferta tão genuína como uma bolsa Fendi em Chinatown.³⁷

— Eu te ajudo, — disse Trap da outra poltrona. Ele me arrastou até a cozinha e encostou-se ao balcão enquanto eu saqueava os armários. Embora ele e Kurt tivessem dezenove anos, Trap parecia mais jovem. — Aposto que realmente sente falta de Nova York. —

³⁷ Comércio de produtos falsificados.

— Claro que sim, — disse automaticamente. Ele não podia imaginar o quanto. Ou como me sentia às avessas e ou de cabeça para baixo nesta cidade agora. — Mas eu também gosto daqui. É como se eu nunca tivesse uma fase real de insetos. Você sabe, como na velha canção do White Stripes, onde eles estão perseguindo todas as formigas e minhocas? Agora estou na minha fase de insetos. Antes tarde do que nunca, não é? — estava oficialmente tagarelando. — Então que tal sanduíche de cereal e manteiga de amendoim? —

Me virei, e alí estava Trap. Quero dizer, bem alí. Seus olhos cinza pálido, um pouco vermelho pelo fumo, pareciam gentis, curiosos. Tinha uma pele legal, e desta perspectiva eu podia ver cada poro. E ele não era muito baixo. — Eu gosto dessa música, — ele disse. — Acho ela fofinha. —

Isso me pegou de surpresa. Algo sobre um garoto usando a palavra — fofinha — Creio que devo ter sorrido pra ele. De modo encorajador.

Então ele me tocou. Sua mão alcançou minha cintura — só tocando, não puxando.

Eu disse, — Oh... —

Ele disse, — Eu acho você fofinha. —

Eu disse, — Oh... — e pensei, oh, em sete milhões de coisas. Pensei em Trap — o que eu acho de Trap? Pensava que ele era fofinho também? Eu queria que ele me beijasse, porque ele estava para fazer isso, a qualquer momento. Pensei em Pen e Kurt, que estavam excessivamente calados na sala. E eu pensei em Sinclair. Não, eu não queria beijar Trap; eu queria beijar Sinclair. Mas Sinclair não estava aqui; Sinclair nunca estaria, nunca, realmente, estaria aqui.

Não tirei a mão de Trap da minha cintura, mas levantei minha mão, perto do meu corpo na altura dos ombros. Um sinal de pare? Potencialmente. Mas Trap colocou sua mão contra a minha, palma a palma. Aplicou ligeira pressão, que de alguma maneira fez a minha cabeça ladear, meus lábios abrirem e meus cílios descerem. E a mão em minha cintura se moveu em torno da base da minha coluna e...

— O que vocês estão fazendo? — A voz de Pen — na maior parte brincalhona, mas com uma voz baixa. — Pensei que iria nos trazer lanches... mas vejam só o que eu encontro? —

Hã-hã, eu conhecia essa curva em seus lábios, esses brilhantes fragmentos de obsidiana. Trap estava de costas para ela; ele mal virou — e Pen atacou. Colocou-se sobre ele, justo na boca com um barulho mais de desenho animado do que carnal. Depois ela — ele — me lançou este olhar que eu precisaria de aproximadamente uma década para decifrar. Kurt, na porta, estava igualmente perplexo. Um minuto ele tinha a Pen Leonard horizontalmente no sofá, e no seguinte ela estava se movendo, trocando saliva com seu primo de segundo grau e também chamado amigo. Optando por não lidar com nada disso, Kurt parou no refrigerador para outra cerveja. Abriu a lata, tomou um gole, se sentou na mesa da cozinha para se livrar da erva gênio louco.

Como Pen escorregou de volta ao solteiro número um, eu tentei analisar o que exatamente estava acontecendo aqui. Sinclair estava entrando e saindo da consciência da minha prima como se não houvesse nada mais do que uma tela frágil entre eles — mas quanto disso era sua própria

vontade, e quanto à caótica propulsão de sua coexistência? Pen apareceu de novo, cada polegada de Pen enquanto se aconchegava no colo de Kurt, mas uma Pen onde Sinclair ainda permanecia.

— Entãoooo, — ela ronronou, e tomou um pouco da cerveja dele. — O que me dizem de darmos uma volta naquele Rolls-Royce que está colecionando teias de aranha na garagem do Williamses? —

Em outras palavras, Grande Roubo de Carros, alguém?

— Isto é loucura — eu disse isso primeiro da minha mesa da cozinha, enquanto o tubo da bomba de combustível estava perto. Eu disse de novo enquanto percorríamos Daisy Lane e giramos na esquina onde a camionete de Kurt estava esperando. E disse isso finalmente, inutilmente, enquanto nos íamos sorratamente até a casa de Williamses.

Sendo aqui Swoon, e os Williamses estavam fora em Andaluzia ou nas Ilhas Cayman ou em qualquer outro lugar, e fora em sua banda coletiva também, nós assumimos que a garagem estaria destrancada e os carros sem alarmes. A única potencial dificuldade em nosso passeio era Jameson McDaniel, a quem os Williamses empregou como guarda.

Esse Jameson McDaniel, também conhecido como bicho-papão, para qualquer habitante de Swoon de uma certa idade. Trap, originário de Chapin, à algumas cidades abaixo da estrada, era tão ingênuo quanto eu, mas Pen e Kurt tinham crescido aterrorizados pelo veterano do Vietnã com os olhos deteriorados e cabeça de bola de bilhar. Oficialmente, ele vivia em um trailer, ao longo da mesma estrada como os Marshall, mas McDaniel tinha território livre em várias propriedades na qual era contratado para observar na metade do tempo. Era a reputação do bicho-papão, merecida ou não, que o levou ao trabalho.

— Dizem que ele matou uma vila inteira no Vietnã, com apenas um facão e um um cão selvagem que ele treinou para ir na jugular, — disse Kurt. — Mulheres, crianças, todos. —

Obrigada, Kurt, pensei.

— Você pelo menos sabe fazer ligação direta em um Rolls? — Trap perguntou, um pouco ansioso, ou talvez com mera irritação — tive a impressão de que ele teria preferido ficar em casa com alguns beijos. — Quero dizer, é um carro Inglês. —

— Cale-se Trap, — Kurt disse quando ele deslizou a porta da garagem. Nós entramos. Dentro havia dois veículos, um Cadillac azul elétrico tão grande quanto um iate, e um Rolls-Royce negro que parecia menor que isso. — Vem com o papai! — Kurt acariciou o pára-choque. então começou a tirar as ferramentas e dar instruções a Trap, e não sei quanto tempo tardaram nisso, mas no meio da operação eu tive uma vontade irreprimível.

— Pen, — sussurrei. — Tenho que fazer xixi. —

— Oh, Deus, Dice! Por que você teve que dizer isso? Agora eu também tenho. —

— Shhh! — Trap nos calou.

— Desculpe... —

— Mas temos que fazer xixi... —

— Então façam xixi! — Grunhiu Kurt, que tinha encontrado a engenharia britânica, mais desafiadora do que pensou.

— Mas... aonde? — eu disse.

— Jesus Cristo! — Jurou Kurt. — Vão lá fora... encontrem uma maldita árvore! —

Uma árvore? Certamente ele está brincando. — Uma árvore! —

Pen segurou minha manga. — Nós vamos nos esconder atrás de uma cerca ou algo assim; — não se preocupe. —

Só para mostrar a garota da cidade que eu era, porque enquanto me agachava ao ar livre, nada aconteceu. Só não podia sair. Uma impossibilidade anatômica. Pen tinha feito o seu em um instante. — Vamos Dice! — ela gemeu. — Vamos, vamos! —

Ela podia ser uma Líder de Torcida, mas isto não era um jogo de futebol. Ela não estava ajudando.

— Quem está aí fora? — Escutei um grito furioso. Seguido de um latido furioso. Exatamente do outro lado da cerca. — Eu vou atirar em vocês na barriga, seus bastardos! Alimentarei o cachorro com suas tripas! —

Esqueça fazer xixi. Poderia não voltar a urinar de novo. Subi minhas calças e corri atrás de Pen, em direção à garagem, justo quando uma enorme criatura de metal negro estava saindo. Alguém gritou. Pode ter sido eu. O carro chiou.

— Entre! Entre! —

Pen se lançou à porta aberta como se estivesse fugindo de uma explosão de uma bomba, e eu segui, mas não antes de pegar no clarão dos fárois um vislumbre de Jamens McDaniel em sua jaqueta caqui, cuspe voando, o olho bom cravado em mim, um rifle na mão e a corrente de um pastor alemão babando, na outra.

Capítulo 13

ISSO TINHA QUE PARAR. Antes que alguém acabasse mutilado, morto, ou privado de vida.

Desde a chegada de Sinclair, Pen estava começando a rivalizar com os pirralhos de Hollywood das espalhadas revistas de minha mãe. Além disso, nós tivemos, o quê, duas tentativas de assassinato (uma por afogamento, uma por cavalo) e um energético pequeno crime com o Rolls.

No alto da adrenalina, nós aceleramos nas rotas menos utilizadas de Western Connecticut, enganando McDaniel e os policiais, isso se o zelador tiver avisado a eles. O carro era incrível — o tapete era provavelmente de pele de marta — mas por volta das duas da manhã nos livramos do passeio sintuoso de nosso material genético e o abandonamos, caminhando pelos campos e através de quintais para fazer nosso caminho pra casa. A brincadeira foi excitante, eu admito, mas doido, muito doido. E brincadeiras semelhantes eram evitentes a continuar, especialmente se Pen continuar vendo Kurt Libo. Juntos esses dois — esses três, não vamos esquecer a sua terceira roda etérea — eram letais.

Pen já tinha implorado à Tia Lainie para deixá-la dormir na minha casa aquela noite, mentindo no completo discurso — nós somos como irmãs — , e finalmente minha Tia cedeu. Quando chegamos, eu procurei por um flash do Sinclair no rosto dela, mas não vi nada.

— Isso foi tão divertido. — Ela disse.

— Sim... — Eu nem sequer acrescentei um < mas >. Não haveria argumento com Pen. — Você pode pegar o banheiro primeiro. —

— Obrigada. — Ela fez uma pausa no batente. — Você sabe Dice, eu não consigo imaginar Wick ou mesmo Marsh fazendo o que nós fizemos esta noite — . Elas são tão... não você. — Ela acendeu à luz. — Eu não sei se eu já disse isso abertamente, mas eu realmente estou feliz que você se mudou pra cá. —

Sorrindo fracamente, eu lhe desejei Boa Noite e então esquivei-me pelo corredor. E no dia seguinte acordei resolvida. Estava na hora de Sinclair Youngblood Powers cair fora. Exorcismo. Exceto... Como? Eu nem ao menos estive em um bat mitzvah, muito menos fui ordenada. Um ponto positivo era que se tornar católica não era um requisito; a maioria das religiões lidam com possessão. O Islã tem os Jinns, e no Judaísmo o espírito de um ente falecido é chamado de dybbuk. Eu poderia até me tornar — pela internet, não menos que — um ministro da não-denominada Igreja da Celebração Universal, uma permissão para realizar batismos, oficializar casamentos, e banir bichos-papões. Só tinha um problema: conforme o que juntei na minha pesquisa, para ter sucesso em expulsar um espírito, você tem que querer 100% que ele se vá. Eu tinha sentimentos por Sinclair — como isso poderia não interferir?

Eu realmente estava completamente apaixonada por ele? Será que ele se importa comigo, apesar de tudo? Os fantasmas eram ao menos capazes de amar? Do meu diário eu tirei o bilhete de Sinclair. Será que isso poderia sobreviver como uma lembrança, ou iria virar pó junto com ele? Uma coisa era certa: eu não iria deixá-lo ir sem deixar que soubesse o que ele significava para mim. Eu não seria iludida por um adeus.

A oportunidade bateu na minha porta cerca de duas semanas depois. O departamento de história de Swonowa tinha planejado uma viagem de campo para o recém-restaurado Cemitério Royal Mohegan, em Norwich. A tribo tem tentado reclamar e preservar a terra desde meados de 1870; agora, graças às verbas do cassino, eles foram capazes de fazer. Oferecer um — adeu — para Sinclair em um lugar sagrados para seus ancestrais — o que poderia ser mais apropriado?

Outono na Nova Inglaterra era tudo isso de despedaçar-se. Ar fresco, luz clara, e folhas caindo lunáticas com cor. Há um sentimento nisso também — um desejo de ainda manter o que já escapou, um desejo primitivo colidindo com uma angustia contrária, para se manter e ficar de

fora, e evitar. O dia da viagem de campo foi assim, e como fomos conduzidos entre os marcadores, procurei classificar as mensagens que meu coração, cérebro, e provavelmente até os rins estavam disparando dentro de mim.

No final das contas, a paz do lugar me relaxou. Eu estava fazendo a coisa certa. Eu diria adeus a Sinclair do meu jeito, e depois, no fim de semana, seguiria em minha bicicleta para um Convento que eu tinha visto em Post Road. Alguém ali seguramente poderia me encaminhar até a pessoa qualificada para assumir minha... situação. Eu teria que dar algumas explicações, mas por Halloween, talvez, tudo voltaria ao normal.

Agora, onde estava Pen? Em meu estado de meditação, eu tinha ficado para trás. Qual daquelas cabeças loiras e lisas e de jaquetas de animadoras era a dela? Apressei meu passo para alcançar o grupo e distinguir minha prima.

— Oi, — eu disse. — Interessante, você não acha? —

— Eu acho que... não sei... não tanto. — O cemitério parecia incomodá-la.

— Uma vez que se vê uma lápide, se vê todas. Você quer ir explorar? —

Pen deu um suspiro melancólico, então iluminou por baixo de seu desbotado bronzeado. — Claro, por que não? —

Nos afastamos, e quando ninguém estava olhando, fui em direção a um bosque de espinhos e de hamamélis.

— Uau, as árvores são tão grossas aqui. — Eu disse, atraindo-a para o terreno protegido. — É tão bonito! — Me senti como uma personagem de contos de fadas, embora eu enfatizasse no que os Irmãos Grimm poderiam me condecorar. Me escondi ainda mais no mato.

— Dice? — Chamava Pen. — Ei, onde você vai? —

— Vem me encontrar! —

Eu podia ouvir Pen chutando as folhas. — Deus, Dice, tenho o suficiente de esconde-esconde com Silas e Jordan. — Ela debatia-se em um caminho, parava, passava para outro, e então...

— Boo! — Gritei.

— Há. Há. Há. Estou tão assustada. —

Mas ela estava — um pouco. Eu girei como um pião. Este lugar encantado estava entrando em mim.

— Você está louca, — disse Pen. — Eu vou voltar. —

— Espera! — Eu tinha que fazer isso. Tinha que fazer isso agora. Agarrei as mãos dela.

— Qual é o problema com você? — ela exigiu.

— Sinclair! Sinclair, por favor, preciso te ver. —

— Quem é... Dice, qual é o seu problema? — Ela tentou se libertar, eu segurei firme.

Onde ele estava? Os olhos dela eram os olhos dela. Os lábios dela eram os lábios dela. Apertei seus dedos desesperadamente. — Por favor... por favor... —

Agora alarme cruzou com repulsão seu rosto. — Oh Meu Deus. Dice, você está tendo... o que isso seja... uma dessas coisas de epilepsia? Merda, o que devo fazer? —

Medidas drásticas eram necessitadas. Como... o quê? Minha mente voou. Só uma coisa me ocorreu. Então, eu fui para isso, preendi meu pé entre os de Pen e, puxando, a fiz tropeçar. Juntas golpeamos a almofada de folhas esponjosas, ela embaixo, e eu em cima, e fechei meus olhos e fiz: a beijei. A beijei forte. A beijei demoradamente. A beijei até que ela não fosse mais Pen.

Sinclair me rodeou com seus braços, e nos rolou facilmente, trocando nossas posições. Eu agitei meus olhos em uma pesada, inebriante olhada.

— Bem, bem, bem, — ele disse. — O que diabos se apoderou de você, minha senhora? —

Lá estava! Esse insolente, atrevido, alto do lado esquerdo, baixo do lado direito, irresistível sorriso.

— Oh, já vejo, — ele prosseguiu. — Sou eu, não é? —

Ele estava se escondido durante todo o tempo, usando-me como um iô-iô? Ele era assim... ugh! Eu lutei, só para sentir seus músculos tensos ao meu redor. Sua respiração era quente — não gelada, fantasmagórica — e o perfume que eu viria a saber como me deixava fraca, como você se senti quando dorme tarde e só quer dormir um pouco mais. Mas lutei. E fiz.

— Oh, mas bom senhor, eu preparei algo para ti, — brinquei de volta para ele. — Ah, eu tenho que respirar para lhe dar. —

— Isso não pode esperar? Gosto de você como está agora... —

— Não, temo que isso não pode esperar. — Dizendo isto, percebi que eu tinha alguns dedos livres. Os quais pus em bom uso, logo abaixo de suas costelas. Sinclair, eu descobri, era sensível a cócegas.

— Yahhhh! Devo... insistir... que pare com isso. Dice, agora, não. Pare. Por favor. Tudo bem. Muito bem. Você ganhou. —

Ele agarrou minha mão e caiu de costas, ainda ofegando. Me montei nele, peguei suas duas mãos e coloquei em seu peito, em seguida, coloquei minhas mãos sobre as dele. Eu olhei para a orquestra de folhas, então, para seus olhos, e comecei a cantar. A mãe de todas as canções de rompimento: — Greensleeves. —

Imediatamente, ele a reconheceu. É claro que estava familiarizado com a canção nobre — que tinha sido um clássico desde o final dos anos 1500. E embora seja um lamento de um amante desprezado que foi descartado, 'Greensleeves' equivale a extrema-unção para qualquer relacionamento.

— Por que? — Sinclar interrompeu antes da segunda estrofe. Sua voz era áspera e sombria, seus olhos sem fundo. — Por que me canta uma canção como essa? —

— Eu não sabia como te dizer... —

— Me dizer? —

— Que isto... isto é... — O que uma simples palavra, seis letras, três sílabas, mas ainda assim não podia dizer. Acabou. — Não posso suportar isso, como isso é injusto, como... cataclísmica, emocionalmente, mas... isso não pode... apenas não pode, Sinclar. Você. Eu. Pen. Eu... —

— Dice, dice, minha querida senhora... —

— Tenho que descrever a lista para você? O que vem acontecendo desde que você chegou aqui? — Uma gorda lágrima caiu no peito dele. Depois outra. Era cruel culpá-lo, uma vez que toda a agitação de inversão de espírito tinha sido um golpe de sorte para começar. No entanto, tinha acontecido, e todos os sinais apontavam para o desastre a menos que eu pisasse no freio, puxasse o plugue, insira sua metáfora preferida aqui. — Eu não posso ficar parada e deixar isso continuar. — Eu prometi. — Eu amo a Pen; ela é como minha irmã. Se algo de ruim acontecer a ela, ou a outras pessoas por causa dela, isso me mataria. — A preocupação elevou-se na expressão dele. — E, espere, não... não diga isso: não diga que você será bom porque ambos sabemos que você não pode ser bom. E... —

— Calma, agora. Dice, por favor, não chore. Eu... —

— Não posso evitar, Sinclar. Isso é injusto, mas como me atrevo a falar de injustiça? Meus pequenos e insignificantes sentimentos não são nada em comparação com o que você teve de suportar, mas aqui estou eu, sentindo pena de mim mesma porque eu... eu... eu... —

Eu saiu de cima dele(mas ainda esperando) puxei meus joelhos para meu queixo (mas ainda esperando) ele me segurou, me balançando, seu rosto em meu cabelo e sua boca em meu ouvido. — Não deve chorar; isto me dói tanto. —

Eu não lhe causaria dor. Respire, expire, fazer isso parar.

— Aí está você, minha querida, minha querida, — ele tranquilizou. — Agora me escute. Você não deve se preocupar. Dice, eu sabia que este dia chegaria. —

Me virei ligeiramente para encará-lo. — Você sabia? —

— Sim, eu sabia. Você é uma mulher nobre. Uma mulher nobre cuida dos seus. —

Mas oh, ele era < dos meus > também. Eu poderia dizer a ele? Seus olhos tinha encontrado um ponto nas colinas distantes.

— E a verdade da questão é que você está absolutamente certa. Isto tem que parar. —

Espera, whoa — ele estava de acordo comigo? Não era exatamente o que eu esperava. Um argumento, sim. Uma objeção, talvez. Mas conformidade? Levaria um tempo para meu cérebro

entender. Eu enquanto eu estava trabalhando nisso, Sinclair me jogou a outro giro, inclinando-se em meu meu ouvido para sussurrar. — E eu sei como deve ser feito. —

Capítulo 14

TINHA TANTA COISA PARA DIZER A ELE. As três piadas que eu sabia de cabeça. Sobre meus livros favoritos, minhas bandas favoritas. Meus segredos, todos eles. Tanta coisa para dizer, em tão pouco tempo. O equinócio de outono era em três dias. Segundo Sinclair, improvável fonte de informação para seu próprio exorcismo, que é quando o ritual iria começar. Ele tinha sido bastante explícito, quando, onde e como. A cerimônia era uma das coisas que tinha aprendido aos pés de um shaman, quando a progressiva Amelia levou seu filho para visitar o acampamento Mohegan. Eu anotei tudo em meu caderno de história.

Depois perguntei, — Então, isso é um adeus? —

— Ah, bem, é difícil dizer. É tudo especulação neste momento. —

Odeio quando os caras fazem isso — tornar-se todo clínico e distante quando o emocional esta em jogo. Nós ficamos ali, mãos dadas, é claro, mas no comprimento de um braço, o rosto de Sinclair esculpido em pedra. — Existe uma possibilidade de não dar certo. —

— Se eu estragar tudo, você quer dizer. —

— Ah, duvido muito que você estrague tudo, minha senhora. Você está motivada, e suas habilidades são extraordinárias por mais que deseje negá-las. —

Não desejo isso, discutir a extensão de minhas — habilidades — . Eu só seguiria suas instruções, que eram bastante simples e fizeram tanto sentido como qualquer outro esquema de exorcismo que eu tinha desenterrado. Os hindus, aparentemente, queimam excrementos de porcos para vencer maus espíritos — tinha alguma coisa mais estranha?

— Então, não vamos estragar com mundanas despedidas, — ele completou.

Mundanas! Nabos eram emocionalmente mais disponíveis! Sinclair mudou seu olhar, e quando retornou para o meu, ele abrandou ligeiramente. — O universo é um lugar estranho. — ele disse. — Talvez nos encontraremos outra vez. —

— Sim, — eu disse, parte igualmente chateada e esperançosa. — Talvez. — Eu não iria chorar. Nem me lançar para o amparo, altivez e força dele, deixar que o tecido áspero de seu casaco arranhe minha bochecha e o peso de sua respiração ser meu fardo.

— Penélope Leonard! Candice Moskow! — Os acompanhantes tornaram-se grupos de busca.

Tanta coisa para lhe dizer. Não menos que, — Eu te amo. — Ao invés disso, nós apenas partimos. E enquanto eu observava, o lindo garoto desapareceu e a linda garota o substituiu.

— Ugh! — Penn estreitou seus olhos fortemente e os abriu amplamente.

— Estão nos procurando. — disse ela secamente, e foi em direção ao ônibus.

Três dias até meu imperativo astronômico, também conhecido como a Elevação da Oitava Lua (existe treze no calendário Mohegan). Obstáculo número um: convencer Pen de que estava possuída. A paisagem vermelho e ouro passava correndo enquanto eu pensava em como abordar o assunto. Eu poderia tentar capturar a transformação de Sinclair com uma câmara — uma desculpa final para invocá-lo novamente — mas eu tinha visto minha quota de vídeos pouco convincente de fantasmas no YouTube. A tecnologia e o espiritismo simplesmente não combinavam.

A última coisa que eu me preocuparia em fazer enquanto solucionava isto era ver Os Swonowa Lancers receber Os Torrington Trailblazers. Mas isto era Swoon, se não estivesse em coma, você estaria no jogo. Os Leonards me convidaram, mas implorei para ir com Marsh, que tinha juntado o suficiente para comprar seu carro. O Toyota usado não era tão legal quando os carros dos nossos amigos — de fato, se tratava de um marrom de quatro portas muito sem estilo para sua avó, mas Marsh era tão preparada psicologicamente que ela dirige para a caixa do correio.

— Você não me deu sua opinião sobre a luta de gatas entre Pen e Brie Atwood. —

Huh? Penn e Brie eram captães da equipe, mas ser uma líder de torcida era a razão de ser de Brie, enquanto que para Pen era só algo que você fazia. Quando Brie ficava mandona, Penn geralmente lhe dava qualquer aceno. — Luta de gatas? — Eu digo. — Que luta de gatas? —

— Como pode não saber? Segundo Wick, houve verdadeiro puxão de cabelo. —

A versão de CliffsNotes revelou que um tumulto aconteceu no treino. Ninguém sabia o porquê, mas foi feio. — Então Brie disse algo, e Pen respondeu, Brie fez um comentário grosseiro e depois Pen, bem, Wick disse que Pen se atirou em Brie. —

— Sim, bem, eu não sei nada a respeito. —

— Olha, não pense que sou horrível, fofocando e tudo isso, — disse Marsh. — Mas, sua prima definitivamente andou fumando alguma coisa ultimamente. —

A considerei drasticamente. A necessidade de desabafar subiu, chegou ao seu ponto máximo, e passou enquanto Marsh chegava ao estacionamento.

— Falando nisso, — eu disse. — Quer acender este? — Kurt Libo tinha deixado um lindo presente de despedida na mesa na 12 Daisy Lane.

— Ooh, bom! — disse Marsh.

A primeira vez que nossos dedos se encontraram, passando o cigarro, senti um trêmulo formigamento. Na parte de trás dos meus braços, o perímetro do meu couro cabeludo.

A segunda vez, senti mais insistentemente, por toda parte.

A terceira vez trouxe o aroma distinto de torta de maçã caseira...

E depois... eu estava em algum lugar no Alaska; não, eu não estava lá, Marsh estava. Com suas duas irmãs menores. Todas sozinhas nesta tumba congelada cercadas pela sombria floresta, nenhum refugio à vista. Eu disse sozinhas? Elas não estariam por muito tempo. Alguma coisa estava vindo... alguma coisa com um largo focinho e dentes afiados, baixo da terra e faminto, encoberto, fétido. E as garotas Marshall em um grupo conversando, sem lugar para se esconder...

Então Marsh deu uma risadinha. A Marsh que estava sentada ao meu lado no carro. — Eu acho você boa, Dice, — ela disse, ainda rindo. — Eu sei que eu sou. —

— Sim, — eu controlei, apagando o cigarro no cinzeiro, colocando a bituca na minha bolsa, e procurando um chiclete.

— Uau — onde você conseguiu a maravilhosa erva? —

Achei melhor não compartilhar a associação com Kurt Libo. — Você sabe, nem sequer eu sei, — não respondi, oferecendo Doublemint. — Chiclete? —

— Mm. Mm-hmm, — ela disse.

Pegando um pouco para mim, olho de lado para Marsh. Pensei em perguntar se tudo estava bem, fazer um pouco de seguir adiante, antes de regressar a visão de serviço ao cliente, mas quando saímos do carro, sua roupa perfeitamente diferente de Marsh me distraiu. — Que fofa você está! — eu disse. Um mini camisa flouncy e calças estreitas moldadas estavam muito longe de seus jeans habituais e botinas.

— Oh, Dice, obrigada! — Ela deu uma pirueta e fez uma pose. — Você sabe que eu sai de casa nesta Levi's. Meu pai está de volta a seu velho eu rígido, e se ele me visse em uma saia curta quando ele me chamou... me faria trocar. —

Marsh divagava enquanto alcançamos as arquibancadas, ela gritou feliz e acenou para seus amigos. Enrolei meu cachecol de lã e debrucei em meu assento, enervada excessivamente no equinócio enquanto o jogo prosseguia. Talvez eu devesse assaltar a gaveta de remédios de mamãe-monstro. A metade de um Valium e um Xanax deveriam fazer Pen muito maleável. Então me encolhi, horrorizada. Você nunca sabe como vai reagir alguém aos comprimidos. Além do mais, as drogas afetariam a pureza da cerimônia; a sobriedade, eu percebi, era crucial que isso saísse sem nenhum problema.

Lá estava eu, de volta ao nível um. O resultado era... quem sabia? Mal registrou quando os Prancers — a infiltração do comitê oficial dos Lancers — entrou em campo. Whoo-hoo, já era o intervalo. No entanto, isto voaria a maior parte de queixos caídos, momento pérola na história das líderes de torcida. Para a presente promissora ocasião, um membro da equipe optou por um chamativo pom-pom de uma natureza biológica, rompendo seus movimentos — de altos chutes, piruetas, saltos mortais, e tudo — sem uma prega de roupa íntima.

Capítulo 15

TUMULTO NO VESTIÁRIO DAS GAROTAS. Pen, vermelha de raiva e berrando. Brie Atwood tentando berrar mais alto. A Sra. Beard, conselheira da equipe, contorcendo-se entre elas. Tia Lainie estava lá também, parte leoa defendendo sua cria, parte avestruz escondendo a cabeça. Quando o tom dos gritos aumentou, eu rezei para que atingisse aquele nível que apenas os cachorros conseguem escutar.

— Sua louca! — Vindo de Pen.

— Sua vagabunda! — Vindo de Brie.

A reclamação delas envolvia a parte debaixo do uniforme de Pen, mais especificamente o fato de Brie tê-la roubado. Mas isso não fazia sentido.

Brie não envergonharia a equipe de propósito, e mesmo se tivesse feito isso, onde estava a calcinha de Pen? Como sempre, quando algo não fazia sentido eu sabia quem estava mexendo os pauzinhos. Forcei o caminho até a frente do grupo.

— Dice?

Dei um passo na direção dela. Todos deram um passo para trás. Até a tia Lainie.

— Está tudo bem, Pen — falei. — Vai ficar tudo bem — corrigi.

Nesse momento, Pen desabou em meus braços chorando compulsivamente. Isso era um problema. Eu precisava consolá-la, certo? Mas será que esse contato poderia trazer Sinclair para esse refúgio exclusivo para garotas? Não tínhamos escândalo o bastante para uma noite? Dei tapinhas nas costas dela, abracei-a. Arrumei mechas de cabelo que estavam soltas e verifiquei os olhos dela: azuis, cheios de lágrimas. Ela era cem por cento Pen.

— Certo, meninas. Acabou o Show! — anunciou a Sra. Beard, batendo palmas para dispersar o grupo. — Vamos, todas de volta ao campo. Agora, por favor!

Alguém soltou um grito de — Vamos Lancers — enquanto Pen fungava.

— Vai ficar tudo bem — repeti. — Prometo.

Ela se controlou e me soltou. Lainie colocou os braços ao redor de nós duas.

— Estão prontas para ir para casa?

As mulheres Leonard trocaram um olhar. Nenhum julgamento, apenas amor. Para uma ex-modelo candidata a Martha Stewart control-freak, Lainie era uma boa mãe.

— Penny, você e Candy vão para o seu carro — ela disse. — só quero ligar para o papai rapidinho.

Para a sorte de Lainie, ela conseguiu sinal no celular, assim como o pai de Pen, ainda nas arquibancadas. Ela manteve a voz baixa. Não que quiséssemos ouvir.

— Dice, estou enlouquecendo — disse Pen. Ela se abraçou enquanto atravessávamos o estacionamento. — É como seu eu estivesse tendo um colapso nervoso.

— Não acho que seja isso.

— Não — concordou ela. — Eu também não. — Ela ficou silenciosa, avaliando se confiava ou não. — Dice, gosto disso — ela confessou. — Não quero que acabe.

— Shhh!

Lainie havia nos alcançado. Mais uma vez dei crédito a ela por deixar a ira maternal em suspenso. Lainie perguntou se Pen queria que ela dirigisse e, quando ela respondeu que não, entrou no banco de trás. Não houve repreensão durante todo o caminho até a casa, nem a senti fuzilando minhas costas com o olhar. Lainie estava sendo legal. Estava silenciosa. Até que ela disse:

— Bem, eu, pelo menos estava achando o jogo chato. — A tensão foi quebrada e todas nós demos gargalhadas meio engasgadas. Quando chegamos na Daisy Lane número 9, entramos pela porta lateral.

— Que tal um chocolate quente? — Isso era a cara de Lainie.

— Claro, mãe, excelente — disse Pen, e eu concordei também. — Dice e eu vamos subir para o meu quarto, tá?

— Claro, querida — Lainie disse. — Levo o chocolate lá. Que tipo de biscoito vocês preferem? Fiz de aveia com passas hoje de mana, mas tem de manteiga de amendoim e...

— Tanto faz, mãe. Quero dizer, você escolhe.

O cantinho de Pen não era bagunçado demais nem arrumado de mais, e era bem feminino: a cama era de madeira com uma colcha de patchwork em cima, cortinas modernas e uma penteadeira clássica com uma saia de tule. Ela vestiu uma calça e casaco de moletom aveludado, enrolou a roupa de líder de torcida e jogou longe. Ela se sentou na cama. Eu fiquei de pé sobre o tapete. Olhamos uma para a outra.

— Pode vir aqui? — ela chamou.

— Tá. — Tirei os sapatos. Com as costas na cabeceira, apreciamos os bordados que Lainie fizera, emoldurara e arrumara em uma parede.

— Então, você não acha que eu estou maluca? — Perguntou por fim.

— Não.

— O que acha então?

Ela teria que arrancar minha confissão de mim. Psicologia inversa. Meu plano estava indo bem, mas parecia errado me entusiasmar.

— Não sei — Respondi.

— Não, não, você sabe. Sabe, sim. Não sei como, mas você sabe. — Ela falou como uma metralhadora de bolhas de sabão. — Mesmo que seja só uma teoria, é melhor você me contar antes que eu realmente enlouqueça;

— Desde quando eu sou a garota a se consultar sobre assuntos de sanidade mental? — Um dado importante, pensei.

— Desde que você é tudo que tenho. — Ela também tinha razão.

— Está bem — respondi. — Eu por acaso percebi que você está possuída.

— Possuída? — Para Pen, a palavra significava ter propriedade sobre algo. Alguém que possui um par de brincos de pérolas. — Como assim, possuída?

— Possuída possuída. — Comecei a cantar — Tubular Bells — , o tema de O Exorcista e esperei que ela caísse na gargalhada, me chamasse de louca, me expulsasse.

— Pelo...quê?

— Não o quê. Quem.

Lainie entrou com canecas fumegantes e delicias mastigáveis numa bandeja.

— Mãe, Dice vai dormir aqui, tá? É que ... Bom, eu queria muito que ela ficasse.

Lainie começou a franzir a testa, mas mudou de ideia.

— É claro — Ela disse. — Vou colocar toalhas e uma escova de dentes nova no seu banheiro. Tudo bem...Dice?

— Com certeza, tia Lainie. E Obrigada pelo chocolate quente e por tudo.... — tudo — queria dizer — por ser legal e não se meter — . Lainie pareceu entender. Ela saiu do quarto. Fechou a porta. Deixou-nos em paz. Pen e eu pegamos nossas canecas e sentimos o aroma doce, ainda quente demais para beber. E de repente eu desejei que ela caísse na gargalhada, me chamasse de louca, me expulsasse. Afinal, contar para ela era compartilhá-lo, o primeiro passo para perdê-lo para sempre.

Só que Pen disse:

— Dice... por favor.

— Tá, tudo bem. — Eu contaria para ela. Mas só o estritamente necessário.

A versão que tratava apenas dos fatos (e omitia qualquer interesse pessoal de minha parte) levou mais de uma hora. Ouvimos o pai de Pen e os irmãos sonolentos chegarem em casa, e recebemos os meninos quando eles pediram para dar boa-noite. Depois aguentamos a falação forçada mas bem-intencionada de Gordon e Lainie em estêreo. Interrupções eram toleráveis. O que eu esperava evitar era um massacre de perguntas de Pen. Mas ela simplesmente calou a boca e ouviu. Mas depois ela me fez a grande pergunta.

— Espera, está me dizendo que você o viu?

Vi. Ouvi. Cheirei. Toquei, toquei, toquei. Uma vez, bem rapido, senti o gosto.

— Vi — admiti. — algumas vezes.

— E como era... Como é ele?

— Não sei. É só uma cara — menti, desconfortavelmente.

Aconchegada no meio dos lençóis, ela olhou para mim. As pupilas dela estavam dilatadas. Por entre os labios entreabertos, os dentes brilhavam.

— Ele é bonito, não é? — perguntou, e cantarolou: — Sinclair...

— Eu não estava exatamente fazendo uma avaliação dele como candidato a acompanhante para o baile. Estava muito ocupada sentindo medo, sabe. — Depois de contar uma mentira, a segunda e a terceira saem com mais facilidade.

— Sabe — Ela disse, — foi por causa dele que tive aquele orgasmo.

Isso ja era demais. Como ela ousava alegar que eles tinham algum tipo de vinculo? Tudo que ela era para sinclair era um corpo, um veículo no qual ele podia permanecer até que eu, eu!, o evocasse. Ele aparecia para mim. Mas deixei meu rosto inexpressivo. O que Sinclair e eu tinhamos era nosso. Eu não revelaria nada para Pen.

— É possível. — Forcei-me a dar de ombros. — Ou talvez seus hormonios tenham finalmente entrado em ação. Posso continuar?

Quando cheguei a parte do cemitério e como tinhamos concordado que era hora de encerrar o espetaculo de Sinclair, Pen deu um riso debochado.

— Eu acho que não.

— O que isso quer dizer?

Pen se empertigou na cama.

— Significa que, quando você e Sinclair tomaram essa decisão, deixaram de consultar uma terceira pessoa muito importante. Eu. Ele está em mim. — Ela ergueu o queixo — E eu gosto dele onde esta, muito obrigada.

Isso não era nada bom.

— Pen! Não é possível! — Nesse nivel de decibéis eu faria o telhado tremer. Baixei a voz para um sussurro desesperado. — Ele quase fez você afogar Burr Addams. Ele tomou conta de você de tal maneira na casa dos Marshall que nossa melhor amiga podia ter perdido o pai e, apesar de ele ser um completo idiota, ainda é pai dela. E quanto a exhibir sua perereca para uma parte consideravel da população oeste de connecticut?

Ela se deliciava enquanto eu listava os eventos, seus olhos de safira brilhando.

— Isso aconteceu porque eu não sabia o que estava havendo. Porque você escondeu segredos de mim. — Ela balançou um dedo. — Isso não foi legal, Dice. Você tem sorte de eu não estar com raiva de você.

Ah é, sou muito sortuda mesmo.

— Não entendo o que você quer dizer.

Pen pulou da cama.

— Não entende? Não entende que eu tenho uma incrível fonte de poder dentro de mim? — Ela olhou para si mesma, avaliando-se dos pés a cabeça;

— Agora entendi o que se passa, posso controlá-lo. Sou eu quem está no comando.

Ela é mesmo muito inocente.

— Olha só isso! — Ela plantou bananeira. Depois acenou com uma das mãos. Depois trocou a mão de apoio, por um milésimo de segundo suspensa no ar. Rodopiou as pernas e ficou de pé de novo, o rosto vermelho, os olhos enlouquecidos, e o cabelo, como sempre, perfeito. — Que delícia!

— Hum....não sei, Pen...

Ela não estava ouvindo. Estava abrindo a janela e subindo no parapeito. A casa era grande, de tijolos, com paredes cobertas por hera, e Pen, descalça e em êxtase, estava usando ramos de hera como escada até o telhado. Merda, merda, merda! Essa garota não sofreria um acidente fatal, não sob minha supervisão. Eu tinha poucas opções. Podia avisar os pais dela, o que levaria Pen para a ala de dotes mentais do hospital, e mesmo que fosse por um breve período de observação, perderíamos o equinócio. Ou eu podia sair pela janela, escalar a hera e torcer para não cair para a morte usando um pijama emprestado. Mas isso me levaria a quê? Eu não conseguiria impedir as peripécias dela.

A única outra opção? Simplesmente confiar em Sinclair.

Enfiei meu corpo para fora da janela. A lua estava aumentando, quase cheia. Eu me irei e me contorci em todas as direções, mas não conseguia ver Pen. Os sons que vinham lá de cima pareciam esquilos. O que ela estava fazendo, brincando de se equilibrar no telhado? Andei pelo quarto. Pense!, pensei. Não como eu. Como ele. Pen achava que estava no controle, mas Sinclair apertava os botões. Que razão ele teria para leva-la a fazer algo tão perigoso? Certo, para me lembrar de que era crucial continuar no caminho do exorcismo. Como se eu fosse esquecer disso! Nesse momento, ouvi um baque surdo. Fui até a janela de novo enquanto Pen veio descendo rápido, segurando nos galhos sem olhar para baixo.

— Pen! — Gritei, mas o que saiu foi um gemido, e enfiei metade do corpo para fora da janela. Ainda segurando na hera, Pen apoiou o braço para baixo.

— Segure-se!

— Não... não consigo. Estou com medo!

— Consigo puxar você. — Era o que eu esperava, Fazia minha aula de ioga em DVD regularmente. Todos aqueles chatarangas tinham que valer alguma coisa. Entri para arrastar uma cadeira até a janela e preendi os pés para me dar apoio. — Venha — eu disse — antes que alguém veja você e você tenha que usar camisa de força no baile.

Isso surtiu efeito. Seguramos uma na outra pelos pulsos. Eu puxei enquanto ela me segurava com força. E assim que nossos rostos ficaram frente a frente, vi olhos negros e um certo sorrisinho.

— Olá, minha dama! — A voz dela, as palavras dele. — Temos que parar de nos encontrar assim!

Mais um puxão e Pen veio por cima de mim, num tombo desengonçado que não parecia nada, absolutamente, com a graça anterior que ela demonstrara. Pen caiu sentada. O cabelo dela finalmente estava bagunçado.

— Tá bom — disse ela. — Vamos cuidar disso.

Capítulo 16

REPERCUSSÕES? CLARO, HOUVE REPERCUSSÕES. Pen foi suspensa da equipe por três jogos, mas então a suspensão foi suspensa, já que os jogos eram importantes demais d Pen era ex-capitã da equipe e tudo mais. Voluntariamente e, acredito eu, sinceramente, ela se desculpou com as Prancers pela idiotice e com Brie Atwood, especificamente, pela difamação. Com os pais, Pen agiu com remorso também, alegando senilidade precoce e grantindo uma perceptível e imediata melhora no comportamento.

Ou seja, começamos a trabalhar. Matamos o quarto tempo de aula para reunir provisões, apesar de as prioridades de Pen parecerem um pouco distorcidas.

— Acho que eu deveria usar roupas brancas, não acha? Algo esvoaçante...

— É um exorcismo, Pen, não sua estreia no tapete vermelho — respondi, andando resoluta pelo parque.

Pen correu para me alcançar.

— Você não precisa me responder assim.

Murmurei um pedido de desculpas, esperando que soasse indiferente. Não queria que ela percebesse o quanto eu estava nervosa, além de dividida. Mas isso tinha que ser feito. Aqui, agora, sob o freixo. Cavar. Com uma colher de sopa. Uma pá era grande demais para chegar às raízes.

— De quanto precisamos? — perguntou Pen.

— Ele não disse. — Mantive meus olhos no chão até que ela relutantemente se abaixou para me ajudar, jogando terra no baldinho de praia de Jordan.

Quando estava quase cheio, juntamos folhas, pequeno galhos, e sementes, que vinham dentro de frutos que pareciam vagens e ficavam pendurados nos galhos amontoados em grupos. Procuramos no chão botões de flor que não se desenvolveram e usamos uma faca de carne para arrancar pedaços de tronco. Limpando a sujeira das mão, eu disse para Pen:

— Acho que esta bom.

À tarde, nos reunimos na mesa de piquinique atrás da minha casa. Pen tinha surrupiado uma assadeira de Lainie (minha mãe nem sabia o que era isso), e enquanto eu misturava água com a terra e os outros elementos, ela ficava se intrometendo e olhando por cima do meu ombro.

— Ei, cuidado não coloque tanta água, tem que ficar como argila.

Olhei para ela.

— Você já fez isso antes?

— Na verdade, mamãe e eu fizemos um curso de cerâmica.

Bem, eu tinha perguntado. Decidi ignorá-la e me concentrar na tarefa. Em Sinclair. Na tragédia dele, que na verdade emendava com a minha própria.

— Ei, cuidado! — Pen falou, interrompendo meu devaneio.

— O que?

— Dize, você está chorando na mistura.

Estava mesmo.

— Não sei por que você está ficando tão emocionada — disse ela. — Sou eu quem vou ser exorcizada.

Certo. Eu era apenas uma técnica prestando serviço. Coloquei-me no meu lugar e prossegui na tarefa de moldá-lo — um manequim de lama, uma miniatura de Sinclair Youngblood Powers, criado da terra vinda da mesma árvore de onde a alma dele partira, voltara e em breve seria enviada para o esquecimento. Com galhos servindo de dedos e folhas como cabelo, olhos negros de sementes e um fruto como... Nós duas gargalhamos. Com relação à proporção, o pênis de Sinclair era um pouco grande demais.

— O que é engraçado é que esse fruto é na verdade um ovário — disse Pen com a autoridade de alguém que tirou B em Ciências da Terra.

— Mas não tem problema. As propriedades mágicas do freixo permitem que ele equilibre as energias masculinas e femininas — falei com a autoridade de alguém que tinha pesquisado em alguns sites de wicca. Avaliamos o Sr. Lama — Temos que assá-lo.

— Ele falou para fazer isso? — Pen questionou

Por que ela insistia em duvidar de mim, invadindo a comunicação privilegiada entre Sinclair e eu?

— Não, mas não quero que ele esteja molengo quando chegar a hora.

Colocamos o forno em 150°C, uma temperatura segura para os galhos, mas que torrou um pouco as folhas. Quando ele estava pronto, tiramos do forno, deixamos esfriar e o enrolamos solenemente em uma mortalha de guardanapo.

— E o jantar? — Perguntou Pen. — é goulash ou estrogonofe, algo assim.

— Acho que vou recusar. — Eu sentia um frio na barriga. Um frio congelante.

— E eu? Devo estar de estômago vazio?

Dei um sorriso irônico.

— a não ser que Lainie vá servir sopa de ervilha como entrada.

Ela correspondeu ao sorriso. Estávamos juntas nessa. Alguma coisa nessa sensação de conspiração me fez sentir forte, mas por outro lado me fez ficar com enjoo.

— só não faça nada fora do habitual — aconselhei — depois diga que vamos estudar na Wick.

— Tudo bem! — Ela estava mesmo empolgada — Vejo você mais tarde.

O sol se poria preguiçosamente do mesmo jeito que acontece no final de setembro, em tons vibrantes de lilas e laranja. Não havia como apressar sua partida então tomei um banho, pendi o cabelo num coque apertado. Passei vaselina no rosto, boxeadores fazem isso, e caras que brigam na rua também. Eu não fazia ideia do que poderia virar em cima de mim, e não desejava ficar com cicatrizes. Vesti uma roupa básica de ladrão (bluse de fola alta preta, jeans preto, tenis preto).

Pen entrou e me chamou. Estava um assombro em chiffon creme.

— você parece um suspiro.

— Obrigada — Ela entendeu como um elogio e segurou a barra da saia. — Comprei para o baile de inverno do ano passado.

Eu me sentia muito masculina ao lado dela. Como tinha que ser, na verdade. Nossos papéis eram claros. Pen a donzela em perigo; eu era a corajosa caça-fantasma. Então, antes de sairmos do carro estacionado discretamente perto do parque, fiz o seguinte discurso para ela:

— Olha, Pen, depois que começarmos, você não pode discutir nem ficar me corrigindo, nem fazendo sugestões ou coisa assim. Você pode ser a estrela do show, mas eu dou as ordens ok?

Ela concordou com um aceno de cabeça, tentei imaginar por um momento o que realmente se passava naquele cérebro louro.

A principio tudo aconteceu como um experimento de laboratorio de quimica verificado inumeras vezes anteriormente. Posicionei Pen encostada na arvore, virada para o leste. Depois , para consagrar a área, andei na forma de um pentagono, desenhando o simbolo e o circulo em torno dele com sal.

Entrei nele. Muito facil.

A oitava lua havia subido, mas ainda estava baixa. Estava laranja (uma lua de colheita), grande e redonda como a barriga de uma mãe prestes a parir. Isso tornava a lua benevolente, não apenas algo estatico. Isso duplicou minha resolução. Por mais dificil que fosse, eu teria em mente o prêmio duplo: Pen não possuida e Sinclair em paz.

— Grande espirito da oitava lua, nos escute... — comecei.

— Grande espirito da oitava lua, nos escute... — Pen repitiu

— Nos abençoe...

— Nos abençoe...

— Nos ajude...

— Nos ajude...

E então tudo estava nas minhas mãos. Falei direto, com convicção.

— Grande espirito da oitava lua, precisamos de sua ajuda. Em julho passado, Penelope Amber Leonard, que esta ao meu lado esta noite, sofreu um acidente. Ela caiu desta arvore, e achamos que ela pode ter morrido por um segundo, e ai foi quando o espirito de Sinclair Youngblood Powers, que também morreu aqui a muito tempo, invadiu seu corpo. E não causou nada além de problemas desde então, pedimos que a alma de Sinclair Youngblood Powers deixe o corpo de Penelope Amber Leonard, e convocamos as forças do céu e da terra para se juntarem a nós e fazer isso acontecer.

Nesse ponto, com muito, muito cuidado, coloquei nossa imagem primitiva da terra nas raizes e com muito, muito cuidado, removemos a mortalha. Como era algo fraco e rústico.

— Grande espirito da oitava lua, fazemos esta oferenda como um presente para as forças do céu e da terra, como o veiculo para a alma de Sinclair Youngblood Powers.

E depois recitei a oração. Ou o que eu achava que era a oração. Era em lingua Mohegan. Sinclair tinha ditado as palavras e eu as escrevi foneticamente, decorando-as com facilidade. (mas tarde, depois de tudo, queimei junto com toda e qualquer outra evidencia incriminadora) A oração soava lindamente, e eu me senti melhor por ter algo oficial para dizer. Jamais pensei em perguntar o que significava de verdade.

Tinha importancia o significado? Não. O que importava foi o que eu recitei.

Depois disso, o tom do nosso ritual mudou drasticamente.

O guardanapo sumiu entre os meus dedos com um brilho e uma coluna de fumaça. E a lua cresceu até encher o céu — uma noite brilhante e alaranjada estava sobre nós. Um engasgo e

depois um gemido saiu de Pen enquanto ela levitava, mas não como nos filmes, dura como uma tabua; Ela ficou fluida, uma brisa dentro de um corpo, subindo em direção ao vazio de cores quentes. Com o cabelo parecendo o de uma seriea, como se o ar fosse agua.

E um sorriso suave nos labios, disfarçando o fato de que os olhos dela tinham girado completamente para trás, deixando apenas o branco leitoso aparecendo. Ela com certeza tinha sorte de estar relaxada, inerte e cega no ar, pois naquele momento as raizes da arvore começaram a trabalhar. Elas se enrolaram em meus pés e tornozelos, um ataque de tentaculos com um som sedento. Remexeram-se e fizeram barulhos, se contraíram e se desgastaram, subindo e subindo até conseguirem o que queriam.

Com isso, o mundo se dissipou tão rapidamente quanto surgia. A lua encolheu e o céu voltou a ser escuro como sempre. Pen despertou, os cabelos no lugar e os olhos também. A raizes do freixo voltaram para a posição impassivel no chão.

E o garotinho feito de lama? Ele tinha sumido.

PARTE 2 — A Cidade

Capítulo 17

ACORDEI NUA. O edredom não estava apenas fora da cama, mas do outro lado do quarto, o lençol embolado como se eu tivesse tentado assassina-lo. Meu corpo todo estava umido e grudento. Eu devo ter me remexido muito e tirado a roupa durante o sono. Seria alguma virose? Isso seria péssimo. Havia apresentação do coral na segunda-feira. Não era exatamente um recital, apenas um pré-recital, mas era importante o bastante para mamãe ficar mais um dia, e papai vir de avião do set de filmagens. Mas, no meio de um resfriado, eu cantaria como um sapo atropelado.

Só que...não era isso. Não havia coceira na minha garganta nem ameaça de espirrar enquanto eu seguia pelo corredor. Não era eu, era o dia: sete da matina e já devia estar mais de 20°C lá fora. Até o piso do banheiro parecia quente sob meus pés. Por mais improvável que parecesse uma onda de calor tinha chegado.

Eu estava me servindo de cereal quando a primeira pontada veio. Sinclair. Eu mal o conhecia. Tecnicamente, ele não existia. Então por que eu me sentia como se tivesse sofrido uma cirurgia malfeita, com todos os órgãos essenciais removidos de qualquer jeito? Independente das minhas vísceras perturbadas, eu funcionava. Coloquei o prato de cereal intocado na pia, peguei minha mochila, peguei a bicicleta e fui para a escola.

Andei uns 3 metros. Curiosa para saber se Pen se sentia uns 70 kg mais leve hoje de manhã, olhei na direção da Daisy Lane nº 9 e vi o carro dela estacionando. Ela devia estar cuidando das — migalhas para os banguelas — . Seria alguma doença pos-exorcismo, talvez? Pedalei até a porta e entrei.

Os aromas variados da cozinha dos Leonard estavam meio exagerados, até mesmo para Lainie. Café, tudo bem. O cheiro amanteigado de ovos mexidos, claro. Alguma coisa assada, certo. Mas bacon e salsicha? E seria isso resíduo de massa de panqueca? Outra coisa estranha: a mesa da cozinha estava vazia. Vozes distantes saíam da sala de jantar. Estariam os Leonard recebendo a realeza?

Mais esquisitice: Peanut e Popcorn dentro de casa, dormindo nos sofás? Popcorn não se perturbou, mas Peanut ergueu a cabeça, pedindo carinho. Eu falei um — olá — interrogativo. Nenhuma resposta. Repeti, mas só falei a primeira letra.

Lainie estava na cabeceira da mesa, o sorriso perolado digno dos anos Dazzle Drops, bule do serviço de prata em uma das mãos, o dedinho esticado.

-Oh! — ela balbuciou, como se tentasse lembrás quem eu era. Pen girou na cadeira, e não me olhava nos olhos, apesar de o rosto dela brilhar como uma lâmpada de um bilhão de watts. Sillas e Jordan pulavam se parar perto da cabeceira da mesa, um lugar normalmente reservado

ao pai, mas é claro que o tio Gordon já estaria na metade do caminho para Harford agora. Os meninos não prestaram a menor atenção em mim, mas os convidados dos Leonard não foi tão rude. Ele chamou a atenção das crianças, empurrou a cadeira e ficou de pé. Do modo que um cavalheiro deve cumprimentar uma dama.

— Bom dia — falou, e acredite, fez uma referencia. Não se curvou muito, só o bastante para mostrar o topo da cabeça escura e ondulada, e depois ficou ereto e se esforçou para manter a expressão neutra. Por um instante aquele canto superior esquerdo subiu um pouco, mas então ele alargou o sorriso e as covinhas ficaram mais profundas. Os olhos negros estavam cheios de alegria.

— Candy! — de repente ocorreu a minha tia quem eu era. — Meu Deus, Candy, entr. — Ela colocou o bule sobre a mesa e andou em direção a bela figura sentada no lugar do marido dela, pegando-o pelo braço. — Candy, este é Sinclair...Sinclair Youngblood Powers da família Powers de westport...E da família Youngblood de New Canaan.

Ah, verdade.

— O irmão do pai dele estudou na faculdade com seu tio Gordon.

Sinclair se inclinou um pouquinho em minha direção. Com o canto do olho vi Pen se remexer na cadeira.

— Sinclair, esta é minha sobrinha, Candice — disse Lainie.

— Ahn...Ahm. — foi onde chegou minha eloquencia, eu estava rigida parecendo uma escultura de Rodin, mas por dentro meu coração estava vencendo declatos. Mas o que? Mas como?

— Oi, legal conhecer você — disse sinclair, parecendo um tipico garoto americano, criado com Xbox e ESPN.

— Eutambé. — tentei dizer — eutambém — , mas foi só essa coisa incompreensível que saiu da minha boca.

Tia Lainie deu uma risadinha. Eu estava claramente impressionada pelo jovem atraente, afinal de contas, não havia nenhum assim em Nova York.

— Venha Candy, coma alguma coisa.

— E-e-e-e...

Que coisa idiota. Eu tinha agido melhor quando Sinclair era um espirito potencialmente vingativo. Agora aqui estava ele, um...O que era exatamente? Ele aparentava ser o mesmo, e a unica diferença é que não precisava mais do meu toque para obter 3 dimensões solidas e não usava mais a sobrecasaca e a calça curta. Em algum momento entre o auge da lua e o nascer do sol ele deve ter invadido uma loja Ralph Lauren. Como eu não estava nos braços dele agora? Ah, sim, estava paralisada, embasbacada. E, por tras daquela aparencia simpatica e controlada, Sinclair estava apreciando minha estupefação. Consegui juntar um pouco de algo que se parecia com autocontrole.

— Tudo parece estar uma delicia Lainie — falei, casualmente pegando uma fatia de torrada de canela — Gordon vai ficar desapontado de ter perdido isso, e você também Sinclair. O unico motivo de eu ter vindo aqui foi que vi o carro de Pen e quis ter certeza que ela estava bem. Voce esta bem não esta Pen?

Pen assentiu uma vez.

— Com certeza, obrigada Dice. Perfeitamente bem, Mamãe pediu para um dos vizinhos fazer minha tarefa hoje, quando vimos que tínhamos companhia.

— Aham, e quanto àquela coisinha chamada ESCOLA?

— Ah, meu Deus, a escola! — Gritou Lainie. — Sinclair va com as meninas, vou ligar agora para o diretor. Você tem sua certidão de nascimento e tudo mais? Se houver algum outro documento de que você precise, daremos um jeito. Ah, Penny, leve os meninos, por favor.

— Mãããããããã! — Pen choramingou. — Já estamos atrasadas.

— Gostaria que você não usasse esse tom, Penny. É muito pouco atraente. Acho que posso ligar do carro se eu conseguir sinal. — Desculpando-se Lainie se virou para o convidado — Muitas vezes sinto como se ainda estivessemos na era colonial aqui. — Depois para os pequenos. — Meninos, peguem suas coisas, RAPIDO!

Com isso começou um alvoroço, todos deixando a sala no mesmo instante. Do lado de fora, Sinclair foi direto para o lado do motorista da carruagem sem cavalos de Pen, para abrir a porta para ela. O cavalheirismo pelo visto, não estava morto.

— Obrigada Sinclair. — Ela se derreteu.

Em seguida, ele abriu a porta de trás para mim

— Minha dama — ele murmurou.

— O que? Acrescentei uma outra camada a minha descrença. — Eu tenho que ir atras?

— Ahhh...Isso é um problema? — Sinclair parecia genuinamente perplexo, mas eu nao tinha certeza. O que ele tinha conseguido absorver sobre a cultura adolescente? Ele fazia ideia do quanto ele teria carta branca para tudo ao chegar a Swonowa High ao lado de Pen Leonard?

— Fala serio, Dice. Com o tamanho das pernas dele? — minha prima argumentou

Desconcertada e sem resposta, entrei no carro. Sinclair tomou o lugar de honra, e Pen o ajudou a fechar o sinto de segurança. E levou bastante tempo para isso.

— Certo — falei com voz firme, me lembrando de respirar. — Alguém pode me dizer o que esta acontecendo?

Risada nos bancos da frente.

— Dice, você tinha que ter ouvido. Foi incrível — Pen disse, rindo. — Ele é o encantador de pais. Fez minha mãe comer na mão dele. É claro que eu sabia, simplestes sabia, quem ele era assim que o vi.

Ela sabia quem ele era. Mas ela sabia como ele era? ou o que?

— Sinclair, como você fez isso? -perguntou Pen — Minha mãe é horrível com operadores de telemarketing e tals.

— Ah, sim, Sinclair — pedi ironicamente. — Por favo, nos diga.

Ele se virou no banco.

— Parece que minha encarnação atual inclui um talento para a persuasão, Primeiro inventei uma ligação com o Gordon Leonard, depois falei do meu tio-avô em Norris que sofreu um derrame, que eu tinha vindo de Wetsport para ser útil durante a recuperação dele, que eu queria me matricular em Swonowa, e que como o tio Edmund estava muito adoentado, pensei em me apresentar aos Leonard de Swoon e ver se eles poderiam me ajudar. E a querida Lainie ficou tão feliz em fazer isso! Começando com aquele café da manha. — Ele bateu no estomago. — Não soi capaz de colocar em palavras o quanto senti falta de bacon!

Sem duvida ele estava contado em usar esses poderes persuasivos em Swonowa. Algumas folhas de papel em branco sriam entregues no lugar da certid~]ao de nascimento e outros documentos.

-Foi assim que você conseguiu essas roupas?

— Ah, não, eu tive qe pegar emprestado. Cortesia da casa dos Williams.

— É mesmo? Nunca vi Crane nem Duck usando roupas caretas — comentou Pen, sempre a avaliadora dos habitos de vestuario de Swoon

— Creio que são roupas dos homens da casa. — Sinclair tocou a camisa roubada. — nada deles sevia em mim.

— Bem, nem pense em — pegar emprestado — o Rolls — alertei — Sei que você se sente como se pudesse vender fio dental para o Patolino, mas você devia pensar em ser discreto em Swoon.

Chegamos a escola, e apesar de Pen estar atrasada, ninguém estacionou no lugar — dela — . Quando saímos, encarei Sinclair, percrutei os olhos dele. Como era estranho não estarmos nos tocando.

— precisamos conversar — pedi

— Sim, indubitavelmente. Esta noite, talvez.

— Esta noite, COM CERTEZA!

— Muito bem, até lá.

Nós três começamos a atravessar o campus. Estudantes e alunos que deveriam estar na aula fizeram uma pausa sem perceber. Cabeças se viraram. Cabelos esvoaçaram. Sorrisos reluziam. O sol brilhou um pouco mais forte; o ar ficou um pouco mais fresco. Pen tinha voltado a tagarelice explicando onde ficava a diretoria e cm quem falar, blá, blá, blá.

— A proposito damas, — Sinclair disse antes de nos separarmos. — Quanto ao que Dice aconselhou em relação ao meu comportamento, não tenham duvidas de que quero me encaixar aqui. — Ele sorriu para nós, aquele sorriso que faz você implorar para ser comida viva. — Então, por favor, façam a gentileza de me chamar de Sin.

Capítulo 18

UMA COISA QUE ME FAZIA SENTIR FALTA DE MANHATTAN: Uma duzia de tipos de comida diferentes na discagem rapida. Pizza? Mexicana? Fusão Franco-Asiatica? Aqui no interior você tinha que estabelecer uma relação com panelas e assadeiras. Fui de bicicleta até o Stop & Shop depois do trabalho na biblioteca e examinei meu repertório. Arroz e feijão? Frango com limão? Ah, sim: macarrão com queijo, acompanhado por uma salada simples e fresca para contrabalancear o calor estranho do dia. Eu comecei a preparar o jantar, depois jui arrumar algumas coisas, mal tendo tempo de me arrumar antes de perceber os passos de Sin na varanda.

— Boa-noite — ele disse. Já estava anoitecendo quando o encontrei na porta, mas a luz da casa iluminou tudo numa recepção clara e luminosa. — São pra você.

As flores do campo crescem por todos os lados enquanto o verão se transforma em outono. Ainda assim, esse buquê colhido a mão, com uma pouco de capim e algumas flores do cardo lilas misturadas no meio, era especial.

— Obrigada — eu disse. — Por favor, entre;

Estavamos sendo muito decentes, muito educados. Afinal, tudo era diferente agora. Achei um vaso, abri a torneira, arrumei as flores. Elas eram um belo centro de mesa para a mesa de pinho, arrumada com pratos brancos lisos.

— Conheço esta casa — Sin disse. — Um fazendeiro morava aqui. Fazendeiro Howe, se me lembro bem. Ele criava vacas... — De pé no meio da sala com as mãos unidas nas costas, não havia um pinga de fraqueza nele. Ah, passar a ponta do dedo de um ombro a outro, depois seguir a linha da coluna...

— Bem, espero que esteja com fome. — Comida era um artifício para disfarçar meus desejos.

— sim, Muitaa! — ele disse, tão entusiasmado, tão vivo. — Do modo como meus apetites tem voltado com tudo...Todos os meus apetites...Acho que isso é uma coisa boa. — Um brilho de desejo iluminou o rosto dele e depois desapareceu. — Você não acha, Dice?

— Não sei. — Cruzei os braços, examinando-o abertamente. — Quando se trata de você, Sin, não sei o que pensar.

Em duas passadas ele acabou com a distancia entre nós. Não importa, não importa, falei para mim mesma, intoxicada com a proximidade dele. Ele estava aqui; o como e porquê deviam ser irrelevantes. Só que não eram. Eu era louca por ele. Mas isso não me tornava louca.

— Minha pobre Dice — Ele disse, e mergulhei no aroma dele. — Você é muito importante para mim. — Ele levantou a mão até a minha bochecha, mas parou antes de tocar. — E eu...INFERNO!

Saída do nada, RubyCat pulou sobre a mesa, toda eriçada e pronta para intimidar.

— Feroz — briguei. — Qual é o seu problema? — Mas achei legal, como se ela fosse minha gata de guarda.

Sinclair se acalmou.

— É um ato tão felino aparecer de repente. — Ele esticou um dos dedos. Com os bigodes tremendo R.C cheirou-o

— O nome dela é RubyCat, também conhecida como R.C. Batizei ela em homenagem a minha melhor amiga em Nova York.

— NOVA YORK! VOCÊ JA FOI A NOVA YORK?!

Como sabiamos pouco um do outro.

— Eu sou de Nova York — respondi. — Ruby, relaxa, seja boazinha com Sin.

— De verdade? Que maravilha! — ele disse. — Mas eu deveria saber. Você não é como essas meninas do interior.

R.C abaixou as orelhas e atacou o dedo de Sin

— Ela normalmente não é assim. — comentei — Venha bola de pelos, saia de cima da mesa. — Afastei a gata e olhei para Sin zombeteira. — Pensei que você fosse bom com animais.

Ele tossiu na mão fechada.

— Gatos marcam territorio, tanto com suas casas, como com seus donos. Talvez eu seja uma ameaça para ela — ele disse. — Ela vai se acostumar logo.

Ele não estava sendo metido, só realista. Ninguém, independente da especie, conseguiria resistir ao seu charme.

— Ei... — No forno, o queijo passava de borbulhante a queimado. — Por que não comemos?

— Excelente ideia!

A conversa veio facil. Sin e eu comparamos observações sobre Swonowa. No fim das contas tínhamos uma aula juntos: História Americana, por mais ironico que parecesse.

— Fiz como vocês duas sugeriram e falei para os colegas que estudava em casa — ele disse — Mas todos agiram como se eu fosse extremamente religioso.

— Ah, é. Esquecemos de falar isso. A maioria das crianças que estudam em casa, são tipo 100% cristãos.

— É mesmo? Isso explica a cara deles quando falei para me chamarem de Sin!

Ele tomou todo o chá gelado. Enchi novamente o copo dele e servi mais um pouco de macaráo com queijo. O garoto comia pra valer.

— Alguns dos rapazes recomendaram que tentasse jogar hóquei. — ele contou — Esse é um esporte que se joga com tacos sobre o gelo.

— É, Sin, eu sei o que é hóquei. Então os chame de — rapazes — a não ser que queira levar um chute na bunda. Diga — caras — .

— Caras, certo, eu sabia. — Ele limpou os lábios e se inclinou na minha direção com o sorriso que era sua marca registrada. — Mas você não precisa se incomodar com a minha bunda.

Enrubesci.

— Não quis dizer...Teho certeza de que você sabe se cuidar.

— Certamente.

O clima mudou. Para evita-lo, me levantei para tirar a louça da mesa, mas me sentia estranhamente deslocada na minha propria cozinha. Incapaz de evitas, me virei para Sin.

— Vamos ficar na varanda um pouco.

Certas coisas ficam melhores discutidas no escuro. Grilos faziam planos desesperados ao nosso redor. Sentamos no balanço, mas não balançamos. Escutaos a noite, respiramos.

— Dice, obrigado — Sin disse por fim.

— Ah, macarrão com queijo não é nada demais.

— Não por fazer a janta. Por fazer....a mim.

— COMO É? — procurei falar com humor. Duvido que tenha soado assim.

— É o que você quer saber. A razão de ter me convidado para jantar.

Era bem verdade.

— Esta bem,Sin — falei, resignada — Vá em frente. Explique-se. — Eu queria saber o que não ousava saber.

— Você conhece a biblia? O velho testamento? O genesis, especificamente?

Coisa basica até mesmo para mim.

— Adão e Eva, certo?

— Vamos deixar eva de fora por um momento. Estou me referindo a Adão e Deus.

— Já não estou mais acompanhando.

Ele ficou de pé de repente pra executar uma reverencia exagerada.

— Madame, sou Adão.

O que ele queria dizer?

Sin se apoiou em um joelho e pegou minhas mãos. Nosso primeiro contato físico desde...

— Isso torna você minha criadora.

Ah, isso era loucura. E eu entendia de loucura.

— Você me fez, Dice. Pegou a terra, misturou argila, me modelou com suas próprias mãos.

Eu, eu, eu? Não, não, não!

— Você implorou para as forças da natureza — ele prosseguiu. — Fez a oferenda, falou o feitiço. Você fez tudo. E agora estou aqui. — Ele levou minhas mãos aos lábios e depois vi os olhos: escuros, controlados, ilegíveis como sempre. — Bom trabalho.

— Eu...eu não estou entendendo. — Talvez porque eu fosse uma idiota?

— Acho que está.

Uma tola, ingenua e cega?

Ele ficou de pé e se apoiou na amurada varanda.

— Apenas cito o genesis como um ponto de referencia — ele disse. — O conceito de que o homem é feito de barro é um principio comum em muitas crenças. Das cinzas às cinzas, do pó ao pó, bla bla bla.

Era impossível. Eu acreditava na Teoria do Big-Bang, em evolução. Além do mais, eu não era deus algum, nem deusa, nem bruxa ou seja lá o que for, tanto faz. Só que Sin estava ali, em carne e.... O que, Lama? Folhas? Aquele ingrediente extraespecial, minhas próprias lágrimas? Só que ele não podia estar! Eu fiz aquelas coisas, é verdade, mas pelo motivo oposto.

— O que fiz — cada palavra era uma pedrinha afiada saída de um poço debaixo dos meus pulmões — foi para trazer paz a você.

Sin sorriu. Havia algo libertino e cruel em seu rosto.

— A noite esta linda, minha barriga está cheia e eu estou acompanhado de uma linda mulher. Eu não poderia estar mais em paz.

Carros de bombeiros correram em direção ao incendio em meu cerebro.

— Você mentiu! — A acusação saiu num sussurro, mas Sin me ouviu muito bem.

— Eu certamente não fiz tal coisa.

— Cala a maldita boca! Você mentiu! — Minha voz foi ganhando força, e com o volume veio a ação. Pulei do balanço, e Sin continuou parado, totalmente confortável no corpo longilíneo, amaldiçoado e refinado. — Lá no cemiterio você concordou, você disse: — isso tem que acabar.

—

Sin apenas riu, apenas uma vez, uma risada ladina.

— O que tinha que acabar era o maldito purgatorio dentro de Penelope Amber Leonard.

Qual é a pior mentira possível? Uma traição;

— Você... você me enganou!

— Enganei? Ou você enganou a si mesma? Você não achou estranho que eu tenha lhe ensinado o meio e a forma de se livrar de mim?

Ahn... Achei.

— Se tal preocupação ocorreu a você, não me lembro de você tê-la manifestado.

Não...Eu não manifestei.

— Vamos Dice, seja honesta. Você não gostava de mim nem um pouco? Você não me queria?

Como ele ousa dizer essas coisas, coisas terríveis, desprezíveis, verdadeiras?

— Talvez você tenha sentido minha frustração, como garota inteligente e extraordinariamente sensível que é. — Em um piscar de olhos ele estava a centímetros de mim. Meus olhos contavam tudo como manchetes de jornais sensacionalistas. Eu os fechei; não o deixaria ver minha alma.

— Dice, eu precisava ser livre. — Não havia desdém em sua voz. Ele apenas estava sendo direto. Ele precisava de uma coisa, descobriu como conseguir e correu atrás. — Agora, graças a você, eu sou. Estou aqui. — Senti-o se inclinar sobre mim. — E tenho coisas a fazer.

Capítulo 19

A LISTA DE COISAS A FAZER DE SIN. Se cada item daquela lista me machucasse tanto quanto o primeiro, eu certamente morreria. Com um só golpe tudo no que eu acreditava foi saqueado, roubado, devastado e estuprado de mim. Não que esse fosse o objetivo; meu sofrimento era efeito colateral. E eu devia saber que isso aconteceria, se não fosse pelo estado de desorientação e fuga em que entrei no momento em que ele me deixou na Daisy Lane número 12, com a cabeça cheia de tristeza e uma pia cheia de pratos.

Para onde ele foi, ninguém sabia. Mas evidentemente ele descobriu uma outra fonte da qual — pegar emprestado — , já que no dia seguinte ele foi para a escola usando não apenas roupas novas, mas de estilo bem diferente. Camiseta branca, calças Jeans, botas pretas. A roupa discreta caía bem em Sin, cuja aura já se anunciava sozinha — pelo menos para mim. Sentada na aula de Historia, eu conseguia intuir a chegada dele através da parede. Logo depois, ele estava na sala, e era inútil lutar: Ele era o dono da minha atenção. Quando andou até sei lugar, o barulho do salto da bota era o unico barulho.

Depois da aula eu o vi batendo papo com alguns atletas e passei direto. É engraçado como podemos ignorar alguém superficialmente e por dentro aquela pessoa governa cada fagulha de cada célula, o movimento de cada corpúsculo e cada batida do coração. Se eu ao menos conseguisse controlar meus sentimentos. Raiva, medo, desconfiança, todos estavam presentes e ativos. Mas havia compaixão também. Sua vida havia sido interrompida , então ele agarrara uma segunda oportunidade. É verdade que ele havia me manipulado facilmente, mas eu não me beneficiaria também? Já que eu , ah, como eu o que queria.

A sexta-feira foi passando e logo veio o final de semana. Teríamos uma noite só de meninas, eu, Pen, Wick e Marsh: comida tailandesa e um filme de mulherzinha na cidade vizinha, Norris. É verdade que Norris é um pouco maior que Swoon e alega ter tanto restaurante tailandes quanto um cinema;

Mas todas sabíamos que tínhamos ido lá para dar uma olhada no cara novo, que todos já sabiam morar na cidade com um tio convalescente. Como se Pen já não tivesse status suficiente, ele aumentou ainda mais assim que souberam que ela tinha uma ligação com o — gostoso — e — esquisito no bom sentido — Sin Powers. Wick e Marsh metralharam minha prima com perguntas. Eu me concentrei no curry. Não foi fácil, com Pen me chutando sobre a mesa em intervalos regulares. Ela parecia se deliciar com tudo que tivesse a ver com sin, inclusive nossa parceria perversa e secreta relacionada às origens dele.

Choveu no sábado. Foi uma chuva de verão opressiva que se recusava a encarar a realidade do calendário, e mamãe e eu tentamos não nos bicar até a morte. Ela havia trazido a edição inacabada da semana seguinte da In Star para examinar, e eu ensaiei com a versão — Ave Verum Corpus — de MOZart que tinha baixado na internet. Fomos buscar papai no aeroportode Hartford naquela noite, mas o avião dele atrasou por causa do tpo, e a volta para casa foi pesada.

O brunch de domingo na casa do Leonard foi suportável até que adivinhe qual nome surgiu? Tia Lainie o mencionou, e tio Gordon foi pressionado a lembrar do irmão do pai inexistente de Sinclair. Eu bocejei teatralmente, e minha mãe me chamou de grosseira, comentario que desafiei soltando um arroto. Piorou quando Lainie contou a mamãe que Pen estava mal-humorada e irritadiça durante todo o final de semana também e as irmãs concluíram que devíamos ter sincronizado nossos ciclos menstruais.

— Você esta bem? — perguntei a Pen quando recolhíamos as sobras que estávamos ostensivamente desperdiçando.

— Ótima — ela respondeu, mau-humorada e irritadiça. Rasgando papel aluminio, abtendo potes plasticos. — Mas já era hora de ele ter feito contato. Afinal o que ele esta fazendo?

Boa pergunta: o que ele ESTAVA fazendo, o cara tinha coisas a fazer?

— Não sei, não tive notícias dele também.

Pen não sabia se devia ficar alarmada ou aliviada com isso.

E eu não sabia como interpretar seu interesse nas atividades dele.

— Dá um desconto pra ele — comentei. — Ele tem que tirar o atraso. Sem duvida está fazendo coisas de homem. — Considerei isso bastante magnanimo de minha parte.

— Humpf — Pen resmungou — Eu vi Con Emerson praticamente sufoca-lo para virarem amigos. Provavelmente estão enchendo a cara de Budweiser em frente a TV nesse exato momento.

Certo, Connor Emerson, herdeiro da cadeia Emerson Eletronics. Sin não podia ter conseguido melhor tutor para coisas como futebol americano e TV's de tela plana.

— Deve ser isso. Aposto que a casa de Con é o Taj-Mahal da alta-definição. Apesar de ser difícil imaginar Sin...

— Eu sei, eu sei, com um bruto como ele! — Pen disse. — Um cara tão inteligente e profundo quanto o Sin.

Meu Deus, ele certamente tinha causado um trmenda impressão. Vagamente irritada, tentai dissecar Pen com meu olhar, chamar minhas — habilidades — para tetar entender o que ele representava para ela. Tudo que consegui perceber foi estatica. Cortei um pedaço da beirada irregular do pão de abobora de Lainie.

— Comi demais — Pen disse, observando-me mastigar. — Se alguém não colocar um fim a mania fanatica de cozinhar da minha mãe, vou virar uma vaca gorda.

Até parece. A garota tinha o metabolismo de uma mosca tsé tsé. A não ser que ela tenha falado isso para me fazer sentir como uma vaca enorme de gorda. Não Pen não seria tão má. Ainda assim larguei a faca sobre a mesa. deixando o pão despedaçado.

— Tenho que ir. — falei. — Quero treinar para amanhã.

— Hã? Ah, tá bem — ela disse. — Preciso mesmo dar uma corrida. — Em vez disso, ela se largou no canto da mesa da cozinha, olhando para o nada.

Miraculosamente, o humor dela melhorou até a 5º aula de segunda-feira, quando a encontrei observando a porta da minha sala de aula.

— Vamos matar aula. — O brilho nos olhos dela era ardente.

Normalmente eu não discutiria. O currículo de Swonowa era moleza comparado com o da minha escola de Nova York; eu conseguiria gabaritar tudo em estado de sonambulismo. Mas ela queria que eu matasse a aula de História, e eu queria encontrar Sin.

— Não posso — eu disse. — Tenho teste.

— E daí? — Ela me agarrou pelo cotovelo. — Isso não pode esperar.

Pen me guiou até a saída e fomos até o carro. Ela ligou o som e colocou uma musica country-pop melosa, batucando no volante meio passo atras da batida. Quando ela perdeu a entrada, freou e deu meia-volta, percebi que ela estava indo para o lago. Para O Local. Talvez nossos amigos tivessem aproveitando o calor louco e grudento com uma festa improvisada. Mas la não havia veiculos familiares quando Pen estacionou.

Abaixei o som da besteirada de Nashville.

— O quê?

Pen sorria como um farol.

— Estou diferente?

Na verdade, ela estava. Pen raramente usava maquiagem, mas os olhos dela estavam escurecidos e os labios dela estavam mais carnudos e molhados.

— Talvez — respondi. — Isso é rimel?

Um som historico, que um cisne engasgado talvez fizesse.

— Rimel? Ah, Dice! — Pen se jogou para a frente e me abraçou. Os braços e o peito dea estavam quentes, o cheiro dela estava forte, e não sei o que me deixou desconfortavel, o puro impacto fisico dela ou o fato de que Pen simplesmente não era melosa. Devo ter me contorcido, porque ela riu e me abraçou mais, chegando perto da minha orelha.

— Tenho um segredo — ela cantarolou, perto de mais e alto demais.

Eu a afastei.

— Pen, você esta usando drogas pesadas.

— Estou! — ela gritou. — Mas não. Quero dizer, estou tão doidona agora...Ainda sinto...Vamos, Dice, você não consegue adivinhar?

Não, eu não conseguia. Uma parte muito teimosa de mim emperrara meu mecanismo de especulação. Então Pen cedeu, contando tudo com a mesma furia destrutiva do monte Vesúvio por volta de 79 DC.

— Ele me procurou.

Naturalmente eu sabia quem era — ele — . Naturalmente meu instinto imediato foi de pegar um dos pompons dela e enfiar-lhe garganta abaixo.

— Ontem à noite. Finalmente! Ele tocou a campainha por volta das nove, conversou um pouco com papai, mas é claro que mamãe teve que se meter também, e eles o mandaram para o meu quarto como se estivessemos juntos desde sempre.

É claro que ele poderia ter progamado um encontro escondido, mas era tçao audacioso desse jeito. Ir até a porta principal, fazer uma social com os pais e depois dar uma passadinha no quarto da filha querida.

— Dice, foi incrível. É claro que tivemos que fazer silencio, mas não dissemos nem uma palavra, e isso tornou tudo muito mais intenso. Ele apenas olhou para mim e eu chei que ia me derreter numa poça no carpete.

Essa imagem não seria pintada em traços largos; Pen contaria a história usando pontinhos minimos. Também não havia como interrompe-la, nem emitir uma sombra de ressentimento ou ofensa. Pen não tinha me traído. Ela não tinha ideia de que eu...de que Sin...de que...

— Ele fazia o menor dos gestos e eu tinha que interpretar — ela disse. — Como quando comecei a tirar a roupa e soube pela expressão sele que eu tinha acertado.

Uma pincelada, um golpe. A imagem se formou para mim.

— Era um jogo. Eu tentava uma coisa, uma mordidinha, um apertão, e depois verificava o sorriso dele, o movimento de cabeça, para saber se era o que ele queria.

Aham. Entendi. Descobri o que Pen descobriu, a suprema excitação de atijar um garoto.

— Tudo o que eu queria era ser boa, porque se eu fosse boa, muito boa, ele talvez me recompensasse.

Ela parecia brilhar no calor, ou seria uma miragem? — E, ah, foi insuportavel, uma eternidade até que ele me tocasse. Mas quando ele me tocou, tocou mesmo.

Ele tinha tocado nela. Com aquelas mãos. Aquelas mãos contraditoriamente carinhosas e diligentes. Alternando reigidez e gentileza, mas nunca hesitante, enquanto ele a pressionava e virava, a colocava de um jeito ou de outro. Até que ela estivesse pronta, até que ela estivesse preparada.

— Doeu demais, como ser cortada com uma faca cega — ela continuou. — Pensei que ia arrancar minha propria lingua, mas ele colocou a base da mão dele na minha boca e eu o mordi. Depois melhorou, e foi...Seria de imaginar que na primeira vez eu não...Mas aconteceu. Comigo! E durou uma eternidade, e não apenas la em baixo, mas em todo lugar. Sério, eu literalmente encolhi os dedos dos pés!

Será que ela não iria calar a porra da boca?

— E posso contar a parte mais pesada?

Como se eu pudesse impedi-la.

— Seria de imaginar que, depois de uma experiencia assim, eu fosse querer descansar um pouco. Respirar fundo. Tomar um banho. Mas tudo o que eu queria era fazer de novo. Imediatamente. Mas não. Tentei faze-lo me querer de novo, mas ele sacudiu a cabeça,e eu não podia me arriscar a desagrada-lo. Então ele foi embora...E eu fiquei la...Ainda estou...Doida por mais, Dice. Doida por mais.

Capítulo 20

COM A IMAGEM COMPLETA E SEM CORTES DO DEFLORAMENTO da minha prima na conciencia, eu precisava ficar em pé de frente para pais, colegas e tudo o mais e cantar Mozart. Já seria muita sorte se eu não projetasse um jato de vomito. Éramos uma duzia de garotas de vlusas brancas impecaveis e saia azul-marinho na altura do joelhos, rindo e tendo ataques de nervos na área para guardar instrumentos da sala de musica de Swonowa. A Sra. Welch, nossa lider gorducha e com peito de pombo, não tinha reservado o auditorio? Não era como se esperassemos todas aquelas pessoas que entupiam o corredor e desafiavam umas as outras para poder sentar.

— Acabaram os lugares! — A Sra. Welch tinha um tom fino e hesitante quando falava, mas conseguia segurar uma nota pelo mesmo tempo que David Blaine conseguia ficar relaxado em um sarcófago de chumbo. — Nunca tivemos tanta gente assim em um pré-recital.

Eu detestaria destruir a ilusão dela, mas a multidão não tinha se juntado para o coral. Na verdade, era praticamente uma fila para ver Sinclair Youngblood Powers. Ele deve ter mencionado por alto para alguém que estaria aqui, e isso foi mais que suficiente. Quem não tinha aulas com ele queria ve-lo melhor, e um rumor sobre o garoto novo tinha atraído o interesse dos adultos também, apesar de ninguém admitir tal curiosidade. Eles não conseguiam explicar o que exatamente os fizera desafiar os limites de velocidade para estar na escola antes das 16h30. E, em condições sufocantes, com o ar-condicionado temperamental de Swonowa sem funcionar direito.

Da sala dos instrumentos, dei uma espiada e vi o pessoal da cidade se aglomerar para sentir a vibração de Sin. Meu maior desejo era partir aquela massa humana ao meio com um grito demoniaco e uma bela foice afiada. Não, dane-se a foice. Do modo como eu me sentia, era capaz de separar aqueles belos ombros da cabeça perfeitamente esculpida com apenas um tapa.

Se eu achava que tinha chegado ao ápice da furia quando ouvi a apresetação oral de Pen para as — Cartas de Penthouse — , estava errada.

Quando a Sra. Welch nos levou ao palco, quem eu vi, sentado ao lado de mamãe, com papai inclinado na direção dele para absorver cada palavra? Aquele demonio! Eu estava rapidamente ficando sem familiares para ele seduzir.

A Sra. Welch bateu a batuca no oratorio. A plateia se acalmou. — Ave Verum Corpus — . Tradução? — Saudação, corpo verdadeiro, — Mozart fez sucesso com a versão dele do hino nos anos 1790, mas na verdade ele data do seculo 13. Apesar de cantarmos em latim, a Sra. Welch tnha fornecido um texto em ingles para entendermos o conteudo. Era uma cantiga meio sangrenta que falava de Jesus Cristo especificamente, mas, se formos dar uma interpretação mais ampla, fala da redenção através do sofrimento.

Que.

Coisa.

Adequada.

Cantei baixinho — a instrução era sotto voce -, mas um sussurro pode cortar como um grito. Cantei docemente, já que acredito de verdade que não há felicidade sem angustia. Cantei para ele, só para ele. E com cada nota emitida, a temperatura começou a cair. Não como se o ar-condicionado tivesse voltado a funcionar ou uma brisa estivesse entrando, mas sim um fenômeno estável e contínuo. Fresco. Frio. Certo, congelando. A princípio o estranho ar gelado foi um alívio bem-vindo. Mas em pouco tempo as mangas estavam sendo desenroladas, botões sendo fechados. Se o hino tivesse feito alguém chorar, na última escala, no último verso. — In mortis examine — (— Na provação da morte —), as lágrimas teriam congelado.

Terminamos e se fez silêncio, mas depois a plateia saiu do estado paralisado e começou a aplaudir. Durante nosso segundo número, a vigorosa canção folk — Do Lord — , a atmosfera foi ficando mais tolerável e até agradável. Em seguida houve uma recepção com biscoitos e bebida em quantidade nem perto do suficiente. Mamãe e papai me cobriram de elogios: — Querida, você foi maravilhosa! — e — Você canta como um anjo! — e — Essa é a minha garota! —

A Sra. Welch gaguejou quando a apresentei, falando para papai o quanto ela apreciava seu trabalho em Law&Order, e ele me puxou num abraço apertado e comentou cheio de orgulho, que a maçã nunca cai longe da árvore.

Há um limite para o quanto de amor paternal uma pessoa consegue aguentar, então chegou um momento em que comecei a procurar Sin. Ele não deveria estar entretendo as pessoas, roubando o momento do coral? Afinal, ele reuniu essa confederação, apesar de isso parecer já ter sido esquecido. Escapei das garras dos meus pais, dei uma volta na sala, depois caminhei um pouco nos corredores. Nenhum sinal de Sin. Evidentemente ele tinha saído à francesa.

Depois de uma refeição rápida em uma lanchonete, papai e mamãe seguiram para seus respectivos compromissos. A casa era um refúgio, meu lugar, e eu esperava me deleitar com o vazio, organizar a bagunçada gaveta das emoções. E foi aí que o telefone tocou.

— Estou indo buscar você. — disse Pen. — Temos que ir à casa de Marsh.

Pelo jeito direto dela, pude perceber que algo estava errado. Estava vestindo suéter para me proteger do friozinho recém-chegado bem na hora em que ela buzinou.

— É tão horrível. — Pen disse. — Marsh vai explicar quando chegarmos lá.

A ligação da minha prima com o amante paranormal não foi mencionada no caminho. Talvez ela estivesse tomada pela preocupação com Marsh. Ou então acreditava que eu não tinha entusiasmo algum pelo assunto. Tudo que eu tinha conseguido balbuciar no lago tinha sido — Parabéns por conseguir se livrar daquele himen ridículo — e depois fiz uma propaganda sobre sexo seguro. Enquanto o carro devorava o asfalto, mantivemos nossos pensamentos em nossas cabeças.

O cheiro de torta de maçã nos alcançou assim que entramos na casa desgastada porém impecável dos Marshall. Uma divindade dourada estava no meio da mesa formica com Marsh sentada fascinada de frente para ela. Ela se virou para nós com olhos inchados.

— Ela se foi. — Foi tudo o que ela disse. E então nos entregou o bilhete.

Querida Kristin,

Não espero que você entenda nem que algum dia me perdoe, mas já aguentei tudo o que podia. Agora tenho a chance de ser feliz com o Sr. Sorensen. Pode ser difícil no começo, mas as coisas vão ser mais fáceis para todo mundo desse jeito. Tenho que acreditar nisso. Kristin, fiz o melhor que pude para criar você bem, e sei que você vai cuidar de suas irmãs. QUando as coisas se ajeitarem, entrarei em contato. Até lá, por favor, saiba que vocês, garotas, estarão para sempre no meu coração.

Com todo meu amor,

Mamãe.

— Puta merda — eu disse, e coloquei o bilhete ao lado da torta. Foi o último golpe da Sra. Marshall no instinto maternal.

— Quem é o Sr. Sorensen? — perguntou Pen.

— O chefe dela — disse Marsh sem amargura. — Gostaria de poder dizer alguma coisa de ruim dele, mas ele é legal. Ela merece ser feliz. Mas...Eu só... — Ela abaixou a cabeça, dando de ombros, mas os soluços foram silenciosos.

— Ah, Marsh, lamento muito — eu disse, de verdade, em vão. Por dentro, amaldiçoei a visão que tive e ignorei antes do jogo no estacionamento de Swonowa. Eu tinha previsto isso, mas estava tão envolvida nos meus próprios dramas que não fiz nada, apesar de não conseguir imaginar como eu poderia ter impedido. A criatura fedida e suja tinha ameaçado Marsh e as irmãs no filme de terror na minha mente? O nome dela era Douglas Marshall.

— Onde está seu pai agora? — eu de repente quis saber.

— Na rua, enchendo a cara, provavelmente — respondeu. — Eles tiveram uma briga enorme ontem à noite. Começou devagar, de um jeito ruim, como um vazamento de gás. De repente ele estava gritando, chamando-a de todos os palavrões que existem. Fiquei no meu quarto, achando que ele sairia batendo a porta, voltaria depois com rosas compradas numa loja de conveniência, daquelas que já estão mortas quando a gente compra. Fingíamos que nada aconteceu, e todo o ciclo idiota recomeçaria. Só que...Acho que ela já tinha tomado a decisão.

Nem sei se ela contou a ele. E é claro que Charlotte e Willa não sabem, apesar de, em algum nível, elas provavelmente já imaginarem, já devem saber. QUero dizer, ela fez uma torta...

Os soluços silenciosos recomeçaram.

— O que você vai fazer? — Pen colocou sua mão em cima da mão da nossa amiga. Tão jeitinho de Pen, gentil e preocupada. Ainda assim, o gesto parecia vazio, e eu a peguei olhando para o relógio na parede.

— Não sei — Marsh falou.

— O que nós podemos fazer? — Revirei meu cérebro atrás de soluções. — Pen seu pai é advogado. Ele cuida desse tipo de coisa? E o pai de Burr? Ele é juiz, certo? talvez... — calei a boca. Tio Gordone o Sr. Addams...profissionais de colarinho branco do mesmo tipo do Sr. Sorensen. Envolva-los poderia despertar no pai de Marsh um protesto de proletariado. — As meninas estão no quarto? — Mudei de direção. — Talvez deveríamos ir todas para minha casa. Tem espaço suficiente e...

— Não — Marsh disse com firmeza. — Não posso perturba-las mais ainda. Elas precisam de estabilidade, e ... amam papai. Ele não faria...Não vai... — a voz dela ficou temula. Ela afastou a mão de Pen e limpou o nariz. — Só preciso manter as coisas estaveis.

— Vamos ficar com você — falei.

Marsh olhou para mim e pensou no assunto.

— Não — ela disse — Não, obrigada. Vocês são demais, agradeço por terem vindo aqui. Mas isso é coisa minha. — Ela reuniu forças, levantou da mesa e abriu a geladeira, depois fechou e foi até o armario. A calça jeans larga estava de volta, o casaco de moletom era tão grande que cabiam três ali dentro. — Preciso preparar alguma coisa para o jantar. Meu Deus, está tão tarde. As meninas não comeram, e quando ele chegar em casa, se estiver com fome....

— Tem certeza? — perguntei. Porque eu não tinha.

— Absoluta — disse Marsh.

Pen estava sentada a mesa, admirando as unhas distraidamente. Vermelho vivo, mas do que bizarro. Pen só pintava as unhas de cores claras.

Marsh ficou nervosa.

— Vocês deveriam ir embora — ela disse. — Não quero que ele pense que contei para alguém.

— Mas você vai ligar para nós se alguma coisa...

— Vou, vou. Vou ligar. Mas esta tudo bem. De verdade. Podem ir. Vejo vocês na escola.

Eu não vi outra opção, então disse que tudo bem e chamei:

—Pen. —

Nenhuma resposta

— Pen?

— Hmmm? O que?

— Vamos. Estamos de saída

Queria dar um abraço em Marsh, mas ela tinha se encolhido tanto dentro das roupas, dentro de si mesma, que não conseguia encontra-la. No lugar dela, um robo fritava hamburgueres. Ao sair — daquela parte — da cidade, reparei no Carcaju, um bar iluminado com letreiros de neon, que

imitava uma cabana de madeira. Que animal era um carcaju, afinal? Uma fera fedida e suja, quase um urso, que andava rente ao chão, comum focinho longo e dentes afiados. Um wolverine. Apertei o sueter ao meu redor.

— Você acha que ela vai ficar bem? perguntei a Pen.

— Ah, claro — Ela estava tão blasé. — O pai dela é um babaca, mas ela sabe como lidar com ele.

— É, mas e se ele não voltar e elas ficarem sozinhas lá?

— Eu também não me preocuparia com isso. — Pen deu um sorriso bem sutil. — Há uma arma na casa, e Marsh sabe muito bem como maneja-la.

Pen encostou na porta da Daisy Lane numero 12.

— Foi divertido mais cedo? — ela perguntou de maneira agradável.

— O que?

— O lance do coral, Foi tudo bem?

— Foi... — falei, reticente, como se tivesse acontecido há meses e eu tivesse que fazer força para lembrar. — Foi tudo ótimo.

— Desculpe não ter ido. Fica pra próxima. Prometo!

Tinha que ser um superpoder da elite branca protestante e anglo-saxã: um botão que faz tudo ficar bem. Estava claro que meus genes judeus — criptografados para indicar desastres iminentes a cada esquina — eram dominantes nesse momento. Eu só queria sair do carro.

— Vejo você amanhã. — Falei e sai correndo.

— Boa-noite! — ela gritou

Corri pelo jardim como se estivesse sendo perseguida.

— Boa-noite, minha dama. — Sin estava sentado na varanda, botas sobre a balaustrada, um dedo acariciando gentilmente o queixo de RubyCat.

A volúvel felina nem se deu ao trabalho de reparar em mim.

Eu tinha que fazer isso direito. Clareza era a chave. Nada de eufemismos nem de modernismos que ele pudesse não compreender.

— Você fornicou com a Pen?

— Sim.

Repeti a afirmação, usando outra palavra que começava com F, omitindo a preposição, substituindo um pronome e acrescentando um ponto de exclamação.

— Sim. Isso a incomoda?

Eu literalmente bati o pé. Foi um reflexo.

— Claro que me encomoda, Sin. Mas quer saber de uma coisa? Nesse momento tenho outras coisas na cabeça, que tiram quem você come da minha lista de prioridades.

— Ah, você gostaria de falar sobre isso? — A voz dele penetrava gentilmente pela minha mente, me seduzindo, me confundindo. — As pessoas dão tanta importancia a ser aberto nos dias de hoje. Comunicação. Respeito pelos sentimentos...

Como se eu precisasse que ele respeitasse os meus. Que audacia. E eu queria que ele tirasse as patas da minha gata. Mas eu parecia incapaz tanto de falar quanto de agir. Apenas fiquei ali, de pé.

— Esta vendo? — Baixando os pés, ele pegou RC da posição enroscada em que ela estava para coloca-la deitada de costas na palma da mão a cabeça apoiada nos dedos, o rabo caído sobre o pulso. — Falei que ela se acostumaria.

— É — eu disse — você tem o dom.

Ele não respondeu, só colocou RC no aconchego do braço dele e a provocou com a ponta do proprio rabo. Ela o abanou preguiçosamente.

— Sin, o que esta fazendo aqui?

— Eu queria ver você — ele disse e ficou de pé. — Dizer pra você o quanto apreciei sua performance e conhecer seus pais.

Essa era a oportunidade perfeita para perguntar — Não o que você esta fazendo aqui na minha varanda, mas o que esta fazendo aqui em Swoon? — Para falar de todas as coisas estrnhas que começaram a acontecer com a chegada dele. Como, por exemplo, os pais dos alunos que nem estavam no coral compareceram a um pré-recital sem importancia. Ou por que Pen tinha pintado as unhas de vermelho. E, se isso parecesse inconsequente, que tal a mãe de Marsh fugir com o chefe? Sin parecia responsavel de alguma maneira, mas enquanto tudo isso passava pela minha cabeça, sabia o quão paranoico parecia ao sair da minha boca.

— Eu também queria perguntar uma coisa? — ele disse.

Ele veio para perto de mim. Estiquei o braço para pegar RC e ele a engou com facilidade. Ela cheirou meu pescoço. A vagabundinha peluda.

— Pergunte.

— Ficou muito frio — comentou. — Um belo truque, a proposito. Bravo.

Ele estava sugerindo que eu fiz a temperatura cair? e na verdade, sera que eu fiz?

Sin esticou a mão.

— Vamos entrar?

Como era facil apenas pega-la, deixa-lo me guiar pela porta. Em seguida talvez acendesse o fogo, nós deitaríamos em frente e ele explicaria tudo, faria até a sedução de Pen parecer

razoavel, perdoavel. E nesse ambiente clichê romantico meus cili0s tremeriam, sobrecarregados pelos eventos do dia, e eu me afundaria em Sin, no beijo dele....

— Não.

Por que eu não conseguia odia-lo? Puro, claro, e simples odio. Que defeito na minha fiação me impedia de chutar essa imitação desumana de garoto, essa aberração, para a sarjeta absoluta? Quantos truques mais seriam necessarios para colocar minha cabeça no lugar?

— Estou cansada — Falei para ele. Encostando-me na varanda. Quer me perguntar algo, seja brave.

— Muito bem — ele disse — O baile. Uma ocasião importante, pelo que percebi. Falo da festa que vai acontecer no final de semana que vem. Eu gostaria de acompanha-la

Bailes não combinavam com minha experiencia urbana. Até mesmo o baile de formatura é um evento burgues que os adolescentes da cidade relutam mas acabam indo por ser uma experiencia Kitsh. Mas ele estava certo. Em Swoon, o baile era importantissimo. Ter Sin Powers como meu par seria um golpe social.

— E quanto a Pen? — eu disse

— Pen? Sim? O que tem ela?

Ele estava brincando?

— Acho que a luz das recentes atividades amorosas, você iria querer acompanha-la. — Olhei para o outro lado da rua. Por tras da cortina do quarto da minha prima, a luz emitia um brilho suave. — Aposto que ela está lá agora esperando um convite.

— Você faz parecer que Pen e eu estamos noivos ou algo assim.

— É. Aham. Vocês são apenas amigos com beneficios.

O termo era novo para Sin. Mas ele aprovou.

— Sim, é isso mesmo, precisamente.

Balancei a cabeça. Tudo era tão louco. Mas Swoon estava virando uma cidade louca, então fazia sentido. Portanto, fiz uma proposta insana.

— Que tal isso: vou com você ao baile se você convidar Pen também. Sabe como é, vamos ser um trio feliz.

Sin ficou pensando sobre isso, enquanto eu me afastava da parede e entrava. Sozinha.

Capítulo 21

UNHAS VERMELHAS VIRARAM MODA. Com a exceção de Marsh, que trabalhava demais com as mãos para se preocupar em enfeita-las, e de mim, que boicotava moda só para ser rebelde, todo mundo estava usando. Até mesmo a Sra. Brinker recebia as multas por atraso na devolução de livros com unhas vibrantes. Fora isso, tudo estava normal, ou tão normal quanto uma cidade pequena obcecada por esportes pode estar as vésperas do baile anual da escola. As pessoas enlouqueciam preparando o desfile, e é claro que havia um encontro para aquecer os animos antes do jogo contra o Bristol Bobcats. Brie Atwood era considerada a favorita para vencer o título de rainha do baile, o que não irritava Pen nem um pouco.

— Todo mundo participa do evento, mas só os idiotas se preocupam com ele — ela explicou enquanto vasculhávamos araras na loja da Legião da Boa Vontade na Route 84. Para o desgosto de minha prima, foi lá que escolhi comprar um vestido. Era típico de Pen torcer o nariz para as coisas de segunda mão, mas ainda assim ela aceitou me ajudar na busca. Ela estava sendo a mesma pessoa alegre de sempre ao longo da semana, e aceitou bem a ideia da nossa ida ao baile a três. Vá entender.

Minha intuição com Sinclair continuava tão complexa quanto sempre fora. A fúria tinha se acalmado. A atração, no entanto, não, então continuei evitando-o ao máximo enquanto explorava Pen em busca de informação. Os dois tinham várias aulas em comum e eram frequentemente vistos andando juntos pelo campus. Foi ela que descobriu, por exemplo, que o local de residência dele era um apartamento em cima do posto de gasolina Libo's Gas & Lube. Sin e Kurt tinham se dado bem, e concluí que estavam juntos em alguma atividade desprezível para o benefício próprio. Como talvez, roubar lares de elite do oeste de Connecticut ou investir em hidroponicos. Seja lá o que eles estivesse aprontando, Sin agora tinha a sua disposição um Cutlass Supreme 1972 conversível que Kurt tinha reconstruído e agora esperava vender.

Pen colocou a mão no meu braço.

— Olha, Dice — exclamou — Esse é muito sexy!

Era uma peça colante em cetim verde esmeralda, sem mangas, com o comprimento logo abaixo dos joelhos, uma relíquia dos anos 1950. Adorei o tecido e o corte, mas a cor?

— Não sei...Verde combina comigo?

— Claro que combina. Com sua pele clara e seus cabelos escuros, vai ficar lindo em você.

O vestido serviu como se tivesse sido feito para mim, e comecei a ficar otimista quanto ao baile. Se ele acabasse sendo ruim, o vestido tinha custado apenas US\$ 14, 99

O segundo sábado de outubro chegou e mamãe veio com Mally Shagberg, uma amiga esquisita dela que era cabelereira das estrelas. Lainie foi convidada para a sessão de arrumação, e as mulheres se afogavam em espumante enquanto Mally penteava Pen e eu.

— Fiz esse penteado em Scarlett Jo no Golden Globes, mas você tem cabelo melhor, é claro. Mas até um espantalho tem — Mally disse para Pen. — E você, belezinha, acho que devíamos pensar em algo grande.

Eu dei de ombros, pisquei e peguei a taça de espumante de Mally.

— Eu vi isso! — disse mamãe.

— Não seja estraga-prazer — Mally disse, erguendo a taça para ser enchida. Mamãe cedeu e entregou meia taça para cada uma de nós, menores de idade.

Quando nosso acompanhante chegou, uma garrafa estava vazia, a segunda estava pela metade e as três mulheres pareciam semiembriagadas. O cumprimento delas foi totalmente estilo Shakespeare: elas, as bruxas; ele, Macbeth.

— Aaah, Sinclair, você está tão elegante! — babou Lainie

— Delícia! — uivou Mally. — Como um jovem Daniel Day-Lewis. Só q mais moreno. E mais atraente. Querido, você poderia me fazer reconsiderar os homens!

— Não ligue para ela — disse mamãe. — Apenas pose para as fotos. E se Candy e Penny forem boazinhas, tiraremos algumas delas também.

Por ele ser Sinclair Youngblood Powers, concordou com uma reverência. Achei que elas iam desmaiar num furor pré-menopausa.

Fiz cara de nojo para Pen. Mas, na verdade, ele não estaria mais doce nem se ele fosse feito de açúcar. O terno era cinza chumbo, abotoado e cortado à perfeição. As botas e a camisa clássica branca sem gravata davam ao visual um toque ousado. E o cheiro dele, de sabonete, couro e mais alguma coisa, aquela nova faceta da essência dele, algo mundano, amadeirado forte. Além disso ele tinha trazido flores para nós. As de Pen eram amarelo-claro e as minhas de um roxo vibrante tão profundo que pareciam feitas das asas de um corvo. O trio embriagado nos seguiu até lá fora, dando gritinha de surpresa ao ver o Cutlass, aquele carro que parecia um leopardo preto. Pen, sem reclamar, entrou atrás, e eu fui ao lado de Sinclair. Isso foi legal, eu acho, apesar de imaginar que talvez tivessem combinado antes para me agradar.

Todos os alunos de Swonowa apareceram no baile Kendall Wynn Inn (Imaginem os burgueses metidos de Swoon, Norris e Washington fariam a festa no bial ginásio do colégio). Estavam vestidos de maneira semiformal, os homens de terno e gravata, as mulheres preferindo pretinhos básicos. Ironicamente de branco, Pen se destacava, assim como eu, de vestido verde colante. Parecia que meu primeiro baile de escola acabaria sendo uma experiência positiva. O Dj sabia o que estava fazendo, e o som estava excelente. Quase todo mundo estava na pista de dança.

— Vamos? — perguntou Sin, segurando nossas mãos, dando aquele sorriso encantador.

— Vamos, sim — eu disse com convicção. O trio tinha sido minha ideia, e eu seria fiel a ela até o fim. Pen me deu a mão, deu um apertão e balançou os cabelos brilhantes. Eletricidade percorreu minhas palmas. Nosso círculo estava completo.

Assim que chegamos a pista, começou a tocar uma musica aparentemente desconhecida, mas familiar a todos como se fosse uma lembrança antiga. As batidas eram hipnoticas, o baixo pulsante, os vocais um tipo de gemido entremeado com gritos. As pessoas dançaram de acordo, e , em poucos minutos, todo mundo estava se balançando. As pessoas começaram a ficar competitivas, todas tentando dançar melhor do que as outras. Todos pareciam fundidos entre si, e chegou o ponto em que não dava para saber onde uma pessoa terminava e a outra começava. Assim que Sin, Pen e eu chegamos ao meio da pista, todos começaram a orbitar em torno de nós. Não, não em torno de nós. Para nós. Para ele. Parte Baco, parte Balanchine, Sin silenciosamente e sempre sorrindo parecia alimentar seus suditos. Para o prazer dele. Para o nosso também. Para o de todo mundo. De todos os corpos. Fechei meus olhos e descobri que conseguia me envolver no ritmo ainda mais profundamente.

E alguém estava beijando meu pescoço.

E eu me curvei para facilitar o acesso.

Alguém (uma outra pessoa?) deslizou as mãos entre as minhas coxas.

Eu me contorci, afastando tentadoramente meu premio.

Ao entreabrir os olhos, vi varios aspectos de anatomia humana em exibição no K.W pela primeira vez na história do majestoso hotel. Éramos uma entidade, uma coisa que se contorcia e ondulava. Tudo estava gloriosamente fora de controle, e eu fui na onda, cheia de adrenalina, emoção e curvas.

Até que a gritaria começou.

Parecia um bando de gaivotas atrás de um barco de lixo.

Mas, espantosamente, o barulho vinha todo de uma pessoa.

Anderly Addams.

Anderly não tinha colocado um vestido preto para o baile. Ela usara um vestido azul, da cor do céu num dia ensolarado. Ela não estava coberta pela maior parte dele, que tinha sido arrancado do seu corpo magrelo. Agora ela cambaleava pelo K.W com o sutiã branco e a calcinha de algodão expostas. O penteado tinha se desfeito e mecheas cheias de laque se esticavam para todos os lados. O nariz sangrava. Em uma das mãos, ela segurava um trapo de tafetá azul, um resto do belo vestido de festa. E ela estava gritando.

O que ela estava gritando sem parar era:

— Estupro! Estupro! Estupro! Estupro! Estupro!

Capítulo 22

A GAROTA ESFARRAPADA LOGO TEVE COMPANHIA, seus gritos em harmonia com a ambulância, e enquanto ela era levada para ser esfregada e cutucada e raspada, todos os policiais do condado pareciam estar no K.W. A imprensa veio com toda força também. Os jornais de domingo parariam as maquinas em nome de manchetes fantasticas como — Orgia no baile choca a comunidade — , mas o noticiario de TV local foi o primeiro a mostrar a historia, apontando as cameras para os alunos de Swonowa. Um casal lindo apareceu em todos os programas.

— Só estávamos nos divertindo. Não tínhamos ideia do que estava acontecendo com aquela pobre garota. — Sin foi sucinto, a expressão do rosto, sóbria. Pen ficou ao lado dele, com o penteado de estrela de cinema intacto. Presumivelmente eu estava fazendo xixi ou algo do tipo quando essa cena foi filmada.

De acordo com o exame feito em Anderly, não houvera penetração e não havia presença de liquido seminal. A garota-propaganda da castidade por escolha propria em Swoon provou ainda ser pura. O vestido foi destruido, mas o precioso himen permaneceu intacto. Ainda assim, Anderly não voltou para a escola nos dias e semanas que se seguiram. Os rumores eram muitos. Ela estava catatonica na ala para doentes mentais, sendo alimentada por intravenosa. Ela tinha citado o nome de 7 alunos de Swonowa e eles seriam presos a qualquer momento, e o pai dela, juiz, pediria castração. Era tudo mentira, ninguem tinha tocado em Anderly. Ela tinha inventado aquilo para promover a ideologia do Pacto de Amor Puro.

Todos tinham uma teoria, ninguem sabia a verdade. E, enquanto esperavamos que acusações fossem feitas ou que toda a confusão se esclarecesse, todo mundo que estava no K.W naquela noite teve que concluir por si mesmo o que tinha acontecido. Levou um tempo para que eu chegasse a uma conclusão. O que quer que tenha acontecido com Anderly Addams, Sin era o catalisador. Ele exercia um efeito nas pessoas, não conseguia evitar. Ou sera que podia?

No dia depois do baile, tive minha resposta.

Durante a madrugada, mamãe e a Mally ficaram esperando acordadas. Elas só queriam saber de detalhes inocentes, mas quando começou a ficar muito tarde, a preocupação tomou conta delas.

— Ah, Meu Deus! — Minha mãe me agarrou na varanda, me abraçou com tanta força que doeu e depois me segurou afastada dela para me inspecioas. — Você está bem! — ela sentenciou. — Eu devia matar você! — Ela me apertou contra o peito de novo.

— Por favor...não... — Implorei pela minha vida no meio do forte abraço, e ela me soltou. Dentro de casa, a mesa da cozinha estava uma bagunça, cheia de caixinhas reviradas de comida para viagem do melhor mercado de Manhattan. — Algumas pessoas estavam se pegando e a coisa saiu de controle. — expliquei, brincado com a alça da minha bolsa de cetim. — Uma garota falou que foi agredida, a policia veio e foi uma grande confusão.

— Se pegando... se beijando enquanto dançavam. — mamae falou para Mally, que estava sentada confortavelmente entre os escombros.

— Sei o que é, Lesley. Meu Deus.

— E quanto a você? Nada...Ninguém tetou...?

Os eventos da noite já estavam se apagando, como se alguém tivesse cuspidos neles e esfregado com um pano. Recitei a fala de todos nós.

— Eu estava me divertindo, não fazia ideia do que estava acontecendo com aquela pobre garota. Mamãe me observou mais um pouco, depois olhou para Mally de um jeito que indicava que eu era culpada pelo seu hábito de usar Botox. Uma filha como eu envelhecia a pessoa.

— Vamos todas para a cama então. — ela terminou.

Otima ideia. Milagrosamente consegui lidar com o problema de tirar a roupa e a maquiagem, desfazer o catelo que era meu cabelo e colocar minha flor cor de violeta sangrenta em cima da escrivaninha. Como uma bola de pelos entre meus travesseiros. R.C. se posicionou quando caí sobre os lençóis, se enroscando encostada na minha barriga. Ertodo alvorecer e encontrei a homonima dela na cama comigo ao em vez dela.

— Oi, baby.

— Ruby?

Apertei os olhos na pouca luz. A coroa que ela usava tinha sido empurrada para o lado pelo travesseiro.

— Não, Paris Hilton. Quem você acha? Deus, estou com tanta raiva de você agora.

— Porquê? o que eu fiz?

Ela sentou, esmagando o travesseiro atrás de si e ajeitando a coroa.

— O que eu falei da ultima vez? Me chame se precisar de mim. Mas você chama? NÃO!

— Eu... — havia bons motivos para não chamar Ruby. — Eu não me dei conta de que estava precisando.

— Não — ela respondeu. — é claro que não. Por causa dele. — fez uma careta, parte nojo, parte compaixão, com um pouco de diversão no meio.

— Seu demonio de terra.

— Esta falando de Sinclair?

— Esta falando de Sinclair? — ela imitou. — Você é uma idiota mesmo, Candy.

— Não sou idiota. E me chame de Dice. Olha, sei que Sin é sinonimo de problema.

— Problema? Menina, você não sabe metade; não, você não sabe nem um milimetro sobre com o que você esta lidadno.

— Ah, e você sabe? — Quem morreu e a transformou numa autoridade em todas as coisas sobrenaturais?

— Não, na verdade não. — Ruby admitiu. — Mas sei o que ele não é. Não é um fantasma.

— Isso é obvio. Ele recuperou o corpo. — E que corpo...Lembrei do jeito que dançamos com ele, Pen e eu, e um arrepio me percorreu, um abalo lascivo.

— Já ocorreu a você que esta pode não ter sido a unica forma que ele assumiu?

Claro que sim. Mas, com toda a excitação envolvendo o baile, achei que seria possivel adiar a hora de lidar com isso. Me virei na cama, mas Ruby estava bem ali, na mesma posição mas do outro lado.

— Porque a mudança é inevitavel. — ela disse, como se transmitisse a sabedoria de seculos. E depois teve que ilustrar. Os olhos dela se tornaram buracos negros putridos, a pele inchando e estourando ao redor deles. Larvas rastejaram de dentro das orbitas com um som melequento.

— É... — agora era a minha vez de fazer uma careta.

Ruby voltou ao normal, exceto pela larva presa entre seus dedos. Que ela imediatamente comeu.

— Mas nem toda mudança é boa. Como com seu rapaz.

Ficamos em silencio por um momento, e ela disse de novo enfartizando:

— SEU rapaz.

— Você acha que eu sou responsavel por ele?

— E não é? — quando não respondi, Ruby suspirou. — Você é uma gatinha esperta Candice, e talvez queira explorar isso um pouco. Só uma sugestão.

Ela provavelmente estava certa. Só que eu ainda estava muito cansada.

Fiz um gesto para que ela se desintegrasse e voltei a dormir. Horas depois acordei faminta e mal-humorada, irritada com mamae pela inaptidão culinaria dela. Aquela mulher sabia fazer 3 coisas: café, martinis e reservas. Dei um olhar ferido para Mally também, pois ela tinha ajudado a dizimar os petiscos que tinham trazido. Mergulhei em uma tigela de cereal de chocolate enquanto mamae e eu conversavamos:

Ela: Você quer conversar sobre ontem a noite?

Eu (mastigando): não.

Ela: Penny e Sinclair apareceram no noticiario de hoje de manha.

Eu (mastigando): que bom para eles.

Ela: você conhece a garota que foi atacada?

Eu (mastigando): que parte da palavra — NÃO — você não entendeu?

Sera que existe algum momento em que não tem problema em ser rude. principalmente com alguém que amamos? Apeguei-me a isso. Me distraiu. Assim como a mascara de limpeza dos poros que apliquei no meu rosto. E também procurar faculdades na internet (apesar de eu ja estar de olho em Columbia praticamente desde que nasci). Fiz cara feia para meus poros, meu computador, e emergi do meu covil para ser gentil com mamãe e Mally.

Depois que elas saíram para voltar para a cidade, fiquei sem distrações.

Era hora de explorar a questão Sin.

O lugar onde começar era o começo. Como na frase de abertura da Bíblia: — No começo... — , que Sin tinha citado para mim. O modo como fiz Sin se assemelhava a como Deus criou Adão, mas com duas grandes discrepâncias. Primeiro, Deus sabia o que estava fazendo. Segundo, Deus deu a Adão uma alma.

Minha unica omissão. Obviamente, isso mão tinha me ocorrido (veja a falha acima), e mesmo se tivesse, eu teria pensado que a alma original dele seria o suficiente. Na verdade, supus que Sin continuava se virando com a alma antiga. Já que a outra possibilidade, a de que ele não tinha alma, nenhuma alma, era impensavel.

Só que eu tinha pensado nisso. E não conseguia voltar atras no pensamento. Então pesquisei mitos e lendas para saber os atributos de algo na terra mas sem alma. Pasmem, tal criatura existe, e no folclore da Cabala, nenhum outro. Nome?Goem. Proposito? Trabalho manual não pago. Para ajudar na casa, ir as compras, proteger membros da tribo de invasores gatunos ou inquisidores evangelizadores. Basicamente, ele vive (e eu uso o termo livremente) para servir.

A não ser que ele fique maior do que aquilo que se pretendia. Então a merda é grande.

Capítulo 23

ESPERE. ESPERE. CALMA. INSPIRE. EXPIRE. CERTO. O mais importante primeiro. Para testar a validade da minha pesquisa, me concentrei na minha tirana interior e convoquei meu servo. Não foi um pedido. Dispensei a delicadeza, coisas como — por favor — . Em vez disso, sentei na varanda e deliberadamente direcionei ondas cerebrais: Sin, venha para cá imediatamente. Fiz disso um mantra, atraindo o ronco vigoroso do Cutlass até Daisy Lane. Portanto, fiquei meio perturbada quando Sin chegou a porta de casa galopando em Black Jack. Ele desceu da montaria, amarrou as rédeas na grade da varanda, subiu os degraus oulando e me olhou com obediencia perplexa.

— Minha dama?

— Qual é a do cavalo?

— Eu...Você...Kurt está com o carro — ele finalmente conseguiu falar.

-Ah. — os cantos da minha boca tremeram. — Você não precisava vir correndo.

— Não precisava? — É claro que precisava.

Fui direto ao ponto.

— Sei o que voê é Sin. Um golem. É uma coisa judaica, mas evidentemente você é a versão nativo-americana. — Ele não manifestou nenhuma objeção, então prossegui. — De acordo com a literatura, um golem precisa seguir ordens da pessoa que o criou.

As palavras seguintes saltaram-lhe da boca como um soluço.

— Sua ordem é minha honra.

Isso era interessante. Muito Aladinesco. R.C tomou coragem para ir verificar Black Jack enquanto eu analisava meu proprio animal obscuro.

— Que tal uma dança sexy?

Sin precisou processar isso. Então fez uma careta que dizia: Por favor, não

Olhei para ele com indiferença. Então Sin começou a oncular os quadris...

Cai na risada, é claro.

— Ah, pare com isso. — Ele pareceu aliviado. — Sente-se. — Apontei uma cadeira com o queixo e ele obedeceu. Quer dizer que você não só me enganou para que eu criasse você, mas também esqueceu se me dizer que sua unica razão de viver é ser meu assistente pessoal.

— É verdade — Ele disse. — Não posso negar nada para você.

— Bem, então aqui esta minha primeira ordem oficial: nunca minta para mim.

Ele ficou petulante.

— Nunca menti — insistiu. — Há regras em nosso relacionamento, e essa é uma delas.

— Regras é? Bom saber. Que tal você andar logo e me falar o que é exatamente capaz de fazer. Saltar sobre predios altos com um impulso só? Ficar invisivel quando deseja? Visões de raio X?

— Não sei o que posso fazer até tentar. Quer que eu salte sobre um prédio? — Ele olhou para o telhado; — Um silo, talvez?

Não respondi.

— Acredito que seja mais sutil do que os atributos caricaturais que você mencionou — prosseguiu. — Até onde pude verificar, tenho as mesmas habilidades que tinha quando era homem, somente aumentadas. Quando homem era intuitivo. Agora, visão de raio X não, mas eu sinto, querida dama, eu sinto.

Será que conseguia sentir que eu transbordava de medo?

— Além disso, já fui considerado carismático; agora, o sou em excesso.

A varanda conseguiria aguentar o ego de Sin em constante crescimento?

— A invisibilidade talvez me escape — continuou — , mas consigo convencer alguém de que não consegue me ver, o que certamente é tão bom quanto.

Ele passou uma mão pelo queixo num gesto meditativo. A barba estava por fazer e tive vontade de tocar nela, descobrir se a sensação era como a de tocar em limo.

— E...o que mais? Ah, sim, me permite uma demonstração?

Mandei que prosseguisse com um gesto. Sin retirou um vaso se flores de uma base e levantou o suporte.

— Quando era homem, trabalhei do alvorecer ao anoitecer forjando no fogo. Eu era forte. — Ele quebrou as pernas do suporte e começou a dobra-la como um palhaço de festa faz animais de balões. — Agora sou mais forte. — Tcharan, um coelho de ferro.

Ele voltou para a cadeira e nos observamos de maneira direta. Enquanto isso, Black Jack torcia seu pescoço poderoso para onde RubyCat estava marcando seu território. Tocando focinhos, eles se farejaram. O cavalo que uma vez vi ameaçar o dono estava docil diante de uma gatinha minúscula. E o rapaz tão propenso a esconder quem era não procurava mais fazer isso.

Olhei dentro dos seus olhos e vi... tanta coisa. Inteligência, intensidade, humor, fome, raiva, honra, orgulho, mas faltava tanta coisa também.

— Certo...Vamos em frente. — sugeri — Provavelmente você tem algo a mais do que o golem tradicional. — Sin era um mutante, fruto da sua própria inventividade, mas meu erro brilhante e inescapável. — Isso me faz duvidar de que seu objetivo principal é ser meu servo. Isso parece mais um efeito colateral com o qual você tem que conviver. Então peço que me diga, Sin, o que traz você a Swoon...de verdade?

Ele não tinha alternativa a não ser responder.

— É minha missão garantir que as pessoas dessa cidade sejam punidas. Quanto aos meus meios, deve ser fácil: apenas os guiarei na direção de suas tendências inerentes e deixarei a natureza seguir seu rumo.

Aham. Dar corda e depois ve-los se enforcarem nela. Mas se a vingança é um prato que se come frio, o de Sin provocaria uma queimadura de gelo. Eu quase ri.

— Olhe, cara, sei que você foi sacaneado aqui, mas isso foi praticamente há 250 anos — argumentei — Lembra? Oláá, século 21?

— Não consigo ver que diferença faz a passagem do tempo — ele disse com teimosia.

— Deixe-me explicar para você então. As pessoas que você quer punir estão mortas há tempos.

Ele sacudiu a cabeça, negando.

— Posso jamais saber quem assassinou minha Hanna, mas sei quem nos perseguiu, e essas famílias ainda tem uma grande influencia em Swoon.

Enquanto ele dizia isso relembrei do juramento naquele dia de verão no parque da cidade.
— Avisem os filhos dos filhos de seus filhos.... — Ah, merda.

— Os Addams, por exemplo. Um deles foi o juiz no meu dito julgamento. Deve realmente ser um saco ser descendente dele, com uma preciosa filha humilhada publicamente e agora incapaz de fazer qualquer outra coisa além de balbuciar e babar...

Então Sin tinha orquestrado o que aconteceu no baile. E a teoria da catatonia venceu.

— E há também os Emerson e os Chadwick.

Wick, não! Ela era uma esnobe elitista, verdade, mas era minha amiga.

E não vamos nos esquecer dos Leonard.

Isso foi o limite.

— Sin! Os Leonard não tiveram nada a ver com o que aconteceu com você e Hanna.

— Lamento discordar. Mau advogado era um Leonard, e o cado que apresentou foi incrivelmente inadequado. O pai de Pen é advogado não é?

— Isso é apenas coincidência.

— Talvez sim, talvez não. Mas tenho uma Leonard à minha disposição que vai se mostrar mais util do que seu ascendente.

— Esta falando de Pen.

Ele esticou as pernas completamente, apoiando cada salto da bota no chão com um estalo.

— Despertei Pen de um modo adequado aos meus objetivos. E, em breve, minha doce e insaciavel sucubo vai seduzir um certo Sr. Lawrence Chadwick, o corretor de imoveis mais proeminente do ostate de Connecticut. Os rumores dessa união ilicita vao destruir os Chadwick facilmente.

O pai de Wick? Em uma palavra: ECA! Ele era velho e usava calça cáqui. Pen não faria isso...Não seria capaz. Mas é claro que seria e que faria. Sin não passava de um cafetão!

— Os mecanismos ja estão em movimento. Pen não vai descançar muito na festa do pijama de Caroline Chadwick, garanto para você.

Wick, fazendo uma festa do pijama? Quantos anos nós tínhamos, 12? E onde estava o meu convite? Perdido no correio?

— Não Sin... Eu proibo.

— Ah, mas você não tem controle sobre Pen, minha dama.

— Mas você tem. Ela fará qualquer coisa para você.

Ele deu de ombros.

— Acho que você vai descobrir limites no seu domínio sobre mim também. Não sou um típico golem, com certeza.

Olhei para o outro lado. Ele já tinha criado resistência a minha influência e estava recrutando soldados: Pen estava a postos, Kurt Libo também. Quem mais ele teria conquistado? A lua passara a crescente e parecia no céu como uma lâmina fina em uma caixa forrada de veludo.

— E eu? — perguntei. — Como me encaixo nos seus planos?

Havia alguma coisa similar a gentileza no olhar dele.

— Ah, Dice, essa é uma boa pergunta. — Ele refletiu com um suspiro pesado. — Posso contar-lhe meu sonho?

Eu acharia que ter uma alma era pré — requisito para sonhar, mas claramente estava enganada.

— Vá em frente.

— Bem, para começar: o modo como nós dois estamos envolvidos...

Acredito que seja providência divina. Naquele dia, em julho, Pen foi um veículo acessível, mas poderia ter sido qualquer um. Kurt Libo. A Sra. Evans. — O pensamento de Sin entrar na nossa professora de História, com pouco mais de 1,50m. quase me fez rir. — Mas você era, você é, meu destino. Não importava em qual corpo eu entrasse, desde que você estivesse por perto para me entregar a vida.

Entrega-lo. Então eu era um dos correios agora.

— Você sabe que há muito tempo a admiro, e não só pelas habilidades que renega. Eu a vejo como minha semelhante, Dice. Meu par, do modo como nenhuma mulher jamais foi.

— Ah, é mesmo? — falei baixinho. E perguntei o que tinha que ser perguntado. — E quanto a Hannah?

— Hannah. — Dor e resignação atenuaram as feições dele. — Hannah era diferente. EU era diferente. — Internamente ele refletiu sobre as muitas diferenças. — Hannah era... imatura, levemente impulsiva. Enquanto você, nunca conheci uma garota tão... competente.

Competente? Ótimo. Bem, o que mais eu queria ouvir?

— E as vezes farto com a ideia de você e eu unidos. Primeiro, para trazer ruína a esta cidade. Depois disso....Quem sabe? Você poderia me mostrar Nova York, a sua Nova York. Ou nós poderíamos ir para Londres ou Paris ou Constantinopla....

— Istambul.

-Não mude de assunto. — O olhar dele estava firme.

— Não estou mudando. Istambul. Constantinopla se chama Istambul agora.

Sin sorriu.

— Ah, mas você vê? Vê os modos em que poderíamos acrescentar um ao outro? As coisas que poderíamos dividir, os mundos a conquisitar. Não conheceríamos fronteiras, nem limites...

Era um sonho adorável. Repleto de arrogância e desumanidade, talvez; um sonho irreal e cruel. Mas adorável, muito adorável, e tentador apesar de tudo.

Capítulo 24

DEPOIS DE REDUZIR A CLASSE GOVERNANTE DE SWOON A ESCOMBROS e libertar cidadãos para se deleitarem em simples ritos de alegre abandono, SinMan Superstar e Diva DiceTruição se retiram para sua fortaleza na árvore no meio da floresta.

— Parece bom — ela diz, bebendo de um cálice da vitória. No vale abaixo coberto de trevos, mortais correm com o júbilo inocente normalmente visto apenas entre animais mais peludos.

— Parece ótimo — ele conserta, pousando o cálice de cristal para poder abraçá-la por completo. — Inspirador — acrescenta, a voz um murmúrio inebriado, puxando-a para um beijo.

Beijo esse que é retribuído com ardor semelhante. Mas antes que o beijo se mostre ser como uma droga, ela se afasta.

— Espere, meu amor — ela diz, um Eufrates de cachos negros descendo pelo corpete bordado. — Foi apenas uma batalha vencida. Em uma nação de hipócritas moralistas, muitos outros muros precisam cair antes que nós dois possamos nos abraçar.

Ele fingiu solta-la e depois a puxou contra si novamente, e relutante concordou.

— É verdade. Imagine que houve um momento em que precisei seduzir você para aceitar a missão, querida dama!

— Seduzir? Na verdade, você ameaçou...

Ele a abraça mais forte.

— Tática dos braços fortes —

Ela luta...

— Tortura! Tortura! Tortura!

Não há motivo para alarme. É assim que brincam seres como ele.

SinMan SUperstar. Diva DiceTruição. Apenas dos avatares que criei para minha diversão enquanto estava no acostamento da estrada com o polegar esticado. Eu devia ter colocado um sueter embaixo da minha jaqueta. Luvas, talvez. Quando estava pedalando até Norris, não senti frio, mas depois de largar minha bike para me posicionar a alguns quilômetros da estrada, eu podia sentir o vento do norte.

Para onde eu estava indo? Não fazia ideia. Só precisava sair de Swoon. Pedir carona era novidade para mim. Não se parecia em nada com chamar um taxi, mas algum tempo depois um carro parou, amassando as folhas. Era um sedã marrom silencioso, com placa de Connecticut : JSS1015.

Decorei a placa para o caso de ser encontrada depois em uma vala, meio viva. Homem branco, tipo vovô, mãos cheias de manchas, aliança de casamento, jaqueta cinza com pouco cabelo combinando. Ele parecia inofensivo, seja lá o que isso queira dizer. Entrei.

— Não vou fazer sermão — falou, abaixando o volume do som.

— Agradeço por isso. — EU já estava gostando dele.

— Imagino que esteja a caminho da estação em Brewster.

Ele era telepata? Duvido. Qualquer adolescente pedindo carona para fora do mato deve subir no próximo trem para NY.

— Sim, senhor — me dei conta. — Estou.

Assentindo, ele aumentou o volume da música de novo. Clássica. Por mim tudo bem. Minutos depois chegamos à estrada e meu taciturno chofer seguiu para a pista exclusiva para veículos com dois ou mais passageiros.

Talvez tenha sido por isso que ele aceitou levar um passageiro. Ou talvez ele fosse meu Hermes pessoal, deus da velocidade e libertação. Seja o que for, a sorte era minha.

O próximo trem para o mundo real chegou rápido. Com o nariz enfiado em um livro de Flannery O'Connor, peguei a linha do Harlem até a rua 125, depois troquei para o metrô. Algumas paradas depois em direção ao centro e eu estaria em casa. Mas, estranhamente, segui para o lado ao contrário. Fui para bem longe: A seção de Kingsbridge do Bronx. Não era parte da — minha — NY, a NY que Sin ia querer que eu mostrasse para ele. Eu só tinha estado lá uma vez, alguns dias depois do meu aniversário de 16 anos. Ruby tinha me dado um kit cartas de tarô de presente de aniversário, mas insistiu que fosse oficialmente abençoado antes de ser usado. Anaisa, tia de Ruby, era a mulher certa para o serviço.

Tecnicamente, Kingsbridge não era território de Ruby desde o upgrade pelo qual a mãe dela passou depois do novo casamento, mas ela alegava ter seus direitos. Sem ela, eu ficava sem rumo, sem direção. Meninos passavam usando jaquetas infladas, sussurrando ofertas de celulares, cigarros, correntes de ouro. Meninas da minha idade passeavam com carrinhos de bebê, sonhadoras em um momento, atentas ao extremo no momento seguinte. Havia bares, mercearias e lojas de artigos religiosos, inúmeros salões de cabeleireiros e lojas de 99 centavos lotadas de artigos para o dia das bruxas. Havia uma igreja de edras brancas em uma esquina. Pequenos restaurantes e padarias exalando sabores latinos e caribenhos pareciam me chamar.

Sai de Swoon uma hora antes da escola para escapar do radar, mas a essas alturas já era hora do almoço. Fazia séculos que eu não comia um pastel de carne. Fiquei com vontade de comer um. Quando mordei a massa dourada e crocante e a carne temperada escorreu na minha boca, me senti no caminho certo de novo.

Meus pés e minha fé me tiraram das ruas principais e me levaram a ruas residenciais que iam e vinham em um padrão pitagórico. Os prédios eram torres cinzentas e severas com latas de lixo na frente e pombos nos parapeitos. Em um trecho de fiação telefônica, uma dúzia de pares de tenis estava pendurada, amarrados pelos cadarços e jogados pela garotada, um popular esporte urbano. Andei sem destino para cima e para baixo até que senti Ruby com tanta força que parecia que tinha me dado um soco. Pasmem: à minha frente, a residência de tia Anaisa.

— Candy, opa. — O garoto que atendeu a porta não ficou surpreso em me ver. Era o primo de Ruby, Alexis, que tinha largado a escola no começo do ensino médio e ainda morava com a mãe, para o horror de Ruby. Mas ele era uma graça, com uma sombra de bigode e penteado afro desarrumado. Ele tinha saído com a gente algumas vezes (eu até tinha pensado em explorar a boca dele com a minha), mas já fazia tempo. — Tudo bem?

— Tudo. E você?

— Tudo certo, tudo certo. — Seu corpo se apoiou na porta.

— Vim ver sua mãe. — Eu não disse o motivo. Eu não sabia o motivo.

— Ah é? Não veio me ver? — Ele foi forçado a mandar essa;

— Ah, Lexi. — Projetei o quadril, inclinei a cabeça e mandei uma de volta. — Você é o que se chama de um adicional. Um bônus.

Ele gostou disso.

— É? Eu podia te mostrar meu bônus.

Para mim, já estava demais.

— Aham, aposto que sim. Vai me deixar entrar ou não?

Lexi deu de ombros com esforço.

— Ela está ocupada agora, mas você pode esperar.

Eu o segui de longe para dar a entender que eu não tinha interesse em andar pertinho da bunda dele. O apartamento era grade: irregular, úmido, com pé-direito alto. Tia Anaisa mandava nesse galinheiro, usando as salas da frente para negócios. Espiritulismo. Uma variedade especialmente dela, uma mistura mente aberta de candomblé, wicca, thelema etc. Ela não era charlatã, não era entreterimento. Era extremamente mediúnica. Eu sabia, pela lei do reconhecimento entre semelhantes.

Fiquei na parte que chamarei de recepção. Havia um par de sofás, uma novela dramática passando na TV, revistas em uma mesa de centro arranhada. Havia incenso queimado, mas sob esse aroma havia o fedor do suor ansioso vindo da desgracia e do medo. Meu amor vai me trair?

Meu filho sobrevivera? Meu dinheiro vai durar? Era quase demais para suportar, mas quando a venerada curandeira apareceu seguido de um banguela de conjunto de moletom (um cliente, presumi), o recinto ficou mais leve e iluminado.

Seja lá como for que você imagine uma medium, duvido que fosse como ela. Esqueça as saias de cigana e as bandanas, esqueça as sandálias coloridas, esqueça as toneladas de tecidos esvoaçantes. Ela usava calça jeans skinny, sapatos baixos e uma blusa gola alta cor de berinjela. O vestuário simples servia de pano de fundo para as pulseiras, cristais, cruzeiros e um par de brincos de argola com o diâmetro de um pires. O cabelo castanho avermelhado ia até os ombros e ela usava óculos de armação transparentes com lentes retangulares. O visual era mais de quem frequentava galerias de arte elegante do que uma sacerdotisa nascida na República Dominicana e moradora do Brinx, mas a silhueta dela (curvelineia, majestosa, alguém poderia dizer imponente) era uma indicação de que ela não estava para brincadeiras, fosse no plano mortal ou astral. E a essência dela era de uma rainha, fada e sereia.

— Ah, Candida! — o abraço que ela me deu me fez sentir como uma sobrinha querida em vez de uma garota que ela tinha visto apenas uma vez na vida.

— Connecticut fez bem a você — disse após me inspecionar. — Mas por que estou vendo você em Las Vegas?

Pensei nisso um instante e depois ri.

— Provavelmente porque lá todos me chamam de Dice.

— Hummm. Candida, você vê Ruby com muita frequência? — Do mesmo modo que Ruby, ela me chamava como queria.

— Huuum...Um pouco. — Finalmente eu podia admitir as visitas de surpresa.

— Bem, ela vem aqui constantemente com chocolates e vinho, e eu falo. — Não, não querida, sua tia já está com peso extra no porta-malas!... — Anaísa sorriu, era um dos sorrisos de Ruby, Alegre, bobo e largo.

— Anaísa, preciso de uma leitura — Então foi para isso que eu fui até lá. Pôr cartas para si mesma é inútil, não dá para ser objetiva o bastante. — Quero dizer, se você não estiver ocupada.

Ela deu um tapinha nas minhas costas e acompanhou até a porta o coroa de roupa de moletom puída. Depois me levou até o quarto com persianas nas janelas onde executava sua arte.

Velas votivas forneciam uma luz brexuleante, fazendo as sombras das estatuas dançarem contra as paredes. Sentamos a uma mesa redonda e Anaísa pegou a caixa de madeira esculpida onde guardava as cartas.

— Você vai me contar o que quer saber? — ela perguntou. — Pode ajudar quando a pessoa que vai ler sabe qual é sua pergunta, mas não é obrigatório. Algumas pessoas preferem manter em segredo.

-Eu contaria — respondi -m mas o problema é o seguinte, tem tanta coisa acontecendo que nem sei o que perguntar. — Havia frustração no meu suspiro.

— Não tem problema — Anaisa me garantiu e me deu as cartas. — Vemos apenas o que as cartas tem a nos dizer.

Suas cartas de tarô eram clássicas Rider-Waite gastas, a superfície parecia coberta de talco. As cartas carregavam as esperanças e os medos de inumeros questionamentos. Embaralhei, cortei, e quando Anaisa começou a arruma-las na posição da cruz celta, nós duas ficamos espantadas. Não havia um único triste 3 de copas ou um doloroso 9 de espadas no meio. Cada carta era de um arcano maior.

— Isso é....Significativo. — Anaisa admitiu.

— Como eu disse, tem muita coisa acontecendo.

A curandeira sentou-se ereta , empurrou os olhos e uniu os dedos.

— Muito bem. — Ela estudou as cartas. — Há um rapaz...

Não há sempre?

— E uma garota... E tsc tsc, chica, você carrega o mundo todo nas costas.

Que nada, não o mundo todo, Só a cidade inteira.

— Esse rapaz é diferente. — Ela inspirou profundamente como se quisesse absorve-lo — Muito sensitivo, muito intenso.

Lá estava ele, em toda a sua glória e devoção total: o Enforcado. Representando renascimento, sacrifício e devoção total a uma causa. Resumindo, Sin. Intenso? A vidente estava para descobrir o quanto ela acertara na mosca.

— Mas devo avisá-la...oh! — Anaisa deu um salto como se tivesse levado um beliscão. — Desculpe. — Ela puxou a gola alta da blusa enquanto suas bochechas se tingiam de vermelho. — Onde estávamos? Ah, sim, esse rapaz...Ai! — Um sorriso tentou se infiltrar, e enquanto ela lutava para sufoca-lo, ele floresceu em seus lábios carnudos. — Ay, Dios mio! Candida, peço desculpas...Parece que estou... — Nesse momento ela abaixou a cabeça, com os cabelos encobrindo o rosto, depois jogou para tras, os olhos tortos.

E eu que pensava que era seguro voltar ao Bronx. Evidentemente, Sin não estava preso pelas fronteiras de Connecticut. Ele estava aqui, conseguindo o que queria de maneira invisível enquanto eu ficava lá sentada, em silêncio. Era um show exibicionista. Era um desastre de trem. Teria ele interrompido para que Anaisa não pudesse me prevenir? Ou estaria ele só se exibindo, se aquecendo, provando que estava a frente dos meus atos, não importando que eu tenha cruzado a fronteira estadual, em um santuário solene e sombrio, sob a proteção do que eu tinha acreditado ser uma equipe da SWAT de justiça espiritual formada por uma mulher só. Até parece. Anaisa tinha sido reduzida a uma marionete, se contorcendo e balbuciando — Ay Dios Mio! — Os dedos estavam rígidos dentro dos sapatos. Uma orquestra de bijuterias tilintava. O aroma do perfume se espalhou. Finalmente Anaisa ficou rígida da cabeça até os pés por alguns intermináveis segundos antes de despencar, exausta na cadeira. Delicadamente ajeitou os olhos.

— Candice, me de licença por um minuto! — A voz dela estava embargada e distante.

— Sim, é claro. — Fiquei envergonhada por nós duas. — leve o tempo que precisar. — Depois daquela saída apressada, olhei para o vazio ao redor de mim. — Sabe de uma coisa, Sin? As vezes você é um babaca. — EU falei em voz alta, pois não sabia se ele ainda estava ali ou se já tinha ido embora. Depois avalei as cartas à minha frente. Tanta figura bonita. Tantas interpretações agourentas. A lua, O Diabo, A Torre. Droga, o Sol não podia fazer uma aparição? Os amantes também seriam legais. Ainda assim, um dos axiomas principais do Tarô era: o futuro é modelado em cera morna. Você pode afetar seu proprio destino. Pode ser uma força motivadora de mudança. Pode alterar eventos com suas ações. Para que se envolver com adivinhações se não houver essa chance?

Saia da cidade em qualquer quarta-feira e você vai perder muita coisa. Era o que me diziam as varias mensagens na antiga secretaria eletrônica da casa 12 na Daisy Lane.

De Pen: — Dice? fofoca da boas, quero dizer, das terrieis. Boz traiu Wick. Que idiota. É clar que ela está histérica. Estou TÃO triste por ela. Aliás, você vem para o jantar? Mamãe está fazendo frango com bolinhos, não dá pra perder. —

De Marsh: — Dice, preciso falar com você. Você não vai acreditar, Mas os Williams estão na cidade e acho que vou morrer. Crane Williams me convidou para sair! Bom, mais ou menos. Estou tão afim dele. Ah, você soube sobre Wick Muito triste! Por que você não foi para a aula hoje? Me liga!

De Wick: — Dice? Aqui é a Wick. Não sei se você já sabe mas é verdade, terminei com o Boz e preciso muito do apoio das minhas amigas agora. Vou fazer uma reunião só para garotas aqui no sabado e te espero. Traga seu pijama. —

Pen, O retorno: Oi, Wick vai ligar para você. Ela vai fazer uma festinha do pijama como se tivéssemos 12 anos! e você TEM que dizer que vai, porque eu já disse que ia. Para que servem os amigos, certo? E onde você esta? Espero que não esteja doente nem nada assim. Tenho que levar os meninos para o labirinto de milharal depois da escola amanhã, e vou obrigar você a ir junto.

Labirinto de milharal? Aham, qualquer fazendeiro com alguns acres a mais e acesso a tecnologia GPS pode ter algum lucro transformando seu milharal em um labirinto. O enigma do milho é como esse se chama, na fazenda Gladney, perto da Heritage Pike. O dia das bruxas sinaliza o final da temporada do labirinto e os Gladney tentaram fazer tudo o melhor possível, com uma plantação de aboboras, uma trilha de poneis e uma loja de doces vendendo tortas e compotas.

— E estamos aqui porque....?

— Não seja tão negativa, sua esnobe de NY — Pen me censurou. — E daí que aqui não o The MoMa, repleto de Picasso? é divertido.

Ela pronunciou o o acrônimo museu de arte moderna como — muma — e acrescentou o desnecessario — the — , erros que não aponte. Divertido? Uhu! Eu poderia me divertir. Pen fechou o casaco dos meninos e fez Jordan assoar o nariz em um dos lenços recém-lavados de

Lainie. Com as cabeças da cor de milho juntas, eles planejavam em sussurros, depois se separavam para me perseguir pelo labirinto. Crescer em uma cidade em que as ruas são todas perfeitamente paralelas me deixou com um senso de direção inexistente. Fiquei completamente desorientada em apenas trinta segundos.

A primeira coisa que me pareceu estranha foi a ausência de outras pessoas. A julgar pelo estacionamento lotado eu deveria estar esbarrando em metade da população do condado. Depois o silêncio, que não era bem silêncio, mas o barulho de fundo de galhos sacudindo sem parar. Apesar da ausência de barulho de passos, eu sabia que os Leonard estavam perseguindo a rata de laboratório aqui. Ainda assim, era divertido correr, apenas correr, com as folhas roçando em mim com um odor saturado de verão.

Depois de um tempo, o corredor se alargou, e pensei ter encontrado uma saída. Só que não...Mas que...? Merda! fiz a besteira de ir parar em um tipo de cela de cadeia feita de milho. Ouvi assovios e risadas enquanto Jordan e Silas batiam a porta.

— Você esta na cadeia Dice, HAHA! Você esta na cadeia. — gritou Jordan.

— É, você é nossa prisioneira. Vai ter que ficar ai para sempre, até apodrecer e morrer e as minhocas comerem você. — Estava claro que Silas tinha entrado na fase mórbida.

Entrei na brincadeira e segurei as barras da cela de mentira.

— Ah, por favor me deixem sair! Sou inocente!

Nesse momento Pen chegou e puxou uma cantoria que os dois irmãos acompanharam: — As minhocas entraram rasteijando, as minhocas saem rasteijando — . Assim que as minhocas estavam cuspiendo entranhas, o diretor do presídio se juntou aos meus carcereiros.

— Que atrocidades exatamente essa donzela morena cometeu? — Sin perguntou com as sobrancelhas franzidas e as mãos na cintura — Declarem os crimes dela para registro. — continuou.

Os meninos ficaram doidos ao vê-lo, pulando e falando sem parar. E, previsivelmente, meu termotasto interno disparou por conta própria.

— Dice é má, Sin! Ela é muito má! — Jordan me traiu. — Ela não guardou os brinquedos e depois espirrou suco pelo nariz!

— E sabe o que mais? Sabe o que mais? — Silas revirou o cérebro procurando mais comportamentos horrendos. — Depois ela soltou um pum! Um bem alto e fedido! E ela não pediu desculpas.

Sin balançou a cabeça negativamente.

— Que vergonha! — disse, enquanto ardi com o olhar dele, e me odiava por isso, e o odiava por me fazer sentir assim, e o amava por isso também. É o modo menos original para descrever o sentimento, mas era assim mesmo.

— Ooh, se você acha que isso é ser má... — Pen tinha achado um modo de passar os irmãos para trás e se aproximar de Sin. — Essa menina malvada ali dentro confessou para mim

algumas das coisas que sonha em fazer...elas são tão obscenas que não posso falar em voz alta.
— Ela ficou na ponta dos pés e falou no ouvido de Sin.

— O que?! O que?! — perguntaram os meninos.

— Deixem para lá, garotos. — Sin disse. — O que é importante é que ela seja punida. Vocês acham que umas boas palmadas resolvem?

Os Leonard gritaram em aprovação enquanto invadiam a Batilha, me encurralando contra as grades da cela. ENTÃO Sin me pegou pelos pulsos usando mãos de aço.

— Dice, você é uma menina muito má. — ele disse, com hálito de maçã e dentes brilhantes, me virando como se eu fosse leve como uma boneca.

Espectadores apareceram para observar, e achei que estava no Coliseu, pelo tipo de diversão apresentada aqui. Humilhante...Então porque eu estava rindo? Eu estava ofegante e tentando respirar, e desesperada para sentir de novo o aroma do hálito ácido daquele rapaz. Eu amava e odiava tudo, a respiração ofegante, a falta de ar, a luta, as risadas e até (principalmente) o medo.

— Devíamos abaixar a calça dela — Pen sugeriu entre os dentes.

E os meninos gritaram em uníssono.

— Uhuuuuuuuu!

— Você não ousaria! — eu gritei e me contorci, rindo.

— Essa donzela malvada? Eu aposto que é exatamente isso o que ela quer — disse Sin enquanto brincava comigo, segurando meus dois pulsos com uma mão e usando o outro braço para me anelar a cintura. Ele colocou um joelho no chão e me apoiou sobre ele.

E ouvi Sin dizer:

— Podem começar meninos!

Silas e Jordan obedeceram: tapas, palmadas e depois dois pequenos socos. A única coisa que eu podia fazer era aguentar, com gritos exagerados de — ai! — e — por favor, parem! — , como uma perdedora. Até que Sin disse o que eu estava esperando (e temendo) que dissesse.

— Muito bem, minha vez!

A brincadeira de criança tinha acabado.

Começou um coro:

— Bate nela! Bate nela!

Houve uma pausa; minha chance para lutar ou fugir ou pedir — não, mandar — que Sin parasse (ele era meu gokem ou não, afinal?). Mas não fiz nenhuma das duas coisas. E a palma daquela mão desceu sobre mim. De novo e de novo. Rígida e furiosa. Ao som de cada palmada, senti o impulso de seu esforço, tornando impossível saber onde eu terminava e ele começava. Foi

fisicamente surreal: o quanto estava contraída, mas ainda assim relaxada, o quanto estava presente no meu corpo, mas fazendo parte dele. Cada palmada custava uma explosão, como uma bombinha dentro de mim, até a última, mais com fogos de artifício, que me libertou e me deixou embriagada, com uma onda de dopamina como meu córtex préfrontal jamais tinha conhecido.

Acho que até soltei um gritinho.

Sin soube exatamente quando parar. Como eu conseguia sentir o que ele estava sentindo, fazia sentido que o inverso fosse verdade também. Então deslizei para o chão, jogando meus cachos selvagens e embaraçados para trás. Sin estava com os dois joelhos na terra agora, sentado sobre os calcanhares. O rosto dele, tão próximo do meu, estava plácido, mas Sin não se deu ao trabalho de esconder o olhar travesso.

— Você está bem? — perguntou

Bem? Meu cabelo provavelmente parecia ter sido penteado por uma cabelereira cega e surda, sentia um gosto salgado (provavelmente tinha mordido a boca), meu traseiro ardia e eu irradiava um brilho pós-orgasmico tão intenso que devia ser o suficiente para indicar o local de pouso no aeroporto JFK, mas claro, — bem — era uma avaliação boa o suficiente.

— Estou — respondi, lambendo o sangue em meus lábios.

Capítulo 25

SAIA DA CIDADE EM QUALQUER QUARTA-FEIRA E VOCÊ VAI PERDER MUITA COISA. Era o que me diziam as várias mensagens na antiga secretaria eletrônica da casa 12 na Daisy Lane.

De Pen: "Dice? fofoca da boas, quero dizer, das terrieis. Boz traiu Wick. Que idiota. É claro que ela está histérica. Estou TÃO triste por ela. Aliás, você vem para o jantar? Mamãe está fazendo frango com bolinhos, não dá pra perder."

De Marsh: "Dice, preciso falar com você. Você não vai acreditar, Mas os Williams estão na cidade e acho que vou morrer. Crane Williams me convidou para sair! Bom, mais ou menos. Estou tão afim dele. Ah, você soube sobre Wick Muito triste! Por que você não foi para a aula hoje? Me liga!

De Wick: "Dice? Aqui é a Wick. Não sei se você já sabe mas é verdade, terminei com o Boz e preciso muito do apoio das minhas amigas agora. Vou fazer uma reunião só para garotas aqui no sábado e te espero. Traga seu pijama."

Pen, O retorno: Oi, Wick vai ligar para você. Ela vai fazer uma festinha do pijama como se tivéssemos 12 anos! e você TEM que dizer que vai, porque eu já disse que ia. Para que servem

os amigos, certo? E onde você está? Espero que não esteja doente nem nada assim. Tenho que levar os meninos para o labirinto de milho depois da escola amanhã, e vou obrigar você a ir junto.

Labirinto de milho? Aham, qualquer fazendeiro com alguns acres de milho e acesso a tecnologia GPS pode ter algum lucro transformando seu milho em um labirinto. O enigma do milho é como esse se chama, na fazenda Gladney, perto da Heritage Pike. O dia das bruxas sinaliza o final da temporada do labirinto e os Gladney tentaram fazer tudo o melhor possível, com uma plantação de aboboras, uma trilha de pôneis e uma loja de doces vendendo tortas e compotas.

— E estamos aqui porque....?

— Não seja tão negativa, sua esnobe de NY — Pen me censurou. — E daí que aqui não o The MoMa, repleto de Picasso? é divertido.

Ela pronunciou o acrônimo museu de arte moderna como "muma" e acrescentou o desnecessário "the", erros que não aponte. Divertido? Uhu! Eu poderia me divertir. Pen fechou o casaco dos meninos e fez Jordan assoar o nariz em um dos lenços recém-lavados de Lainie. Com as cabeças da cor de milho juntas, eles planejavam em sussurros, depois se separavam para me perseguir pelo labirinto. Crescer em uma cidade em que as ruas são todas perfeitamente paralelas me deixou com um senso de direção inexistente. Fiquei completamente desorientada em apenas trinta segundos.

A primeira coisa que me pareceu estranha foi a ausência de outras pessoas. A julgar pelo estacionamento lotado eu deveria estar esbarrando em metade da população do condado. Depois o silêncio, que não era bem silêncio, mas o barulho de fundo de galhos sacudindo sem parar. Apesar da ausência de barulho de passos, eu sabia que os Leonard estavam perseguindo a rata de laboratório aqui. Ainda assim, era divertido correr, apenas correr, com as folhas roçando em mim com um odor saturado de verão.

Depois de um tempo, o corredor se alargou, e pensei ter encontrado uma saída. Só que não...Mas que...? Merda! fiz a besteira de ir parar em um tipo de cela de cadeia feita de milho. Ouvi assovios e risadas enquanto Jordan e Silas batiam a porta.

— Você está na cadeia Dice, HAHA! Você está na cadeia. — gritou Jordan.

— É, você é nossa prisioneira. Vai ter que ficar aí para sempre, até apodrecer e morrer e as minhocas comerem você. — Estava claro que Silas tinha entrado na fase mórbida.

Entre na brincadeira e segurei as barras da cela de mentira.

— Ah, por favor me deixem sair! Sou inocente!

Nesse momento Pen chegou e puxou uma cantoria que os dois irmãos acompanharam: "As minhocas entraram rastejando, as minhocas saem rastejando". Assim que as minhocas estavam cuspidendo entranhas, o diretor do presídio se juntou aos meus carcereiros.

— Que atrocidades exatamente essa donzela morena cometeu? — Sin perguntou com as sobrancelhas franzidas e as mãos na cintura.

— Declarem os crimes dela para registro. — continuou.

Os meninos ficaram doidos ao vê-lo, pulando e falando sem parar. E, previsivelmente, meu termotasto interno disparou por conta própria.

— Dice é má, Sin! Ela é muito má! — Jordan me traiu. — Ela não guardou os brinquedos e depois espirrou suco pelo nariz!

— E sabe o que mais? Sabe o que mais? — Silas revirou o cérebro procurando mais comportamentos horrendos. — Depois ela soltou um pum! Um bem alto e fedido! E ela não pediu desculpas.

Sin balançou a cabeça negativamente.

— Que vergonha! — disse, enquanto ardi com o olhar dele, e me odiava por isso, e o odiava por me fazer sentir assim, e o amava por isso também. É o modo menos original para descrever o sentimento, mas era assim mesmo.

— Ooh, se você acha que isso é ser má... — Pen tinha achado um modo de passar os irmãos para trás e se aproximar de Sin. — Essa menina malvada ali dentro confessou para mim algumas das coisas que sonha em fazer...elas são tão obscenas que não posso falar em voz alta. — Ela ficou na ponta dos pés e falou no ouvido de Sin.

— O que?! o que?! — perguntaram os meninos.

— Deixem para lá, garotos. — Sin disse. — O que é importante é que ela seja punida. Vocês acham que umas boas palmadas resolvem?

Os Leonard gritaram em aprovação enquanto invadiam a Batilha, me encurralando contra as grades da cela. Então Sin me pegou pelos pulsos usando mãos de aço.

— Dice, você é uma menina muito má. — ele disse, com hálito de maçã e dentes brilhantes, me virando como se eu fosse leve como uma boneca.

Espectadores apareceram para observar, e achei que estava no Coliseu, pelo tipo de diversão apresentada aqui. Humilhante...Então porque eu estava rindo? Eu estava ofegante e tentando respirar, e desesperada para sentir de novo o aroma do hálito ácido daquele rapaz. Eu amava e odiava tudo, a respiração ofegante, a falta de ar, a luta, as risadas e até (principalmente) o medo.

— Devíamos abaixar a calça dela — Pen sugeriu entre os dentes.

E os meninos gritaram em uníssono.

— Uhooooooooo!

— Você não ousaria! — eu gritei e me contorci, rindo.

— Essa donzela malvada? Eu aposto que é exatamente isso o que ela quer — disse Sin enquanto brincava comigo, segurando meus dois pulsos com uma mão e usando o outro braço para me anelar a cintura. Ele colocou um joelho no chão e me apoiou sobre ele.

E ouvi Sin dizer:

— Podem começar meninos!

Silas e Jordanobedeceram: tapas, palmadas e depois dois pequenos socos. A única coisa que eu podia fazer era aguentar, com gritos exagerados de "ai!" e "por favor, parem!", como uma perdedora. Até que Sin disse o que eu estava esperando (e temendo) que dissesse.

— Muito bem, minha vez!

A brincadeira de criança tinha acabado.

Começou um coro:

— Bate nela! Bate nela!

Houve uma pausa; minha chance para lutar ou fugir ou pedir — não, mandar — que Sin parasse (ele era meu gokem ou não, afinal?). Mas não fiz nenhuma das duas coisas. E a palma daquela mão desceu sobre mim. De novo e de novo. Rígida e furiosa. Ao som de cada palmada, senti o impulso de meu esforço, tornando impossível saber onde eu terminava e ele começava. Foi fisicamente surreal: o quanto estava contraída, mas ainda assim relaxada, o quanto estava presente no meu corpo, mas fazendo parte dele. Cada palmada custava uma explosão, como uma bombinha dentro de mim, até a última, mais com fogos de artifício, que me libertou e me deixou embriagada, com uma onda de dopamina como meu córtex préfrontal jamais tinha conhecido.

Acho que até soltei um gritinho.

Sin soube exatamente quando parar. Como eu sonseguia sentir o que ele estava sentindo, fazia sentido que o inverso fosse verdade também. Então deslizei para o chão, jogando meus cachos selvagens e embaraçados para trás. Sin estava com os dois joelhos na terra agora, sentado sobre os calcanhares. O rosto dele, tão próximo do meu, estava plácido, mas Sin não se deu ao trabalho de esconder o olhar travesso.

— Você está bem? — perguntou

Bem? Meu cabelo provavelmente parecia ter sido penteado por uma cabelereira cega e surda, sentia um gosto salgado (provavelmente tinha mordido a boca), meu traseiro ardia e eu irradiava um brilho pós-orgasmico tão intenso que devia ser o suficiente para indicar o local de pouso no aeroporto JFK, mas claro, "bem" era uma avaliação boa o suficiente.

— Estou — respondi, lambendo o sangue em meus lábios.

Capítulo 26

OS RITUAIS RÚSTICOS DO FINAL DO OUTONO PROSSEGUIRIAM. Na verdade, a noite seguinte nos levaria de volta a Gladney Farm, para um passeio noturno de carroça. O meu primeiro. Marsh naturalmente, já tinha feito esse tipo de coisa antes, mas nessa vez em particular ela se aconchegaria ao lado de Crane Williams. Era o primeiro encontro deles, o primeiro da sua vida, e pronto. Mas, dependendo de sua definição de — encontro —, podia ou não podia ser. Crane não iria busca-la na residência dos Marshall nem conhecer o patriarca. Mas combinar de estar no mesmo lugar ao mesmo tempo foi o resultado do diálogo entre Crane e Marsh na Letters Unlimited, a papelaria chique no centro de Swoon — o novo emprego dela desde que o Kustard Kup fechou durante o inverno.

— Mas o que ele estava fazendo lá mesmo? — Estávamos no meu quarto, enquanto eu passava sombra nas palpebras. — O rapaz sentiu uma necessidade urgente de comprar papel de carta decorado? Acho que não. Acho que ele viu você pela vitrine e ficou encantado com sua beleza.

O ego de Marsh não era a única parte dela que estava subnutrida; minha avaliação do encontro a deixou radiante.

— Na verdade, ele estava com Sin Powers, que comprou um pedaço de cera para lacre. Aah, Dice, faça aqueles olhos esfumaçados em mim, como nas revistas.

Maquiagem forte podia não combinar com o tipo de roupa usada num passeio de carroça, mas o que eu poderia dizer? Fazer a maquiagem de Marsh era um alívio bem-vindo, senão minha energia mental seria monopolizada pelo que tinha acontecido no labirinto de milharal. O que Sin tinha feito, como eu tinha me sujeitado, tudo era humilhante, incrível, ótimo e péssimo ao mesmo tempo. A seguir em Oprah: dominação e submissão: as adolescentes gostam disso!

Agora pude me concentrar completamente na situação de Marsh. A avó dela tinha se mudado para lá para ajudar (leia-se: manter o pai psicopata na linha), enquanto Marsh trabalhava que nem uma condenada nos estabulos, na papelaria e nas tarefas da escola. Se alguém merecia um pouco de romance, era ela.

— você vai ter que usar o curvex sozinha. Está vendo? Assim. — Demonstrei e passei para ela o artefato medieval. — Tente não arrancar as pálpebras.

Com cuidado, Marsh prendeu os cílios no aparelho. Duas camadas de rimel depois, coberta de Lancôme e com maçãs do rosto proeminentes, ela podia passar por uma das modelos iniciantes que vemos passeando em Manhattan. Quando Crane a viu no meio da multidão em Gladney Farm, foi em sua direção e pegou a ~mão dela. Achei que Marsh ia se transformar em um bando de pombas e sair voando. Eu conhecia aquela sensação de estar sem peso e sem folego. Sorrindo, cumprimentei o irmão de Crane, Duck, que engrenou no relato da viagem recente da família a Guatemala.

— Nossa mãe ajudou a contruir um hospital lá, literalmente, com aquelas mãozinhas brancas. Ela é tão boa, a mamãe. Já eu preferi ficar descansando perto do lago Atitlán. É simplesmente lindo, e é o lago mais profundo naquela parte do planeta.

Pen se aproximou de nós nesse momento, acompanhada das animadoras de torcida Doll Turner e El (Eleanor) Daley, e a irmã gêmea de El, Em (Emma), que eu conhecia do coral. Estava

frio o bastante para sair fumacinha da nossa boca, como se estivessemos fumando, e logo estávamos fumando mesmo, um baseado forte passando de mão em mão e uma garrafa de algo bastante forte e doce. Depois de dar um olhada em volta, me dei conta de eu conhecia bem e gostava bastante dessas pessoas todas. Estava morando em Swoon fazia seis meses, e estes eram meus amigos, talvez não MELHORES amigos, mas eram legais.

Até fiquei um pouco triste pela evidente ausência de Wick e Boz. Era uma pena ficar em casa lambendo as feridas em uma noite como esta, fresca, bonita, cheia de sons dos sinos de duas carroças que se aproximavam. Um homem robusto de macacão ajudou os passageiros a desembarcar, depois bateu palmas em nossa direção.

— Vamos crianças! — chamou — Nada de enrolar.

Assim que começamos a subir na carroça, ouvi uma voz familiar dizendo: — uau!

— Antes tarde do que nunca cara — alguém completou.

-Oooiiii — cumprimentou outra pessoa.

Um olhar rápido por sobre o ombro confirmou minhas suspeitas sobre quem liderava os atrasados. Lá estava Sin, junto com Con Emerson e outros caras que talvez fossem do time de futebol americano ou do de hóquei, ou de ambos. Eu tinha que dar o braço a torcer: hoje ele estava acompanhado de atletas, mas ontem eram dois caras com camisetas apertadas e o cabelo cheio de musse, o mais próximo que Swoon vai chegar perto de tipos artísticos. Sin tinha uma variedade de seguidores, mas era sempre o mesmo. Era fiel ao trio básico jeans, camiseta e botas (agora acompanhado de um casaco cinza com capuz). Falava em seu vernáculo moderno misturado com arcaico. Mas, não importava quem estivesse com ele, Sin era sempre o centro, com todos gravitando ao seu redor e irradiando.

Pen e suas amigas fizeram uma fila ao lado dos retardatários, enquanto com eles em uma das carroças enquanto Duck e eu seguimos Crane e Marsh até a outra. Crane carregava um violão surrado, e decidi que a carroça com música provavelmente era a melhor.

— Feno, é? — perguntei para Duck com dúvidas na voz.

-É mas não deve ser tão ruim. A não ser que esteja infestado com ácaros ou piolhos ou seja lá o que.

Exatamente o que eu queria ouvir enquanto sentava no fardo de feno mais próximo.

— Ah, que delícia! — Duck se jogou ao meu lado no conforto macio da grama seca.

— Como um pufe com enchimento de bolinhas de isopor. — concordei. — Só que não tem bolinhas...nem isopor.

Com um barulho de rédeas, nós partimos. Duck era um incansável conversador, mas pelo menos não era chato. Eu conseguia fazer comentários durante a viagem enquanto olhava discretamente para Marsh e Crane, tímidos, envolvidos e fofos. Por não ter o talento do irmão para a conversa, ele pegou o violão, um velho Martim (que está entre os melhores instrumentos acústicos já feitos). Ele sabia muitas músicas, e uma cantoria logo começou.

— Ele não é incrível? — Marsh sussurrou e apertou meu braço.

— Muito! — Respondi com entusiasmo e apertei o braço dela.

Eu estava anomada e curtindo o momento. Fiquei daquele jeito até o segundo verso de um clássico dos Beatles, quando a carroça na nossa frente se deslocou para a direita e eu vi Sin, de pé no meio do feno, chamando os cavalos que puxavam nossa carroça com barulhos que apenas equinos compreendiam. Nenhum dos dois condutores pareceu se importar. Não ocorreria a homem ou animal algum contrariar o capricho de Sinclair Youngblood Powers.

Quando as carroças estavam lado a lado, Con Emerson, um jogador da defesa tagarela e convencido, ficou de pé e cambaleou de uma maneira estranha.

— Vai cara — Sin instigou. — Vai! — Ele deu um empurrãozinho em Con.

— Estou indo, estou indo. — Disse Con, e com um grito de — banzai — se lançou de uma carroça a outra enquanto todos gritavam e assoviavam.

— Não tem espaço o suficiente seu idiota bombado. — alguém resmungou.

— Vai se foder babaca. — Disse Con, andando de quatro meio desajeitado.

Ah, está tudo bem, vamos dar um jeito. — Isso veio do afável Duck, que se espremeu para mais perto de mim, e Con forçou passagem. Os dois eram grandes, então ficou tudo meio apertado.

— Vai se foder você! — um jogador de lacrosse com desprezo natural por jogadores de futebol americano ficou em pé, andou até o lado da carroça e pulou para a outra.

Começou. Mergulho radical no feno, em breve um grande sucesso na ESPN. Nem todos participaram, só mesmo alguns atletas. Mas, no decorrer da competição, Sin ficou de pé, dando uma de técnico, comandando o show. Isso queria dizer que realocação não era aleatória; ele a instigara com um objetivo. Fiquei me perguntando sobre qual seria esse objetivo enquanto Duck transferia seu interesse para Con. Então Sin, aparentemente satisfeito com o novo arranjo de lugares, foi até a beirada da carroça se equilibrando com a pose de um acrobata, demorando mais do que o necessário só para mostrar como era fácil. Finalmente saltou.

— Com licença senhoritas, esse lugar está ocupado? — Um passo de uma grande bota preta depois da outra, ele se abaixou entre Marsh e eu como um rei no trono.

Olhei para a frente e abracei os joelhos. Depois olhei para ele. E pressenti...A ladainha.

— Confortável, não é? — Sin disse, com seu sorriso assimétrico no rosto.

— É — respondi. — Bastante.

Uma carroça seguiu na frente e a outra foi atrás. Sin se inclinou para a esquerda para trocar um aperto de mãos com Duck, depois para a direita para cumprimentar Crane.

— Achei que essa era a carroça com música — comentou.

— É. Esta bem — Crane colocou a mão para trás, onde tinha achado um esconderijo relativamente seguro para o violão durante o momento atlético nas diversões da noite.

Sin aqueceu os quadris, a coxa pressionando a minha, para enfiar a mão no bolso da calça.

— Olha só — ele disse, pegando um objeto retangular e brilhante. — Podemos improvisar.

Bem, eu pesquisei isso on-line depois: a gaita só foi inventada em 1821. Sin não só tinha uma como sabia toca-la. Não estou falando de melodias simples como — Frère Jaques. Sin tocava blues. E eu com certeza sabia cantar blues. Era o tipo de música favorito de papai e cresci ouvindo isso. E não é que eu estivesse tentando competir com Sin ou algo assim, mas quando Crane começou a tocar uma música que eu reconheci imediatamente, não pude resistir. Levantei o quixo, cantei para o céu e, quando acabei, as pessoas pediram mais.

E por que não? Com alua como meu holofote, cantei. Partindo de uma fonte de tristezas, um mar de confusão e uma verdadeira catarata de emoções confusas, eu cantei. E todo mundo estava sentindo o mesmo que eu. Porque o blues que cantei era de amor, profundo, doente, músicas simples de saudade e perda, de ser traído e ser feito de bobo. Quando esgotei meu repertório, de Billie Holiday e Bessie Smith, e eles ainda pediram mais, fiz o que qualquer diva do blues faria. Improvisei.

— Me de um blues de doze compassos em ré — indiquei para Crane, mostrando a batida com o estalar dos dedos.

Não era nada de mais pegar o tema comum de amor que não deu certo e colocar a minha marca nele. Assim:

— Você joga os dados, baby, mas está me jogando para longe.

É, você joga os dados, baby, não há nada que eu possa dizer ou fazer.

Você me aborrece e me trata mal, todas as noites e todos os dias.

Há uma dor na minha cabeça, rapaz, há uma revolução em meu coração,

Há uma história que precisa ser contada, mas não sei por onde começar

Porque eu te amo, baby, mas tudo que você faz é me botar pra baixo.

Você está acabando comigo desde que chegou à cidade. —

Cantei para todo mundo que já foi sacaneado, maltratado e atormentado por amor. E cantei para todo mundo que já sacaneou, maltratou e atormentou alguém. E cantei para e por todo mundo que um dia estará de um lado ou de outro, e provavelmente nos dois. Em outras palavras, para o mundo todo.

— Você joga os dados, baby, porque é um homem que gosta de jogar.

Você joga os dados, baby, porque é um homem errante.

Você joga os dados, baby, só porque você sabe que pode.

Há uma agulha em minha pele, uma metralhadora em minha alma,

Você puxou o gatilho, agora estou em pedaços

Porque eu te amo muito, baby, mas você só me faz mal.

Você joga os dados, baby, e tudo o que eu posso fazer é cantar essa canção. —

Mas sejamos honestos: eu cantei para MIM. A letra veio fácil, como se já estivesse escrito no meu subconsciente. Antes eu estava sentada no meu maço de feno, mas logo fiquei de pé sobre ele. Cantei com os braços abertos e os olhos fechados. O canto saiu da barriga, do meu intrincado sistema feminino, e daquelas cavidades dentro de mim que não apareceriam em um ultrassom mas que continham todas as pedras, pedregulhos e cacos de vontade e necessidade que consegui juntar ao longo de 17 anos.

— Você joga os dados, baby, e todos os garotos assoviam e gritam.

Você joga os dados, baby, e todas as garotas se derretem como sorvete.

É um pesadelo para mim, baby, não consigo acordar desse sonho.

Não há uma mulher nesse lugar que não saiba o seu nome,

Que não saiba o seu numero, oh, mas elas não sabem o seu jogo.

Só eu sei, baby, sei o que você pretende,

E, se isso não me matar antes, eu vou contar para todo mundo. —

De repente, na música, encontrei forças, encontrei meu talismã. O blues É força, foi por isso que foi inventado.. O blues é alquimia, um martelo dourado de bravura forjado com o minério cruel do sofrimento. Então meus olhos ficaram ousados, e eu apontava para frente. Ao meu redor, garotas e garotos gritavam com sons altos e primordiais a compreensão e a concórdia. Eles estavam comigo, ouvindo agora não porque eu sabia cantar, mas porque sabia testemunhar.

— Você joga os dados, baby, você o joga como se o meu amor fosse livre.

Você joga os dados, baby, você quer me fazer de boba.

Você joga os dados, baby, e isso é uma tragédia.

Tudo gira em torno de você, baby, você esta vivendo como um rei.

Cem garotas pensam que você é o mundo, mas isso não quer dizer nada.

Porque eu fiz você, baby, então é melhor pensar duas vezes.

Continue brincando comigo como você brinca e vai ter que pagar.

Oh, é melhor tomar cuidado, baby, você não vai querer jogar esses dados. —

E foi isso. Eu tinha acabado. E todos bateram palmas e disseram coisas legias, e agradeci e sentei de novo em meu fardo de feno. Foi quando Sin se inclinou para mim como se eu fosse o

bolo de aniversário dele, com velas acesas e glacê apenas a distância de um sopro e uma lâmbida.

— Ah, meu melro sonolento — ele disse com voz derretida. — Você acaba comigo.

O calor das palavras no calor do hálito dele era um tesouro. Ainda assim, pensei, NÃO, enquanto eu me afastava para olha-lo de frente. NÃO EXATAMENTE. AINDA NÃO.

Capítulo 27

— AFINAL, QUAL É O LANCE ENTRE VOCÊ E SIN POWERS? — Perguntou Marsh.

Eu estava verificando minha aparência no banheiro feminino do Yankee Diner. Várias respostas me vieram a mente. Tais como — Lance? Que lance? Não tem lance nenhum — Ou: Ah, ele é gostoso mas é meio idiota, você não acha? — Ou simplesmente — Eu não sei — Todas eram verdadeiras. Todas foram rejeitadas.

Em vez disso o que saiu foi:

— Estou apaixonada por ele.

Incrível como foi fácil, como me senti bem. Porque era verdade. Impossível, absurdo, insano, talvez. Verdade, verdade, verdade.

— Você O QUÊ? Pare com isso!

Obviamente não era o que Marsh esperava, e ela ficou tão empolgada que me empurrou contra o porta-toalhas. O banheiro do Yankee Diner é bem pequeno.

— Estou apaixonada por ele. — Desta vez falei deliberadamente, e me senti ainda melhor.

— O que você quer dizer com está paixonada por ele? — Marsh segurou meus dois braços com as mãos enquanto pulava. — Eu nem sabia que você estava saindo com ele. Você ESTÁ saindo com ele? Ou é apenas uma paxonite? Por um tempo pensei que ele estava com a Pen, mas acho que já acabou. Ele sabe que você está apixonada por ele? Ai, meu Deus, ele está apaixonado por você também?

Como ela era bonitinha, falando sem parar daquele jeito, minha tipicamente lastimosa e pessimista Marsh.

— Acalme-se esta bem? — coloquei minhas mãos sobre as dela. — é complicado. Temos....uma história.

Isso a deixou realmente atordoada. O queixo dela caiu e as sombrancelhas se ergueram.

— Eu sabia! Pelo modo como vocês se olham, eu pude perceber. A ligação que você tem com ele é quase assustadora, como se vocês se conhecessem de uma vida passada ou algo assim.

huuuuum, pensei sim e não

— De onde você o CONHECE? Ah, de NY é claro. A família dele mora em Westport, fica a um minuto da cidade. Mas...Ah, entendi. Você não quer que ninguém saiba por causa da Pen, certo? Ela é louca por ele também. — Marsh me soltou para revirar a bolsa. — Mas quem vai saber o que se passa com aquela garota ultimamente.

Quem SABIA além de mim? Até agora, tudo o que Sin tinha feito por aqui havia sido prontamente assimilado, como se sempre tivesse sido dessa forma. Pequenas nuances ousadas como esmalte vermelho e um aumento astronômico na venda de camisinhas. Pen, é claro, resumia o efeito de Sin na cidade, com seus mamilos rijos 24h por dia e 7 dias por semana e, eu suspeitava, uma constante antipatia em relação a calcinhas. Eu pensava que tinha sido a única a notar. Talvez não fosse bem assim.

— Pen? — perguntei enquanto Marsh passava uma escova pelos cabelos finos.

— É que ela está, sei lá, diferente. — Marsh jogou a escova de volta na bolsa. — Mas eu não quero falar sobre a Pen. Quero falar sobre você e Sin, e sobre o que está acontecendo.

Dei um sorrisinho ambíguo.

— Aposto que sim — respondi, apesar de preferir mesmo falar sobre Pen. O comentário de Marsh sobre a personalidade alterada de minha prima despertou uma esperança em mim. Eu não tinha certeza de que tipo de esperança, mas acho que sexo e superficialidade VERSUS amor e eternidade eram parte disso. Só que o banheiro feminino do Yankee não era bem o cenário ideal para tal discussão. — Mas você não tem uma ligação a fazer?

Marsh fez uma careta para o espelho e suspirou por conta de sua situação, uma vida calcada em detalhes. Quando o pai não estava ocupado enchendo a cara, ele gerenciava meticulosamente a existência dela. Ela precisava dar notícias entre uma atividade e outra para conseguir autorização, e por esse motivo tínhamos parado no Yankee: o telefone público fica no saguão. Eu tinha oferecido o meu celular; por estarmos perto da estrada, tinha certeza que conseguiríamos sinal, mas Marsh não queria que meu código de área cospolita se revelasse no identificador de chamadas.

— Oi, pai. Estou no Yankee Diner.

Não era preciso ser vidente para saber o que Douglas Marshall dizia do outro lado da linha.

— O que você está fazendo aí? Você já jantou em casa.

— Não estamos comendo pai. Vim só para ligar. O passeio de carroça foi bom e agora o pessoal está indo lá para a casa de Conner Emerson. Posso ir?

— Para fazer o que?

— Para ver um DVD ou jogar video-game. São os Emerson, pai, eles têm aquele monte de equipamento eletrônico, então ninguém desperdiça dinheiro com cinema.

(barulho de pigarro)

— Aquelas pestes mimadas com quem você anda não estão nem aí para dinheiro. Com quem você está?

— Com Pen Leonard e algumas outras garotas.

— E você quer ir a casa de um garoto? Para brincar?

— Jogar video game ou só conversar. Pai, pare com isso. Os pais de Con estão em casa, e você os conhece. E não são nem 21h ainda. Chegarei em casa antes das 23h.

— Você vai chegar quando eu mandar você chegar.

— Posso ir? Por favor?

Uma série de por favores e promessas depois, ela desligou feliz.

— Vamos — falou, e andamos até o seu carro. — Mas não pense que você vai escapar de falar de Sin. Você tem que me contar tudo, ou pelo menos alguma coisa. Vou guardar segredo, prometo!

— Já contei o mais importante, contei o que sinto — expliquei — Não há muito mais. Quero dizer, conversamos às vezes, flertamos, ou seja lá o que for. Ele me escreveu um bilhete fofo uma vez. — Optei por omitir a sessão de palmadas no dia anterior. — Mas não é nada palpável como você tem com o Crane.

Aquilo mudou o assunto, e Marsh disparou uma falação sobre Crane até chegarmos a casa de Con. Melhor dizendo, mansão. Apesar de serem da classe de comerciantes em vez da de profissionais liberais, os Emerson mantinham uma posição estável na área. O império comercial deles englobava cerca de 20 templos de consumo tecnológico em toda Nova Inglaterra. Apesar de construída em terreno antigo, a casa era nova e enorme. Não posso dizer ao certo se havia uma TV em cada cômodo da casa, mas havia uma no banheiro que usei no andar térreo.

Havia cerca de 12 adolescentes em ritmo de festa: Pen e o grupinho dela, os irmãos Williams, os jogadores de futebol e/ou hóquei No (Jesse Nollan) e Way (Jonathan Wayfield), Sin, Con, é claro, e dois meninos mais novos: o irmão de Con: Wolf, e um amigo. Estávamos no home theater, um recanto de prazer, com móveis claros e aparelhos suficientes para garantir um ataque epilético provocado por excesso de estímulos. Con foi o anfitrião, distribuindo bebidas de um canto cheio de apetrechos. Garotas e garotos se organizaram por algum processo de seleção natural. Pen foi para perto dos atletas enquanto El e Em ficaram uma de cada lado de Sin. E isso nem me incomodou....muito. Marsh meio que flutuou em direção a Crane, e eu comecei a bater papo com Doll sobre alguma bobagem. Depois de um tempo, Con expulsou o irmão com uma série de frases confusas e, num certo momento, usando força bruta. Foi aí que a porta foi trancada, as luzes apagadas e o filme pornô começou.

— Nossa, cara!

- Eca! olha o tamanho daquele troço!
- Não consigo nem olhar! Na verdade, acho que estou traumatizado para sempre!
- Vocês acham que são de verdade?
- Tão de verdade quanto o dinheiro que os comprou, baby!
- Quem precisa de verdade? A verdade é uma merda.
- Uau! Mas ela não é ótima.!
- Calem a boca, por favor! Não consigo entender a história.
- História? Pensei que fosse um video educativo.
- Bem, alguns de nós precisam aprender, e alguns de nós sabem o que estão fazendo.

Você entendeu como foi. Todo mundo tinha algo que dizer algo. Na verdade, fui eu a espertinha que falou sobre entender a história. Fazer palhaçada era obrigatório, mas na verdade achei o filme um tanto perturbador. Não o conteúdo, que era do tipo tradicional, nenhuma aberração (uma variação em cima de LOST, brilhantemente intitulada LUST: LUXÚRIA.), mas a apresentação. Minha experiencia anterior com pornografia tinha sido na internet.

A tela do Home Theater dos Emerson cobria uma parede inteira, e os — atores — , que já eram de tamanho grande, ficaram maiores do que enormes. Nos closes, a ação parecia uma luta entre Godzilla e Mothra. Uma vagina do tamanho de um closet? Prefiro D.H Lawrence sem pestanejar.

Mas essa é só a minha opinião. Outras pessoas ficaram, vamos dizer assim, inspiradas. Mas não todo mundo, e um tempo depois, Doll chegou ao limite dela.

— Estou me mandando — anunciou. — Quem quiser uma carona é melhor vestir a calcinha agora.

Ninguém aceitou a oferta dela. Con a levou (quase expulsou) até a porta.

Acho que eu poderia ter ido com ela, mas me sentia responsável por Marsh. Se ela perdesse a hora Douglas Marshall ficaria louco, e eu não queria saber como ele castigaria ela. Que horas eram, afinal? Saí do antro de iniquidade para procurar um relógio, usar o banheiro e talvez fazer um tour sem guia pela residência dos Emerson. Tinha acabado de encontrar a cozinha quando ouvi um tumulto no home theater.

E acho que foi minha culpa, pois tinha deixado a porta entreaberta...

Os meninos mais novos entraram escondidos, acenderam a luz...e gritaram como loucos. Corri de volta para ver o que estava acontecendo. Não era nada, na verdade.

E daí que Marsh e Crane estavam agarradinhos na mesma poltrona?

E daí que Sin estava deitado no tapete de braços recebendo uma massagem de El e Em (sendo que não tinham tirado nada além de sapatos?)

E daí que Pen tinha ido um pouco mais longe e estava sem blusa no sofá entre No e Way?

E daí que Con tinha aberto o zíper das calças para ser oralmente atendido por Duck, que era ambicioso o bastante para se masturbar enquanto trabalhava?

Uma noite de sexta-feira típica para a juventude de Swoon, certo?

Só que, hum, talvez não. Talvez o moleque conhecido como Wolf não precisasse ver seu irmão mais velho em flagrante delito homossexual, e Donald Emerson e sua adorável esposa, Tina, também não.

Ambos entraram no recinto num rompante logo depois do tumulto e, não vendo a ação em si, assimilaram o resumo quando Wolf apontou e gritou:

— Mãe! Pai! Conner estava com o pinto na boca daquele garoto!

Provavelmente ninguém precisava saber que o jogador e o viajante descobriam o que Sin chamaria de — Tendências inerentes — deles. Agora ninguém na sala sabia para onde olhar, exceto Sin, é claro. Depois de rolar preguiçosamente de barriga para cima e se erguer apoiado nos cotovelos, ele olhava direta e triunfantemente para mim.

Capítulo 28

O ENCONTRO AMOROSO ENTRE DUCK WILLIAMS E CON EMERSON se espalhou no boca a boca. E isso deixou Caroline Chadwick solenemente enfurecida. Era a festa dela, e ela e seu romance rompido não mereciam seu devido destaque? Caroline nos recepcionou na sala de estar dos Chadwick, de mau humor e com um pijama de 500 fios, comendo Cheetos em uma tigela de cristal, enquanto nós, quatro melhores amigas dela, tagarelávamos alegremente.

— Bem, não estou surpresa — disse Doll Turner, que já saíra com Con. — Não estou dizendo que ele não conseguiu colocar a coisa em pé; estou dizendo que ele nunca chegou a esse ponto.

Rabos de cavalo iguais balançaram.

— Não entendo o que os deixou excitados — Brie Atwood comentou. — Não era um filme pornô gay, era? — Para uma garota com nome de queijo frances, ela realmente não sabia nada sobre sexo.

— Nem sempre é tão literal, Brie. — Isso vindo da improvável resposta de Swoon ao Dr. Kinsey, ou seja, Pen.

— Independente de serem gays ou não, os homens estão sempre com tesão. — acrescentou Doll, se servindo de um prato de camarões. Os Chadwick não tinham poupado despesas no lanche para a festa do pijama: Havia queijo camembert e gouda, melão e frutas

vermelhas variadas, uma pirâmide de trufas belgas, além de junk food mais plebeia. (Quanto à escolha de Wick pra Cheetos, o que eu posso dizer? O coração sabe o que deseja.)

Refleti sobre como Marsh entraria na conversa (tendo sido tão recentemente mordida pelo mosquito da libido), mas era noite de bingo da avó e noite de farra do pai, então ela estava presa em casa cuidando das irmãs.

Segurando um punhado de cheetos Wick entrou no fluxo da conversa contra a vontade.

— É horrível para os Emerson. Sem falar que Con está arruinado na escola, e que os Lancers podem muito bem perder o jogo final. — Um spray de agente laranja voou. — Os Broncos vão nos massacrar quando descobrirem que nosso zagueiro é uma bicha louca!

Senti um tremor apesar da chama na enorme lareira de mármore, e pensei sobre os possíveis resultados de um insignificante boquete. Cada possibilidade envolvia testosterona correndo solta e alguém apanhando. Con? Duck? Os dois? Desde que os Emerson sofressem, Sin ficaria satisfeito, mas eu não podia ficar pensando nisso; eu estava aqui para frustrar o plano dele para este momento e tinha que me manter centrada.

— Quem quer que eu leia tarô?

— Ooh, eu!

— Não, eu!

— Ah, Dice, leia pra mim!!

Todas pareciam querer saber sua sorte. Não que eu fosse experiente no tarô. Era novata, uma amadora, no máximo. Mas isso não tinha importância alguma, já que eu pretendia mentir desesperadamente para dificultar o plano de Sin.

— Wick é a primeira, por causa de tudo o que ela passou. — falei.

— Obrigada, Dice. — Nossa anfitriã abriu mão do controle do Cheetos. — Como funciona? O que eu tenho que fazer?

Joguei um guardanapo em direção a ela. dispenso restos de sabor artificial nas minhas cartas.

— Não é o que VOCÊ faz. Todas temos que nos concentrar. Pensamentos errantes atrapalham o fluxo psíquico.

— Certo, Madame Candice! — Pen disse, e a fuzilei com o olhar.

Fiz as garotas se organizarem no chão.

— Agora, Wick, deve ter alguma coisa que você queira saber. Você pode pensar e manter em segredo ou pode compartilhar conosco.

— Ah, isso é fácil — disse Doll — Quem é a vagabunda que deu em cima de Boz?

— Como se eu me importasse! — Wick respondeu — Na verdade, quero manter em segredo.

— Tudo bem — concordei, supondo que a pergunta fosse sobre o Boz e colocando as cartas na mão dela, seguindo minhas instruções ela embaralhou e me entregou as cartas.

Abri uma garrafa de Eviam, tomei um gole e comecei a colocar as cartas no chão.

— Este é O Louco — falei.

Wick se inclinou para a frente, o rabo de cavalo como a asa de um bule, o nariz arrebitado como um bico.

Wick se inclinou para a frente, o rabo de cavalo como a asa de um bule, o nariz arrebitado como um bico.

-Isso é o que cobre você, isso é o que cruza você...-O jogo era claramente a cara de Wick: cheio de paus e ouros, cartas de ação, cartas de dinheiro; escassos em espadas dolorosas e copas emocionais. — Certo, vamos ver. Uma coisa é que você foi bem criada. Você sabe a diferença do certo e errado.

— Com certeza — wick concordou.

— E você também é uma pessoa pratica. Quando alguma coisa acontece de boa ou ruim, você quer saber o motivo. É muito racional.

— Uau — exclamou Wick — Isso é bem verdade.

— É? Então como você tirou C em trigonometria? — Pen perguntou com desprezo.

— Pen, por favor! Todo mundo sabe que o Sr. Broden pega no meu pé.

— Shh! — bati palma duas vezes como um mestre autoritário. — Normalmente esse pragmatismo funciona a seu favor. Mas esta vendo? — bati em uma carta aleatoriamente. — A razão também pode ser sua ruína. Você gasta muito tempo e energia tentando entender os porquês que acaba perdendo de vista o que realmente quer.

— Aaah — disse Wick. — Isso faz tanto sentido?

Claro que fazia. Tanto quanto um episódio de Bob esponja.

— A questão é que você tem medo do que quer, medo de querer. — Sem contepudo, porem convincente, continuei falando. — Mas você não deveria ter medo Wick. Você pode ter o que deseja.

— Eu...Eu posso? — Ela levantou a cabeça, sendo enganada por todo e cada detalhe do meu fingimento.

— Wick você pode. Pode! Faça! — Tentei dar um sorriso tipo Buda. — Ligue para ele! Ligue para Boz!

— Ah, isso é uma idiotice! — Pen falou, com a voz tomada pelo desprezo. — Não acredito que você quer que ela ligue para aquele babaca depois de ele tê-la desprezado de forma tão rude.

— Ele a desprezou Pen? — perguntei friamente. — Como você sabe? Você estava lá?

A atenção feminina se focou como num estalo de chicote. Pelo visto eu tinha feito uma pergunta bastante pertinente.

— Não, é claro que não — Pen disse rapidamente. Abanando-se, ela sentou sobre os joelhos, a barra do baby-doll roçando as coxas. — Se você quer se humilhar, Wick, fique à vontade. Eu não tenho cartas de tarô, só tenho o meu bom-senso.

Wick pareceu ficar balançada. Ela olhou para as outras meninas. Elas não queriam acreditar que Boz não tinha salvação. Queriam acreditar no amor, e eu também. Mas do que qualquer coisa, eu também.

— Vou ligar! — Wick decidiu.

— Agora! — eu a encorajei, levemente enfática

— Agora? Agora mesmo?

— Por que não? — Disse Brie. — Ele deve estar deprimido, imaginando como ter você de volta.

— É mesmo, e se você ligar e mostrar para ele como é legal, como é compreensiva, meu Deus, você vai te-lo comendo na palma da sua mão. — Isso veio de Doll, uma opinião que a pratica sensata de Wick podia valorizar.

-Tá bom, vou ligar — decidiu. — Doll, vanha comigo, para me dar apoio moral.

Doll ficou de pé, e ela e Wick correram até o telefone fixo.

Pen olhou para Brie, escorregadia como uma cobra.

— Brie, sua vez — ela disse.

— Ah, não, Pen. Vá você.

Elas falavam com a doçura que só rivais verdadeiras conseguem ter.

— Não seja estúpida. — Pen pegou um morango e mordeu metade dele, deixando exposta a polpa, umida e acida. — Dice é minha prima, ela pode ler as cartas para mim a qualquer momento.

— Esta bem. — Brie estava bastante ansiosa. — O que posso saber? Deixe-me pensar...

Eu a deixei pensar. Pen escolheu uma trufa e se jogou numa almofada para degusta-la.

— Posso perguntar se uma certa pessoa gosta de mim — Brie refletiu. — Ou talvez eu devesse perguntar quando vou encontrar o amor verdadeiro.

— É, Brie, qualquer coisa — respondi sem prestar atenção, mas depois consertei — Quero dizer, as cartas vão responder de qualquer maneira.

Esta bem, esta bem. Quando vou achar o amor verdadeiro?

Eu estava no meio da arrumação das cartas quando Pen ficou de pé com um ruído de irritação.

— Como foi que eu consegui ficar com chocolate em todos os meus dedos?

— Pen! — repreendeu Brie. — Você deveria estar se concentrando.!

— Desculpe. Maldito distúrbio de déficit de atenção — respondeu — Não deixem que eu e minha cabeça de vento atrapalhem o fluxo psíquico. Vou lavar minhas mãos.

Oh-oh. Era agora.

— Pen? — interrompi. Se eu fosse um animal, teria simplesmente rosnado.

— O quê? — Ela se virou para mim.

Mas como eu podia impedi-la?

— Nada. — terminei.

E ela se foi. Então eu fiz uma leitura a jato para Brie.

— Você-vai-encontrar-o-amor-verdadeiro-no-primeiro-ano-da-faculdade-ele-vai-ser-estudante-de-astronomia-de-uma-boia-familia-e-vai-ser-ruivo. — Depois eu disse. — Com licença, Brie. Preciso fazer xixi.

Ao contrario da casa do Emerson, a dos Chadwick era antiga, cheia de corredores e corrimões em vez do espaço aberto da arquitetura moderna. Onde Pen poderia estar? Andei sem destino. Subi uma escadaria. Desci em um hall. Olhei por buracos de fechaduras. Encostei-me em grandes portas de carvalho. Riso e conversa animada, em estéreo. O quarto de Wick, sem dúvida. No andar de baixo de novo, passei por uma porta. Escutei, Silêncio. O pior tipo de silêncio.

A maçaneta de metal era de ferro polido, oval e fria. Girou facil e sem barulho. O escritório de Lawrence Chadwick. Havia uma escrivaninha do tamanho de um barco, e sobre ela um abajur com uma cúpula de vidro verde que era a punica fonte de luz. Uma visão angelical de branco se apoiava casualmente na escrivaninha com o rabo de cavalo balançando. Pen fazia o melhor para parecer encantada pelo seu interlocutor que, sentado a frente dela, com uma expressão intrigada, porém nada incomodada, estava dizendo alguma coisa. Não importava o que, pois Pen lambia cada palavra como massa de bolo em uma colher. Os movimentos dela eram minimos mas, de uma certa forma, magicos. Arquear um pé. Mexer nos cabelos. Respirando audivelmente, os peitos dela subiam e desciam.

Por que eu estava plantada ali, paralisada na porta? Esperando, acho, esperando por algo mais explicito, algo que não pudesse ser confundido com um gesto inocente. Pen conhecia o Sr.

Chadwick por quase toda a vida. QUE mal havia em conversar um pouco sobre alguma coisa, qualquer coisa que um fascinante homem do mundo escolhesse discutir.

Pen se aproximou. Ele queria mostrar alguma coisa a ela. Ela queria ver. De pé ao lado dele agora, ela se inclinou gentilmente, depois levantou a cabeça para tirar uma mecha de cabelo da frente dos olhos. Foi quando ela me viu. E piscou! Pen sabia que eu estava lá, e não ligava, talvez até gostasse de ter uma plateia para sua cena de sedução. Pen esticou a mão para o livro que ele oferecia, tocou a página que ele mostrava.

— Pen, não... — falei sem emitir som algum, um apelo impotente.

— Pen? Dice? Onde vocês estão?

Eu me virei e vi Wick no fim do corredor, acompanhada de Doll e Brie.

— Aqui! — gritei

— Meu deus, Dice, o que você está fazendo? Onde está Pen?

Bem atrás de mim. A aventura frustrada chiou como um bife tirado da grelha.

— Desculpe — falei. — Virei no lugar errado a caminho do banheiro. Meu Deus Wick sua casa é enorme!

— É, ou melhor, não. É a sua que é pequena de mais — discordou Wick. — E é claro que você cresceu morando em apartamento. — Se alguém podia falar a palavra — apartamento — como se significasse abrigo para os sem-teto esse alguém era Wick.

— Então você se entendeu com Boz? — Pen perguntou.

Wick ficou radiante, pegou Pen pela mão e a puxou pela porta.

— ELE é tão incrível! — contou a Pen. — Ele é realmente adorável. Não acredito que duvidei dele.

Quando chegamos ao vestíbulo, Wick parou e ficamos em fila.

— Meninas, vocês precisam ir embora — ela disse. — Boz está vindo para cá. E olhem para mim, olhem meu cabelo!

Exatamente o que eu queria. Acabar com a festa do pijama, acabar com o plano de Sin.

— Wick isso é fantástico!

— Estou animada por você! — Pen manifestou a alegria desenfrada de um coveiro.

— aham, legal — disse Wick ficando brucha de repente. — Onde estão suas coisas? Obrigada por virem.

Brie tinha vindo de carona com Doll, e foram anadando até o carro. Eu tinha vindo com Pen e, enquanto ela andava batendo os pés até o carro, furiosa comigo, eu a segui, perplexa. Ao abrir a porta do passageiro, me lembrei.

— Merda!

Pen não prestou atenção em mim.

— Minhas cartas — expliquei. — Esqueci minhas cartas.

Um tsunami de irritação se abateu sobre mim.

— Só vou levar um segundo.

Corri até a casa e esperei que alguém abrisse a porta. Foi o Sr. Chadwick, ainda um pouco confuso. Pedindo desculpas, eu corri para a sala de estar, virei no lugar errado, peguei minhas cartas, procurei desesperadamente o lenço onde eu as guardava, encontrei-o debaixo da mesa de centro e sai correndo de lá.

Acabou que levei mais de um segundo.

Eu nunca imaginei que Pen iria embora, me deixando lá no meio da noite com uma caminhada de mais de 3 km por ruas escuras do interior.

Capítulo 29

NUMA CERTA NOITE, HAVIA UMA FESTA EM ALGUMA PARTE do Queens esquecida por Deus. Tinham uns caras com carro, Ruby explicou, inflexível, então não teríamos que ir de metrô. Houve uma confusão: o cara de quem Ruby estava a fim se esqueceu de mencionar que tinha uma namorada. Antes de uma briga de mulheres começar, saímos de lá, numa rua estranha, usando roupas de sair a noite e flertar, no QUEens. QUEens! Homens reunidos nos degraus de um prédio acabado assobiaram para nós como cobras. Obviamente não iamos perguntar sobre a estação de metrô mais próxima. Andamos muitas quadras, e então Ruby tropeçou e quebrou o salto. Eu passei a andar mais devagar e ela mancava, injetando coragem em nossas veias, falando besteira, até que vimos o globo verde da estação Junction Boulevard.

Pesadelo? é, foi bem assim. Mas nada se comparava a isso. Esse silêncio. Essa escuridão. Essa solidão. Tirei meu celular da mochila e amaldiçoei cada um dos botões inúteis. Depois amaldiçoei o interior, com as majestosas casas distantes umas das outras e afastadas das ruas, atrás de arbustos impassíveis a névoa que subia do lago Swoon. Andei pesadamente, e xingando, cada som que ousava interromper o silêncio me fazia dar um oulo.

E o que era aquilo? Alguma criatura da floresta pisando em galhos.

E aquilo? um sopro de vento entre as árvores.

E aquilo? Vindo atras de mim? VINDO ATRAS DE MIM??? Mais e mais alto, um barulho incessante e intruso. Que diminuiu. E parou. Bem ali.

— Precisa de carona, minha dama? — Sin, montado em seu amigo garanhão.

Consegui me recompor o bastante para ser pratica.

— Para mim, esse parece ser um veículo de um lugar só.

— Ah, Kurt esta visitando um comprador para o Cutlass — ele disse em tom neutro. — Estão fazendo um test drive, e Black Jack foi o unico veículo que consegui esta noite.

Sin bateu no pescoço do animal, e Black Jack balançou a crina como uma estrela de Rock.. Então alguma coisa se sacudiu na grama, o cavalo recuou e eu fiquei sem ar, minha mão voando por reflexo.

Sin a pegou e segurou, e eu lembrei o quanto esse simples gesto de ligação representava para nós no passado. E de repente meu corpo era uma cachoeira ao contrario, impulsionado a se mover por um coração sem limites, enquanto Sin me puxava para a sela.

— Aqui estamos nós.

Lá estávamos nós. Os braços dele ao redor da minha cintura, minhas costas pressionadas contra seu peito, esse incrível animal entre nossas pernas. Com um braço ainda ao redor de mim, Sin colocou minha mochila nas costas, depois ajustou as rédeas. Quando bateu os calcanhares no cavalo, saímos a galope, aquela crina sedosa batendo no meu rosto enquanto o rapaz que eu amava nos levava em frente. Quando chegamos a Daisy Lane 12, eu já sabia que podia ficar passeando assim para sempre.

— De quem é esse carro? — Sin perguntou quando paramos em frente à minha casa.

Carro?, me perguntei, pois me sentia transportada para um tempo anterior a tais meios de transporte. Ah, claro, carro.

— Da minha mãe — respondi. — Ela vem dirigindo para Swoon todo final de semana.

— Ah, sim. Sua mãe. Um amulher adoravel. Como está?

— Bem, obrigada. As luzes estavam acesas na sala de estar. Mamãe provavelmente estava tomando um vinho enquanto avaliava os layouts da In Star trazidos do escritório. — Eu o convidaria para entrar, mas...

— Mas?

— Mas...olhe, me tire desse cavalo, ok?

Ele desceu primeiro, depois me pegou e me botou no gramado. Black Jack abaixou a cabeça para pastar.

Olhamos um para o outro.

— Bem, um ponto para você.

Interromper a sedução, ponto para Sin.

— Você não parece muito chateado.

— Haverá outras oportunidades de fazer os Chadwick pagarem. — Que indiferença planejada. — Tenho tempo suficiente.

— Do jeito que Pen me deixou, ela deve estar furiosa.

— Ela vai superar. Ela não...guarda as coisas por muito tempo.

Eu não podia deixa-lo ver meu sorrisinho.

— Bem, acho que você venceu ontem a noite. Os olhos entre carroças foram para isso não é? Tudo que precisava era colocar Con e Duck um ao lado do outro.

— Eu falei para você que seria fácil. E não é melhor para Con ir para o lado de fora?

— Não, Sin, nós estamos do lado de fora. Con apenas saiu do armário. — Eu não me dei ao trabalho de explicar referências. — Melhor? Bom, ele não SAIU do armário, ele foi arrancado de lá, graças a você.

Com pontuações empatadas, não havia mais nada a fazer além de olharmos um para o outro mais um pouco.

— Muito bem. — Em uma fração de segundo, ele começou a agir. Colocou o pé no estribo e se elevou até o cavalo emprestado. — Desejo a você uma boa noite.

— Tá. — respondi. — Para você também. — Peguei minha mochila. Havia dois livros, minha escova de dente, uma muda de roupas, o celular inútil e minhas cartas. Nada que eu mesma não conseguisse carregar. As lágrimas que não cabiam mais nos olhos no entanto eram um outro problema. Minhas lágrimas eram de mercúrio, que, a 298k, é o elemento químico mais pesado que se conhece. Pois é, eu estava indo muito bem em química, E muito mal no amor.

Capítulo 30

— ENTÃO AGORA VOCÊ ESTÁ APAIXONADA POR ELE?

Mamãe havia atacado com perguntas imediatamente, mas fora fácil explicar a festa do pijama interrompida (quase tudo verdade) e por que ela não havia ouvido Pen me deixar em casa (tudo inventado). Fato, falácia, ela não ligava; só estava feliz por eu estar de volta. Minha mãe sabia que eu tinha vida própria e não esperaria que contasse tudo para ela, mas não enfrentava essa viagem pelo fetiche masoquista de participar dos engarrafamentos de exodo de final de semana. Fazia isso para que pudéssemos passar algum tempo juntas, caramba. Então engoli minhas lágrimas de mercúrio e sentamos, conversamos e tomamos sorvete. Basicamente fizemos (nas palavras dela, não minhas) nossa própria festa do pijama. Só que não dormimos em sacos de dormir no tapete: em determinado momento, mamãe foi para o quarto dela e eu para o meu, onde o interrogatório de verdade começou.

— Não, na verdade eu já estava apaixonada por ele desde o início — respondi com a expressão séria. Difícil, considerando a roupa de Ruby. O clima da noite do pijama não tinha passado despercebido, mas o baby doll que ela usava era listrado nas cores do arco-íris e complementado por tranças lilás e botas plataforma, tão altas quanto um dicionário completo. O visual à la Parada do Orgulho Gay me dizia que Ruby estava por dentro dos últimos acontecimentos. Mas foi minha recente confissão de estar apaixonada que a fez pegar no meu pé. — Você tem algum problema com isso?

— Não especialmente. — Ela se sentou na minha penteadeira. Mexendo nos produtos, ela escolheu um lápis de olho e fez uma pinta no rosto, estilo Marilyn Monroe, e nesse momento o cabelo se tornou platinado e curto. — Eu sempre recebo o pirulito no final — Ruby reclamou, indignada.

Era uma citação de Os homens preferem as louras ou de Quanto mais quente melhor. Eu não conseguia me lembrar de qual, mas isso me fez sorrir. Até eu me dar conta do quanto era verdade. Não pela primeira vez eu me perguntei: Por que ela? E também: Por que não eu?

— Fui ver sua tia — contei, afastando as perguntas da cabeça.

— Aham — disse ela como se soubesse. — Ajudou você bastante.

Droga, ela sabia me provocar.

— O quê, Ruby? O quê? Desde que Sin e eu... Desde que nos conhecemos, por falta de um termo melhor, você está me enchendo o saco por caz dele. É, eu amo ele. Isso não significa que fiquei surda, cega e burra. Se. que ele está querendo e... Vou impedi-lo. Pelo menos vou tentar.

— Você está tentando. — Ela falou com sinceridade. — Mas não acha que esse seu amor é um tanto prejudicial?

— Não, nem um pouco. — Eu percebi naquele momento que amor provavelmente a única coisa que eu tinha a meu favor.

Ruby leu meus pensamentos como as letras grandes num exame a vista.

— Aham. O amor conquista tudo.

— É, algo do gênero. — Fosse lá o que isso significasse. Meu era imenso, era real, mas era um fardo, e eu não tinha ideia do que fazer com ele.

— Então você acha que pode domá-lo com a pura força do sentimento?

Era uma ideia. Uma ideia ridícula e cínica, mas uma ideia. Pelo menos Ruby tinha um objetivo a longo prazo, ao contrário das minhas medidas imediatistas, como se eu fosse um esquadrão de bombas feito de uma mulher só, pronta para desarmar maldades. Mas domá-lo? Não, eu o amava como ele era... Apesar do golpe de estado vingativo em relação a Swoon. Eu estava pronta para começar a discutir quando a xará de quatro patas de Ruby entrou no quarto. Bastou um olhar para a bípede que ela se arrepiou como um porco-espinho. Obviamente R.C. nunca tinha encontrado nada fantasmagórico e fabuloso quanto Ruby Ramirez. Não conseguimos

evitar as gargalhadas. Fui pegar a bolinha de pelos, mas R.C. andou de ré de um jeito enlouquecido e se escondeu no meu armário.

— Muito fofa — Ruby disse.

— É. Gatos. Quem precisa de TV a cabo?

Trocamos sorrisos e então Ruby me falou:

— Olhe, Candida, não quero estragar o seu piquenique, não quero mesmo. Eu já vi o cara, tá? Ele é lindo, talentoso, inteligente e sabe usar tudo o para obter um efeito ainda maior. Entendi.

Ela achava mesmo que eu era tão superficial?

— Eu não me lembro de você se apaixonar pelo homem-elefante — coentei. — Além do mais, não é só isso. O lance com Sin é que tenho pena dele. Ele passou por tanta coisa. Nunca conheceu a mãe biológica, que apenas podemos supor ter morrido de um jeito horrível, enquanto o pai biológico era um grande imbecil que arruinou a família adotiva, e depois saiu pelo mundo sozinho...

— Ah, Candy, isso é tão a sua cara — Ruby interrompeu. — Sempre acolhendo os pobre-coitados.

Ela sabia disso. Quarto ano. Uma garota gorducha com a língua meio presa. Eu não era exatamente a Srta. Popularidade, mas me manifestei na primeira vez em que uma daquelas quase vagabundas com estilo demais e orientação de menos tirou sarro do jeito de falar de Ruby, e assim consegui minha primeira e única melhor amiga.

— Ele veio para Swoon para viver incógnito — continuei, inabalada —, e então, quando finalmente encontra o amor, a cidade toda mostra para ele como é de verdade.

Nesse ponto, Ruby deu um suspiro estranho. O cabelo estava brilhando como uma moeda nova de um centavo, coberto por um boné branco imaculado. O vestido era de musselina escura, com pregas e comportado, comprido até o chão.

— E como você sabe tudo isso?

— Porque... — comecei. — Porque... ele... me contou.

Ela tirou o boné e soltou uma onda de mechas flamejantes até a cintura. Lindas, tão lindas quanto eram repulsivos os ferimentos que marcavam seu rosto.

— Entendo — respondeu. — Ele contou para você. — As palavras saíram cantadas, numa melodia debochada.

— O que você quer dizer? — resmunguei. Zangada. Chocada. — Você está dizendo que ele mentiu?

Mas com quem eu estava zangada? E o que era tão chocante? Eu tinha devorado a história triste de Sin como se fosse um bombom. Desde então, eu não tinha aprendido nada sobre as habilidades de manipulação e traição? Acreditei em Sin por ter fé, mas, se fé fosse dinheiro, tolos

seriam milionários. O que eu realmente sabia sobre o trágico assassinato de Hannah Miles, aqui na cidade de Swoon, no verão de 1769?

— Não quero dizer nada. — Ruby era apenas Ruby de novo, de jeans desbotado e um suéter decotado propositalmente pequeno demais. — É só porque sei como é do lado de cá da cerca, do combustível que é a necessidade de alguém de voltar. — Sin também tinha uma necessidade, e o combustível dele era do tipo gasolina especial. — Só estou dizendo... — E ao falar, ela começou a sumir, pois é assim que ela se vai, desaparecendo.

— Você tem que tomar muito cuidado com tudo isso, baby. Melhor cuidar do seu coração.

Capítulo 31

GILETES DENTRO DE MAÇAS. DOCES COM VENENO CUIDADOSAMENTE reembrulhados. Qualquer um com mais de 1,50m usando máscara é um tarado em potencial. Lendas urbanas podem destruir o Dia das Bruxas para uma criança da cidade, mas lugares como Swoon teoricamente não são afetados por esse tipo de paranóia. Então eu esperava por feitiços na cozinha e projetos de artesanato, dezenas de genuínas lanternas feitas de abóbora iluminando gramados e uma em cada duas casas transformada em uma inofensiva casa de horrores. Só que não foi isso que aconteceu. Pais distraídos esqueceram a festividade, então saíram correndo no ultimo minuto para comprar doces, brincadeiras e enfeites industrializados. Para aumentar a sensação de negligência, o Dia das Bruxas caiu numa segunda-feira, para o grande desapontamento de quem tinha apenas um dígito na idade. A hora de ir para a cama não seria abolida, e a quantidade de doces seria cuidadosamente monitorada para que ninguém acordasse com dor de barriga.

Por mim, tudo bem. O fim de semana já fora agitado o suficiente, obrigada. Arriscar com o picadinho demoníaco do refeitório estava bem no meu ritmo. Enquanto mexia na comida com um garfo, dei uma espiada em Con Emerson, que não parecia nada envergonhado. Por algum motivo o jeito esnobe dele parecia menos arrogante, ele parecia mais relaxado, como se não precisasse mais se esforçar. Talvez Sin estivesse certo ao dizer que tirar Con do armário tinha sido uma boa ação. Mas com certeza uma nova e melhorada versão e qualquer Emerson não tinha sido o objetivo do meu golem.

Depois da escola, eu improvisei uma fantasia e me preparei para fazer serviços comunitários.

— Obrigada por fazer isso comigo — falei para Pen ao entrar no carro dela. Eu não ia mesmo até a biblioteca de bicicleta com um rabo, bigode e orelhas de papelão.

— Não é nada — disse a princesa-fada Pen que, como Sin havia previsto, já superara completamente a armadilha frustrada para Lawrence Chadwick. E eu já tinha superado o fato dela ter me abandonado. Pen não era maldosa, apenas impulsiva, como RubyCat destruindo um rolo

de papel higiênico. Além disso, eu meio que suspeitava que Sin a tinha mandado ir embora para que ele pudesse surgir no papel de valente cavaleiro. Pen pisou fundo. — É uma troca justa.

Era verdade. Ela me ajudaria a entreter uma gangue de crianças em idade pré-escolar em overdose de biscoitos e suco, e eu a ajudaria a servir ponche no baile geriátrico. Primeira parada, contar histórias. Garotinhas rodearam minha prima com oohs e ahhs, tocando na saia de tule, fazendo carinho na varinha. Garotinhos, igualmente encanados, correram para ficar perto dela, depois canalizaram a excitação para as meninas com beliscões, cascudos ou puxões nas marias-chiquinhas. Pen era mágica uma mistura de todas as princesas da Disney com uma pitada de Pussycat Dolls. Vê-la com as crianças me animou, pois provava que Sin não a tinha estragado totalmente: Pen, a verdadeira Pen, ainda era adorável, doce e gentil.

Ela era um modelo de paciência e sossegou a platéia. Eu li em voz alta minhas partes favoritas do Grande livro das assombrações. A Sra. Brinker assumiu depois de um tempo, nos liberando para nossa próxima rodada de atos beneficentes. O caminho que pegaríamos para o Oak View Residencial Manor passava em frente à casa de Wick. Enquanto nos aproximávamos, toquei no assunto.

— O que você estava tramando quando eu peguei você no flagra na noite de sábado? — Fiz a pergunta com malícia, na esperança de dar um tom de aprovação.

— Flagra? — Pen fingiu estar ofendida. — Candice Reagan Moskow, o que você quer dizer?

— Até parece... Como se você não estivesse dando em cima do Sr. Chadwick.

Pen riu.

— Bem, talvez um pouquinho.

— Por favor! Você já sabe que pode ter qualquer cara só ao peidar na direção dele. — Massageei seu ego. — Mas o pai de Wick! Como...? Quando você teve a idéia de dar em cima dele? — Se atrapalhar Sin era meu objetivo, seria bom saber como ele instruía seus agentes.

— É engraçado, mas não sei mesmo. Acho que apenas me deu na cabeça.

Bem isso era uma grande parede de tijolos. Fui em frente.

— O que você teria feito se ele tivesse caído na sua? Você realmente ficaria com uma cara barrigudo e careca?

— Ah, claro — Pen disse com desinteresse assustador. — A aparência já não importa tanto pra mim.

Então ela se tornara uma vagabunda em busca de oportunidades.

— Quero dizer, Jesse Nolan não é nenhum modelo da Calvin Klein — ela prosseguiu — , mas eu teria transado com ele e Way na noite de sexta se a coisa com o Con e Duck não tivesse estourado.

Deixei aquilo registrado na minha consciência e não disse nada.

Pen, no entanto, queria falar.

— É como... Dice, você já cheirou cocaína?

— Cheirei, uma vez, mas não é a minha praia. Só me fez querer mascar chiclete. Metanfetamina foi pior. Mas eu deixei meu quarto bem-arrumado.

Pen riu.

— Ano passado foi popular por aqui. Kurt Libo (que surpresa) chamou nossa atenção para ela. O problema é que, sempre que eu cheirava, a primeira carreira era incrível, mas as seguintes pareciam uma busca pela repetição da sensação da primeira. Isso faz algum sentido?

— Claro — respondi, sem entender como isso se relacionava com o fato de Pen querer transar com todo mundo em Swoon.

— É meio que a mesma coisa com o sexo — ela esclareceu, mostrando a sistemática da sua ninfomania. — Minha primeira vez foi incrível, então agora, sempre que consigo estar com um cara, é como se eu estivesse tentando recapturar aquilo. — No sinal antes da saída para a estrada, buzinas começando a tocar: havia um casal na faixa se beijando loucamente e que não tinha percebido que o sinal estava verde. Pen suspirou. — E ainda não consegui.

Eu me forcei a dizer:

— Talvez seja porque a sua primeira vez foi com Sin.

— Eu não sei disso! — Ela assentiu como uma boneca de painel de carro. — E ele se recusa a ficar comigo de novo! Você acredita?

Não tinha certeza se conseguiria, mas eu ia tentar.

— Felizmente, entendi o motivo. — Pen disse. — Eu ainda não mereci, é isso.

Se eu conhecia a Pen, ela não desistiria facilmente. E eu conhecia Pen. Mal-humorada, voltei a conversa anterior.

— Mas o lance com o Sr. Chadwick... O que eu não entendo é: você não se preocupou que alguém podia se magoar? Você sabe, como a mulher dele, ou nossa amiga, ou até mesmo você, Pen. Um escândalo como esse não seria bom para sua ficha na hora de tentar uma faculdade.

— Hum? — Pen encostou o carro no local do seu trabalho voluntário. — Ah, não, eu nunca me preocupo com coisas assim. — Ela colocou o carro em ponto morto e me deu um tapinha no ombro, sorrindo. — Sabe o que há de errado com você, Dice? Você se preocupa demais!

Isso era até pouco. Mas como eu podia optar por morte cerebral depois da última visita de Ruby, das sementes da dúvida que ela plantou? Ela dera a entender que eu estava fora de casa, jogando por um grande prêmio de sofrimento. Pior, as insinuações dela sobre Sin. Ele poderia ter inventado a história de Hannah Miles para despertar minha solidariedade? Ou, e se Hannah tivesse mesmo existido, e Sin tivesse sido quem... Pare! Eu não podia seguir nessa direção. Eu não iria nessa direção.

Mas talvez... Talvez eu pudesse voltar.

Pessoas como eu, que não vivem em negação, frequentemente se treinam para intuir quando querem. Alguns fazem para se sustentar, como Tia Anaisa, ou aqueles videntes empregados pela polícia. Não havia motivo para viagem no tempo e investigar eventos no ano de Nosso Senhor de 1769.

Enquanto a idéia começava a se sedimentar, quase dei um grito de felicidade: eu nem teria que fazer isso sozinha: Sin tinha o dom também. Juntos, veríamos o que tinha acontecido com Hannah. E, depois que descobríssemos, talvez Sin ficasse satisfeito. A verdade poderia libertá-lo. E então Swoon poderia voltar ao normal, e ele e eu poderíamos ter nossa chance. Nós não merecíamos, nos dois? A oportunidade de brincar na neve, de discutir sobre qual filme assistir, de estudar, cabeças curvadas sobre o mesmo livro, e fazer longas e aconchegantes pausas no estudo?

Sorri inebriada e olhei em volta. Era um lugar e tanto, o Oak View Residencial Manor, uma antiga propriedade rural atualmente era lar de um grupo de idosos privilegiados do oeste de Connecticut. Tinha vista para os carvalhos, além de refeições feitas por um chef, um programa de palestras, uma enorme academia, um campo de golfe adjacente, tudo que se poderia imaginar. O magnífico salão de baile era a jóia da coroa. Naturalmente, o baile de máscara bem freqüentado.

Eu estava tão embevecida pelas perspectivas do futuro próximo que mal registrei que os residentes estavam vestidos de uma maneira mais adequada a um bordel. Que as danças não se adequavam exatamente à dignidade do local. Que alguns septuagenários maliciosos colocaram álcool no ponche. Certo, era um pouco nojento o modo como meu rapaz podia despertar “tendências inerentes” nos idosos também. Mas simplesmente sorri, colocando substância laranja borbulhante em taças de vidro polido e entregando-as num estado de estupor. Nada poderia me perturbar naquele momento.

Não reparei em Sin uma única vez, vestido para a ocasião em um paletó familiar e calça curta, girando e puxando uma senhora depois de outra. Pen estava na pista de dança também, dançando com um cavalheiro, e logo em seguida interrompida para dançar com outro. Em um dado momento inevitavelmente, Pen e Sin formaram um par, e os outros dançarinos foram para as laterais da pista para dar espaço ao jovem e perfeito casal.

— Ah, eles não são adoráveis? — falou emocionada uma mulher que surgiu à minha direita.

— São — respondi. — Adoráveis.

— Uma menina tão linda! — Outra mulher tinha aparecido à minha esquerda. — Mas ele, ah, há algo nele, não há? Algo especial.

— Com certeza — concordou uma terceira. — Ele é o cara que procuramos nos sonhos.

Agora eu estava cercada pelas flácidas, enrugadas e reumáticas. Talco e perfume cobriam um acre odor de saudade. As vozes estavam impossivelmente joviais, num tom frenético.

— Aquele por quem faríamos qualquer coisa...

— Colocaria chifre no marido...

— Esvaziaria a conta do banco...

- Esfaquearia a irmã...
- Afogaria seus bebês...
- Tocaria fogo na casa...

Aprisionada em um aglomerado de pedras preciosas e dentes amarelados, sufocada por promessas melancólicas e maldosas, observei uma taça de vidro cheia de substância borbulhante cor de laranja escorregar em câmera lenta na minha mão e se estatelar no chão. Em vez de copiá-la e ser pisoteada por sapatos impiedosos, deixei a falação das coroas e fugi.

Capítulo 32

LÁ ESTAVA EU, QUASE CORRENDO PELA HONEYSUCKLE ROAD, QUANDO o Cutlass parou no acostamento. Uma janela recentemente escurecida desceu.

— Dice! Oi! — Marsh gritou e acenou do banco da frente. — Venha, entre!

Entrei atrás, e as irmãs de Marsh chegaram para o lado para me dar espaço. Crane Williams estava ao volante.

— Obrigada — falei, deduzindo que Crane tinha comprado o carro de Kurt e mandado colocar insulfilm nos vidros para que ele e Marsh pudessem anda por aí sem serem percebidos.

Marsh se virou no banco para olhar para mim.

— Você está bem? Estava andando!

Pedestres são uma raridade aqui, e eu não estava exatamente vestida. para uma caminhada.

— Estou, claro — respondi. — Fiquei só um pouco assustada em Oak V)ew.

Willa, a Marshall caçula, bateu em meu cotovelo.

— O que você é?

— Hã? — perguntei, arrumando meu rabo (uma perna de meia-calça preenchida com meias). — Ah, sou uma gata. — Avaliei as fantasias delas.

— Dora, a Aventureira, certo? E Char, você é... Hannah Montana? — Como eu sabia dessas coisas?

As garotas assentiram com alegria.

— Estávamos pedindo doces — contou Willa. As duas carregavam fronhas abarrotadas. — E depois encontramos Crane. Ele não é legal? Nós achamos. Gostamos muito dele, Kristin

principalmente. Ele sabe tocar violão. — As duas deviam ter feito um pacto de manter segredo sobre o namorado da irmã mais velha: eu só esperava que a tagarela Willa não estragasse tudo.

— Eu sei, eu o ouvi tocar — comentei. — Belo carro, Crane.

Ele se virou para mim rapidamente, sorrindo timidamente.

— Ah, sim. Muito. Obrigado.

— Qual é a próxima parada no itinerário de Dia das Bruxas? — perguntei. — Se vocês quiserem ir até lá em casa, farei “bruxos” (que explico que eram como nachos), só que com asas de morcego, entranhas de ratos e olhos desidratados de coruja.

Isso pareceu delicioso para todos no carro, então paramos para que Marsh pudesse telefonar. Não muito tempo depois, no número 12 da Daisy Lane, as garotas estavam separando doces em frente à TV enquanto Marsh e Crane me faziam companhia na cozinha, enquanto eu ralava queijo. Uma atmosfera de paz, até que ouvimos: “Interrompemos essa transmissão uma matéria especial...” vindo da sala.

— Pouco antes das 17h de hoje, um incêndio aconteceu em Oak View Residential Manor — disse a âncora, nervosa. — Vamos agora para o local, em Swoon, com Duffy Bartlett. Duffy?

Vimos Duffy e carros de bombeiro, ambulâncias e macas, fumaça e chamas. Estava uma confusão.

— Ai, meu Deus — exclamei, ainda segurando um pedaço de cheddar.

— Dice! — disse Marsh. — Você tinha acabado de sair de lá!

— Ah, meu Deus — repeti, olhando para a tela.

— Você tem muita sorte — disse Crane.

— Ah, meu Deus — falei pela terceira vez. — Pen.

Deixei o queijo cair. Atravessei a rua correndo, voei pelo gramado, com Peanut e Popcorn nas minhas canelas. O carro de Pen não estava lá. Mas o de Lainie estava. Tinha também um Mercedes que não reconheci.

— Tia Lainie? — gritei ao entrar. — Olá? Lainie? Alguém? — Onde estavam os meninos? Em alguma brincadeira de Dia das Bruxas, sem dúvida. Comecei a subir a escadaria acarpetada. Havia música na suíte principal. Acho que era Celine Dion. — Lainie, oi, tem...

Ah, merda. Por mais que eu tentasse, não consegui desviar meus olhos; estavam emperrados no modo “arregalado”. E testemunhei o espetáculo de minha tia na cama, usando a saia rodada da roupa de animadora de torcida de Pen e nada mais, em cima de um cara com cabelos grisalhos no peito e que definitivamente não era meu tio.

— Ah, merda — falei de verdade.

Lainie se virou, deu um grito fino e atirou um dos pompons de Pen em minha direção.

— Saia! Saia!

Eu me escondi atrás da porta do quarto e falei rápido:

— Lainie... Desculpe. Mas Pen... Houve um grande incêndio em Oak View...

Uma movimentação no quarto, barulho de lençóis e sussurros, assobios e roupa íntima. Lainie saiu, vestida às pressas com uma calça cáqui e uma blusa meio abotoada.

— Oh, Jesus! — ela ofegou. — Tenho que ir para lá!

Eu a segui, sem nem olhar de novo para o homem que estava recebendo tratamento real na cama king-size dos Leonard. Lainie corria para lá e para cá, e pegou a bolsa e as chaves do carro. Descalça e frenética, ela saiu correndo, quase colidindo com Pen na porta lateral.

— Penny! Penny! Ai, meu Deus, você está bem?

Minha prima parecia abalada, estava pálida, coberta de fuligem, mas ilesa.

— Estou — Pen disse com voz trêmula. — Preciso... Deixe-me sentar. — Ela se apoiou na mãe, que a ajudou a ir até a mesa da cozinha. Fui até a geladeira pegar água para Pen. Lainie se ajoelhou ao lado da filha e segurou as mãos dela. Fiquei por perto.

— Graças a Deus, graças a Deus — Lainie ficava repetindo, sem dúvida agradecida pela imprudência recente dela não ter feito com que a ira divina destruísse sua primogênita. — Ah, meu bebê. Penny, você tem certeza de que está bem? Inalou fumaça?

— Sim... Não. De verdade, mãe. — Ela parecia sobrecarregada, no entanto. — Eles me examinaram. Estou bem, mas... — Pen escondeu o rosto nos braços e começou a chorar. — Ah, aquelas pobres pessoas. Aqueles pobres velhinhos!

Lainie consolou a filha, mas achei a onda de humanidade de Pen encorajadora, pois muito da sua sensibilidade ultimamente parecia voltada para seu clítoris. Liguei a pequena TV que havia sobre um armário. Ela se encheu de fogo. Assistimos, momentaneamente hipnotizadas, e então Lainie se lembrou dos outros filhos.

— Os meninos! Tenho que pegar os meninos na casa dos Reynold — exclamou. — Candy, você poderia...? Ah... — Ela me lançou um olhar de censura, como se eu fosse o ser mais inútil do planeta.

Lancei um olhar de censura de volta para ela. Eu podia não saber dirigir, mas pelo menos não estava traindo meu marido. Em algum momento o amante de Lainie deve ter saído discretamente e ido embora.

— Tem uns amigos na minha casa — falei para ela. — Eles podem me levar até os meninos, sem problemas.

— Obrigada — Lainie disse baixinho. — Eu não quero sair de perto de Penny agora.

Pen levantou a cabeça.

— Dice, espere. — Ela levantou e se agarrou no meu braço enquanto andávamos até a porta. Ela estava tremendo. — Sin...

O som do nome dele era como uma bomba destruidora.

Pen baixou a cabeça em minha direção.

— Dice, ele não queria sair. Estava uma loucura lá dentro, uma correria. E eu gritei por ele, mas ele não vinha. A ultima vez que o vi ele estava apenas...parado lá. Os velhos estavam caindo e se levantando e caindo de novo. E a fumaça... Os gritos... E ele apenas ficava lá, de pé no meio da pista de dança. E estava gargalhando.

Capítulo 33

O INCÊNDIO QUE MOBILIZOU CINCO CORPOS DE BOMBEIRO NO OAK VIEW Residential Manor deixou dois mortos e mais de dez pessoas seriamente feridas. O dano à construção histórica, erguida nos anos 1880, foi extenso, e por conta de um engano do seguro o processo subsequente ameaçava arrasar com a empresa dona do local, a Chadwick choice properties. Então Sin tinha encontrado outro meio de destruir a família de Wick, pena que um par de banguelas voluptuosos tiveram que perecer no processo; como a investigação provou depois, não houvera incêndio premeditado — um par de dançarinos mascarados haviam derrubado uma vela enquanto estavam se dando bem em uma despesa.

O placar estava ficando a favor de Sin, e o número de mortos aumentava. Isso acentuava a necessidade de tirá-lo deste século o mais rápido possível. Pedi que Crane me deixasse na Libo's Gas & Lube depois de pegar os pequenos Leonard e de deixar Marsh e as meninas no carro dela. A oficina estava aberta e o pai de Kurt estava no caixa. Andei escondida por trás da casa, achei uma escada de ferro e subi. Havia uma parede de tijolos pintada de branco com tinta descascando, duas janelas protegidas por cortinas impenetráveis, e uma porta. Bati.

— Ei, gatinha, você não perguntou se eu queria doce ou travessura. — O comprimento de Kurt me lembrou que eu ainda estava de fantasia. O modo como ele falou, deliberadamente monótono, com um olhar duro, implicava aprovação do conjunto de legging, botas de salto e orelhas pontudas. — Entre.

— Não. — A primeira coisa que saiu da minha boca foi direta como um míssil. — Só estou procurando Sin.

Uma expressão de jura? percorreu as feições símias dele, como se dissesse que nenhuma garota resistiria a Sinclair Youngblood Powers.

— Ele não está aqui, mas me disse que você talvez aparecesse. Pode esperar se quiser.

Eu não queria esperar. Correr atrás do próprio rabo parecia preferível a não fazer nada. Além do mais, não estava ansiosa por ficar sozinha com Kurt. Não sei por que razão. Não, foi por esta razão: o modus operandi de Sin era colocas as pessoas em contato com as partes

escondidas, as partes doentias. Pelo que eu sabia, Kurt era bem aberto, estilo Popeye, o Marinheiro ("Sou o que sou"). Se ele tivesse mantido alguma coisa escondia que agora estava sendo libertada, eu não queria estar por perto para vê-la.

— Vamos — insisiu. — Vamos fumar um.

Um convite tentador. Por que não ser ousada?

— Hmmm, acho que não... — Mas a verdade era, aonde mais eu iria? Sin dormia aqui. Sin voltara para cá em algum momento. E eu tinha que vê-lo. Tínhamos assuntos a tratar. — Mas acho que vou esperar, se não tiver problema — decidi, entrando no apartamento. Passei por Kurt e tentei sentir como ele estava. Não peguei nada além de um certo amargor que me fez morder a língua.

Era um apartamento de um cômodo só, em formato de L. As cortinas que vi do lado de fora eram na verdade sacos de lixo grossos presos sobre as janelas com fita adesiva. Havia um sofá quadriculado surrado, rasgado em alguns pontos. Um frigobar e um micro-ondas. Piso de ladrilho, última limpeza...nunca. na parte menos do L havia uma cama de solteiro com um cobertor; enrolado no cantinho, um saco de dormir. Havia manuais de mecânica e revistas de carros misturadas a uma pilha de livros que ia de Daniel Dafoe a Chuck Palahniuk. A mesa era uma placa de madeira sobre um par de cavaletes, com duas cadeiras diferentes. Sobre a mesa havia um laptop ligado. De um iPod ligado em alto-falantes de carro jorrava uma mistura ameaçadora de Black metal e country americano.

Olhei com ceticismo para o sofá e ponderei sobre um modo gracioso de remover meus acessórios felinos. Kurt encheu um bong feito de um eixo de transmissão ou algo assim e deu um trago, depois passou para mim. Mais uma vez, fiquei constrangida.

— Vamos — insistiu ele.

— Tá. — Eu dei um trago. Só para ser sociável. Era boa. Num piscar de olhos, por toda parte, boa.

Estávamos de pé no meio da sala, mas não havia nada de estranho nosso. Esqueci sobre a estupidez que era minha roupa.

— Você soube do incêndio? — perguntei a Kurt.

— Imaginei. Ouvi sirenes. — O garoto não era bom em frases completas, um sintoma de falar com os pulmões cheios de fumaça.

— Foi em Oak Views — Comentei e depois pensei: ei, quando Sin falou para Kurt que eu poderia aparecer? Ele tinha passado no apartamento depois do incêndio e saiu de novo? Ou ele mencionou, em algum momento no mês passado, que minha aparição na porta deles era uma possibilidade?

— Que merda — disse Kurt. — Ei, você quer ver uma coisa legal? — Ele andou até o computador e mexeu no mouse.

— Ta, quero. — Apoiei meu joelho numa cadeira. O que Kurt Libo considerava legal? Caminhões enormes? Lutadores anões?

— Uma tempestade em Iowa — ele disse. — O pássaros, espere, veja...

Um êxodo em massa de gansos canadenses, milhares deles, dezenas de milhares, ocupavam o céu, fazendo barulho como uma banda feita de penas. Era incrível. Eu apoiei uma mão na mesa e Kurt estava olhando por sobre meu ombro.

— Uau...

— Não é?

Quarenta e seis segundos depois tudo tinha acabado, e eu queria ver de novo (alguns vídeos são mesmo viciantes), então apertei o play. Eu estava entretida. Kurt também. Ou era o que eu pensava. Mas mudei de idéia quando ele chutou a cadeira onde eu apoiava o joelho.

O jeito como caí, para a frente, batendo na mesa mas sem me machucar, naquele chão nojento, deflagrou seu movimento seguinte. Kurt deu uma espécie de grito e senti o joelho dele na minha lombar.

Eu me apavorei, com certeza. Fiquei totalmente sóbria e consciente de tudo. Do ladrilho áspero e sujo embaixo da minha bochecha. Do cheiro de maconha e óleo de motos de batatas fritas velhas. De ficas sem fôlego. Tudo estava claro como água. Eu poderia oferecer uma retrospectiva minuto a minuto de nossa luta pelo chão. De cada movimento que ele fez. De cada tapa e unhada que dei em resposta. Mas tenho muitos flashbacks não intencionais, então por que relembrar de propósito? Vamos adiantar para o momento relevante quando Kurt, agarrando uma mecha de cabelo, arrancou o elástico das estúpidas orelhas de papelão e usou-o para amarrar meus pulsos nas minhas costas.

— Finalmente — eu o ouvi murmurar.

Depois ele pegou meus tornozelos, e uma corda ou... Merda, ele estava me amarrando com meu próprio rabo. Eu gritei, é claro:

— Pare! Socorro! Assassinato! Osama Bin Laden!

Mas meus gritos se perderam no piso grosso.

E então ele sumiu. Simplesmente sumiu. Eu me contorci e consegui me virar de lado, e vi Kurt erguido, os pés pedalando uma bicicleta invisível. Sin o tinha levantado pela gola da camiseta, do mesmo modo que eu pegava RubyCat no meio de algum mau comportamento felino.

— Ei, cara! Me ponha no chão! Vamos, me ponha no chão!

Sin não fez isso; Sin o jogou longe, ao longo da sala, na parede.

— Mas que...? — falou Kurt. — Por que você fez isso?

Sin falou, baixo, com veemência.

— Como você ousa tocá-la?

— Do que você está falando? — Kurt disse com covardia.

Sentindo a fúria que jorrava de cada fibra de Sin, pensei que ele arremessaria Kurt pela parede de tijolos até Ohio. Em vez disso, ele se abaixou ao meu lado e rapidamente começou a desfazer os nós. Minha cabeça flutuava enquanto minhas mãos e pés eram liberados.

— Você me disse que estaria ocupado! — Kurt gritou na defensiva. — Você disse que era eu deixá-la enrolada!

— Eu falei, seu imbecil, que eu estaria enrolado e que você devia mantê-la ocupada! — Sin gritou, depois balançou a cabeça e continuou com os cuidados. — Você está machucada? — murmurou. O seu toque era gentil, mas ele não conseguia me olhar nos olhos. — se você estiver machucada, vou bater nele até que perca os sentidos. Vou fazer com que seja torturado e esquartejado. Vou...

— Sin...Pare... — Sentada com os joelhos puxados contra o peito, coloquei meus dedos sobre os lábios dele. — ele não me machucou. — eu não estava tão certa disso. Na verdade, pensei no vidro de Tylenol no gabinete de remédios da Daisy Lane número 12. Sin me pegou nos braços e me ajudou a ficar de pé, e por algumas fugazes batidas do coração eu me entreguei ao prazer da força, do calor e da beleza do corpo dele.

Depois me afastei, ordenando que meu corpo se acalmasse.

— Me solte — falei simplesmente.

O golem seguiu a ordem recebida.

Capítulo 34

É TRADIÇÃO PARA A JUVENTUDE OCIOSA DA ÁREA SE REUNIR NO CEMITÉRIO Grimley Parish na noite do Dia das Bruxas. Não há profanação nem roubo de túmulos. Esses “bons meninos” a prole das “boas pessoas”. não sonhariam com tamanha maldade. Havia fumo e bebidas, talvez, e conversas sobre lendas rurais — a velha e “boa” diversão de histórias de terror. Mas Sin e eu não sabíamos desse costume, e fomos para lá por um motivo nosso, um motivo decidido depois de muita falação atrás da oficina Libo.

— E aí — falei, com os braços apertados ao meu redor -, se divertiu incinerando velhinhos?

— Não é questão de se divertir, Dice. Você sabe disso.

— É mesmo? Eu soube que você estava às gargalhadas.

Sin, ainda usando roupas do século XVIII, deu de ombros.

— Há uma certa satisfação em um trabalho benfeito.

— É, tenho certeza que os chefões do campo de concentração de Buchenwald diziam a mesma coisa. — Não sei se Sin sabia sobre Buchenwald (nossa aula de História era introdutória, e ele estava se saindo muito bem), mas certamente percebeu pela minha entonação que não era nenhuma Disneylândia.

— Os moradores de Oak View tinham raízes profundas em Swoon. Eles mereceram o que houve, na minha opinião. — argumentou. — Além do mais, é Lawrence Chadwick que vai sofrer em longo prazo, e, como você sabe, meu plano inicial para a ruína dele foi habilmente desfeito.

Ou seja, se eu não tivesse interferido na festa do pijama, ele não teria flambado os coroas. Lógico. Inacreditável.

— Olhe, Sin, eu quero que você pare com essa merda! — Pensei em dar uma chance à petulância, batendo o pé e tudo mais. — Você é meu golem e fará o que eu mandar.

Não me levou a lugar algum.

— Acho que já passamos desse ponto, minha dama — ele disse. — Procure na literatura. A da sua própria cultura tem histórias de golens que se rebelaram contra seus donos. Veja além, em Frankenstein, O Aprendiz de Feiticeiro, qualquer um dos seus filmes do Exterminador do Futuro.

Mas que mestre da cultura pop ele se tornou.

— Tenha em mente também — ele prosseguiu — que você não instalou um dispositivo de desativação.

Era verdade. Antigamente, um rabino escreveria o nome de Deus em hebraico em algum lugar no golem; mais tarde, se quisesse destruir o serviçal, ele apenas precisava apagar a primeira letra, convenientemente transformando-a na palavra “morte”. Esses caras da Cabala eram espertos, mas eu não havia sido tão cuidadosa.

— Eu não quero... desativar você. Eu... — Será que eu conseguiria? Não. — Apenas não concordo com você.

— Então parece que pertencemos a um clube de debate bem restrito, no qual concordamos em discordar.

Era um caminho que não levaria a lugar algum, então escolhi outro.

— Você pareceu incrivelmente furioso com Kurt lá dentro.

Isso fez Sin socar a própria palma da mão.

— Aquele idiota! Só de pensar nele encostando um dedo em você... Pode anotar, vou voltar lá e acabar com ele.

— Não. — Toquei seu braço. — Independente da dislexia auditiva de Kurt, não é culpa dele, na verdade.

Sin me observou com a sobrancelha erguida, não acreditando.

— O que você precisa entender é que você não pode escolher quem voce influencia, e nem até que ponto. Quero dizer, Kurt Libo não é nenhum quaker, mas o que ele fez comigo foi o resultado natural do que você despertou nele.

Deixei que ele absorvesse essa afirmação. Pareceu surtir algum efeito.

— O que você diz tem mérito — Sin concordou. — Você foi atacada, você ferida, e pelas minhas mãos, ainda que indiretamente. — Ele ergueu os olhos para o céu noturno, procurando salvação nas estrelas. Depois olhou para mim. — Como você poderia me perdoar?

— Perdoar você? Como não perdoaria? Sin, não consigo separar nós dois. Sou responsável por você. O que você faz é minha responsabilidade. Se eu não conseguisse perdoar você, não conseguiria me perdoar. E não me sentir mal com nenhum de nós. Eu quero... — Como explicar isso...? — Eu quero nos amar.

Rapido como um golpe de martelo, ele me enlaçou.

— Você é minha vida. — O sussurro forçado dele se perdeu no topo da minha cabeça.

Vida. Eu não ia criticar o uso desse termo. Não sabia muito, mas sabia que estávamos nisso para sempre, unidos por uma lei de nossa própria invenção, básica como sangue, crucial como gravidade. O tempo passava e a noite se aprofundava enquanto estávamos daquele jeito.

Então Sin disse:

— Você é minha vida, mas não é meu propósito.

Que se partisse em pedacinhos, esse propósito imbecil e persistente! O combustível do espírito do qual Ruby falara, a essência que ruge nos mortos inquietos. Se eu achei que estava envolvida em um triângulo amoroso bizarro quando Sin ficou no corpo de Pen, agora eu tinha que competir com vingança dele. O propósito de Sin era meu nêmesis; era o que eu tinha que destruir. Mas enquanto concentrava minha mente nessa tarefa, outra perspectiva me invadiu, tão assustadora, tão apavorante que me fez tremer: depois que a sede de Sin estivesse saciada, o que aconteceria? Com o propósito realizado, ele não teria razão para existir, absolutamente nenhuma.

A não ser que o amor pudesse mantê-lo. Nosso amor.

Houve um tempo em que Sin em paz era um conceito que eu podia aceitar. Mas isso foi antes. Agora eu poderia agir de modo a afasta-lo de mim para sempre?

Eu me forcei a ficar parada e o abracei também.

— Sei disso. — Respirei apoiada no corpo dele, depois o olhei nos olhos. — E esta é minha proposta.

Então falei com ele sobre Hannah Miles e como era crucial saber da verdade sobre aquela morte, e sobre como poderíamos descobrir o que acontecera. Dominado e abatido, Sin ouviu e,

quando acabei, ele pegou minha mão e me levou até a obra-prima automotiva que era o Chevy 1962 de Kurt Libo.

— O que você está fazendo?

Ele abriu a porta do passageiro.

— Acho que Kurt está em débito comigo.

Subi na caminhonete. Ele foi até o outro lado.

— Para onde vamos?

Ele apoiou as mãos no volante e olhou pelo para-brisa para um dentro dele mesmo.

— Se queremos ir a fundo sobre o que aconteceu com Hannah, sei onde podemos começar.

Capítulo 35

SE UM PROMOTER DE NOVA YORK FOSSE DIVULGAR ESSA NOITE, ELE SAIRIA com planfetos em cores fluorescentes anunciando “Rave nos Túmulos”. Adolescentes dançavam trance desajeitados, um delírio colorido, emanando luminosidade química. Era verdade que nenhum aparelho de som estava ligado para emitir uma batida, mas todos estavam envolvidos demais para perceber.

— Mas que inferno! — Sin exclamou ao observar a cena. — Eles não tem respeito?

Então meu soldado iconoclasta a favor da liberdade sexual tinha uma tendência antiquada! Mas, por outro lado, Sin tinha que, naturalmente, ter deferência pelos mortos.

A primeira pessoa a vir correndo até nós foi Con Emerson, que evitara vestir uma fantasia ao colocar duas bolas de golfe fluorescentes penduradas na frente da calça cargo.

— Cara! — gritou e socou Sin direto no bíceps, e depois o agarrou em um abraço desajeitado. — Cara, eu amo você, cara!

Sin entrou na onda, balançando Com e bagunçando o cabelo dele;

— Sin, você é tão bonito! — Com falou alto, depois esticou o outro braço e me puxou para perto. — Você também, Dice! Meu Deus, você é linda!

— Você é lindo, Con. — Eu conhecia o script. — Eu amo você também.

— É! Amor! Certo! Eu amo você também! — ele disse com absoluta sinceridade, e depois saiu andando como um bebê distraído.

Sin ergueu uma sobrancelha.

— Ecstasy — expliquei.

— Claro — ele respondeu.

— É uma droga. Ela, hum, deixa você mais... cordial — esclareci. Considerando o nível de excitação de Swoon ultimamente, êxtase parecia um eufenismo. Ainda assim, eu estava feliz por não ter explodido o cérebro no home theater dos Emerson nem fugido para se tornar vítima de um perverso. Parecia que ele estava aceitando o lance de ser gay. Sorrindo para Sin, perguntei:

— Para onde vamos agora?

— Não tenho certeza — respondeu. — Nunca vim aqui à noite antes.

— Eeeeeiii! Oiiii! — gritou uma que não conhecíamos; uma caloura, sem dúvida. Ela pulou em cima de Sin como uma ginasta. Tentei decifrar a roupa dela. Meu melhor palpite foi hippie-fada-astronauta.

Gentilmente Sin a afastou e a mandou embora.

— E eu não estava prevendo todos esses empecilhos. — Ele observou o cemitério. — vamos tentar este caminho.

Nós seguimos, equipados com uma lanterna achada no chevy que era fraca se comparada com a luz emitida pela rave. Quanto mais longe íamos, mais velhos ficavam os monumentos, que eram em sua maioria sentimentais e estranhamente bonitos. Um capitão de navio tinha uma ancora esculpida em sua lapide. O tumulo de uma criança mostrava um querubim cuidando de um jardim. Havia retratos intrincados, esqueletos deitados cobertos ou não por mortalhas; um ícone genérico que adornava muitas lapides parecia um crânio em forma de lambada que tinha asas. Concentrei minha mente em Hannah Miles, rogando a ela que nos guiasse até o seu repouso final. E do modo dela, foi o que aconteceu...

Uma fragrância com calor de primavera nessa noite estimulante de outono.

— Lilases?

Sin parou, inalou e concordou.

— As que ela mais adorava.

Seguimos o aroma até um abrigo de arbustos repletos de flores, com sua cor lilás modificada pela luz da lua. Os arbustos se inclinavam um em direção ao outro formando um arco sobre um tumulo simples de pedra com apenas um nome e duas datas sucintas que diziam pouco mas contavam tudo. Sin caiu de joelhos e com a ponta do dedo percorreu cada letra e cada numeral. Fiquei um pouco para trás e refleti sobre como seria possível sofrer por um morto quando não se tem alma.

— Hannah... — ele chamou.

Hannah, pensei.

Talvez ela aparecesse como Ruby, ao vivo e em cores e com um punhado de efeitos especiais. Ou como o estereotipado espectro transparente, com direito a suspiros, gemidos e luz fria. Se aparecesse. Havia uma grande chance de que minha presença a perturbasse: eu estava, afinal, apaixonada pelo homem dela, e meu objetivo em descobrir o mistério da sua morte era totalmente egoísta. Poderia ela aparecer como um demônio de capa cinzenta, reclamando comigo pela temeridade de incomodar o seu descanso? Coloquei minha Mao no ombro de Sin. Ele colocou a dele sobre a minha.

— Hannah — murmurou. — Por favor.

Hannah, por favor.

E ela veio saltitando. Com uma manta cor de cobre. Olhos negros inteligentes emoldurados por um rosto pontudo. E um rabo peludo erguido bem atrás dela.

Ofeguei baixinho. Gentil e lentamente, me ajoelhei ao lado de Sin. A raposa estava a uns 30 centímetros de nós. Ela deu uma volta no local e sentou. Imagine o quanto fiquei maravilhada quando vi o potro de Marsh e quadruplique isso para imaginar minha perplexidade diante dessa criatura, tão linda, tão preciosa e selvagem como a própria floresta.

Sin não falou em voz alta; ele não precisava. Dentro de minha cabeça eu o ouvia. A pequena raposa também.

— Hannah. Então você veio.

Ela o observou com avidez inteligente.

— Você nos honra ao atender nosso chamado — falou. — Gostaria de apresentar a Srta. Candice Reagan Moskow. Você não precisa temê-la, é uma mulher nobre.

A raposa fixou o olhar em mim, me avaliou e voltou o olhar para Sin.

— Ah, mas você nunca temeu ninguém... Eu a amava por isso, Hannah. Mesmo tendo sido a coragem que causou sua morte. — O remorso apareceu discretamente. — E é por isso que viemos.

Ela inclinou a cabeça. Estava ouvindo.

— Passei séculos furioso por causa do seu assassinato. A fúria me manteve vivo; minhas palavras ao morrer foram um juramento de vingança. E muito me debati no tumulto, esperando por uma oportunidade.

Nesse momento o rabo do animal se moveu, uma vez para a esquerda, uma vez para a direita.

— Na verdade, minha sede de vingança encobriu até mesmo nosso amor. A fúria era só o que me importava.

A pequena raposa estava completamente imóvel novamente.

— Agora acredito que preciso saber detalhes do seu fim. Nem mesmo sei dizer por que, exceto que acho que vai me ajudar de alguma forma. Você conhece a paz agora, e sei disso pela

forma que você escolheu esta noite. Mas estou perdido, estou confuso, Hannah, nem homem nem fantasma, apenas essa... essa coisa que respira para poder punir.

Agora a raposa me observou de novo, como se ela entendesse meu papel na existência de Sin e não o julgasse.

— Então peço sua bênção, Hannah, e sua orientação. Dice e eu não sabemos absolutamente nada sobre o que pretendemos fazer. Por onde começar? Como proceder? Por qual portal iniciamos a jornada em direção à verdade? No vocabulário dessa época moderna, estamos boiando!

Nesse momento, o animal ergueu uma pata até o focinho, do modo como uma dama educada de outra época discretamente esconderia seu riso com um leque. Então, para minha surpresa, ela deu dois passos ousados se aproximando. Com cuidado e silêncio extremos, Sin estendeu a mão e a pequena raposa encostou em seus dedos. Incrivelmente, miraculosamente, quando estiquei a mão, também senti cócegas dos bigodes e o nariz molhado encostou nos meus dedos.

Com olhos úmidos olhei para Sin e vi que ele pensava como eu. Ambos sabíamos que o beijo da raposa autorizava nossa busca no passado... Nossa busca juntos. Só que não tivemos muito tempo para nos maravilhar com esse encanto. Houve uma mudança no vento, vindo com força do norte. O pequeno animal se apoiou nos quadris e avaliou o ar. Quando capturou o cheiro, o pelo começou a se eriçar e um barulho repetitivo saiu da sua garganta, seguido de um latido curto e agudo.

Sem perceber, imitei seu gesto, ficando de joelhos, erguendo a cabeça, tentando definir que cheiro era aquele. Não vinha daqui desse lugar. Mas, de alguma forma, estava aqui, e eu sabia.

Assim que a raposa disparou, eu soube o que era.

Carcaju.

Capítulo 36

SENTI AS CONSEQUÊNCIAS DO DIA DAS BRUXAS NA MANHÃ SEGUINTE. SENTI totalmente. Ao rolar, cheia de dor, sobre a cama, dei de cara com meu rapaz. Mais alguns centímetros e meu nariz encostou no queixo dele. A felicidade que isso gerou dissolveu minhas dores como açúcar se dissolve em água.

Eu me lembrei.

Lembrei de voltarmos do cemitério Grimley Parish. De me sentir quase desmaiando. De dizer para ele: “Fique comigo.”

Nada aconteceu. Isto é, na conotação universalmente conhecida para “ nada aconteceu”. Uma remoção parcial de roupas se seguiu à nossa chegada casa, depois entramos embaixo das cobertas. Minhas curvas se derreteram nos ângulos dele. Era como fermento em massa de pão. Relaxada e envolvida, eu dormi. Agora, muito tempo depois, aprendi que golens também dormem: dormem como pedra, uma estátua com batimentos cardíacos. Fiquei ali enumerando os cílios dele até perder a conta. De novo, dormi.

Quando acordei novamente, Sin também tinha acordado.

— Oi — um de nós disse primeiro.

— Oi — um de nós disse depois.

Ruby Cat ouviu nossos murmúrios matinais. Ela circulou o monte que nossos corpos formaram, se posicionou entre nossas cabeças descabeladas e educadamente bateu na minha bochecha.

— Miau?

— Permaneça deitada. Eu alimentarei a fera. — falou Sin. Mas não se moveu.

Com mais firmeza:

— Miau!

Resmungando de modo afável sobre servir não a uma senhora, mas a duas, Sin saiu de debaixo das cobertas. Em pouco tempo ele voltou com um copo de suco, uma tigela de cereal de chocolate e dois comprimidos brancos.

— Você consegue sentar?

Sentei com esforço para engolir paracetamol com um gole de suco de laranja. Da beirada da cama, Sin me deu na boca um pouco de cereal, depois experimentou um pouco.

— Eca! — Ele fez uma careta.

Eu sorri.

— Você se acostuma e acaba gostando.

Mastiguei mais algumas colheradas.

— Acho que não consigo ir à escola.

— Ficarei com você.

— Não, está tudo bem. Vá em frente. — Disse isso com voz fraca. Eu não queria que ele fosse embora. Pensei em Hannah Miles e na forma com a qual ela aparecera. Se Sin a tivesse matado, ela não teria aparecido como um urso ou algo mais ameaçador?

Com o rosto inescrutável e decidido, ele levantou uma ponta do lençol e olhou embaixo.

— Deixe-me ficar. Podemos brincar de médico.

Eu dei de ombros (ai) e aumentei meu sorriso.

— Com tantas pessoas naquela viagem de ecstasy ontem à noite, hoje Swonowa vai estar uma cidade fantasma de qualquer jeito. — Como se um relógio tivesse tocado, de repente me senti constrangida. — Eu deveria tentar tomar um banho — disse.

— Ah... Bem. — Ou ele compartilhava da minha timidez ou a respeitava. — Isso deve fazê-la se sentir melhor.

Embaixo da ducha, examinei meu corpo. Parecia um mapa, e cada hematoma azulado era um marco. Mas a água quente e os remédios fizeram efeito e eu consegui o incrível feito de me vestir. No andar de baixo, Sin provocava R.C. com um brinquito de pena. Ele estava de meias e de cueca branca apertada. E, de alguma forma, tinha conseguido uma pulseira fluorescente, agora apagada em um dos pulsos. A gata estava enlouquecida em torno dos tornozelos dele. Eu podia ficar assistindo os dois para sempre. Mas por outro lado, melhor não.

— O banheiro é todo seu — chamei. — Vou procurar uma camiseta limpa para você usar.

Eu estava procurando na cômoda do meu pai quando o telefone tocou.

— Alô?

— Querida! Você está aí!

— Papai! — Deitei na cama dos meus pais.

— Eu tinha um recado na ponta da língua para deixar na secretária. Por que você não está na escola?

Pensei rápido.

— Ressaca de Dia das Bruxas. Comi muito doce.

Ele deu uma risada de “pai legal”.

— Tem certeza de que não foi muita cerveja?

— Você sabe que odeio cerveja. Mas foi uma noite e tanto. E não tem problema, não estou perdendo uma prova nem nada do tipo. O que houve?

— Bem, no assunto festejos loucos, fizemos nossa festa de encerramento ontem. E como estamos oficialmente em novembro, suponho que todos alergênicos terríveis de Connecticut estejam hibernando. Então comprei minha passagem para Hartford; vou passar a semana com você.

— Verdade? Papai, isso é fantástico! — falei com sinceridade; falei mesmo. Mas esse parentis interruptus atrasaria a jornada psíquica planejada. Conteí as novidades para Sin quando ele me encontrou.

— Talvez possamos todos jantar juntos — falei. — Iremos naquele restaurante de carnes em Norris. Ou, não, vou fazer lasanha. Papai adora minha lasanha.

Ele puxou a camiseta escrita “Propriedade de Law & Order” por sobre os cabelos úmidos.

— Tenho certeza de que vou adorar também — respondeu, mas seus olhos estavam tempestuosos, cobertos por nuvens cinzentas.

— Olhe, Sin, minha mãe virá na sexta-feira como sempre, e no domingo eles voltam à cidade. Então poderemos... continuar.

— Sim — ele disse. — Ótimo.

Não foi muito convincente. Olhei para ele com severidade.

— Até lá, por meio deste eu imponho uma moratória nas atividades maldosas.

— Vou tentar obedecer a isso — respondeu. — Mas agora é melhor eu devolver o carro a Kurt. Ele deve estar tendo um ataque.

Então Sin foi embora e papai chegou, e tudo estava normal. Relativamente. Com Emerson começou a usar delineador para ir à escola, e o menino que fez uma piada sobre isso levou porrada. A Sra. Brinker apareceu na biblioteca com o vestido ridículo de novo porque tinha um encontro depois do trabalho, com ninguém menos do que o caseiro itinerante Jameson McDaniel. Eu mal reconheci o bicho-papão de Swoon, limpo e penteado, sem a jaqueta do exército e sem o pastor alemão.

Mamãe chegou à cidade trazendo um prosecco, o que é quase tão bom quanto um espumante, e Sin trouxe para nós um gigantesco vaso de crisântemos. Foi como um sonho ganhar o selo de aprovação dos pais para seu rapaz.

E então o tio Gordon apareceu.

Depois de um longo dia no escritório, os homens de carreira de Swooz geralmente se transformavam em modelos da Lacoste. Meu tio ainda estava com seu terno de advogado, apesar de a gravata estar frouxa e seu rosto pálido. Já passava das nove, mas nosso quarteto ainda permanecia ao redor da lasanha.

— Gordon! Olá! — cumprimentaram meus pais, mais ou menos em uníssono.

Uma onda de desagrado percorreu Sin (meu tio indubitavelmente o lembrava do antigo advogado), mas ele a sufocou. Estava se comportando.

— Prosecco? — Mamãe inclinou a garrafa.

— Não, obrigado, Lesley. Uhhh...

— Ah, Gordon, não venha me dizer que não está bebendo — mamãe o censurou com humor. — Sente-se e tome uma taça! Você parece estar precisando.

— Não, eu... Eu...

— Tio Gordon? — arrisquei. — Aconteceu alguma coisa?

A pergunta o deixou lúcido.

— Sim — respondeu. — É isso. Aconteceu uma coisa. Houve um acidente. É a Lainie. O carro dela caiu da ponte Davender.

Capítulo 37

O “COMPROMISSO EM TORRINGTON” DO QUAL TIA LAINIE VOLTAVA APRESSADA poderia ter convencido alguém se ela estivesse usando alguma coisa por baixo do elegante sobretudo marrom. Mas ela dirigia até o encontro usando nada além de lingerie La Perla e um sobretudo London Fog, sem dúvida como um agrado para o Sr. Mercedes. Então todos souberam que o objetivo de Lainie era algo errado e lascivo quando tiraram do rio Housatonic.

Os momentos seguintes à declaração do tio Gordon foram movimentados, todos nós preparando nossas estações de batalha. Mamãe, soubera em momento de crise, fez as investigações necessárias, em primeiro lugar se assegurando de que Lainie estava viva embora em estado crítico no hospital Luterano.

— E quanto às crianças? Já sabem? — perguntou mamãe.

— Penny sabe. Ela está esperando no carro. Mas os meninos não — disse Gordon. — Penny está.... Muito perturbada.

— E nossos pais?

Gordon ficou de boca aberta sem entender.

— Bert e Helen?

— Ah, meu Deus! — O cabelo já despenteado ficou ainda mais bagunçado. — Não, eu não liguei para eles.

— Tudo bem, não se preocupe. Ligaremos do hospital; ainda é cedo no Arizona. — Ela se virou para mim. — Candice, atravesse a rua e cuide dos meninos. — Depois para papai. — Peter, você dirige. — E para Gordon. — Nós seguiremos você.

E foram embora. Como minha mãe, agi rapidamente, Sin andando atrás de mim até o número 9 da Daisy Lane. Eu não podia lidar com ele, não queimando por dentro por saber que a queda da tia Lainie era mais um X no placar a favor dee. Só que, enquanto isso perfurava meu plexo solar, eu finalmente aceitei que aquilo não era uma brincadeira. Lainie era um ser humano, uma pessoa que eu amava; ela estava entre a vida e a morte por causa de um cara que era um erro meu. Isso era culpa de Sin, e, por extensão, minha, mas, por mais desesperada que eu estivesse para deixar tudo bem, aparentemente não tinha capacidade para tanto. Quando entrei na casa dos Leonard, onde estavam Silas e Jordan, agitados pela energia cega da confusão, não sabia nada sobre cuidar de crianças desnorteadas.

E não precisava saber. Sin tomou a dianteira, tão gentil, tão calmo. Usado colchas e cadeiras, ele fez uma tenda na sala de estar enquanto minha suspeita derretia em uma poça de tudo-vai-ficar-bem. Depois de um tempo, os meninos se acalmaram. Após mais um tempo, Sin os levou no colo, primeiro Silas e depois Jordan, até a cama.

Quando o telefone dos Leonard tocou, pulei para atender. Era mamãe.

— Como ela está? — Todos os meus medos com relação à condição de Lainie (e como ela chegou até aquilo) me atacaram como cães selvagens.

— A situação está incerta. — A voz dela estava tensa.

— Ah... Mamãe, como está você? — Eu não a chamava de mamãe desde meus 9 anos.

— Estou indo. Eu fico dizendo para mim mesma que ela vai superar. Querida, seu tio vai passar a noite aqui. Estamos a caminho de casa agora, com Penny.

— Certo.

— Candy, quero que você faça companhia a ela.

Sin veio descendo a escada.

— Quais são as notícias?

— Você se importa mesmo? — perguntei, inclinando a cabeça. Eu não o ataquei com as palavras; só queria saber.

Ele analisou meu rosto enquanto o dele se franzia, magoado.

— O que você quer dizer?

— Quero dizer que... — comecei, depois vacilei. — Não sei o que quero dizer. Só sei que olho para você com os meninos, e você é tão doce e sensível, e sabe exatamente o que fazer. Mas depois penso na mãe deles caindo da ponte Davender, e você pode muito bem ter mexido nos freios do carro ou colocado óleo nas rodas.

— Dice, isso não é verdade! — Ele andou em minha direção. — Não tive nada a ver com isso!

Senti meus dedos se contraírem e relaxarem. Como eu desejava poder acreditar que ele era um devasso, não um sádico.

— O que você está dizendo, que não quer destruir os Leonard?

— Não! Não desse jeito. Sua tia... Ela nem é daqui; sempre foi completamente gentil comigo...

Eu comecei a andar de um lado para o outro, que é o que eu faço quando fico descontrolada.

— Ah, Sin! Não vê? Talvez você não tenha escrito o nome de Lainie no seu livrinho de destruição de Swoon, mas você... não tem mais controle sobre o que você faz, sobre o que libertou nessa cidade.

Ele interrompeu minha caminhada de tigresa e me pegou pelos antebraços. Eu tremi, bati os pés e fiquei parada.

— Dice — ele pediu. — Olhe para mim.

Eu olhei.

— Dice, estou tão...

Pen entrou em casa batendo a porta. Sin me soltou. Corri para minha prima, tentei abraçá-la. Ela empurrou meus braços.

— Saia de perto de mim, Dice.

— Mas... Pen...

— Apenas fique longe de mim. — Sem sequer olhar para Sin, ela foi até o armário antigo que servia de bar para os Leonard. Mas ele estava trancado. Pen sabia onde a chave ficava guardada, mas preferiu quebrar o vidro com um golpe furioso do cotovelo. Cacos de vidro se espalharam no tapete e em sua jaqueta de animadora de torcida. Ela pegou uma garrafa cheia de um líquido marrom.

— Meu Deus, Pen! Vá com calma.

— Calma? Prima, calma é meu sobrenome. Acho que é de família.

Ela tirou a tampa e deu um gole.

Fui até ela e coloquei uma das mãos em seu ombro. Ela me afastou de novo com olhos flamejantes, depois assumiu uma aparência de calma.

— De verdade, Dice. Prefiro que você evite tocar em mim. — Ela bebeu de novo. Eu fiquei olhando para ela. — Você parece pensar que preciso de consolo. Mas por quê? Porque minha mãe teve um acidente? Ou porque ela está transando com o dermatologista?

Então era o Dr. Mercedes.

— Você sabe sobre isso?

— Não sou tão louca quanto pareço — disse, gesticulando com a garrafa. O líquido forte respingou de forma ameaçadora. — Deixe-me dizer o que é tão irônico. Ela já se consultava com ele há anos, sempre sem segundas intenções, para manter aquela estúpida pele de modelo. A cada ruga, a cada mancha, ela ia correndo. Ele injetava um pouco disso, esticava um tanto aquilo, vendia para ela algum bálsamo da juventude de quatrocentos dólares. Bem, espero que ele veja a cara dela agora. — Pen fez uma expressão de desprezo. — Mas ele pode botar um saco de papel sobre a cabeça dela. E se ela sair disso como um vegetal, melhor ainda: nem vai ter que ouvi-la falar.

Qual era a fonte disso? Pen e Lainie sempre foram amigas, o tipo de união entre mãe e filha no qual os filmes de mulherzinha se baseiam. Além do mais, Pen não estava exatamente em posição de jogar pedras em se tratando de promiscuidade.

— Ah, Pen. Você está com medo — eu disse de modo não convincente.

— Com medo? Dificilmente. A piranha recebeu o que merece, e sabe por quê? Porque ela não conseguiu ser honesta. Se tivesse se apaixonando e fugido como a mãe de Marsh, com dignidade, sabe? , não estaria correndo para casa para manter a fachada de esposa devotada. Mas ela não ama o doutorzinho; e ela não ama meu pai, nem... Nenhum de nós. Ela é só uma vaca egoísta.

Pen colocou a garrafa sobre a mesa, tirou a jaqueta e direcionou o veneno para Sin, que estava de pé em silêncio perto da cabaninha de cadeiras e lençóis.

— Você! — Não era um chamado; era uma acusação. — O que está fazendo aqui?

Sin juntou as mãos atrás das costas.

— Vim ajudar Dice a cuidar dos seus irmãos.

— Não! — ela gritou. — Você veio arruinar minha vida! É por isso que você está aqui. — Pen balançou a cabeça como se alguma coisa tivesse caído nela. — Que idiota eu fui. Todo aquele ritual no parque e depois você apareceu... e eu achando que você sairia de dentro de mim para penetrar em mim. Pensei que você me amava.

Uma pontada de culpa. Eu nunca contei para Pen que não foi apenas a vida dela que Sin veio arruinar. Naturalmente, ela acreditou que sua manifestação corpórea surgiu devido ao desejo por ela. Os rapazes sempre fizeram malabarismos por ela; por que não fantasmas?

— Mas você não me quer; você não me ama. — Seu lamento se transformou em choramingo quando ela se aproximou dele. — Você nem sequer transou comigo de novo. Eu não representei nada para você, nada. Você tirou minha virgindade como se não significasse nada.

E então eles estavam poucos centímetros um do outro, e eu não sabia se ela ia beijá-lo, com avidez, com loucura, do modo como alguém beijaria um garoto que já perdeu, ou se daria um tapa nele. Acho que ela também não sabia.

Antes que Pen pudesse agir, Sin começou a falar, e toda a gentileza que ele mostrara minutos antes sumira.

— Você está certa, Pen, eu não amo você. — o cansaço na voz dele desencorajava qualquer interpretação. — Está certa em dizer que não quero você. Está errada apenas no conceito de que vim para Swoon com a intenção única de tirar seu hímen precioso, manchando sua reputação e depois deixando você de lado. Você é insignificante, Pen.

Isso fez ela decidir. Ela se preparou e bateu nele, enfiando as unhas e arrastando-as no rosto dele. Marcas apareceram, mas a luz da sala era precária. A marca era vermelha como meu sangue, como o de Pen, ou da cor da terra?

Sin não titubeou. Ele foi em frente.

— Você é uma garota pequena de uma cidade pequena, nada mais. Mas veja, o que é isso? Você está mudando, Pen. Você está vendo. pela primeira vez em 17 mimados e protegidos anos, você está se deparando com a hipocrisia que é sua vida. Foi isso que fiz a você, forcei-a a encarar a mentira sob a qual você e seus familiares vivem, e têm vivido por séculos. Isso foi tudo que fiz a você, Pen; foi isso que fiz por você. E não é a única, de modo algum. Essa cidade inteira vai dar uma boa olhada no coração hipócrita que tem, e quando eu terminar vou deixar os pedaços caírem onde devem.

Swoon, Connecticut. Um quadro de Norman Rockwell. Agora mostrando o desgaste, os rasgos e a verdade feia do que aconteceu com aquele retrato de Dorian Gray.

— Saia da minha casa — Pen ordenou. — Saia da minha casa e volte para seja lá onde for o inferno do qual saiu.

— Como quiser. — Ele podia tê-la socado no queixo. Podia tê-la abraçado e beijado até que ela derretesse. Em vez disso, Sin fez uma reverência, deu adeus para nós dias e saiu do recinto.

Pen e eu ficamos sozinhas.

Era minha vez, imaginei, e me preparei para o massacre. Eu não merecia? Tinha tentado fazer a coisa certa por ela, afastá-la do perigo, mas acabei estragando tudo, em todos os aspectos. Mas isso não era novidade. Amar alguém, enfrentar tudo por essa pessoa e estar ao seu lado, e ainda assim vê-la escapar por entre os dedos é como nadar, nadas e morrer na praia. Só que não devemos pensar em nada e não ser em agradecer muito por ter tanta, tanta sorte por nada ter acontecido a você.

Agora, isso estava acontecendo comigo de novo, só mais devagar. Um dia eu acordei e Ruby se fora. Aqui, em Swoon, eu acordaria e outro pedacinho de Pen teria sumido — da Pen de temperamento doce e de bom coração que eu conhecia, pelo menos. E qualquer coisa que eu poderia fazer para impedir era tão sólido e efetivo quanto um suspiro contra um vendaval.

Fiquei de pé, esperando. Mas Pen não gritou comigo: fez uma coisa pior. Ela olhou para mim.

— Você sabia — sussurrou. — Você sempre soube.

Então virou as costas e subiu as escadas até seu quarto.

Capítulo 38

DURONA.LUTADORA. RESISTENTE. MINHA TIA SE RECUPEROU E DENTRO de uma semana estava fora da UTI. Mamãe e papai estenderam a permanência em Swoon até estarem

seguros que ela se recuperaria, então saíram numa rápida retirada para a civilização. Depois que os ferimentos internos estavam instáveis, Lainie recebeu alta. Os ferimentos externos, no entanto, exigiriam um grande número de cirurgias plásticas. Mas no geral ela tinha tido muita, muita sorte por não ter morrido na queda. Outro ponto positivo foi que, no verdadeiro estilo de Swoon, tio Gordon não fez acusações de adultério nem pediu divórcio. Até mesmo Pen, hostil como estava na noite do acidente, engoliu tudo para adotar o papel de filha devotada.

— Não vejo motivo para ela não voltar à escola — Marsh comentou enquanto me dava uma carona de volta da escola numa sexta-feira chuvosa. — Não é como se eles não tivessem dinheiro para uma empregada e para uma enfermeira particular.

— É, acho que sim. — Pode me chamar de rainha da evasão. A verdade é que eu não tinha ideia do que estava acontecendo por trás das cortinas fechadas do número 9 da Daisy Lane. Pen mal tinha falado comigo quando fui ao hospital, e agora que Lainie estava se recuperando na casa dos Leonard, minha prima havia me afastado completamente. Mas naquele momento eu não me dava ao trabalho de pensar em minha prima. Eu quase nunca conseguia passar algum tempo com Marsh ultimamente. Esse momento era raro. — Quer entrar um pouco?

— Não posso — ela disse. — Tenho que ir para o *trabalho*?

Marsh fez o sinal de aspas no ar com os dedos. Na semana anterior a avó dela tinha voltado para casa, o que fez aumentar as obrigações domésticas de Marsh e os cuidados com as irmãs. Isso a deixaria sem tempo para Crane. Então ela pediu demissão da papelaria e estava deixando que o namorado rico pagasse o seu salário. Desde que ela trouxesse a contribuição regular para a renda do lar, o pai psicopata não perceberia nada (ele jamais tinha botado os pés na Letters Unlimited). Esse era o raciocínio de Marsh, pelo menos. Para mim, parecia que ela estava fazendo patinação artística sobre minas terrestres. Fazer coisas escondida já era arriscado o bastante, mas Crane pagar pelo prazer da sua companhia era praticamente desafiar o destino (sem mencionar que era repulsivo).

Mas quem sabe? Talvez eu estivesse apenas com inveja pelo romance de Marsh ter dado certo enquanto o meu estava fadado à destruição. Ela evidentemente não se importava em ser sustentada, e certamente essa condição combinava com ela. Antigamente a menina mais feia do grupo de Pen, Marsh tinha desabrochado, e muito. A pele estava lisa, o cabelo sem oleosidade, e apesar de ainda ser magrela, ela apresentava uma melhora (leia-se: aumento) no tamanho de sutiã. Ou foi o milagre do amor ou a pílula anticoncepcional; provavelmente um pouco dos dois.

Marsh franziu a testa, percebendo que me magoava ser descartada assim.

— Mas posso ficar aqui um minuto — ela disse, estacionando o carro em frente à minha casa. — Conte as novidades de você e Sin. Alguma evolução? Vocês dois pareciam incrivelmente próximos no Dia das Bruxas.

Tínhamos encontrado Marsh e Crane no cemitério e trocamos cumprimentos entusiasmados obrigatórios, mas eu não nos chamaria de próximos. Afinal, estávamos lá a trabalho. Olhei para a chuva forte e resisti à hipnose metronômica dos limpadores de para-brisa.

— Ahhh — comecei, dando um grande suspiro —, não há muito que contar. Com todo o drama familiar recente, tenho estado ocupada. — Isso era verdade, mas eu mesmo assim sentia um vazio quando Sin não estava por perto, e eu não conseguia sufocar minhas suspeitas sobre o que ele poderia estar tramando enquanto mantinha distância de Daisy Lane.

— Dice, você e Sin vão acabar ficando juntos, eu sei que vão! — Marsh previu com o otimismo vibrante de alguém apaixonado de verdade. — Tenha fé, tá?

— Terei — prometi. — Obrigada. Você sabe, pela carona e pelas boas brações e tudo mais. — Então corri do carro pela chuva torrencial. R.C. me recebeu dentro de casa e eu a peguei e sentei na penumbra da sala de estar. Mamãe não viria esse final de semana, pois a In Star estava às vésperas da espetacular edição dupla de final de ano e ela deveria estar avaliando fotos de paparazzi e procurando gafes de celebridades sem parar. Papai tinha reuniões em Los Angeles: conversas de pós-produção do filme de Whalberg estavam abrindo portas para ele. Meus planos? Que planos? Pen não falava comigo. Marsh estava “trabalhando” Wick estava explodindo de felicidade por ter voltado com Boz. E Sin, a paixão e impossibilidade da minha vida, a melhor e pior coisa que já tinha me acontecido, estava... Quem sabia?

— Patético — reclamei com R.C., fazendo carinho no pescoço peludo dela. Não se tratava de ficar sozinha. Eu ficava bem sozinha. Eu gostava da minha própria companhia, procurava meus próprios conselhos. Agora era diferente, arrasador. Isso era solidão. Eu tentei afastar a sensação. — Olhe para mim, uma velha louca dos gatos aos 17 anos.

R.C. não recebeu esse comentário com gentileza e foi embora.

Então fiquei sentada sozinha. Acendi um abajur. Folhee uma revista. A tarde foi passando por mim, claustrofóbica e úmida. Tirando entusiasmo do nada, pratiquei meu trecho do recital do coral (eu tinha conseguido o solo em um madrigal de Andrea Gabrieli), mas minha voz soou vazia. Além do mais, havia concorrência: uma melodia incompatível se infiltrando em ...minha cabeça? No ar? Será que eu tinha deixado o rádio ligado no meu quarto?

Era aguda e metálica, distante. Depois cresceu em volume e persistência, parecendo vir de todos os lados. Na hora em que parecia explodir (sacudindo as vigas, fazendo tremer o piso, no volume em que os vizinhos chamam a polícia), fiquei com medo. E empolgada. E, estranhamente, irritada. Porque eu conhecia a música; era muito famosa, um daqueles hits que pegam mais do que resfriado e que na época de lançamento tocava em todas as lojas e estações de rádio. Acho que talvez tenha tocado em um comercial de TV de refrigerante ou pastilha de hortelã ou algo assim. Mas a letra me escapava, e isso estava me enlouquecendo.

Só quando as luzes começaram a piscar e um globo de espelhos surgiu no teto da sala, dei o braço a torcer, fiquei de pé e comecei a dançar.

— Ahhhhh'm coming up, so you better get this party started...

E, vestida de couro brilhante e saltos transparentes, Ruby estava dançando comigo, gritando uma música antiga da Pink a plenos pulmões. Quaker um que estava vivo no ano de Nosso Senhor de 2002 (mesmo uma estudante do ensino fundamental nerd como eu) sabia essa letra, e agora estava gritando também. O número 12 da Daisy Lane, a boate mais quente no oeste de C-T! U-huuu! Eu e minha amiga dançamos e deslizamos, pulamos e rebolamos,

sacudimos o esqueleto. A roupa de Ruby mudava a cada faixa. Sem ter as mesmas habilidades quanto às vestimentas, eu só podia tirar peças de roupa conforme a temperatura começava a subir.

Isso me deixou descalça, só de calça jeans e sutiã, enquanto fomos dançando a conga até a cozinha. Era hora de beber alguma coisa. Ruby colocou uma panela no fogão, acendeu o gás e as chamas atingiram o fundo do caldeirão como sádicos dedos azuis.

Eu tentei interrompê-la:

— Espere...

Mas Ruby não esperou. Ela abriu a geladeira, os armários, tanto os que ficam acima da bancada quanto os de debaixo da pia.

— Vamos, Candy! Vamos! — chamou minha melhor amiga. Minha melhor amiga, para sempre.

— Ruby, não...

Déjà vu à décima segunda potência. Arroz, leite e molho de maçã. Canela, pimenta e cereal de chocolate. O resto da lasanha, esquecido e ressecados na prateleira de baixo da geladeira. Desinfetante e limpa-vidros e aquele pó para esfregar chão.

— Humm — Ruby murmurou. A gaveta da bagunça: tachinhas, elásticos, um pedaço de barbante. Depois, um par de taças de cristal. Ruby quebrou uma como se fosse um ovo na beirada do caldeirão. Pedacos de vidro brilhavam dentro do caldo.

— Ca-nnn-deee! — Ruby falou de modo persuasivo e me ofereceu a outra taça. — Vamos, sinto tanto a sua falta...

Eu também sentia a falta dela. Andei em direção ao fogão. Será que eu conseguiria fazer isso? Por que não? O que eu tinha aqui em Swoon? Uma família dividida. Uma cidade cheia de almas que eu entregara para serem destruídas e que não podia salvar. E um amor sem futuro. Ruby fechou os olhos com compreensão. Ela sabia que eu não tinha como vencer Sin, que qualquer resultado, visto de qualquer ângulo, eu sairia perdendo. Peguei a taça de vinho e a quebrei.

— Sim, sim, oh, baby, simmmm! — Parecia que ela dizia “xim” Ruby tinha uma pá; ela a estava usando para mexer. Eu ri e peguei o cabo também; misturamos nossa bagunça juntas.

— Agora o ingrediente secreto. — O anel na mão esquerda de Ruby era do tamanho de uma laranja e guarnecido de um fecho e uma dobradiça. Ela abriu o fecho e deixou os grânulos brilhosos de algum luxuoso produto farmacêutico cair no caldeirão.

— Isso vai tornar a descida muito boa — Ruby disse com uma piscadela e um de seus melhores sorrisos, aquele que prometia o mundo todo.

Juntas, juntas. Para sempre, para sempre. Em um éden de chocolate em todas as refeições e nenhum quilo extra na balança. Nada de acordar com cabelo feio também. Mil e uma roupas à sua disposição. E Ruby. Um lugar com Ruby.

Mais uma vez ela mexeu, e depois ergueu a pá para mim.

— Ei, gata, você é linda. Posso pagar uma bebida para você.

Rimos tanto que um pouco da mistura espirrou, deixando uma marca de queimado no laminado.

— Pare, Ruby. Não me faça rir.

— Está bem, você está certa. Isso é sério. Vamos ficar sérias.

Nós nos concentramos e nos olhamos nos olhos. Os olhos dela eram amendoados e castanhos e sempre tão leais e verdadeiros. De mãos dadas, levamos a poção fumegante até meus lábios.

Capítulo 39

— O QUE TEM NO FOGÃO, BELEZINHA?

Era a fala mais cafona história da humanidade. Falada baixinho e de brincadeira. Mas tendo sido pega desprevenida pelas palavras, virei para longe do fogão como se estivesse sendo acusada de um crime hediondo. A colher (apenas uma colher comum) caiu da minha mão, bateu na panela (uma panela comum) e caiu no chão. E lá estava Sin, platéia de única pessoa para minha imitação malfeita de Rachael Ray. Os eventos de segundos antes se fragmentaram e depois foram sugados para um vórtex e enfiados em um cofre da inconsciência. O que tinha no fogão? O cheiro era terrível, fosse o que fosse. De repente tive o impulso de dar a ele a recepção de um herói, jogar meus braços ao redor do seu pescoço e agradecer... Agradecer por... alguma coisa. Mas não fiz isso. Apenas me afastei da mistura nojenta e disse:

— Ei. Que bom que você veio.

— Fico feliz também — disse ele com sinceridade, olhando no meu rosto, antes de se dar conta do meu estado quase nu. — Muito bom. Excepcionalmente bom.

Com as mãos nos quadris, deixei-o olhar.

— É melhor fechar a boca.

A planta que Sin tinha trazido para minha mãe naquele jantar último estava na bancada, murchando. Ele passou o dedo pelas pétalas cor de bronze e vinho.

— Queria saber o que você vai fazer hoje à noite?

— Eu? Nada demais. Você?

— Também — respondeu — O que me faz pensar que, se você não vai fazer nada e eu não vou fazer nada, esta é a oportunidade ideal para fazermos o que estamos destinados a fazer.

Eu tinha ficado furiosa e frustrada na noite do acidente de Lainie, e estava comprometida a impedir Sin, de uma vez por todas. Mas agora ele estava me estimulando. Ele estava aqui; estava pronto. Nenhum de nós estava brincando mais. Era hora de fazer o que precisava ser feito.

— Deixa eu achar minha blusa — falei, refazendo um caminho que não conseguia me lembrar de ter feito. Lá, pendurado na beirada do corrimão estava meu suéter de lã. Eu o vesti, peguei uma jaqueta e saímos na chuva fina. Sin abriu a porta de trás para mim.

— Ei! Quanto tempo! — Marsh falou.

— É mesmo — Ao meu lado, Sin procurou dobrar as pernas no apertado banco de trás do carro.

— Encontramos Sin na cidade — Marsh explicou enquanto Crane saía dirigindo. — Quando ele mencionou que queria se encontrar com você, como podíamos deixar passar a chance de juntar vocês dois?

Meu Deus, ela estava melosa ultimamente.

— Ah. Entendi. Legal — eu disse. — Então você ainda está no *trabalho*?

Marsh emitiu um som, meio risada, meio ronronar.

— Aham. Falei para a Sra. Stevens que ficaria até mais tarde para ajudá-la na decoração das festas.

Ao contrário do resto dos Estados Unidos, que começa a arrumar os enfeites de Natal no dia 1º de Novembro, Swoon despreza essa atitude comercial e espera algumas semanas.

— Provavelmente vou ficar lá até pelo menos 23h. Mas é claro que vou receber hora extra. — Ela se inclinou para Crane. — Não é isso mesmo, Sra. Stevens?

— Ah, certamente. — Crane tirou os olhos da estrada para beijar os cabelos dela. — ára onde vamos então?

— Sim, Dice — Sin disse. — Para onde?

Só havia um lugar.

— Para a Taverna Carcaju. — Pelo terror da raposa, aquele seria nosso portal.

— Eca! — Marsh falou. — Dice, isso é loucura!

O que havia com ela? Marsh normalmente não se opunha a sair para beber. Ela se virou no assento e me lançou um olhar severo. Fui obrigada a ignorar.

— É, sei que é um buraco, mas aposto quem lá tem uma mesa de bilhar — falei arriscando. — Sin me desafiou a jogar, e pretendo dar uma surra nele.

— Certo, mas você não precisa se rebaixar tanto para isso — Marsh argumentou. — Pen tem uma mesa de bilhar; porque não vamos para lá?

Sin tossiu.

— Marsh, hum; sabe... Dice e eu... E Pen... No mesmo lugar... Má idéia.

— Ah, Dice, puxa vida!Achei que íamos sair juntos, nós quatro — Marsh certamente sentiu a mesma dor que senti quando ela não teve tempo para mim naquela tarde. Olhando pela janela, percebi que estávamos chegando a Underhill Road. Estava tão ansiosa que as palmas das minhas mãos e minha garganta coçaram incontrolavelmente. Em breve, Sin e eu seríamos testemunhas do assassinato de Hannah Miles. E Marsh e Crane estariam seguros, fora do caminho, em um dos pontos afastados em que os casais namoravam em Swoon. Só que Crane tinha outra ideia.

— A Taverna Carcaju, sim — ele disse. — Eu prefiro tentar entrar.

Ao se ver derrotada, a namorada deu um suspiro e disse:

— Certo, Crane... Claro.

Estacionamos e saímos do carro, e enquanto nos aproximávamos da entrada, tive a sensação de que entraríamos com facilidade. A Carcaju, afinal, estaria tão suscetível quanto o resto de Swoon; qualquer política rigorosa de entrada ficaria frouxa sob influência de Sin. O porteiro corpulento mal olhou para nós; ele estava bem interessado no que acontecia na máquina de pinball: duas garotas que pensei reconhecer como sendo formandas de Swonowa estavam rindo e pulando por causa de um jogo chamdo El Dorado.

Então não éramos os únicos menores a se aventurar na reprovável taverna de Swoon. A Carcaju estava cheia, e além dos clientes regulares (homens do campo com camisa de flanela e mullets, mulheres ainda mais duronas com batons de cores gélidas e expressões duras e secas), outros clientes, mais jovens fervilhavam e vozes imaturas gritavam. Havia serragem no chão, uma televisão na parede sobre o bar e uma linda jukebox antiga tocando uma sequência de músicas country:lamentos jocosos, baladas bobas, homenagens a caminhonetes, a cachorros, aos Estados Unidos, a trens.

— Ahhh. — Ela entendeu a insinuação — Bem, eu diria então para irmos para a casa de Wick, pois eles têm uma bela sala de jogos, mas ela foi para Vermont com a família de Boz passar o final de semana.

Nesse ponto Crane falou:

— Essa Taverna Carcaju é lendária, não é? Ouvi falar dela, mas nunca a vi.

— Não há nada para ver, é só um buraco horrível na Underhill Road — Marsh falou com aspereza, depois de virou para Sin e para mim. — Esqueçam com certeza pedem a identidade lá.

Olhei para Sin; ele assentiu de forma encorajadora. Tínhamos que manter nossas prioridades em mente, e ficar bebendo cerveja sem álcool em um programinha de casais no Ye Olde Shoppe não era uma delas.

— Acho que sim, Marsh, mas tenho uma identidade falsa infalível. Um cara da minha antiga escola aumentava a poupança para faculdade vendendo isso para todo mundo. E Sin parece ter 21 anos. Acho que não teremos problema. Então porque vocês só não nos deixam lá?

Crane estava claramente adorando, mas quando ele olhava com fascínio o ambiente, Marsh me deu uma cotovelada as costelas.

— Como pôde me trazer aqui, Dice! — ela sussurrou no meu ouvido para que eu por trás da balbúrdia. — Você sempre tem que fazer do seu jeito! Você não liga para mais ninguém!

Fiquei atônita, mas quando Crane a puxou pelo braço para ter atenção, vi em seu rosto o quanto ela não queria estar lá. Ela me culpou (eu era, afinal, a culpada) e depois virou as costas.

Nós nos esprememos até o bar para pedir bebidas; pedi uma cerveja, não importava que tipo era: era parte da cena. Marsh pediu Jägermeister. Se ela tinha mesmo que estar aqui, queria beber do melhor e ficar bem bêbada. Ela virou meia dose, tomou uns goles de cerveja e em seguida terminou a dose.

Conversar estava fora de cogitação; havia barulho demais e a, além disso, Marsh parecia me odiar. Com tantas outras coisas em jogo, nunca imaginei que eu poderia perder minha amiga também. Não havia meio de aplacar sua raiva. Afinal, não dava para explicar para ela por que Sin e eu tínhamos que estar aqui. Se eu ao menos pudesse dar meia-volta e andar em direção à porta, sair desse bar vagabundo e cancelar meu compromisso com o passado. Então, senti a mão de Sin tocando meu quadril, me empurrando para seguir em frente.

Fomos empurrando quem estava na nossa frente até chegar ao outro salão, onde havia de fato uma mesa de bilhar; infelizmente ela estava ocupada, e agora qualquer intenção de jogar estava esquecida. Por mim, tudo bem, já que eu era péssima no bilhar e tinha que concentrar minhas energias em outra coisa. Só que... como exatamente se deflagra um episódio psíquico? Passei minha vida fugindo dessas coisas, devolvendo-as para a Marcy's quando elas insistiam em acontecer. Agora eu precisava ter um insight sobrenatural e não sabia por onde começar.

Já um pouco tonta, Marsh se apoiava em Crane. Não era apenas a bebida e seus 35% de álcool que a estavam atigindo. Era o ar selvagem e fervilhante de Carcaju, Swoon no ápice da libertinagem. A timidez britânica de Crane tinha saído pela janela também. Os dois começaram a se beijar com entrega total, recuando cegamente até encontrar uma parede, na qual encostou Marsh, pressionando sua namorada com força em seguida. E então estavam apenas completamente perdidos um no outro, concentrados apenas em suas intenções e propósitos.

Eu não ficaria de pé, olhando, mas quando afastei o olhar, sorri. Não podia falar pelos outros casais, o quanto de infidelidade ou simples desejos animais estavam sendo descarregados aqui, mas aqueles dois eram de verdade. Absoluta e inequivocamente apaixonados.

Interrompendo meu devaneio, Sin retirou a cerveja intocada da minha mão e colocou num balcão. Depois me guiou em direção à área entre a jukebox e a mesa de bilhar, lotada de corpos em movimento. Uma música country ainda tocava, o tipo de coisa que pede uma coreografia em grupo, mas quando nos abraçamos, fizemos poucos mais do que nos mexer para frente e para trás.

Foi o bastante. Com os braços em torno um do outro e sem o menor aviso (nenhuma descarga saltando de um neurônio a outro, nenhum cheiro se destacando acima do de cerveja, suor e perfume barato), Sin e eu caímos no buraco do coelho.

Capítulo 40

MAS EU ESTAVA ERRADA.

Nosso toque, minha cabeça apoiada sob o queixo dele, não era o bastante para romper a estrutura resistente do tempo e espaço e nos mandar planando aonde tínhamos que ir.

Sem que nós soubéssemos, um terceiro elemento essencial era necessário.

Sem que nós soubéssemos, aquele terceiro elemento essencial tinha acabado de entrar elegantemente no bar.

PARTE 3 — A Viagem

Capítulo 41

EM UMA MANHÃ DE VERÃO NO PARQUE DA CIDADE DE SWOON, UMA DUPLA abraçada se materializou entre as árvores. As duas pessoas se afastaram... e a briga começou.

— Mas que...? O que você está fazendo aqui?

— Onde mais eu estaria se não com você?

— O quê? Você nem fala comigo há semanas.

— Isso é ridículo! Você perdeu seu juízo?

— Perdi o...? Ah, porcaria... Sin?

— Pelo amor de Deus... O que foi agora?

— Hum, é melhor você se olhar.

Foi o que ele fez! Acabou descobrindo um vestido de seda, pregueado com uma saia armada e anágua por baixo. Um casaco justo com cauda e brocado na cintura. Tudo isso num recatado tom de verde acinzentado que destacava a pele de porcelana, os olhos negros e cabelos louro-claros presos em um penteado complexo. A cela era familiar. As roupas, diferentes.

— Mas que diabos você fez comigo? — Sin retrucou com a língua de Pen.

— Eu? Não fui eu que fiz isso.

— Então quem fez? Não, o que quero mesmo saber é por quê?

Enquanto o cara em roupas de mulher vociferava de horror, dei uma olhada nas minhas vestimentas: vestido preto básico com punhos engomados brancos e práticas botinhas abotoadas. Faz sentido, certo?

— Maldição! — Sin praguejou, mexendo na realidade cruel da feminilidade do século XVIII. — Pensei que já tinha deixado para trás esse corpo ilegítimo. Aqui estou eu, de volta nele, e vestido dessa maneira torturante.

Apesar de ficar com pena dele momentaneamente, acabei por perceber que a viagem telepática fazia um certo sentido orgânico; apenas teríamos que conviver com isso.

— Não sei como as mulheres conseguiam, mas se estamos em 1769, não podemos vagar por aí usando jeans e camiseta — argumentei. — Sinclair Youngblood Powers está em seu

próprio corpo nesse momento. Então, para você estar aqui também, teria que ser outra pessoa... Pelo menos no lado de fora.

— Isso parece válido. Mas diga-me, Srta. Sabe-Tudo, eu não podia ser alguém com um pouco menos de... Seios? — Sin reclamou, ainda incomodado com as roupas. — Por que diabos tinha que ser Pen?

Outra boa pergunta que eu não estava muito preparada para responder.

— Por que não? — Dei de ombros. — Ela tem feito parte da nossa aliança profana desde o começo.

Sin fez uma careta, depois observou as redondezas.

— Que seja, então. Mas, se tenho que ter aparência de uma Leonard, vou pelo menos fazer bom uso dela. Vamos. — Ele saiu andando, ou tentou, em passos empertigados e confiantes que não eram tão fáceis em pequenos tamancos de couro com saltinho.

Eu estava ao lado dele.

— Vamos? Para onde?

— Para a casa do maldito advogado.

Aham. Que bom que perguntei.

Marcando a paisagem havia edificações simples, comuns na Nova Inglaterra, com dois andares na frente, um atrás, teto inclinado e chaminé. Sin seguiu em frente, sabendo aonde ia, e as casas se tornaram maiores e mais luxuosas. Depois de um tempo, chegamos a uma casa grande com, cumeeiras pontudas e uma varanda proeminente.

— Siga minhas deixas — ele disse, batendo à porta com altivez com a cabeça de leão de latão. Uma empregada veio e Sin entrou, comigo na cola.

— Vim ver Samuel Leonard. E gostaria de saber por que ele não foi me buscar na carruagem. — Com as saias farfalhando, entramos no hall até uma pessoa gorducha com cachos demais arrumados de maneira precária o redor da cabeça chegar.

— Ah! Prima Edwina! — Sin disse com uma reverência quase imperceptível.

— Eu sou Edwina Leonard. — A jovem não parecia tão segura. — Mas quem é você?

— Mas como você pode não saber? Sou Penelope Leonard; seu marido Samuel é meu primo em segundo grau. Prima Penelope... De Nova York? — O persuasivo jovem podia muito bem ter dito à perplexa criatura que era a prima Zangodork de Júpiter. — Logicamente você foi informada com antecedência sobre minha visita.

— Não, prima Penel...

— Isso é impossível! Eu mesma postei as cartas.

— Ah, meu Deus, ah, meu Deus! — gaguejou Edwina. — Minhas mais sinceras desculpas, mas eu realmente não tinha conhecimento de sua chegada. Ou mesmo de sua existência!

— Você pode imaginar como foi terrível esperar lá ao lado da carruagem? Pois saiba que o impertinente condutor viajou para Hartford com minha bagagem ainda a bordo!

— Ah, meu Deus! Samuel não vai ficar feliz.

— Claro que não. — Sin cerrou os lábios de Pen. — E pensar que fiz questão de fazer essa visita de cortesia. Estou me dirigindo a Hartford para visitar o tio Harrison Leonard. — Isso foi dito em um tom que implicava que os Leonard de Swoon eram primos provincianos sem importância. Com as sobrancelhas erguidas e cheio de arrogância, Sin olhou em volta. — Suponho que não temos escolha a não ser tirar o melhor da situação. A diligência não para todo dia aqui em Suína, perdão, Swoon.

Achei que ia perder o controle. Sin era engraçado demais — muito cruel, mas muito engraçado. Edwina, constrangida, mandou a empregada servir chá na sala de visitas. (Falando em empregada, adivinhem como a querida prima Penelope me apresentou.) Sin bocejou e reclamou da cansativa viagem de carruagem, o que fez com que nossa anfitriã conduzisse a hóspede para descansar no andar de cima.

— Podemos conseguir para sua serviçal um colchão no aposento dos empregados — Edwina disse.

— Nunca! — Sin pegou minha mão e audaciosamente beijou os nós dos dedos. — Candice é muito mais do que uma serviçal para mim. Somos, na verdade, como irmãs... Não, somos ainda mais íntimas.

Nossa anfitriã sacudiu a cabeça enquanto mostrava um pequeno mas aconchegante quarto.

— Ela dormirá na cama comigo. — O rosto de Edwina ficou branco como farinha, o tom e a textura da hipocrisia da Nova Inglaterra. Olhando para ela com doçura, Sin disse: — Beleza, cara, sem problema. Tá tranquilo!

— Então desaparecemos por trás da porta e cedemos às gargalhadas.

— Deus, Sin, você é tão mau!

Ele se jogou na cama com dossel.

— Isso é porque não tem oxigênio subindo até meu cérebro — ele falou. — Venha, liberte-me do meu espartilho, por favor.

— Espartilho?

— Corpete, minha dama. Você sem dúvida está usando uma roupa de baixo similar. — Ele se sentou para tentar me puxar para a cama; eu desviei com destreza. — Você está muito chocada com minha arrogância com nossa relutante anfitriã? Não se deixe enganar por aquele inocente fingimento de incompetência. Edwina Leonard pode ser uma imbecilzinha, mas ela é uma imbecilzinha passiva-agressiva.

Olhei para ele.

— Você a conheceu, não é?

— Sim, Dice. Eu a conheci. Mas não quero relatar os detalhes para você.

— Eu não quero saber!

— Dice, por favor, estou realmente sofrendo. Venha agora. Me desamarre e eu vou desamarrar você.

— Acho que nenhum de nós devia ficar à vontade demais. — Nosso propósito aqui era fundamental, e tinha mais a ver com a época que deixamos para trás do que com a que estávamos. — Não estamos em um parque de diversões colonial, sabe.

Num piscar de olhos, o clima mudou. Sin ficou sério e se sentou ereto.

— E verdade — concordou. — A primeira coisa que sugiro que façamos é descobrir a data de hoje.

Fazia sentido. Saímos de Swoon numa noite de outono e reaparecemos séculos antes no verão; tínhamos que aceitar que haveria uma certa margem de erro.

— Vou até lá embaixo; talvez haja algum jornal, calendário ou algo assim.

— Ao chegar à porta, parei, me virei e o vi com as mãos na cabeça. Sin, você está bem?

Ele olhou para mim.

— Você me acha grosseiro pelo modo como me comporto, arrogante e insensível. Mas faço isso apenas para evitar a consciência de que estamos nesse tempo e nesse lugar.

— Ah. — A sílaba de alguma maneira superou o enorme nó na minha garganta. Pois tínhamos vindo para testemunhar um crime brutal e fatal, e não fazer nada. Absolutamente nada. Interferir era proibido: o resultado poderia mudar a história. Mas como ficar de lado e deixar aquilo acontecer?

Eu não conseguia aguentar nem um filme sangrento! Eu e minhas ideias brilhantes.

Lá, sobre a cama, envolvido em seda verde, estava um monstro. Lindo e enfeitado como minha prima Pen, mas ainda contendo toda a força e fúria de Sin, a enormidade da sua dor. Dócil agora, mas com um potencial desmedido de se transformar em uma caixa de Pandora. Então eu só pude me perguntar, com um certo desconforto invadindo minha mente, se mudar a história tinha sido o plano do meu monstro o tempo todo.

Capítulo 42

ERA O DIA 4 DE JULHO.SEM ANOTAÇÕES NO CALENDÁRIO.Nada de fogos de artifício,nem decorações em vermelho, azul e branco. Pouco depois do meio-dia nesse dia comum, Edwina Leonard bateu à porta de leve para chamar os hóspedes para almoçar.Era o pesadelo de um vegetariano: caldo de carne seguido por grossas fatias de carne fibrosa e acinzentada, e um bolo também feito de uma carne misteriosa. Sin e eu empurramos a gororoba abundante em nossos pratos.

— Devo me desculpar mais uma vez pela infeliz ausência de Samuel — disse Edwina.

—Não é necessário mesmo. — Sin falou com desdém. — Não precisamos de acompanhante. Candice e eu estaremos bem sozinhas em nosso passeio por essa prospera metrópole.

Nossa anfitriã ficou horrorizada, mas saímos para a cidade de qualquer jeito.

— Preciso ver Hannah — Sin me disse com simplicidade — Preciso vê-la agora.

Meu silencio dizia que eu entendia.

— Você sabe, Dice — ele contou, eu tenho tentado reconstruir este dia, cada palavra e momento que compartilhamos, mas faz tempo demais. A única coisa de que me lembro é que passamos o começo da noite juntos e depois fui embora. Quando tornei a vê-la, ela estava morta.

Arrependimento o movia. Ele andou como se anda quando vamos rápido demais mas sem destino algum. Em pouco tempo fizemos nossa primeira parada.

Um ferrador(um ferreiro especialista em ferraduras) e um selador(que faz arreios) normalmente compartilhavam o local de trabalho, e em Swoon também era assim.Sinclair era um viajante desconhecido quando conheceu Elijah O'Rourke na taverna.Um irlandês barbudo com um gosto irlandês por histórias.O'Rourke falou do pobre parceiro que caiu na fornalha.A história triste convenceu o jovem aventureiro a ficar.Agora, passando pelo estabelecimento na busca por Hannah Miles, vimos apenas homens: O'Rourke lutando contra um pedaço de couro teimoso e, do outro lado da parede, Sinclair Youngblood Powers com as ferramentas de sua profissão.

— Chegamos tarde — Sin murmurou enquanto parávamos na generosa sombra de um salgueiro perto do portão aberto da oficina.Ele apontou para um banco lá dentro. — Está vendo ali? Meu almoço. Ela o trouxe; agora já foi embora.

Como deve ter sido estranho para ele ver a si mesmo. Para mim não foi estranho, nem um pouco. Ele estava despido até a cintura e o suor delineava cada músculo. Caramba, como ele era gostoso. A fornalha, um rude forno de tijolo com um fole gigante, vomitava calor suficiente para derreter metal até um estado moldável.

— Dice, venha.

— Está bem...Em um segundo.

Naquele momento ouvimos um grito poderoso de “Sinclair! Sinclair!” enquanto O’Rourke cruzava para o lado do ferrador. Acompanhando-o havia outro homem, tão pálido e músculos quanto o selador era avermelhado e gorducho.

— Veja quem está aqui! É Patrick Marshall!

Mashall! Aquele queixo oblíquo, os olhos cruéis, uma atitude dura e evasiva ao mesmo tempo. Instintivamente dei um passo para trás da proteção do salgueiro.

— É só dar a ele um boné do Patriots e uma barriga de cerveja e tcharam, temos o pai de Marsh.

— É, acho que sim — disse Sin, distraído.

— Está bem — eu disse. — Podemos ir agora. — Em qualquer era, o sujeito me deixava nervosa.

— Não... Quero ouvir isso...

O ferrador jogou um aro de ferro em um balde de água. O vapor assobiou como um bando de pássaros assustados. Patrick Marshall procurou rapé dentro do paletó. Ele ofereceu a latinha, e todos os três deram uma aspirada. Depois Marshall cuspiu no chão, fixou o olhar brilhante em Sinclair e foi direto ao ponto.

— Vou precisar de ferraduras de pônei amanhã — ele disse e cuspiu de novo.

— Fico feliz em tê-lo com cliente — Sinclair, disse. — Mas há outros na sua frente.

— É mesmo? — Marshall disse, combativo. — Você não está sofrendo de excesso de clientes atualmente.

— Não, senhor, tenho o suficiente. Mas não vou mandar embora os que tenho.

— Olhe aqui, ferreiro — Marshall disse com raiva. , não são os cavalos do Rei George. Só não quero que ninguém venha me dizer que são mancos.

O ferreiro cerrou os olhos em direção ao sol. Depois ele se virou e cuspiu no chão.

— Suponho que você não vá trazê-los até o cair da noite?

— Isso mesmo — Marshall disse com seu sorriso retorcido. — O que dá a você o dia todo para o resto dos seus serviços.

Um acordo, ainda que desagradável, foi fechado. Puxei a manga do meu companheiro. Patrick Marshall estava vindo em nossa direção, e eu não queria o olhar horrendo dele em mim. Como deveríamos parecer lindas por trás das cortinas dos galhos curvados, a garota loura em roupa finas e a morena em roupas comum. Que homem não seria atraído por aquela imagem? Forçando ainda mais aquilo que se chamava de sorriso, expondo buracos entre dentes errantes, Marshall nos encarou. Sin olhou de volta com os olhos arregalados de Pen, como se procurasse alguma coisa, um pedaço de lembrança, um toque de uma pista. Parecia que Marshall iria falar conosco, mas a ousadia de Sin deve tê-lo impedido, e o homem foi embora resmungando.

Meu amor tremeu na pele de minha prima e coloquei uma das mãos em seu braço.

— Vamos. — implorei.

— Patrick Marshall — disse Sin, mais para si mesmo do que para mim enquanto saímos andando. — Alegava ser negociante de cavalos. Mas, na minha opinião, era só um trapaceiro.

— Ei! Alô! Estou aqui, Sin. Pode explicar?

Diminuímos o passo e passamos pela fábrica de velas, pela cutelaria e pela taverna.

— Ele comprava e vendia cavalos, mas no caso dele, acho que os animais era roubados, e muitos não eram bons como ele dizia. Esse era Patrick Marshall. Fazia pose de homem honesto, mas colocaria rédeas na própria mãe se pagassem bem. Ainda assim, quem era eu para recusar negócios com ele? Pois era verdade, os clientes tinham começado a procurar outro ferreiro, preferiam ir numa égua manca até o ferreiro de Chapin em vez de trazê-la a mim...

Sin me levou até o armazém, um lugar provável para encontrarmos Hannah. A variedade de produtos (tecidos e acessórios de costura, sabões e pomadas) me fascinou tanto que não consegui me concentrar nos clientes, mas Sin observava os rostos enquanto falava sem parar.

— Ele tinha uma prole e tanto, aquele Marshall. Sete filhas, ou eram oito? A esposa morreu parindo o último bebê, aquele que é essencial para a sobrevivência da linhagem: um menino. Uma das garotas, Matilda, era chamada de Tillie. — As palavras eram faladas como se desenroladas de um carretel. — Ela e Hannah eram ótimas amigas. Mesmo quando todos nos deram as costas, Tillie foi leal... Tillie era verdadeira. — E então ele parou como quem desata um último nó da corrente.

Capítulo 43

HANNAH PREFERIU IGNORAR A DESCORTESIA.

— Meu deus, o que as fez correr tanto? — O sorriso dela era maduro. — Espero que não estejam sendo perseguidas por ursos.

— Não, nada de ursos. Só um caso de insanidade de verão severa.

Tillie, de olhos arregalados, literalmente acreditou em mim, mas Hannah riu, uma gargalhada metálica.

— Conheço bem tais febres! — exclamou. — Por que vocês não dão uma caminhada refrescante no riacho?

Havia um riacho, percebi, brilhando sobre algumas pedras. A cesta de Tillie estava perto e as roupas lavadas, espalhadas no gramado para secar.

— O que você acha, Srta. Penélope? — perguntei.

Um leve aceno de cabeça e sentamos na margem para tirar os sapatos. A água fria e cristalina ia até nossos tornozelos. Havia abelhas e borboletas voando sobre nossas cabeças. Tillie ainda tinha trabalhado a fazer, e sete irmãos mais novos para cuidar, enquanto Sin ia andando e espirrando água na direção oposta.

— Por favor, não pense que minha patroa é esnobe — comentei, supondo que era exatamente isso que Hannah achava. — Ela... Está de coração partido, essa é a verdade.

— Ah, isso é uma pena — disse Hannah com um aceno de empatia. Enquanto andávamos e conversávamos, me senti como a garota nova, ansiosa para causar uma boa impressão na colega de turma carismática. Hannah era mesmo... qual é a palavra colonial para “cool”? Depois de um tempo ouvimos Tillie chamar. Com a cesta apoiada no quadril, ela acenou em nossa direção. Hannah e eu saímos do riacho para andar em chão mais firme.

— Ah, bem, preciso ir preparar o jantar — ela disse. — Foi adorável conhecer você.

— É... Sim, você também.

— Haaaaan-nah! — Tillie chamou de novo.

— Adeus, Candice! — a moça que jamais seria mãe segurou as saias e correu ladeira acima.

— Adeus, Hannah — falei para os cachos brilhantes dela, depois segui pela margem. Aqui estavam minhas botas e os tamancos de Sin; eu os peguei e persegui conforme o riacho se curvava e ficava mais fundo. Logo encontrei Sin na parte plana de uma rocha alta, com os joelhos puxados contra o peito e o rosto, de lado, apoiado neles. Soltei nossos sapatos e subi. Nós nos ajeitamos perto um do outro. Por um tempo observamos o sol seguir para oeste. E então, inevitavelmente, as lágrimas surgiram, e passavam tanto que não pude contê-las. Sin, estóico, quase parte a rocha, deixou-as vir e me abraçou. Chorei por ele. Chorei por Hannah. E chorei por mim.

Enquanto eu deixava uma grande mancha na seda elegante de Sin, percebi algo acontecendo dentro dele. Um retumbar distante, um vulcão saindo do coração. Foi rápido. Quase imaginário. Eu me afastei, já com os olhos secos. Exceto pelo fato de ele estar com a aparência de Pen, ele parecia bem.

— Fico feliz por vocês duas terem podido conversar — falou finalmente.

— Eu também. Ela é incrível. Mas devia ter sido você com ela, Sin, ouvindo-a, rindo com ela, vendo-a...

— Não. — Ele disse resolutamente e pousou um dedo sobre meus lábios. — Não eu. Não este eu. Esta noite, Hannah vai ter o Sinclair dela. Não sou mais ele.

Capítulo 44

OS VESTIDOS QUE SE ARRASTARAM NO CHÃO TINHAM QUE SER TROCADOS. Assim como a lingerie sádica. Felizmente, os presidentes mortos no meu bolso tinham se transformado nas moedas britânicas pré-revolucionárias correspondentes, então voltamos ao armazém para comprar camisas, calças etc. Voltamos para a casa dos Leonard e subimos para trocar de roupa.

— Ai! Pare! — Sin se ressentiu da minha técnica, mas eu precisava passar o pente para retirar os grampos e pomada responsáveis por aquele penteado insano na cabeça dele. — Dice, isso dói.

— Desculpe, mas não queremos ficar aqui a noite toda. — Desfiz o penteado e o preendi, como o meu, em um rabo de cavalo com uma fita.

— Um par de belos camponeses — disse Sin, avaliando nossa aparência de sexo oposto.

“Camponês’ supus eu, era o colonial para “cara”.

— É, exceto pelos peitos.

— Deveras. Vamos nos sacudir o mínimo possível, certo?

Nós rimos; ansiedade nervosa se manifestando como ironia. Nós dois merecíamos alívio: a noite à nossa frente não oferecia nenhuma alegria. Ainda assim, refleti um pouco sobre Sin e o modo como ele me abraçou na rocha enquanto eu chorava. Meus olhos encontraram os dele no espelho e ele rapidamente os abaixou.

— Dê-me meia hora e venha ao meu sinal. — Ele parecia enérgico.

— Espere... Aonde você vai? Eu não estava inclinada a deixá-lo sair do alcance da minha vista.

Sem dar explicações, ele saiu pela janela e subiu no parapeito.

— Você não precisa seguir esse caminho, Dice. Apenas saia pelos fundos como qualquer empregado sorrateiro. — Depois ele se agarrou na madeira da parede, desceu com alguns movimentos ágeis e sumiu.

O sinal dele (ou era o sinal dele ou alguma coruja excêntrica) veio em seguida, e eu fui para o corredor, descí a escada e saí pela porta. Outro som de assobio me levou até Sin, montado em uma égua marrom. Ao lado dele estava outro animal, sem cavaleiro.

— Estas são Castanha e Trovão — ele disse, me dando as rédeas. — Trovão é sua.

— Minha? — Ela era marrom escuro com patas brancas. O modo como seu longo topete caía sobre os olhos me lembrava alguém. — Você deve estar brincando. Não sei dirigir um cavalo.

— Não se dirige cavalos, querida dama; cavalga-se. E você não precisa se preocupar. O nome Trovão é para ser irônico. A potra é dócil como um carneirinho.

Então por que ele não trouxe um carneirinho?

— Eu não vou subir nessa coisa mesmo. — Trovão olhou para mim com olhos que pareciam azeitonas pretas magoadas. — Eu quis dizer animal. Não se ofenda.

Sin desceu do cavalo.

— Dice, conheço esses cavalos. Castanha pariu Trovão; sua montaria vai apenas seguir a mãe. — Ele esticou o braço até o troço do estribo. — Para cima.

Má ideia. Eu deveria saber, já tive milhões delas.

— Oi, Trovão — eu disse, batendo no flanco dela. Ela resfolegou em resposta e mostrou dentes do tamanho de cubos de gelo. Como consegui isso? Lembrei a mim mesma de que nada disso era “real” Não de verdade. Oh, parecia real, muito real, mas eu, Candice Reagan Moskow, não existia em 1769. Logo, eu não podia quebrar todos os ossos do meu corpo em 1769. Certo? Certo! A coisa seguinte que eu percebi foram as rédeas na minha mão, a mão de Sin na minha bunda e eu na cela.

Cavalgamos.

E depois escutamos, escondidos.

Tocos de pinheiros cortados formavam um tipo de pátio atrás do casebre ajeitado. O crepúsculo dava um aconchego arroxado enquanto pardais e pombos selvagens faziam serenatas. O aroma de jasmim estava fora de controle. Era um cenário ideal para uma briga de amantes.

— Basta, Hannah, por favor. Preciso retornar à oficina.

— É o que você diz.

— O que quer dizer?

— Absolutamente nada. Mas você nem se dignou a entrar para o jantar.

— Não irei onde não sou bem-vindo.

— Então me leve com você! Não me incomode pelo espaço ser pequeno. Eu sou pequena.

Isso o fez rir e acariciar a barriga saliente.

— Não ultimamente!

— Pare com isso! — disse ela, e riu também.

A tensão se aliviou mas não acabou com o problema entre os dois.

— Já falamos sobre isso. É muito apertado lá em cima da oficina, e o fedor da fornalha... Não é lugar para você. E preciso trabalhar. Precisamos do dinheiro.

— Dinheiro! É só com isso que você se preocupa.

— Você está sendo injusta. Vim ver você, mas agora preciso ir.

Ele tocou a bochecha da esposa. Ela aceitou a carícia mas olhou para além dele. E depois de ele ter montado e ido embora, ela se sentou em um toco de árvore e pensou. Só um pouco. Então ela se levantou com determinação. Tinha terminado de pensar. Estava pronta para agir.

Capítulo 45

DINHEIRO. ESSA ERA A NECESSIDADE DELE. É SÓ SOBRE ISSO QUE OS homens sempre pensaram. Mas não era justo deixar o peso de conseguir dinheiro completamente sobre o homem! Hannah Miles tinha tomado uma decisão: faria sua parte. Na verdade, se o que ela ouvira em rumores fosse verdade, uma mulher com os seus atributos (pelo menos um em particular) podia reunir uma boa pilha de dinheiro com o mínimo de esforço. Então Hannah aprontou seu pônei e partiu da casa dos pais. Com os pensamentos no que aconteceria, ela não tinha preocupação alguma com quem poderia segui-la.

Hannah seguiu para a cidade, depois desviou para a estrada que a circundava. Feita para ser uma rota comercial secundária, a Emerson Street ainda não alcançava as expectativas dos criadores. Três construções inacabadas estavam inativas. Mas, em certas noites, diziam, uma delas ganhavam vida intensa. Virando na Main Street, Hannah prendeu o pônei em um apoio perto da taverna e depois voltou para a Emerson Street a pé.

Lá nós ficamos esperando, com Castanhas e Trovão mastigando capim. Não perguntei o que estava acontecendo. Uma energia crepitante emanava de Sin; supus que eu saberia em breve. Então uma sombra com capuz branco surgiu. Andou e parou, andou e parou, andou, parou... E sumiu.

Com um gemido profundo, Sin puxou o paletó como se disparado por algum motor interno e cruzou a rua até a construção tão rápido quanto as botas a calça permitiram. Fui logo atrás. Ao contrário da sombra de capuz branco, ele não precisou parar e pensar; seguiu direto, como se já estivesse estado ali. Por uma entrada lateral, ele nos levou a uma caixa de tijolos com aspectos ambicioso. Tochas flamejavam presas às paredes, nos direcionando até uma passagem. Quando chegamos à escadaria, ouvi de onde vinha a atividade.

Nenhum canto do porão amplo e baixo estava tranquilo.

Havia uma bar ao lono de uma das paredes e uma plataforma onde um trio de violinistas tocava uma música desafinada. Ninguém prestava muita atenção neles. Música e bebidas eram coadjuvantes no propósito deste lugar. Aqui, homens barulhentos e ansiosos jogavam dardos. Ali, pedras esculpidas faziam barulho em uma vasilha enquanto as apostas eram gritadas e dinheiro passava de mão em mão. Em outro lugar eram cartas — competições de blefe e esperteza.

Um cassino? Fiquei de boca aberta. Apesar de já terem passado mais de 100 anos desde que Thomas Hooker e companhia fundaram Connecticut, as raízes puritanas eram profundas. Jogar era considerado ruim. E é por isso, acho eu, que acabou acontecendo aqui, se escondendo para poder ser bem-sucedido, uma planta noturna daninha e desabrochando,

Com nossas roupas e acessórios masculinos, Sin e eu andamos entre os jogadores sem provocar nem mesmo um erguer de sombrancelhas. Estava cheio de homens, a maioria brancos, usando roupa de classe alta, mas havia também uma boa quantidade de trabalhadores e militares. Surpreendentemente havia um rosto negro e um vermelho entre eles. Em bem menor quantidade, havia mulheres. Sin me guiou até o bar e pediu cidra. E que não seja confundida com suco de maçã; aquela porra era forte. Depois de engolir a dele, Sin se inclinou até mim, enchendo meu ouvido enquanto observava a multidão.

— Você está vendo-a?

— Não — Eu me apoiei nele e desejei que fosse o corpo forte de Sin, e não o flexível de Pen. Havia uma tensão na sala de jogatina que podia irromper a qualquer segundo. Tomei mais cidra: coragem líquida — O que Hannah faria em um lugar assim?

— Eu jamais teria imaginado isso, nem em mil vidas — respondeu, parcialmente zangado e parcialmente surpreso.

— Mas é claro, é tão simples e brilhante. Meus olhos pararam em uma mesa ali perto, onde havia uma mulher, senhora de si, entre os homens. O penteado e o vestido eram mais chiques do que de damas da classe de Edwina Leonard. O homem ao seu lado usava um uniforme escarlate adornado com medalhas; os dois eram obviamente próximos, possivelmente amantes, mas a mulher apostava com seu próprio dinheiro.

— Não entendo — falei para Sin — Hannah tinha dinheiro para jogar?

— Não — Ele deixou a caneca no balcão do bar e junto com uma moeda, depois me deu uma cotovelada para nos movermos.

— Ela não veio jogar — explicou. — Veio para... Ali! Na mesa de carteados.

Um intrincado jogo de cartas e fichas estavam em andamento. E lá estava Hannah, entre um cavalheiro gordo com uma peruca ridícula e outro soldado, mais jovem, cujo paletó tinha menos condecorações.

Um intrincado jogo de cartas e fichas estava em andamento. E lá estava Hannah, entre um cavalheiro gordo com uma peruca ridícula e outro soldado, mais jovem, cujo paletó tinha menos condecorações. Ela estava com uma expressão que eu reconhecia: a convicção de fingir até conseguir o que queria. Com a papada tremulando, o homem gordo beliscou a bochecha de Hannah e disse algo que não ouvi. Hannah revirou os olhos, capturando o olhar do soldado, que deu-lhe um sorriso largo. Por fim o gorducho tirou um punhado das fichas da pilha dele e colocou na mão de Hannah. Nem rápido demais nem com gana demais, ela fechou os dedos e retirou a mão. A expectativa se espalhou na mesa como calor. Com lábios contraídos e o nariz erguido, ela deixou o olhar vagar. Então a mão reapareceu, foi até a têmpora e puxou o capuz. As ondas brilhantes e vermelhas cascadearam por seus ombros. Um suspiro de satisfação foi ouvido ao

redor da mesa, todos se inclinando em sua direção.O chato de peruca esticou a mão e acariciou a cascata sensual que emoldurava o rosto de Hannah:ele pagara pelo privilégio, não pagara?Ela se afastou e deu um tapinha na mão do cavalheiro, depois estendeu a própria, abrindo-a de novo.Rindo, o corpulento benfeitor a encheu de moedas novamente. Depois disso o jogo prosseguiu, e adivinhem quem começou a ganhar? Como se houvesse alguma dúvida...Qualquer garota ousada pode entrar em uma casa de jogo e se apresentar como amuleto da sorte.Mas não há nada como uma ruiva para personificar a Dama da Sorte.

Não vá! — gritou o homem gordo quando Hannah ficou de pé depois de várias rodadas, puxando a manga do vestido como se fosse o seu dono.O jovem soldado socou a mesa. Hannah olhou com desprezo para o braço que a prendia e a morsa de peruca finalmente a soltou.Desimpedida, ela começou a circular entre as mesas, virando cabeças onde fosse.Ela estava avaliando a todos, procurando alvos, em busca de benfeitores.

Tudo que Sin e eu podíamos fazer era observar bem de perto enquanto Hannah agia pelo salão.Ela sentava em uma mesa ou ficava ao lado de um jogador, aceitava a parte dela e executava sua magia, a magia da crença coletiva.Não importava o quanto seja trapaçeiro ou experiente, todo jogador procurava ajuda inconstante da sorte.Todos no local acreditavam que Hannah controlava os acontecimentos, e por isso ela o fazia.

Em pouco tempo notei uma mudança altruísta na escolha do jogador.No jogo de pedras numa vasilha(hubbub foi como Sin o chamou), ela se aproximou de uma alma desesperada que perdia sem parar e não parecia ter dinheiro para isso.Ela segurou as pedras e soprou. Quando ele jogou em seguida, a sorte do pobre homem virou. A multidão gritou e assobiou, mas quando o vencedor foi dar a parte para a garota, ela tinha ido embora.

Por volta dessa hora relaxei um pouco. Hannah e seus cachos abençoados tinham seduzidos a todos, e agora ela estava fazendo caridade. Quem poderia fazer algum mal a ela?

— Ela os enfeitiçou — Sin disse, respeitoso mas triste, enquanto dávamos a volta até o bar — E pensar que, enquanto eu matava naquela fornalha, aqui estava minha dama, nesse covil de leões.

Duas outras canecas foram colocadas à nossa frente. Mas, quando fui pegar a bebida, não foi intoxicante aroma de cidra que senti.Coloquei a caneca no balcão como se estivesse infectada, mas percebi que o fedor estava ao redor de mim, forte e úmido, um ciclone de podridão que era desconfortavelmente familiar.Examinando o salão, encontrei a fonte: Patrick Marshall.

Ele tinha entrado com mais dois homens. A voz alta e grosseira e o andar vacilante eram sinais que ele estivera bebendo.

— Dê uma olhada. Ele fez você trabalhar até mais tarde enquanto vem para a farra — Falei ao cutucar Sin.

— Que palhaço — disse Sin com desprezo.

Na avaliação dele, Patrick Marshall era mais um tolo do que um demônio. Eu já não tinha tanta certeza. Havia todo aquele fedor que emanava dele.Esforcei-me para mantê-lo à vista enquanto ele se metia em um jogo de pôquer.

— Aqueles homens que o acompanham eu nunca vi — disse Sin — Deve ser o grupo para quem ele vai vender os cavalos.

Os dois homens usavam barba e roupas de pele dos guardas da fronteira. Sin bebericava na caneca, inabalável, com o olhar alerta apenas em Hannah. Mas não demorou muito para que Patrick Marshall começasse a perder, e não muito tempo depois disso a Dama da Sorte, de espírito tão generoso, se apresentou. Afinal, não seria bom para Tillie e seus irmãos se ele perdesse dinheiro. Aquele pânico torturante surgiu em mim de novo. Cruzei a multidão em direção à mesa. O cheiro de carcaju aumentou. Tive a terrível sensação de que isso marcava o começo do fim para Hannah Miles.

— Sr. Marshall, boa noite — Hannah disse com uma reverência.

Com infelicidade, o homem olhou para o alto.

— Suma, Hannah Miles!

Hannah deu um passo para trás, confusa.

— Por que você despreza la jolie jeune fille? Marshall, vous êtes fou!³⁸

— Isso foi dito por um dos mercadores (aparentemente franceses), que bateu no joelho com força — Vieni ici, Mademoiselle!³⁹

Hannah ficou parada. Pela primeira vez, percebi nela uma ponta de medo. O outro mercador gargalhou, o som idiótico e torturante.

— Já tive azar demais — Marshall resmungou. — Não preciso do mau augúrio daquela cadela para aumentá-lo.

— Você está sendo tolo, Marshall — disse o homem que dava as cartas pelo canto da boca — A moça ruiva trouxe sorte a todos para quem sorria esta noite.

Marshall tossiu como se houvesse algo em sua garganta.

— Prostituta ruiva, você quer dizer — retrucou. Em um piscar de olhos, com um gesto rápido ele esticou a frente do vestido de Hannah — Ela está grávida, de algo pior do que um negro, de um índio selvagem e bastardo. Fico melhor sem a sorte dela.

Isso não era exatamente novidades. Focava-se que Hannah Miles estava esperando um bebê sem ter se casado tinham circulado rapidamente de boca em boca. Mas nesse ambiente confuso, onde as coisas aconteciam escondidas, era fácil ser magnânimo em relação a coisas assim. Erras, afinal, era humano; manter controle sobre a vida era divino. Mas agora o erro havia sido posto à vista, e as regras de Swoon começaram a deixar de ser cordiais, e a chama flamejante da ruiva Hannah Miles foi extinta com eficiência.

³⁸ Por que você despreza a menina bonita? Marshall, Você está louco,

³⁹ Vem aqui, menina.

Capítulo 46

MAS ELA PRECISAVA PROVAR QUE HAVIA UM ÚLTIMO GOLPE DE MAGIA NELA.

Ela puxou a ponta do vestido que Marshall segurava e virou para ir embora. Mas então, como se habilidosamente evitasse um prego enferrujado, refez os passos. Ela não o deixaria sair dessa ileso.

— Ao tentar me envergonhar, Patrick Marshall, você comete um crime muito pior do que o meu. — Ela não disse isso com raiva e nem com intensidade; Hannah era objetiva.

— O seu crime é contra as mulheres, todas elas, e você pagará caro por isso.

Os olhos impacientes, humildes, críticos, imparciais ou desdenhosos da mesa de pôquer pousaram nela. Patrick Marshall inclinou a cadeira para olhar com zombaria também.

— Você jamais terá o respeito de uma mulher — Hannah disse para ele com calma. — Nem a confiança de uma mulher. Nem o verdadeiro amor de uma mulher.

Aqueles lábios pareciam arame retorcido se abriram em um sorriso cheio de desprezo.

— Você vai desejar receber respeito, confiança e amor, e o desejo não correspondido será sua praga.

Marshall juntou as cartas, embaralhou-as e se curvou sobre elas.

Hannah não se deixaria ignorar.

— Hoje você tem a dama de espadas, Patrick Marshall. Que ela cave sua cova e atormente seus familiares para sempre!

Talvez Hannah tivesse visto as cartas dele. Talvez tivesse um quê paranormal ou tenha chutado certo. Tudo que sei é que, depois disso, ela saiu rápido, com os cabelos da cor de cobre voando atrás de si. Sin observou-a correr com um grito engasgado, como se soubesse que aquele feitiço tinha selado seu destino.

Instintivamente estiquei o braço na direção dele. Foi quando me deparei com aquilo de novo. Uma calamidade. Uma revolta. Como se a essência formada por rapaz, garota, golem e fantasma estivessem se destruindo mutuamente. Como enfiar a mão em um balde cheio de larvas, cada uma emitindo choques elétricos. Eu queria puxar minha mão para longe, lavá-la com desinfetante, cortá-la fora com uma machadinha. Mas fosse lá o que fosse que se passava sob a pele de Sin, isso o tornava muito vulnerável, eu não podia soltar. Então, com bastante cuidado, fiz pressão, um toque que prometia estou com você. Não vou deixá-lo. Amo você. E aquele tumulto começou a se diminuir. Depois se acalmou. Depois parou.

Sin se virou para mim como se tivesse acabado de sair de um coma. Olhamos um para o outro e vimos a mesma urgência: Hannah! De mãos dadas, sem nos preocuparmos no que parecia para as pessoas na casa de jogatina, cruzamos o salão em diagonal. Nenhum sinal dela. Por mais difícil que fosse imaginar, muito menos dizer, falei:

— Talvez devêssemos nos separar.

Ele olhou para nossas mãos como se fosse soldadas uma na outra, uma linha de vida, um cordão umbilical. Mas não era assim.

— Está bem — respondeu.

— Vou olhar em cima. Você vai lá fora. Talvez ela já esteja a caminho de casa.

— É um bom plano — ele concordou. — Nos encontramos atrás, onde estão as montarias.

Subimos correndo a escadaria até o centro do salão principal do andar térreo, e enquanto Sin ia para a saída, gritei para a escuridão:

— Hannah!

— Hannah! — veio o eco levemente debochado produzido pelo salão vazio.

Tentei outro nome.

— Marshall! Patrick Marshall, apareça!

Mais uma vez, a cruel reposta da minha propia voz. Eles não estavam lá. Fui até o Emerson Street deserta e a atravessei até onde estavam nossos cavalos, presos a uma árvore. Trovão levantou a cabeça para mim. Então ouvi um grito curto e agudo e o segui até um bosque esparso. Os troncos pálidos das árvores se destacavam, mas as pessoas entre eles estavam obscurecidas pelo céu nublado. Mas o que era aquilo, jogado entre as sombras? Um capuz branco de algodão flutuou e começou a cair como um paraquedas. Antes que caísse na terra, a lua saiu de trás das nuvens e pude ver tudo.

Um dos mercadores segurava a garota grávida pelos cotovelos. O outro tentava pegar os pequenos pé, que se debatiam como pardais numa armadilha. Então Marshall começou a tocar em Hannah, vasculhando enquanto ela se debatia e gritava. Ele interrompeu o trabalho para dar um soco silenciados no queixo dela. Depois enfiou a mão no bolso da saia e tirou de lá seu prêmio. Era uma meia feminina cheia de moedas, o lucro de Hannah pelo papel de Dama da Sorte. Pude perceber pelo modo como ele a balançava que a recompensa financeira não era o único pagamento que pretendia obter.

Eu não podia deixar isso prosseguir. Eu não podia impedir. Ainda assim, cheguei mais perto. Agora conseguia escutar trechos do que eles diziam. Um dos mercadores insistia?

— Vou cuidar dela primeiro.

Isso foi dito com um brilho de saliva escorrendo. Marshall exigia de Hannah:

— Desfaça a maldição que colocou sobre mim, bruxa, ou será pior para você. — Dito isso, ele bateu a meia pesada na palma da mão, produzindo um tinir surdo e metálico.

Quando ouvi um sofrido *Nããããã* do lado oposto do bosque, um sofrido

Nããããã saiu de mim também.

E quando Sin disparou milésimos de segundos depois eu disparei também.

A próxima coisa de que me lembro foi do aroma desagradável e inconfundível de cerveja barata.

PARTE 4 — As Lágrimas

Capítulo 47

— BRIGA DE MULHER!

Não era uma frase comum em meados do século XVIII. Então isso só podia querer dizer um retorno para a Swoon dos meus dias. Mais precisamente para a Taverna Carcaju, onde não muito tempo tinha se passado. Uma briga entre mulheres deve ter sido uma nova diversão, junto com toda a confusão e sexo acontecendo na cidade ultimamente. Uma das combatentes era sua própria narradora. A outra, minha oponente loura, peituda e lívida, me mantinha presa contra o bar de carvalho. Isso era esperado. O meu ato ninja no bosque impediria Sin de salvar o amor da vida dele. Naturalmente, ele ficaria furioso. Enquanto isso, à nossa volta, os frequentadores da Carcaju nos encorajavam com assobios e gritos.

Eu não queria participar. Os hematomas da confusão do Dia das Bruxas no andar de cima da Libo's Gas & Lube tinham finalmente sumido; a última coisa que eu precisava era uma nova estampa corporal preta e roxa.

— Por favor, pare. Desculpe! — jurei para Pen, que bufava com olhos arregalados.

Meu pedido de desculpas foi recusado. Percebi pelo modo como fui jogada contra a máquina de pinball. Ainda assim, me defendi:

— Pare com isso! Eu não podia deixar você fazer aquilo! Não podia! — Desviei de um tapa. — Era errado! Você sabe que era errado!

Finalmente uma resposta:

— Foda-se Dice. Se eu tiver vontade de fazer um striptease, farei o maldito striptease!

Isso recebeu gritos de aprovação de muitos ao redor, mas me confundiu demais. Até que me dei conta; a briga de mulheres era de verdade. Não era Sin me batendo; era Pen. E da, admito, tinha as suas razões também. Mas se eu estava de volta ao século XXI sendo espancada pela minha prima, que evidentemente tinha estado no meio de uma dança burlesca quando a interrompi rudemente, onde diabos estava Sin?

Não, não onde. Quando. Mas é claro que eu sabia. E o que eu sabia me encheu de mais dor do que Pen podia me fazer sentir. Eu a joguei longe com um gemido. Ela tropeçou nos saltos, se equilibrou e fumegou de raiva Explodindo de um top e com as mechas normalmente lisas mais volumosas, ela tinha se tornado uma vagabunda de um novo nível. Poderíamos chamá-la de Barbie bêbada.

— Você venceu, Pen — falei. — Venceu, tá? Faça o que quiser.

Fiquei tentada a lamentar que a Carcaju não tivesse um pole, mas não queria instigar um segundo round. O rapaz que eu amava estava sozinho, vagando por ai e em perigo; eu precisava manter a cabeça no lugar. Pensando me tire daqui, lembrei-me de como cheguei, no Cutlass com Marsc e Crane. Eles ainda estariam se beijando lá atrás? Segui até o local quando um bater de palmas lento e rítmico começou.

— Tire isso, baby! Mostre o que tem!

O pedido chamou minha atenção e me virei na direção dele. Lá estava Douglas Marshall, todo paramentado como um trabalhador rural do norte : camisa xadrez, boné e cerveja. Não era espantoso que Marsh tivesse se oposto a vir aqui: era o local preferido do papai nojento. Envergonhada demais para contar a Crane, ela concordara em vir, achando que o pai jamais a encontraria por estar em casa com as filhas pequenas. Parece que não bem assim.

— Vamos, gostosa! — — O olhar libertino e vidrado de Marshall grudado em Pen. — Vamos ver esses peitinhos!

Outros passaram a usar também esse termo para aquela parte proeminente da anatomia feminina e fizeram um coro. Uma procissão de emoções cruzou o semblante de Pen até que, finalmente, o rubor da humilhação tomou conta dela. Eu me aproveitei disso e a puxei pelo pulso. As risadas nos seguiram até a mesa de bilhar.

Marsh disparou de um canto.

— Droga, Dice, está feliz agora? — ela gritou. — Eu sabia que não devíamos ter vindo aqui. Se meu pai me vir, estou morta.

Soltei Pen, que se concentrou na bola branca, um feliz planeta inabitado um céu de feltro verde.

— O que ele está fazendo aqui? — perguntei para Marsh. — Ele não deveria estar com suas irmãs? — Eu e minha mente curiosa.

— Não sei, não sei! — Marsh disse, a vergonha crescendo. — Deve ter terminado as seis latas de cerveja que tinha começado a beber quando sai e deixou as meninas sozinhas. Não dá para prever o que ele vai fazer quando tá bêbado. O que vou fazer?

Examinei o local escuro. Tinha que haver uma saída de emergência, e isso era uma emergência.

— Onde se faz xixi nessa pocilga?

— Sim! — Crane falou, feliz em ser útil. — Usei o dos homens. É por aqui.

Atrás de uma divisória havia dois banheiros e uma porta de incêndio. Empurramos a maçaneta e, ao chegar lá fora, corremos para o estacionamento. Marsh correu para o Cutlass, Crane foi logo atrás. Olhei para minha prima. Ela esfregou os braços nus e espirrou, a jaqueta de animadora de torcida obviamente perdida em algum lugar da zona entrópica do bar.

— Pen, preciso de carona — falei. Ela não tinha dito uma palavra desde que fugimos da multidão barulhenta. — Está bem?

Ela nem olhava na minha direção. Interpretei isso como um sim.

— Crane! — Marsh puxou a maçaneta no lado do passageiro. —Vamos!

— Sim, claro, está bem — ele respondeu. — Mas...

— Mas o quê? — Marsh era o medo elevado a nona potência.

— Mas, ah... Talvez eu não devesse dizer nada; não quero parecer estraga prazeres. — O olhar dele passeava entre Pen e eu. — Mas o que aconteceu com Sin?

— Sin? Ah, ele está bem. Ele está ótimo — Marsh insistiu. — Ele é Sin

— É, não se preocupe com Sin — concordei, afinal já estava me preocupando o suficiente pela costa leste inteira.

Pen e eu corremos até o carro dela. Entramos e colocamos os cintos. Ela ligou o motor, Antes que engatasse a marcha, ela se virou para mim, e me preparei. Mas Pen apenas perguntou:

— Então você estava com Sin esta noite?

— Estava — respondi. Para que esconder? Por que alguma vez achei necessário ter segredos com Pen?

— Bem — ela disse, confusa como um patinho. — O que aconteceu com ele, Dice?

— Não sei. — Fechei meus olhos. Depois os abri, e comecei a contar a ela o que eu sabia. Tudo. Totalmente, de uma vez por todas, tudo.

Capítulo 48

ESTÁVAMOS NA CAMA DE PEN. ENTRE NÓS DUAS, UM SACO DE BISCOITOS com gotas de chocolate (tia Lainie não tinha nem fervido água desde o acidente) O saco estava vazio. Era tarde. E eu tinha acabado de contar tudo.

— Aham — disse Pen.

Lembrei a última vez em que esse quarto tinha sido meu confessionário como havia escolhido com cuidado os pedaços da verdade. Dessa vez não deixei nada de fora. Talvez se eu fosse completamente honesta pudesse consertar as coisas — no passado, no presente e (por favor, por favor) no futuro.

— Loucura, não é?

Pen mordeu uma cutícula. As unhas dela estavam malcuidadas e o esmalte vermelho estava descascando.

— Só para ter certeza de que entendi — ela disse —, é assim: nós duas estamos apaixonadas pelo mesmo cara, que não é um cara mas sim um golem, um boneco de barro vivo, mas sem alma.

Meus dedos percorreram o fundo do saco de biscoitos, procurando farelos. Eu tinha enfiado enormes quantidades no meu estômago faminto mas não conseguia preencher o vazio.

— E o motivo de ele estar em uma missão de vingança para acabar com essa cidade é uma garota ruiva que foi assassinada no século XVIII. Então vocês dois juntaram forças extrassensoriais para fazer uma viagem telepática no tempo na esperança de descobrir a identidade do assassino da ruiva. Estou certa?

— Está — concordei. — Mas você teve seu papel também. Ainda não juntei todas as peças, mas a Carcaju era nosso portal, e sua presença lá permitiu que Sin habitasse seu corpo em 1769. Não me peça para explicar mais do que isso porque não posso. Mas vamos ser realistas: a geometria do relacionamento sempre foi triangular.

Pen engoliu o que parecia uma enorme bola de gude. Isso não podia ser divertido para ela.

— E, na última vez que você o viu, ele estava tentando impedir o assassinato...

— Estávamos lá para observar, mas acho que ele não aguentou, ou talvez já estivesse planejando impedir o crime desde o começo; ele é decifrar às vezes. Mas eu tentei impedi-lo. Tentei mesmo.

— E foi aí que você voltou.

— Foi aí que voltei. — Sozinha. — Só que não sei por quê.

— Ah, eu sei. — Pen esticou uma dobra na colcha de retalhos. — Essa é fácil.

Olhei para ela de lado.

— Você voltou naquele momento porque foi quando precisei que você voltasse. — Ela suspirou. — Digo, não sei por que fui à Carcaju. Só entrei no meu carro e fui. Eu nem bebi, talvez tenha tomado dois goles de cerveja. Para mim... O que ele me tornou... Atenção é minha droga do momento. Eu queria os olhos de todos em mim; eu queria levá-los à loucura. E eu tinha comigo, mas então você veio do nada, me julgando...

— Eu não estava...

— Agora sei disso. Você estava fazendo o que tinha que fazer porque o pai da nossa amiga estava prestes a, não sei, liderar meu estupro coletivo ou algo assim.

Deixei minha mente assimilar isso. Depois eu disse:

— Então eu e você... Está tudo bem?

— É claro — ela disse, e foi sincera.

— Você não acha que fui... — Falsa? Traíçoeira? Uma lista de adjetivos desagradáveis disputavam a posição.

Ela deu de ombros.

— Garotas fazem coisas imbecis por causa de rapazes. Vem com o estrogênio.

Bastante profundo para Pen. Naquele ponto, ela se inclinou sobre a cama e pegou um sapato, um dos pés das plataformas que ela estava usando na Carcaju. Ela o examinou com zombaria, jogou-o longe e foi até o armário pegar um par de Crocs.

— Vamos, Dice.

— Vamos a algum lugar?

— Sim — ela disse simplesmente. — Vamos buscar Sin.

Senti como se ela tivesse acendido um fósforo no meu peito.

— Não precisamos sair escondido?

— Eu podia fazer uma orgia na sala que meus pais não diriam nada — Pen me disse. Entramos no carro e fomos em direção à cidade. — Emerson Street, certo?

— É. — Observei a noite vazia. — Por que você acha que vamos achá-lo?

— Não acho que vamos achá-lo — ela disse. — Sei que vamos. — Ela tirou os olhos da estrada e me deu um sorrisinho triste. — Talvez você não seja a única na família com habilidades psíquicas. Talvez eu tenha despertado tarde.

Improvável... Mas lá estava ele, mãos nos bolsos, com passos arrastados, vindo em nossa direção. Agora havia luz do sol e neon dentro de mim, e cachorrinhos e gatinhos, cataventos e confete, e biscoitos com gotas de chocolate, demais até. Havia vida dentro de mim. Ele estava de volta. Estava aqui. No seu próprio corpo, usando calça jeans e camiseta. Pen encostou e baixou o vidro.

— Quer uma carona?

Ele se aproximou do lado dela.

— Não sei — respondeu.

Ele parecia distante; me inclinei no painel e olhei para ele.

— Venha, Sin. Entre — insisti. — Você parece estar com frio.

— Frio — ele concordou. — — Estou com frio.

Pen dirigiu até Daisy Lane e parou em frente ao número 12. Ela ficou olhando em frente, para os pontos gêmeos gerados pelos faróis do carro.

— Você vai entrar? — perguntei. — Ficar com a gente?

— Não. — Ela foi bem firme. — Preciso de um banho. Estou suja . — Pode ser que ela realmente se sentisse assim. Pode ser que ela apenas a quisesse mais fazer parte do triângulo.

— Está bem — respondi. — Obrigada. — Saí do carro. Sin ficou seca Sin, vamos.

Ele saiu. Ele me obedeceu.

Quando entramos, anunciei:

— Vou fazer café.

Fiz um café bem forte. Enchi canecas, coloquei bastante açúcar e creme. Sin ficou lá de pé, duro como o homem de lata.

— Sin, sente-se.

Coloquei o café na frente dele, peguei uma cadeira e o observei, O que estava acontecendo aqui? Estiquei a mão com apreensão. temendo aquele tumulto sob a pele. Em vez disso, encontrei apenas a superfície fria das mãos hábeis de trabalhador. Os olhos dele estavam impenetráveis, as pupilas e as íris fundidas.

— Você quer me contar o que aconteceu?

— Não sei — ele respondeu.

Isso era estranho. Esse era Sin. Que tinha opinião sobre tudo. Que era nada ambivalente. Sin ou queria alguma coisa ou não queria.

— Conte-me. — Dei instruções, e ele seguiu instruções. Era assim as coisas tinham que ser. Por enquanto.

Capítulo 49

NUVENS SE APRESSARAM PELO CÉU NOTURNO. ELAS NÃO DESEJARAM testemunhas o que se passava lá embaixo. Começa como zombaria: três homens puxando as roupas e os cabelos provocantes de uma jovem. Mas o nível de ameaça aumenta rapidamente, e um dos homens tem a clara intenção de estuprá-la. Ele gira uma arma: branca, flexível, uma corda pesada com uma cabeça cega e cheia de bulbos.

Uma coisa tão pequena e delicada, segura com força, mas nada imóvel, como um passarinho na mão de uma criança cruel. A jovem não consegue compreender com uma coisa dessas pode estar acontecendo com ela, com ela! Ela quer sempre tivera sorte. Ela que sempre fizera o que queria, desafiara as convenções, rira do tempo porque era uma brincadeira. A qualquer momento, tudo pararia, devido a, devido a...

Um salvador! Sim! Ele pulou na briga. Mas, antes que o coração dela pudesse pulsar mais uma vez, outro invasor aparece. Quem está lutando com quem? Se as nuvens pudessem ser cogitadas a assistir, ficariam tão confusas... Surpresas, também, quando a última pessoa a entrar na arena desaparece como a chama de uma vela sob o vento.

O verdadeiro salvador permanece lá. E não há algo de familiar nele? No escuro e no terror, ela nem pensa na jovem de Nova York que conhecera perto do riacho, a que agira com tanta arrogância. Seja lá quem ele for, tem o heroísmo e coragem de muitos, os recursos para espantar três homens.

Exceto...

A terra sempre compartilhou espaço com as pedras nessa parte dos Estados Unidos. Era a razão de fazendeiros não terem sucesso aqui e as pedreiras abundarem, e de cercas serem construídas por a quilômetros com pedra sobre pedra sobre pedra. Esta noite, uma pedra, uma de bom tamanho, entra na história.

Um agressor acha a pedra.

Um quase salvador é derrotado.

E a maldade recomeça onde tinha parado.

Até o momento em que as nuvens não podem mais se mover; até que colidem e se derramam como as nuvens têm que fazer no verão. Os finos galhos de bétula oferecem pouco abrigo. O temporal espanta os patifes. A chuva transforma o chão em lama e faz as pedras brilharem como se fossem diamantes. Ela cai sobre dois corpos.

Ele está em um dos corpos caídos no chão. Não é seu corpo, mas está lá dentro. Seu corpo verdadeiro descansa em um quarto sufocante sobre a fornalha, a não mais do que 800 metros daquele lugar. Seu corpo verdadeiro, mas também aqui, neste corpo emprestado. A chuva bate no seu rosto; ele abre os olhos. Fica de joelhos. Uma dor pulsa na nuca e se espalha para a frente como um capuz.

O outro corpo é dela. Ele rasteja até o corpo e, quando chega perto o bastante, consegue saber que ela ainda está ali. Mas por pouco tempo. Ele não precisa ser gentil porque já é tarde demais, mas é gentil mesmo assim. Ele a aconchega. Quando ao corpo em formação dentro do corpo dela, esse já desistiu há alguns golpes, há algumas estocadas. Houve fraturas demais, danos demais. Agora é uma coisa. Agora é nada. Ele não consegue sentir a vida escoando de dentro dela, mas sabe que está acontecendo e que não pode fazer nada. Ela tem que morrer.

Ainda assim ele é abençoado, e o motivo é simples. Desta vez ela não vai morrer sozinha. Desta vez vai morrer com ele. Ele está aqui; está com ela. Se ao menos ela abrisse os olhos e o reconhecesse, mas isso não acontece. Também não tem espasmos e nem grita ou tosse. Ela apenas cessa de respirar. Cessa de sangrar. Cessa de ter percepção. Cessa.

Depois de um tempo, a tempestade para. O alvorecer chega. A pequena cidade começa a funcionar. Alguém se aproxima. É o assistente do tanoeiro, com pressa e a pé, atrasado para o trabalho. Ele para, olha assustado e até fala. Nessa hora sente o corpo ficando fino como um

tecido, derretendo como cera. O assistente do tanoeiro sai disparado como uma lebre, e logo outros chegam. Eles vêm, olham assustados e até falam.

Ele espera, abraçando o corpo da jovem, até que o ferrador chega chocado, trêmulo, sem acreditar. Então ele faz o corpo dela, e os mortos são pesados. Segurando o corpo do amor morto, ele anda até, para dentro e através de si mesmo, passando-a adiante, e atravessa para o outro lado.

Capítulo 50

CAFÉ, O ELIXIR MILAGROSO. A CAFEÍNA E O AÇÚCAR MARTELARAM NA circulação sanguínea dele e Sin conseguiu se levantar da mesa. Falei o nome dele, desejando a satisfação de consolar. Mas enquanto eu murmurava contra o peito dele e acariciava-lhe a cabeça (descobrimo o galo que era a evidência deixada pela pedra), ele não melhorou. Não estava interessado em se sentir melhor.

— Obrigado pelo café, Dice — ele disse. Tradução: faça a gentileza de me soltar.

Eu continuei abraçando-o. Com esperança, esperança, esperança. Uma agitação incrível começou dentro dele; eu estava me acostumando com essa curiosa movimentação sob a pele. Ele entendia esses movimentos ou achava tão misterioso quanto eu? Ele se sentia estimulado? Assustado? Ele interpretava como indigestão? Para mim era um sinal, mas ainda assim o abracei até que os tremores diminuíssem. Então ele me pegou pelos ombros para me afastar dele.

— Preciso ir. — A capa sombria e distante havia deixado os olhos dele, sendo substituída por uma concentração intensa. Eu já tinha visto aquele olhar.

— Por favor... Não.

— Eu preciso.

— Então vou com você.

— Dice, você não quer ir. Você não vai querer ver.

— O que não vejo é por que você tem que ir! — Eu estava sendo uma chata.

— Foi para isso que vim. Você sabe.

Eu sabia. Mas tinha esperanças de que, com a trágica verdade conhecida, ele se sentisse libertado, aliviado. Eu tinha esperanças de que a verdade o libertaria. Mas só serviu para fazê-lo explodir. Eu tinha mesmo acreditado que ele voltara por minha causa?

— Não — falei. Só tinha essa carta para jogar. — Olhe, Sin, deixei você se estabelecer nessa cidade porque, até um certo ponto, eu gostei. Todas essas pessoas bonitas com seus cabelos louros e roupas da moda, tão bem-educadas e metidas a importantes, todos esnobes e perfeitos. — Era meu solilóquio, uma ária ausente de melodia. — A única razão pela qual me toleram é por eu ser parente de Pen. Mas aí você vem e faz o quê? Para começar, transforma minha prima perfeita em piranha do século. Legal! Você vai em frente e quer humilhar a todos. Pegação coletiva no baile da escola! Fogo provocado pela luxúria na casa de repouso! Adultos adúlteros enlouquecidos!

Esqueci de mencionar as coisas boas que ele fez: o empurrão para a cobertura sexual de Con Emerson, a união improvável de Marsh e Crane.

— Quem precisa de Big Brother com Sinclair Youngblood Powers comandando o show em Swoon? — Modifiquei minha postura, colocando as mãos nos quadris, fazendo pose. — Mas eu ainda preciso morar aqui. Frequentar a escola aqui. Lidar com essas pessoas diariamente. Então adivinhe? Acabou. Entendeu? Isso tudo já é..

— O bastante.

Ele não urrou nem ficou irado comigo; apenas completou minha frase.

— Exatamente — concordei disse. — Basta. Mas não vou pedir para você parar, nem mesmo mandar você parar. Apenas vou impedi-lo. Vou ligar para lá e avisá-los. Vou ligar para a polícia. Vou...

Sin segurou meu pulso, com controle, sem quase nenhum sinal da raiva acumulada. O outro braço dele me enlaçou, e aquela mão encontrou meu cabelo, os dedos se firmando para assegurar minha atenção integral.

— Você vai fazer isso, você vai fazer aquilo — disse ele, plácido como um lago.

Aquela calma me atingiu, me fez tremer. Ainda assim, eu sentia pena dele. Como sempre.

— O que você vai fazer, dama querida, é falhar. E vou dizer por quê. Você gosta de debochar das pessoas de Swoon, de parecer a menina urbana liberal e liberada, mas a sua vida foi tão protegida e privilegiada quanto a deles. Você que teve todas as vantagens, que recebeu todos os luxos. Você que não sacrificou nada, nunca sentiu fome, não perdeu ninguém. É tudo que você tem que torna seus esforços inúteis. Você tem tudo, Dice, mas não vai servir de nada contra mim.

Com isso, ele me soltou e caí numa cadeira. R.C., que estava monitorando do sofá da sala, veio andando e pulou no meu colo. Ela olhou para mim com reprovação, algo que eu não conseguia fazer. Meu olhar estava preso no peitoril da janela.

Ganhei tudo. Não perdi nada. Essa era a conclusão dele. Baseada em quê? Buscas profundas na minha psique? Nas longas sessões de vamos — nos-conhecer-melhor que nunca tivemos? Ele tinha um metro e oitenta de total engano. Tudo que Sin sabia de mim era como eu estava ligada a ele. Como ele podia me enganar, como eu podia servi-lo, como ele podia me usar, manipular e ludibriar. Não que eu o culpasse. Um golem precisa fazer o que um golem precisa fazer. Mas ele achava que tinha escrito a bíblia sobre os sofrimentos? Que era a única

pessoa que se deu mal no mundo, e por isso essa ladainha incessante? Eu o amava, amava mesmo, Que prepotência.

Acaricieei RubyCat embaixo do queixo e o ronronar dela representava união. Sin estava cheio de energia, impaciente. Não olhei para cima quando ele suspirou, e não olhei quando ele se virou, e não olhei quando ele saiu pela porta. Fiquei lá sentada, me energizando com amor felino, enquanto ele saía para fazer o que precisava fazer.

E então eu fiz o que precisava fazer. Levantei e fui atrás dele.

Capítulo 51

REFLEXÃO SOBRE O DIA DE AÇÃO DE GRAÇAS: TRADICIONALMENTE, NOSSAS famílias revezavam. Um ano era no Uper West Side de Manhattan com mamãe xingando o banqueiro. O ano seguinte era em Swoon, com minha tia caprichando nos detalhes com 12 tipos diferentes de temperos e prendedores de guardanapo em formato de amoras esculpidas à mão. Este ano, quem poderia saber? Era a vez de Lainie, mas alguém a culparia por não sentir vontade de comemorar? Triste,de verdade.

Esse sempre foi meu feriado favorito,mesmo com todo o cinismo. Mas esse seria o primeiro Dia de Ação de Graças desde que toda essa loucura começou. Melhor comprar comida tailandesa para viagem? Pensamento absurdo! Tem que ter peru, e molho, um mar de batata doce com bóias de minimarshmallows. Mesmo se eu tivesse que fazer tudo sozinha na cozinha apertada de número 12 de Daisy Lane.

Digamos que era uma trégua — contemplei um descanso alegre em breve enquanto pedalava pela geada do pré-amanhecer em direção a um destino que gostaria muito de evitar.Sin tinha certamente pegado um carro *emprestado* (o de Pen era coisa fácil) e chegado ao seu destino. Mas, quando fiz a curva em Underhill, fazendo uma careta ao passar pela Carcaju, e entrei na Stag Flank, não vi sinal do carro. Não,ele estacionaria fora de vista, pois não precisava de testemunhas. Como se houvesse mais alguém por aí além dos cervos pastando. Ainda assim, ao sair da bicicleta,eu a escondi atrás de umas latas de lixo. É melhor prevenir do que remediar, apesar de eu ter a sensação de que lamentaria de qualquer maneira.

Entre pela porta lateral em uma lavanderia que levava à cozinha. Todas as luzes estavam apagadas; era o mundo cinzento de uma casa adormecida. Eletrodomésticos zumbiam. Fui até a sala, Tateando pelas paredes e móveis antes de pensar: Merda! Digitais! Experiente em programas judiciais, era de se esperar que eu tomasse cuidado e não encostasse em objetos inanimados.Juntei as mãos à minha frente.

Lá estava o pai psicopata, em posição fetal no sofá. Olhei para ele do jeito que se olha para um acidente em uma estrada: com nojo, respeito e uma pequena oração pedindo que nada assim aconteça conosco. A parte de trás da camisa estava para fora da calça. Ele ainda estava de

botas. Exceto pelas garrafas de cerveja vazias, a sala estava imaculada, sem brinquedos, revistas, e a bagunça com a qual as pessoas coexistem em paz.

Tudo parecia bem, e isso não estava certo. Onde estava Sin? Teria ele parado para tomar café primeiro? Meu golem precisaria de energia para trazer o caos a esta casa pequena. Como se seguindo meus pensamentos, Douglas Marshall se virou, socou o ar, depois se ajeitou com um ronco, o demônio do sonho derrotado.

Eu me afastei, não sabendo muito bem o que fazer. Achei que encontraria Sin causando destruição e faria o possível para atrapalhar. Não tinha pensado nessa situação incerta. Mas tudo bem, tudo certo, isso estava a meu favor. Eu acordaria Marshall, inventaria alguma bobagem e a convenceria a vir embora comigo, trazendo as irmãs. Talvez meu dever não fosse obstruir a justiça de Sin com Marshall, mas apenas oferecer às garotas um porto seguro.

Vi um pouco de luz saindo por baixo da porta do banheiro. Barulho de água. Fui em direção ao quarto de Marsh, supondo que ela estivesse tomando banho, e acendi o abajur para que ela me visse logo. Era estranho que a cama dela não estivesse arrumada. Os travesseiros e o cobertor não eram do tipo bem macio com os quais eu estava acostumada; eu, a garota que tinha tudo. Mas eram convidativos mesmo assim. Estava lutando para não cochilar quando Marsh entrou.

— Oi — sussurrei rapidamente. Ela fez um barulho assustado, tremeu e se apoiou na parede. Claro, eu a tinha assustado; quem não se assustaria com alguém, qualquer pessoa, que não deveria estar em seu quarto ao amanhecer? Só que Marsh já estava assustada. Do tipo que nem se esfregar durante muito tempo desceria pelo ralo. Do tipo que podia diminuir mas jamais sumiria completamente; do tipo que está sempre à espreita a cada minuto pelo resto da sua vida. Era assim que Marsh estava assustada.

— Dice... — A voz dela estava desgastada, o roupão não. Era fofo, rosa e novo, e grande demais para ela. Ela o fechou no pescoço. — O que você está fazendo aqui?

Da beirada da cama, comecei a enrolar.

— Do jeito que deixamos as coisas... Não consegui dormir, achando que você me odeia. Queria pedir desculpas por...

— Tudo bem, Dice — falou, e o perdão apressado me disse que nós estávamos bem, mas ela não estava. Olhei para Marsh, e ela fechou o roupão de novo, se escondendo, humilhada. Foi aí que eu soube. Não os detalhes; com sorte jamais saberei dessa parte. Mas soube o bastante. Ainda assim, de forma espontânea e retórica, minha mente perguntava: O que ele fez com você, aquele merda depravado?!

Marsh começou a pentear o cabelo. Ela estava completamente retraída, silenciosa, e eu, que não era assistente social, não sabia como lidar com isso. Pegar o abajur, virar o foco de luz para ela e expor as marcas de abuso? Esse era meu lado dramático falando. Ou apenas esperar? Esse era meu lado racional. As vítimas frequentemente se acham culpadas pelo crime que sofreram. Qualquer pergunta ou comentário indignado podia ser ouvido como acusação.

— De verdade, Dice, está tudo bem. Você está bem... Eu estou bem...

Bem certo. Tão certo como um câncer. Era um esforço enorme para ela erguer o pente e passá-lo pelas mechas molhadas.

— Só que...

Isso, vá em frente. Se eu não perguntasse, talvez ela contasse.

— Meu pai soube que eu estive no bar ontem à noite. — Ela cheirava limpeza, sabão de glicerina e xampu herbal. — Acho que um dos amigos dele me viu e contou. Mas eu estava com tanta raiva por ele ter deixado as meninas sozinhas que, quando ele finalmente chegou em casa, eu... Ele... Nós brigamos. — Ela colocou o pente sobre a mesa e fechou o roupão no pescoço.

— Ah — suspirei. — Que droga.

Ela se envolveu com os braços.

— Eu não conseguia entender como ele podia fazer uma coisa assim. E se alguma coisa acontecesse? Então eu falei isso. Eu não devia...

— É, mais o que está feito está feito. — Uma citação popular do livro das evasivas.

— Mas ele não estava muito bêbado... — Ela sufocou um tremor. — De qualquer forma, não importa...

Decidi agir.

— Quer saber? Devíamos pegar Will e Char e sair daqui. Vamos tomar café em uma lanchonete ou vamos para minha casa. Quero treinar minhas panquecas e vocês podem ser minhas cobaias. Se ele acordar e vocês não tiverem aqui... Talvez ele aprenda uma lição.

Marsh estava ouvindo? Acho que sim, porque respondeu:

— É... Talvez devêssemos fazer isso. Sua mãe nem vem esse final de semana, certo?

Certo. Minha casa era um lugar seguro. Depois de chegar lá, eu podia persuadir Marsh a chamar a polícia.

— Deixe eu me vestir e vou acordar as meninas. — Ela se virou para uma escrivaninha.

Nesse momento a porta da frente se abriu como que por um tornado. E o golem entrou. Marsh deu um gritinho e colocou as duas mãos sobre a boca.

— Merda — falei.

Marsh disparou a falar coisas sem sentido. Estiquei o braço em direção a ela, mas ela se afastou.

— Marsh, está tudo bem; é só Sin, ta? Ele provavelmente me seguiu até aqui. Ele está... — Mais barulho, algo caindo e quebrando. — Aborrecido. Apenas se arrume e pegue as meninas, certo?

Ela assentiu. Fui ver o que o Guerreiro de Barro estava fazendo. Do fim do corredor havia um bom ângulo. O aparelho de TV estava jogado no chão da sala. Desperto e irritado, o Pai Psicopata

começou a se levantar do sofá, cuspidando xingamentos. E Sin ficou lá, balançando umas coisas. Coisas de metal. Coisas de couro. Ele colocou tudo na mesa de centro e ficou somente com uma nas mãos, uma espécie de vara. O que eram aquelas coisas? Ah. Certo. Aí. Sin obviamente tinha parado no estábulo. Tecnicamente, instrumentos equinos. Em um segundo, transformado em instrumentos de tortura.

— Levante, Marshall!!

Objetos afiados e brilhantes estavam presos nas botas do rapaz. Esporas, acho que esse é o nome. Ele os pressionou com força, considerável contra o homem irritado no sofá. Isso provocou um uivo e Douglas Marshall exigia saber quem era aquele sujeito na sua casa, que não tinha sido convidado e o estava atacando.

— Sou o rosto da sua sentença — Sin falou teatralmente. — E sou o fim da sua linhagem. A não ser que o burro naquele campo seja seu filho, pois vejo uma grande semelhança.

Ele tentou usar as esporas de novo, mas Marshall se desviou e ficou de pé mais ou menos ereto. A postura dele confirmava que era um Homo sapiens, um dos que acreditava que o mundo lhe fez mal desde que nasceu e que cresceu aprimorando uma resistência ressentida e traiçoeira. Douglas Marshall não ia implorar misericórdia. Ele pegou uma garrafa de cerveja e a quebrou na mesa de centro. A beirada quebrada era um sorriso fatal.

Em um piscar de olhos, Sin estava sobre ele, com uma vareta fina de couro que, corrija-me se eu estiver errada, se chama chicote de equitação. Com um golpe, ele fez Marshall cair sobre o carpete, depois subiu sobre ele e o puxou pelo ombro da camisa. Eu estava pensando em quanto mais eu conseguiria assistir quando ouvi um movimento às minhas costas. A pequena Willa, de pijama e chinelos gastos. Eu me virei e me ajoelhei, bloqueando seu campo de visão e considerando o quanto ela já tinha visto.

— Papai está brincando de cavalinho?

Vira demais.

Isso mesmo, Willa, você é muito esperta — Fiquei de pé e a levei de volta ao quarto — Estão ensaiando para um peça. Sabe o que é isso?

— Hum...Aham...

O que havia com Marsh? Quanto tempo levava para colocar uma calça jeans?

— Então você sabe que eles estão muito ocupados e não podemos incomodá-los — eu disse — Por isso eles estão ensaiando enquanto você deveria estar dormindo.

Outro barulho vindo do demônio de terra e o pai dos infernos.

— Mas eles fazem tanto barulho... Como posso dormir? — Willa argumentou.

— Eu sei, você está certa. Mas por que você não finge que está dormindo, como se estivesse numa peça também? Depois Marsh, quero dizer, Krisitin, vai pegar você e sua irmã e vamos tomar café juntas.

Charlotte estava sentada na cama. Ela me deu um olhar cético e esfregou o nariz. Se algum lugar precisava de bichos de pelúcia era este, mas as meninas Marshall não tinham nenhum. E já era oficialmente hora dos desenhos animados, pois a manha surgia entre as cortinas entreabertas.

Willa me cutucou.

— Onde está Kristin? — Ela olhou para o chão para confessar. — Ela e papai tiveram a maior briga... Como ele costumava brigar com a mamãe.

— Ah, Willa! — Desmanchei como um castelo de areia, mas não podia me deixar levar. — Não se preocupe, Kristin está bem. — Ajeitei uma mecha de cabelo bagunçada pelo sono e tentei manter o tremor longe do meu sorriso.

Mais turbulência vinda da sala de estar. Falei para as meninas serem boazinhas e ficarem quietinhas. Depois fechei a porta e saí. Próximo passo, alguém? Douglas Marshall era execrável (um homem que fazia mal à própria filha?), mas era responsável apenas pelas próprias ações, não as dos ancestrais. Então eu não podia tolerar o que o rapaz da terra estava fazendo. Na verdade, Sin parecia mais brutalmente propenso a vingança do que nunca. A parte mais triste era que eu conhecia Sinclair Youngblood Powers, a pessoa. Eu tinha rindo com aquela pessoa, sentido o sofrimento daquela pessoa, sonhado no consolo dos braços daquela pessoa. Aquilo, lá na sala, era uma coisa. Como eu podia por um fim naquilo?

Quando em dúvida, recorra à histeria feminina. Eu entrei correndo e gritando:

— Pare! Pare com isso! Pare!

Concentrado no invasor mais perigoso, Marshall me ignorou, mas Sin olhou em minha direção, os olhos como abismos negros, um enorme sorriso confiante.

— Você não conseguiu ficar de fora então? — ele gritou. — Que seja. Sua presença despertar o melhor em mim.

Fiquei com a sensação de que ele estava esperando o momento certo, aproveitando a interrupção. Depois de ter esperado tanto, ele queria a versão do diretor mais longa, a versão sem cortes. O que o golem não tinha de alma mortal ele compensava com humor ferino e graciosidade, quase acariciando o inimigo com o chicote e só depois batendo de verdade. Mas Marshall era um tipo único de monstro. E quanto a mim? Nada. Nem uma fagulha de magia. Nem a segurança dos insanos. Nessa mistura, eu era irrelevante. Inútil. Só uma garota.

Sin jogou Marshall contra a parede e deu uma olhada rápida nos acessórios. Escolheu um daqueles negócios que se prende sobre a cabeça do cavalo. Quando ele estava enfiando a parte de metal entre os dentes de Marshall, ele enfiou os incisivos na parte carnuda da palma da mão de Sin. Um ponto para o Papai Pirado.

— Dice, você viu isso? — Sin estava surpreso. — O idiota me mordeu!

A essência da violência empapava o ar como uma droga gasosa, que acelerava e debilitava ao mesmo tempo. Fez minha cabeça girar, junto com tudo o que tinha acontecido nas últimas 24 horas, ou seriam 48 horas?, e que parecia eu estava absorvendo agora. Eu me apoiei contra a parede e fechei bem meus olhos.

Quando os abri de novo, Marsh tinha entrado na sala. Qual o problema dela?, pensei, vendo que ela nem tinha se vestido ainda. Marsh ainda estava com aquele roupão idiota. Mas tinha conseguido um acessório estranho. A justaposição do tecido rosa fofo e o aço duro e frio era impressionante. Era verdade que o objeto pesado parecia grande demais nas suas mãos, mas ela o segurava com firmeza e segurança. Vestida para matar. O visual geral era esplêndido, icônico e muito, muito mortal.

Capítulo 52

A GAROTA COM A ARMA MAIS PODEROSA EXIGIU ATENÇÃO. Os dois combatentes se separaram, deram um passo para trás e pararam. Marsh entrou entre eles. Cabelo claro, olhar duro e pele pálida como a lua: a personificação de Andraste, deusa celta da guerra.

Talvez o Pai Psicopata tenha visto a semelhança.

— Atire nele, Kristin! Atire no canalha! Ele está tentando me matar!

A arma era enorme. Esqueça aquelas semiautomáticas aerodinâmicas e brilhantes que os criminosos de hoje em dia tanto gostam. Esse era um modelo antigo, estilo Clint Eastwood. Marsh a segurava com as duas mãos, os braços juntos. Lentamente ela se virou na direção de Sin.

Ele olhou para a arma com interesse, como se contemplando os efeitos potenciais. Poderia ser morto? O que um tiro faria, espirraria sangue e entranhas, lama e casca de tronco de árvore ou aquela coisa sinistra que estava borbulhando dentro dele ultimamente?

— Marsh, você não quer atirar em ninguém. — Eu realmente disse isso, uma frase típica de milhões de filmes policiais de segunda. Tão engraçado quanto isso era a parede, que não me sustentava mais; eu tinha andado até o lado de Sin. Se Marsh puxasse o gatilho e errasse um pouco a mira, ela me atingiria. Só que eu lembrei o que Pen dissera na noite em que a mãe de Marsh surtou: *Marsh sabe muito bem como manejar uma arma. A mira dela seria certa.*

Sinn disse:

— Posso ver essa arma, Marsh?

Ela a levantou. Apontou para ele. Marcas roxas que não tinham se manifestado logo após o banho estavam começando a aparecer nos antebraços, pescoço e queixo.

— Marsh, você está ferida — pedi. — Por que não abaixa essa arma e me deixa ver?

— Não! — gritou o pai dela. — Querida, dê aqui para mim! Entregue a arma para mim! — Com o braço estendido, ele deu um passo desesperado em direção à filha. Só um. Um era suficiente. Marsh se virou com os lábios apertados. Ela atirou nele, bem no baço. Foi um pouco baixo demais. Quando ele foi jogado para trás, ela mirou mais alto e atirou de novo, no coração.

Depois ela deixou o canhão cair. Ela se virou para Sin e para mim.

— Atirei nele.

É, já tínhamos percebido.

— Acho que vou ter problemas. — Ela foi trêmula até o sofá.

Então Sin e eu trocamos um olhar que durou um milênio.

— Vá — eu falei.

— Não — ele respondeu.

Será que conseguiria sequer começar a entender o que ele estava sentindo? Traído, provavelmente; na mente dele, Douglas Marshall era dele. Na minha, se havia alguma justiça em tirar uma vida, ela pertencia a Marsh. De qualquer maneira, o homem estava morto. O que isso significaria para a missão de Sin? Até mesmo para a existência dele? A sala da morte era um purgatório para ele; enquanto permanecesse aqui, o tempo era irrelevante e nada mais aconteceria.

Por um momento nós todos observamos aquilo — quero dizer, o corpo. Não era a primeira vez que eu via um cadáver. É verdade que esse era um dos mais medonhos. Um fato interessante sobre corpos: na vida, ficamos obcecados com o nosso e julgamos os dos outros, mas quando chega ao fim, não estamos mais aqui. A carcaça no chão era tão ameaçadora quanto um papel de bala.

Marsh fez um barulho que não era bem um choro nem um suspiro. Olhei na direção dela, depois virei meu olhar para Sin.

— Vá!

Ele sustentou meu olhar e fez mil promessas com o dele, até que meus olhos encheram de água e os fechei. Nesse momento, eu o ouvi jurar para mim:

— Até breve.

Abri meus olhos e fui até Marsh.

— Venha — falei. — É melhor você entrar lá e acalmar as meninas. Elas devem estar apavoradas.

Falar nas irmãs fez Marsh acordar. Enquanto ela entrava no quarto das meninas, fui para o dela. Baguncei a cama e rolei nela, puxando um fio do meu cabelo para colocar no lençol. Antes minha presença deveria passar despercebida; agora eu estava plantando evidências. Só para garantir. Minha esperança era que Willa fosse esquecer a brincadeira de cavalinho que viu um

pouco antes dos tiros. Quando Marsh e eu nos reunimos na sala de estar, ela estava pronta para ligar para a polícia.

Tudo transcorreu com relativa tranquilidade. É claro que Marsh tinha um pai morto e ia carregar a verdade sobre a morte dele consigo para sempre. Mas, em termos práticos, a polícia acreditou em nossa história de legítima defesa. Que Douglas Marshall tinha arrancado a filha da cama em uma fúria bêbada para abusar dela. Que eu, a amiga que estava dormindo lá, seria a próxima. Que Kristin Marshall, tendo sofrido abuso nas mãos dele há algum tempo, não suportou ver acontecer com outra pessoa, então acabou com o depravado com a própria Magnum 44 dele.

Não havia motivo para duvidar dela nem da evidência que eram os hematomas, e a energia que captei da presença da polícia era que todos pensavam que tinham se livrado de um lixo de pessoa.

Depois de tudo, as meninas Marshall seriam entregues à mãe para viverem felizes para sempre em uma bela casa com o gentil futuro padrasto na agradável metrópole, se comparada com Swoon, que era Torrington.

Só que isso seria depois de tudo. Imediatamente depois da confusão na Stag Flank Road, as meninas foram levadas para a casa da avó. Com tantas coisas acontecendo, tantas pessoas oficiais fazendo tantas coisas oficiais, Marsh e eu nem nos despedimos. Eu só a vi entrar no carro do xerife com as irmãs. Ela colocou uma palma de mão pálida no vidro, um adeus parado e silencioso.

E então segui para casa. Sozinha.

Até breve. Que despedida terrível. Tão ambígua, tão indefinida. Sin não podia ter sido mais específico? Como em “Até esta noite” ou mesmo “Acabei de espancar um grande canalha, depois testemunhei um patricídio; vou para a Disney World” Qualquer coisa menos “Até breve”.

Então eu o chamei. Chamei muito e por muito tempo. Talvez eu estivesse exausta demais. Talvez alguma coisa estivesse acontecendo com Sin, algo que o permitia resistir à minha invocação. Seja o que for que houvesse acontecido, meu chamado não funcionou.

O sono também não vinha, apesar de implorar por ele na cama e o convidar para ir comigo para o sofá. Bloqueado, sem dúvida, pela imagem de Douglas Marshall; balas entrando, sangue jorrando, o choque e surpresa no seu rosto. Desisti e me levantei. O dia estava indeciso: talvez chuvoso, talvez ensolarado, certamente interminável. Preparei um queijo-quente que eu não queria e consequentemente não comi. Para me manter ocupada, entrei na internet procurando por ideais de Dia de Ação de Graças, lavei um monte de roupas, pratiquei meu solo para o recital.

Solo. Outra palavras que incomodava, mas não pela ambiguidade. Pelo motivo oposto. A forma sucinta como ela resumia meu destino. Não apenas Sin era um fugitivo e uma das minhas melhores amigas estava sob custódia protetora da avó, como minha companheira felina parecia estar desaparecida também. Perceber isso apertou meu coração.

— RubyCat? Rubes? Aqui, gatinha!

Andei pela casa chamando-a, fazendo aquele barulho reservado a operários de obra e donos de gatos. Restos ressecados na tigela de comida dela fizeram eu me sentir culpada. A

pobre peludinha devia estar faminta. Ah, mas ela era uma peludinha esperta; uma vez a vi pegar um rato, torturá-lo por 20 minutos e depois devorá-lo da ponta do nariz até a ponta do rabo.

Só que a ideia de R.C. lá fora caçando não me parecia nada legal. Coloquei um casaco e saí.

Atrás do quintal havia um bosque esparso. Andei, andei; chamei, chamei. Nada. Além do gramado da frente ficava a rua. Fui e voltei para os dois lados. Chamando e chamando. Nada. Meu coração doía; minha cabeça me acusava. Estava ficando tarde, minha sombra tão grande quanto meu medo. Teria ela fugido? Estava ela perdida? Teria algum animal maior se alimentado dela?

— Ruuuu-beeee!

Andei de volta para casa. Para ligar para os vizinhos, perguntar se alguém a tinha visto. Para fazer folhetos com a foto dela e dados para reconhecimento, colocá-los na redondeza. Eu continuava chamando:

— Gatinha, gatinha, gatinha! Ruuuu-beeee!

Poucos metros à frente, do outro lado da rua, vi algo em movimento. Podia ser ela? Podia ser qualquer coisa. Eu não tinha certeza. Comecei a correr.

A caminhonete veio do nada. Não, isso é besteira. Ela estava na rua, bem onde uma caminhonete deveria estar. Era uma picape amarela com pneus largos e para-choques grandes. Era grande demais e brilhante demais, mais é claro que isso não era verdade; ela tinha todo direito de ser grande e brilhante. A única coisa a qual ela não tinha direito era pegar minha gata. Mas isso não a impediria de fazê-lo.

Sibilando, com o som fazendo as janelas escurecidas tremerem, a caminhonete estava seguindo seu feliz caminho. Eu encontraria ao menos uma massa sangrenta e peluda para enterrar? Não. O que encontrei em vez disso foi Sin, de pé no princípio do caminho que levava até minha casa, com RubyCat se debatendo de indignação nos braços dele. Ela pulou de lá e correu com as pernas duras até a casa. E eu? Eu pulei nos braços dele.

Capítulo 53

ÍAMOS FAZER S'MORES. S'MORES! MELADOS E DOCES, BEM ALI, NA LAREIRA. Por um acaso feliz, eu tinha os ingredientes em casa. Os biscoitos estavam meio decrépitos, mas serviriam. Ótimo! Tudo estava ótimo! O garoto estava de volta; o *até breve* dele tinha sido mais em breve do que eu ousara ter esperanças. Ele tinha resgatado minha gata de uma morte terrível. Estávamos confortavelmente escondidos no número 12 da Daisy Lane. E eu estava maravilhada. Maravilhada!

Estava apenas tentando selar o acordo quando perguntei:

— Então, acabou?

Perto da lareira, Sin sentou sobre os calcanhares.

— Espere um minuto — respondeu. — O fogo está começando a pegar. É a química da combustão. Não se liga um interruptor e pronto.

Tínhamos tirado as almofadas do sofá para fazer um cantinho confortável no chão. Escolhi uma pequena e bati nele.

— Cale a boca. Não estou falando do fogo.

Ele se espreguiçou e falou olhando para o teto.

— Então, por favor, me diga do que está falando?

Deitei ao lado dele e me dirigi ao teto também.

— Estou falando sobre Swoon. Você acabou aqui em Swoon.

Sin pensou sobre a pergunta.

— Acabei, querida dama. Acabei aqui em Swoon. — Ele se virou de lado, se apoiou em um cotovelo e olhou para mim. — Mais importante: será que Swoon acabou comigo?

Evitei os olhos dele e olhei para as vigas do teto.

— Tem alguma coisa acontecendo comigo, Dice.

— Eu sei...Já senti. — Como seria bom ter o apoio de s'mores antes de começar essa conversa. Chega de coisas boas. — O que é? Você está doente?

O brilho do sorriso rivaliza com o do fogo.

— Doente? Ah, Dice, não. — Com o dedo ele acompanhou a linha dos meus cabelos. E eu senti isso no corpo inteiro. — Seja lá o que for, é incrível.

Sin não se impressionava com facilidade. “Seja lá o que for” o impressionava.

— Mas não é físico e nem uma capacidade mental; é... Só sei que, se eu conseguisse engarrafar isso, seria um homem rico. — O sorriso dele ficou torto. — Mas eu preferia dar de graça.

De graça? Hummm.

Outro toque, uma carícia na omoplata, e ele se inclinou para mais perto.

— Dividiria com você.

Eu já tinha visto Sin de muitas maneiras, mas apenas feliz... Isso era novidade. Era perturbador também. Algo intenso estava acontecendo; “seja lá o que fosse” era profundo. Pelo menos era o que parecia para mim, olhando de fora.

— Como faz você se sentir?

— Bem — respondeu. — Faz com que me sinta bem. Um brilho. Um calor. Um despertar. Estranho, mas de um modo fugaz, familiar — Ele deitou de costas de novo — Não estou descrevendo como é direito.

— Não, está sim — encorajei-o. — Conte-me mais. É constante? Irregular? Acontece em certos momentos do dia?

— Cada vez mais frequente. — Ele pegou minha mão. — Quase sempre quando você está perto.

Sin colocou a palma da minha mão no rosto dele, e lá estava, aquela formidável efervescência. Deixei que pulsasse contra minha palma. Então, mudando de posição, encostei minha bochecha ao lado da minha mão.

— Me assusta — confessei.

— Pelo menos você não saiu da sala gritando.

— Sin, pare com isso... Depois de tudo que passamos? — Relaxei um pouco e consegui detectar um certo ritmo no movimento. “Seja lá o que for” não era caos; havia ordem lá, um padrão natural.

— Me assusta também — ele admitiu. — Talvez porque seja tão... expansivo, sabe. Como se eu não pudesse controlar.

Descansamos um pouco. Depois ele disse:

— Às vezes fico refletindo sobre isso.

— É? O que você concluiu?

— Nada, até agora. Exceto que isso tem um custo. Seja lá o que for, parece estar anulando certas outras qualidades das quais acabei dependendo.

— Como? — Eu me ergui e olhei para baixo.

— Como, por exemplo, eu entrei no Stop&Shop para comprar Gatorade, mas no meu bolso só tinha uma caixa de fósforo e um pouco de linha da própria roupa. Normalmente eu conseguia...convencer o caixa de que aquilo era dinheiro. Mas... Foi em vão.

Pensei nos meus esforços para chamá-lo mais cedo, também em vão.

— Você quer dizer que não funcionou?

— Quero dizer que não funcionou.

Isso era estranho. Ou não? Ele ainda precisava de características de golem? Deixando a história de Pinóquio de lado, poderia Sinclair Youngblood Powers está virando um garoto de verdade? Meu coração deu um salto. Sério, se isso fosse um desenho, meu coração teria me levado aos céus agora.

E depois me jogado de volta no chão.

Porque outra opção me ocorreu:” seja lá o que for” estava levando-o, dominando-o...Matando-o. Eu odiava aquilo. Ainda assim, senti que isso me convertia, me fazia acreditar na verdade ou na inevitabilidade dela. Seja lá o que fosse, tinha que ser. Eu queria confiar nisso, queria pelo menos entender. Talvez Sin pudesse compartilhar “seja lá o que for”; ao menos um pouco. Colocando a boca sobre a minha.

Isso era totalmente factível. Eu estava completamente receptiva. O fogo estalava e esquentava o quarto. A mão dele encontrou minha nuca. Danem-se os s'mores, pensei. Me mostre, compartilhe, me dê um pouco... me beije...

Só que ele fez outra coisa,e foi um choque.

— Sou mesmo um mal-educado. — disse ele, o sorriso tão próximo de mim. — Só fico falando de mim mesmo: meu passado, minha tragédia, minha vingança, e agora meu... seja lá o que for. Não quero mais falar sobre mim. — Ele se afastou um pouco e mais uma vez acariciou meu cabelo. — Dice, vamos falar de você.

Profundo, hein? “Seja lá o que for” danificou profundamente o Sin autocentrado. Um sorrisinho se insinuou em meu rosto, os cantos acebtuados pela afeição.

— O que quer saber?

— Tudo — ele disse. — Qualquer coisa. — Ele olhou dentro de mim, olhos como preciosas brutas, aquele maravilhoso aroma de maçãs no seu hálito. — Eu sei. Vou fazer a mesma pergunta que você fez para mim uma vez: conte-me, querida dama, o que trouxe você ao encantador vilarejo de Swoon?

Capítulo 54

É A CULTURA QUE É DETURPADA. PADRÕES INATINGÍVEIS DE BELEZA.Dinheiro aos montes como o selo do sucesso. Um conceito idealizado de romance que faz garotinhas que nem sabem ainda amarrar sapatos desejarem um belo príncipe. Ruby Ramirez era a personificação dessa última característica.

— Você pode me explicar? Pode me ajudar a entender? Mas fale devagar, com palavras simples,porque eu sou obviamente burra, então...

Ela falou sem parar. Sobre ? Um imbecil. Um imbecil que não vou nem me dignar a citar o nome. Está bem, o nome dele era Dennis, Dennis DeMarco. Tinha uma tatuagem de Prometeu roubando o fogo dos deuses. Que tal Prometeu tendo as entranhas arrancadas a bicadas? Eu teria gostado dessa. Ele era “o cara certo” . De novo. Ruby Ramirez praticamente acertava tanto quanto Mariah Carey acertava nas escolhas de músicas.

Aqui está Ruby abrindo o casaco e levantando a saia em um beco numa noite de inverno. Cabeceira da cama, ah!A garota voltou para a festa com a cabeça doendo de tanto bater no tijolo da parede. E com os olhos brilhando e as pernas parecendo de borracha. Só que logo chegou o dia dos Namorados, com um Ruby levando um pé na bunda.

— Mas deixa para lá — falou, de pura bravata. — Há muitos peixes no mar.

Verdade. Não faltavam homens no mundo de Ruby. Havia homens envolvidos naquele dia; o dia que virou aquela noite. Garotas também. Éramos sete, número ímpar, a caminho da casa dela. Não era normalmente a casa onde fazíamos as festas, mas a mãe de Ruby e o padrasto, um médico, já tinham viajado para passar o final de semana fora.

— Vail — disse Ruby. — Minha mami, a latina que se autodeprecia, esquiando em Vail.

Não sei se a mãe de Ruby se autodepreciava, mas ela certamente tinha subido na ida. O padrasto era cardiologista; foi ele quem colocou um stent no coração do prefeito. O pai biológico era zelador; limpava banheiros na prefeitura. Imagine os degraus entre um e outro e a mãe de Ruby subindo-os, uma acrobata de salto-agulha. Naqueles dias ela estava levando toda essa agilidade para as montanhas do Colorado.

O apartamento ocupava o vigésimo sexto andar em um arranha-céu de vidro, daquele tipo que o Uper West Side odeia (aqueles que não moram em um). Ruby morava lá, mas odiava o lugar mesmo assim; ela era uma moradora do arranha-céu de vidro que se autodepreciava.

— Assim que eu for maior de idade, saio daqui — ela disse, jogando os livros e a bolsa nas superfícies vazias. Ela dirigiu a afirmação para uma garota chamada Irina Algo-russo-impronunciável, que era nova. Todas as outras pessoas já sabiam que “minha tia vai me receber no Bronx, num prédio da época pré-guerra que faz essa torre pretensiosa parecer feita de Lego e filme plástico”. Ruby gostava de arquitetura e design. Ela gostava de coisas antigas. “Tipo gárgulas e coisas assim”. Ruby tinha uma queda para o barroco. Gárgulas eram bem o estilo dela.

Então fizemos o que fazíamos: ficamos sentados conversando. Não tinha álcool, e só Owen Handlemann tinha erva, e era ruim. Não servia para nada. Ruby estava de péssimo humor, então a conversa virou discussão, mais para o tipo advogado do diabo do que para uma convenção de advogados no Inferno de Dante. Eu não estava a fim de uma sessão de tiros. A semana tinha sido difícil: prova de matemática, ensaio do clube de teatro, sem mencionar ter que lidar com o veneno de Ruby em relação ao imbecil.

Perry Commo também não parecia querer. Perry Commo, só para explicar, era o nome de um cantor romântico da época da minha avó, e nosso Perry; com sobrenome Commo, tinha pais sádicos. Todos chamavam nosso Perry Como de Perry Commo, nunca só Perry.

Pois bem, Perry Commo e eu éramos próximos. Não que tivéssemos mesmo interesse um no outro, porque se realmente estivéssemos interessados e nos gostássemos como seres humanos, talvez a gente acabasse namorando. Por que, é claro, eu queria um namorado. Esqueça o cara sem defeitos dos sonhos que tornaria meus sonhos realidade, eu só queria... Alguém.

Alguém que segurasse o passador de cinto da minha calça, alguém que me achasse bonita e me dissesse isso, alguém com quem perder minha virgindade, com quem aprender a fazer amor e não engravidar. Alguém, mas não qualquer um. O estalo, a energia, a sintonia tinham que estar lá. Isso era raro. Mas, mesmo assim, essencial.

Portanti, meu alguém não seria Perry Commo. Isso já era óbvio. Nas poucas ocasiões em que passamos tempo juntos, era daquelas coisas de compartilhar experiências. Apertávamos os botões um do outro para ver que reações resultariam. De vez em quando, um de nós(ou os dois) chegava a um ponto extremo; outras vezes nós ficávamos excitados e irritados. Era sempre divertido, meio sem consequências : comer chocolate, ver uma série de TV boba, sem prestar uma atenção. Foi como ouvi um professor de ioga dizer uma vez: ioga sem respiração é apenas um exercício. Ficar com Perry Commo era só um exercício.

Mas estávamos entediados. Então pedimos licença e comunicamos para todo mundo.

Perry Commo disse:

— Quem tem um relógio com ponteiro de segundo? Candy vai cronometrar para ver em quanto tempo consigo abrir o sutiã dela.

Informei a ele e a todos na sala que a idiotice dele não tinha limites.

Alguém disse:

— Crianças, brinquem direito.

Foi debatido se eu tinha ou não mamilos invertidos; o consenso geral foi que não.

Ruby não ligou. Ela estava discursando com alguém sobre alguma coisa; estava ocupada. Apesar da limitação na fala, ou talvez por causa disso, Ruby era uma debatedora invencível.

Vou poupar os detalhes sobre Perry Commo e eu.

Vamos adiantar a história, e aqui está Ruby, extremamente nervosa. Todo mundo precisava ir embora...agora. Olhei com preguiça para a janela. Estava escuro, mas estávamos em fevereiro; talvez fosse meia-noite, talvez ainda estivesse na hora do programa da Oprah.

Estávamos saindo e Ruby me pegou pela manga.

— Você, não.

Ótimo. Tudo bem. Ir para casa significava acordar no dia seguinte, sábado, dia 14 de Fevereiro, dia dos namorados. Ficar na casa de Ruby tiraria um pouco da perspectiva de merda do dia. Perguntei a Ruby por que ela expulsou todo mundo.

Ela mexeu no cabelo, mexeu o quadril. Foi eloquente o modo como fez isso. Dizia: Cansei daquelas pessoas. Não gostei do modo como Owen estava bajulando Irina. Owen tem uma queda por mim há mais tempo. E de repente já me esqueceu? Além do mais, estávamos a 30 segundos de Rashida começar a falar daquele idiota de quem ela gosta. E você, no canto com Perry Commo. Por favor. Mas na verdade eu estou cansada de encarar a situação com Dennis —

não que algum deles saiba sobre Dennis. Você é a única que sabe sobre Dennis, porque você sabe tudo que há para saber sobre mim.

Eu sorri. Aquele testemunho silencioso da nossa intimidade já tirado um pouco da merda. Perguntei a Ruby se ela queria olhar uns cardápios.

— Meu Deus, não, tem tanta coisa nessa casa. Eles sempre fazem estoque de comida antes de sair da cidade; alivia a culpa.

Ela liderou o caminho até a cozinha. Havia uma despensa que era quase um quartinho. Entramos.

— Além do mais, se eu realmente comer muito, minha mãe pode se divertir debochando sobre o tamanho da minha bunda quando ela voltar.

Jogamos potes na bancada. Os rótulos importados formavam uma imagem quase artísticas.

— Mas a ideia de enfrentar o dia dos namorados sóbria não me atrai.

O problema era que os pais de Ruby não tinham bebidas em casa. O plano que bolamos foi de tocar a campainha de um vizinho, explicar que estávamos fazendo uma torta e pedir uma xícara de conhaque emprestada. Uma empregada atendeu e não se importou com nosso pedido; ela conseguiu Courvoisier e nos disse para levar a garrafa.

Batemos em outra porta e outra empregada atendeu. Dessa vez dissemos que era um bolo de rum e conseguimos uma garrafa de Cockspur quase cheia.

De volta à casa de Ruby, começamos a consumir conhaque, rum e cerejas cobertas de chocolate. De alguma forma, isso serviu de deixa para Ruby começar uma nova rodada de choringos sobre Dennis, como ele não a amava e o seu fracasso no amor em geral. Aquela garotinha tinha fome de amor, mas do que a maioria. Eu, pelo menos, conhecia amor. Talvez mamãe e papai tivessem pouco tempo para serem tradicionais, mas eles me amavam. Eu fui desejada. Eu não era um acidente, nem uma inconveniência e nem um desapontamento. A mãe de Ruby largou a escola para tê-la; o pai não estava por perto desde que ela começou a andar; e o cardiologista deu um cartão de crédito de presente quando ela fez 12 anos. Para entender.

Ela disse:

— Sabe uma coisa? Devíamos fazer uma poção do amor. Para nos tornar deusas invencíveis. — Ela bebeu conhaque. Rum em seguida.

Era nesse ponto que eu devia ter discordado. Por que eu sabia tudo sobre Ruby. Sabia, por exemplo, que quando Ruby estava sofrendo, ela machucava a si mesma. Não das maneiras óbvias. Ruby consideraria vulgar exibir evidências. Além do mais. Ela era vaidosa; tinha a pele linda e não queria deixar marcas. Então ela fazia outras coisas, engenhosas e improvisadas, como colocar os dedos molhados em uma tomada. Ou provocava o perigo, deslizando em corrimões ou fazendo skitching⁴⁰ de salto alto.

⁴⁰ Skitching: ficar pendurada do lado de fora da porta do metrô. Metrô: é como as pessoas se deslocam em Nova York.

A questão é que não se podia dizer que Ruby gostava de automutilação per se. Podia-se dizer “Ruby é tão louca!” e deixa por isso mesmo.

A não ser que você realmente a conhecesse. Como eu.

Mas o que eu fiz? Ri, foi isso que eu fiz. Perry Commo tinha me deixado com um vazio que me atormentava e um latejar não satisfeito nas minhas zonas erógenas. Falei para Ruby que topava, e ela olhou para mim radiante, depois sacudiu a cabeça com tristeza.

— Não...

Não? Sim, não.

— Você está contaminada por Perry Commo. — Ela bebeu e gesticulou. — Se vamos fazer isso, temos que estar purificadas.

Dei de ombros, comentei que não estávamos exatamente com roupas apropriadas. Isso fez efeito: vestir-se era sua forma de arte. Então tomamos banho, nos untamos com ungüentos aromáticos e Ruby escolheu roupas para nós, apesar de “roupas” ser uma palavra exagerada, já que só ficamos de lingerie. E joias. E sapatos ridículos. Quando Ruby proclamou que estávamos prontas, eu parecia um prostituta encantada ou uma feiticeira que se prostituía. DE outro planeta. Usando ácido. Em um liquidificador. Rube, é claro, estava fabulosa.

Começou.

Acendemos vela. Escolhemos o acompanhamento musical. Ruby pegou uma panela, colocou no fogão. A chama era baixa, pois não podia fazer o álcool evaporar! E para cada ingrediente, uma frase improvisada de feitiçaria.

Conhaque e rum:

— Para a influência da intoxicação.

Cerejas cobertas de chocolate:

— Para a força da doçura...

Leite(desnatado, mas o que se espera da geladeira de um cardiologista?)

— Para a dose de sabedoria da alimentação.

Uma dose de molho de maçã:

— Em homenagem a Eva...

Assim que nossa mistura começou a cheirar bem, saímos do grupo dos comestíveis.

— Flores — Ruby murmurou. — Nada é tão feminino quanto flores.

Um arranjo enorme murchava no hall de entrada. Levamos para a cozinha. Ruby enfiou o rosto no buquê e cortou algumas flores, com os dentes como se fosse um tipo de vegetariana louca.

Nesse ponto, já estávamos bastante embriagadas. Eu precisava me forçar a beber; espumante é minha fraqueza, e vodca desce com tranquilidade, mas como regra evitava bebidas marrons. Mas fiz força. Fui em frente, bebi conhaque. Bebi rum escuro. Coquetéis da cor dos olhos de Ruby.

Invocamos uma conspiração de sereias, meretrizes e rainhas; históricas, ficcionais, míticas, bíblicas. Imploramos para que elas nos concedessem os encantos delas. Juramos solidariedade. Azar dos garotos sobre quem imperaríamos. Ficamos um pouco enlouquecidas, fizemos barulho. Foi catártico. Foi divertido.

Comentei que a poção parecia meio nojenta. Ruby resplandeceu e enfiou os dedos na panela. Lambeu um deles até ficar limpo, depois me ofereceu outro. Dei uma provada. Estava... Não terrível. Quente e doce e estranho. As pétalas de flores eram dispensáveis.

— Delícia, né? — Ruby disse. — Quase pronto.

A suíte principal era decorada em tons de creme e cinza. Lá encontraríamos nosso ingrediente final. Ruby observou com atenção a penteadeira e escolheu um frasco de cristal.

— Pensa rápido! — Ela jogou o frasco para mim.

Coordenação motora nunca foi meu forte, principalmente bêbada, mas segurei a pequena garrafa contra os seios.

Depois seguimos para o armário de remédios. Dentro, um pelotão de frascos cor de laranja em descando. O querido padraço médico não acreditava em gordura nem em bebidas alcoólicas, mas ele definitivamente tinha fé em viver melhor pela química. Ruby observou.

— Oba! Viagra! — Ela fez outras escolhas. Valium. Xanax. Adderall. Robaxin. Vicodin.

A voz da razão gritou, porém de uma distância considerável. Uma droga sexual popular tudo bem, mas como essas outras merdas se aplicavam à nossa transformação em ímas de garotos?

Com a mão cheia de comprimidos, Ruby voltou a panela. Eu a segui com o frasco, andando sem jeito com os sapatos ridículos.

Pinga, pinga, pinga, acrescentamos o perfume. Mil dólares por 30 gramas; a mãe de Ruby tinha uma queda por cheiros caros. De um milhão de quilômetros de distancia, a voz da razão se perguntava se perfume era venenoso.

Plop,plop,plop;shhhh,shhhh, acrescentamos os remédios.

Foi aí que Ruby disse:

— Voilà,baby!

Ela perguntou se eu estava pronta. Tentei sorrir com a mesma intensidade e devo ter conseguido. Ruby foi até o armário pegar um par de taças delicados de cabo longo. Depois, uma colher grande, do tipo que se usa para servir sobremesas chiques. Ruby encheu nossos copos até a borda.

Eu acreditei que a mistura me tornaria uma deusa do amor? Nem por um segundo. Isso era apenas mais uma coisa a fazer com minha parceira de maluquices desde o quarto ano, a garota que me conhecia, que me entendia, que me amava e vice-versa, absolutamente, para toda a eternidade, até o fim dos tempos.

Ruby era minha pessoa certa. Não havia outra. Irmã, irmã gêmea, mestra, escrava, tudo embrulhado em lingerie exótica. Ela queria fazer isso, e eu estava com ela. Eu estava com ela. Eu estava com ela.

Em outras palavras, por que não, porra?

Então brindamos, a Vênus, Dalila, Cléopatra, Lilith, a Condessa Du Barry...

— E é claro, a nós!

Batemos os copos. A poção era viscosa. Tive ânsia, cuspi e ri. Ruby bebeu tudo como se fosse água. Tentei de novo, enchi a boca. Desceu pela garganta e caiu no estômago. Surpreendentemente ele não se rebelou e nem expulsou o líquido como um chafariz. Coloquei meu copo numa prateleira de ar. Ele se espatifou entre nossos pés. O som estava distante. Segurei na beirada da bancada. Eu precisava me sentar; não; deitar.

Ruby passou o braço em volta de mim. Ela sussurrou algo rouco, engraçado e incompreensível. Rindo, me apoiei nela. Pedacos de cristal se esfarelaram sob as solas dos nossos sapatos ridículos.

De repente, era mais tarde. Bem mais tarde. Tipo de manhã. Eu estava no sofá, e foi como se eu tivesse chegado lá atravessando um vasto deserto. Estava suada. Os olhos pareciam grudados com areia e minha boca parecia uma lixa. O sol subia dentro da minha cabeça. As pessoas dizem que, quando acordamos de ressaca, nos sentimos mortos, mas isso não é verdade. Eu me sentia péssima, mas me sentia viva. Muito, muito viva. Porque eu estava.

Ruby não.

Capítulo 55

IMAGINE UM SACO DE PAPEL CHEIO DE ÁGUA. A ÁGUA É UM SEGREDO. O saco de papel, o contador da história. O que quero dizer é que chega um ponto em que todas as histórias precisam ser contadas. As pessoas não foram feitas para guardá-las. Eu tinha achado que o segredo sobre Ruby estava trancado permanentemente. Não contei para meus pais, nem para a polícia, nem para os psicólogos. Eles deduziram. Eles conjecturaram. Eles teorizaram. Fui liberada porque estava em choque.

Quando saí do estado de choque, mamãe e papai apresentaram uma solução. Eu reclamei? Eu resmunguei? Não. Fiz as malas. Desde que pudesse manter a verdade intacta dentro de mim(

eu colocaria deitada sobre veludo, em uma cripta escondida em minha mente), eu aceitaria qualquer coisa. Swoon. A lua. Qualquer coisa. Todo esse tempo eu pensava que tinha isolado a história em respeito a Ruby, ao que amávamos, ao que desperdiçávamos. Mas quando comecei a contar, quando aconteceu, foi tão fácil e me pareceu completamente correto. Era uma questão de encontrar a pessoa certa para contar. Afinal, uma história, mesmo trágica, é um presente.

Sin reagiu de acordo com isso.

— Obrigado, Dice. Obrigado por me contar.

Eu respondi:

— De nada. — E comecei a chorar.

Não muito alto, não com muita intensidade;era mais como respirar, só que mais molhado. Não era o tipo de choro que tranquilizava. Sin entendeu. Lá no tapete, em meio às almofadas, em frente ao fogo, ele apenas me abraçou. De vez em quando acariciava minha bochecha com um dedo. Ele me deixou fazer o que precisava e continuou a falar como se isso (minhas lágrimas, a fala dele) fosse a coisa mais natural do mundo.

— Apreendi muito. Sobre você e mim. Como somos parecidos, e como somos diferentes. Nós dois sofremos, mas de formas nem um pouco parecidas. Porque aqui estou eu, com minha explosão de raiva prolongada e pretenciosa, direcionando meu sofrimento para os outros e no final colhendo apenas uma vingança vazia. E aí está você, suportando sua tragédia com dignidade e com aceitação.

Os melhores ouvintes ouvem as entrelinhas.

— E então,quando você devia ter sido premiada com algo semelhante à paz, eu chego e invado sua vida com ataques de estupidez obstinada. Abuso da sua boa vontade, ignoro sua gentileza e desprezo seus conselhos. E ainda assim,ainda assim, você me recebe em sua casa. Me ilumina com sua verdade. Me honra com suas lágrimas.

Nesse momento ele pegou algumas com o dedo.

— Elas são preciosas para mim.

A ponta do dedo dele brilhou na luz do fogo.

— A pura essência da alma.

Bem nesse momento, no teatro da minha mente,eu me sentava e gritava "Eureca!".Sin também sentava e,enquanto eu revelava minha gloriosa e arriscada epifania(as lágrimas agora eram cheias de vida, salgadas,notórias lágrimas de alegria), RubyCat pulava em volta com empolgação. Havia até uma certa música tocando.Uhu!

Na realidade,eu me encolhi,ignorando tanto o rapaz como o gato. Pequenos e brilhantes fragmentos de um quebra-cabeça tinham se encaixado. Eu precisava refletir sobre isso, e guardar minhas reflexões para mim mesma.

Vamos rodar o videotape: retrocedendo até aquela tarde ensolarada de outono. Eu, cercada de terra e folhas e sementes de árvore, os elementos que fizeram meu homem. Eu, atormentada pelo pensamentos da tragédia dele e de como ela espelhava a minha. Eu, deixando pingar nas entranhas do golem minhas lágrimas de compaixão. A pura essência da alma? Acho que não. Acho que era mais como um fertilizante.

Desde o começo aquelas lágrimas foram alimento. Agora o trabalho delas estava quase completo. Sin estava surpreso, empolgado e radiante. Os truques sujos e jogos mentais cruéis dele tinham começado a não funcionar. Impossível, incrível, inacreditável, aham, mas nem por isso era menos verdade. Eu estava bem certa, de qualquer forma, Sinclair Youngblood Powers, o rapaz que virou fantasma, que virou golem, estava começando a ter uma alma. Sem saber. E com uma pequena ajuda inconsciente minha.

— Ei... — O sussurro dele atingiu minha mente. — Aonde você vai, minha dama?

— A lugar nenhum. — Eu me virei para provar. — Eu estou bem aqui.

Eu ainda lutava para evitar que meus pensamentos se manifestassem através do meu rosto. Corpo, mente, alma. Sin estava perto da tríade. Assim como todo mundo. Mas Sin não era como todo mundo. Uma alma o tornaria completo ou faria como que ele entrasse em combustão.

— Ótimo. — ele disse. — Porque eu entendi o que está acontecendo comigo.

Parece que ele estava refletindo também.

— É? Você quer me contar?

— Quero. Preciso. Já que você está vitalmente envolvida.

Minhas lágrimas acabaram, meus olhos estavam claros e meu coração estava aberto.

— Por mais impossível, incrível, inacreditável que possa aparecer, estou me apaixonando — ele disse. — Estou me apaixonando por você, Dice. Na verdade, já estou quase lá.

Aí ele me beijou.

Finalmente, completamente e pela primeira vez. E finalmente. Completamente e pela primeira vez, parei de pensar. A única coisa que fiz foi sentir.

Capítulo 56

AMOR À ÚLTIMA VISTA É GLORIOSO. SEI DISSO DE FATO. VEIO NA LUZ PÁLIDA do fogo que morria, enquanto acordava de um sono profundo, sorrindo, pensando em como duas pessoas conseguiam dormir emboladas umas na outra. Aham, ele ainda está aqui, comigo. 'Seja lá o que for' estava do nosso lado.

Em me maravilhei com a escultura que formávamos, me recusei a me mover e fiz o inventário. Das partes em que eu me sentia como mel, preguiçosa e melosa. Das partes em que eu me sentia como açúcar, áspera e doce. Das partes arranhadas e das partes tensas e das partes avermelhadas. Dos pontos quentes e dos pontos frios. A necessidade de comer era vaga, ainda não muito presente. A necessidade de fazer xixi, essa era insuportável.

Se movimentar, portanto, era necessário. Primeiro um ombro, depois um braço, uma retirada deliberada e lenta, como o desafiar de uma tapeçaria valiosa. Fiquei de pé. Eu tremia. Como podia estar tremendo quando me sentia tão sublime? Olhei para baixo. Nenhum de nós dois estava usando roupa alguma.

Andei pela casa. Lembrei. De todas as coisas que ele disse. De todas as coisas que eu disse. Por algum motivo, achei que seria silencioso, exceto por suspiros, por gemidos sufocados de vez em quando. Não, falamos muito.

— Vamos lá para fora.

Era a ideia dele.

— Isso é loucura.

— Eu sei.

Eu ri.

— Está bem.

A grama, rosada sob a luz da lua e endurecida pelo frio sob nossos pés descalços. Ele segurou minhas duas mãos, me manteve afastada dele e me admirou, minhas formas, minha pele. Eu deixei. Ele fazia eu me sentir maravilhosa, então é claro que podia me admirar.

Um balanço de pneu estava pendurado no olmo do quintal. Eu sentei e ele me empurrou.

— Sua vez. — falei depois de algumas tentativas de chutar as estrelas.

— Obrigado, mas não, minha dama. — Sin riu. — Não tenho muita atração por me balançar em árvores.

Corremos um atrás do outro de volta até a casa. Nós... recomeçamos. Na casa toda. Acabamos voltando para as almofadas perto do fogo. O desejo é uma fonte renovável.

Não conseguimos dar nem receber o bastante. É um círculo. Não tem fim. Vocês se amam. Dissemos 'eu te amo'. Muitas vezes. Dissemos, cantamos, sussurramos, gritamos. Então um de nós insistiu para calarmos a boca, e calamos. Nós nos comunicamos de outros modos; eu conseguia entender os batimentos cardíacos dele, ler as veias dele como um mapa. E ele os meus. E ele as minhas.

Cada fase da experiência tinha contradições. Como quando ele prendeu meus pulsos no tapete e colocou todo corpo sobre o meu, e mesmo assim me senti flutuar livre. Quando eu senti o gosto dele, eu também o vi, vi como era o gosto dele. E quando ele finalmente me disse que ia me machucar, eu disse que estava pronta, mas é claro que não estava. Por entendermos o

mecanismo, achamos que temos uma ideia de como vai ser, mas não é verdade. Não temos a menor ideia. É completamente extraordinário. 'Ahhhhhhhhhh!'... Agora entendi. E nunca mais seremos os mesmos.

Eu me olhei no espelho sobre a pia. Eu me amava. Amava Sin. Tudo era irrelevante.

Voltei para ele, e ele ainda estava lá, exatamente como o deixei.

— Você está acordado?

— Mais ou menos. Você está bem?

— Muito. Quer alguma coisa?

— Não, eu tenho tudo.

Vi uma paz sonhadora no rosto dele, lábios estranhamente simétricos e olhos tranquilos pela liberdade. Vi seu cabelo, caído sobre a testa como uma onda sossegada. Vi suas mãos, marcadas e calejadas, porém calmas, os dedos dobrados para dentro. Vi o peito dele subir e descer em no ritmo cadenciado. Vi um ser humano, meu garoto de verdade, bonito, satisfeito, confortado, seguro, sereno e apaixonado. Foi isso que vi quando me juntei a ele na luz da lareira que se extinguia.

Eu sabia que aquela seria a última imagem dele?

Não. Eu não estava pensando daquela maneira. Ainda não estava pensando em absoluto.

Mas, quando acordei de novo, não me assustei ao ver que ele não estava. Eu me espreguicei com languidez, levando os braços e pernas o mais longe que eu conseguia. Onde estava Sin? Apenas em algum outro lugar, ou em lugar nenhum, tinha terminado com as coisas viscerais, cerebrais, emocionais, instintivas e carnis desse plano. Como andar e falar e tocar, com a fome e a sede, vontade e necessidade. Esteve aqui, esteve aqui de novo, agora terminou. Agora era seguir em frente, para a poeira, para o espectro, para o céu ou inferno ou para seja lá que lugar ou o que venha depois.

Tudo que eu sabia com certeza era que ele se fora, de verdade, não estava apenas me esperando na varanda.

Eu não precisava de habilidades psíquicas para saber disso, nem de cartas de tarô; não precisava de porcaria de magia nenhuma. Não planejei como explicar tudo a Pen. Não pensei em como seria na escola na segunda-feira. Não imaginei se Swoon voltaria ao 'normal', com suas camisas abotoadas, calças cáqui e suéteres amarrados frouxamente em torno dos ombros. Pensar ainda era uma realidade muito distante.

Eu sentia. Muito. Mas não sentia medo. E não me sentia só. A presença é efêmera. O amor, eterno. Eu não precisava que Sin estivesse aqui para estar com ele.

Simples assim.

Nenhuma surpresa, na verdade. Nós sempre tivemos uma relação nada convencional, ele e eu.

Fiquei lá deitada, deixando a mente vagar, até que a gata veio escalando a montanha de almofadas para pedir comida. Uma das muitas requisições do dia, qualquer dia. Fiquei de pé e me aproximei da lareira.

O que restou do fogo era um pó branco, sem nem um pingo de calor, sem chance de luz. Ainda sim, abri a tela e peguei o atizador. O punho trançado se encaixou na minha mão, o instrumento de ferro pesado, mas em equilíbrio. Dei uma série de cutucadas firmes nas cinzas. Uma fagulha, então, um brilho, e as brasas voltaram à vida.

FIM

Traduções Fromhell
diabolicamente  viciantes!